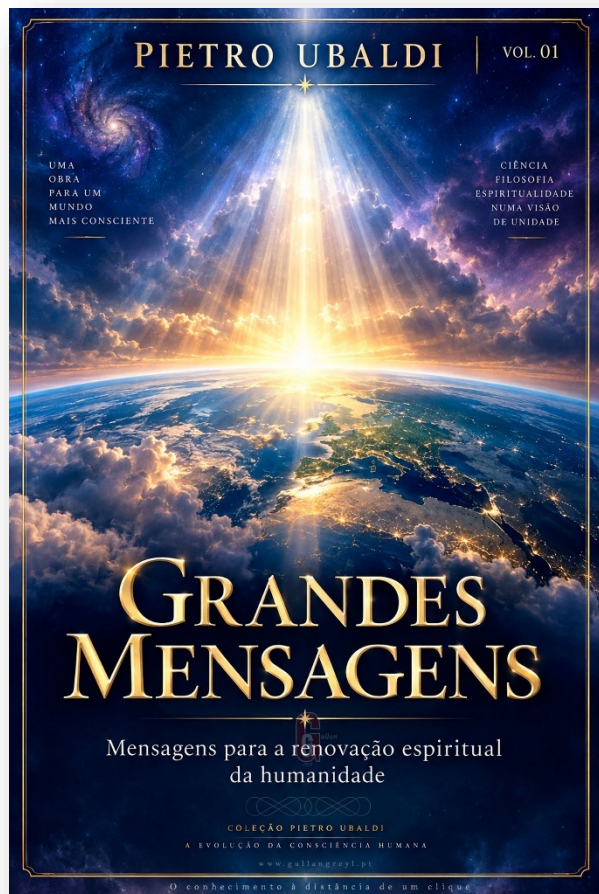


GRANDES MENSAGENS

Mensagens para a Renovação Espiritual da Humanidade



Autor: Pietro Ubaldi

Edição e Preparação Digital: Gullan Greyll

Edição original: Messaggi Spirituali, 1935.

Edição portuguesa concluída em 27-10-2026



Livroteca Gullan Greyll

Sinopse

No silêncio de uma noite de Natal, uma voz rompe a solidão e transforma a vida de Pietro Ubaldi. As mensagens que se seguem falam ao íntimo do homem e à inquietação dos povos: interrogam a violência, a ambição e a distância entre a fé proclamada e a vida realmente vivida. Entre o sofrimento e a esperança, delineia-se um apelo à renovação da consciência, ao perdão e a uma fraternidade capaz de atravessar as fronteiras religiosas. O Evangelho surge como uma exigência concreta de transformação interior, inseparável da responsabilidade por cada gesto.

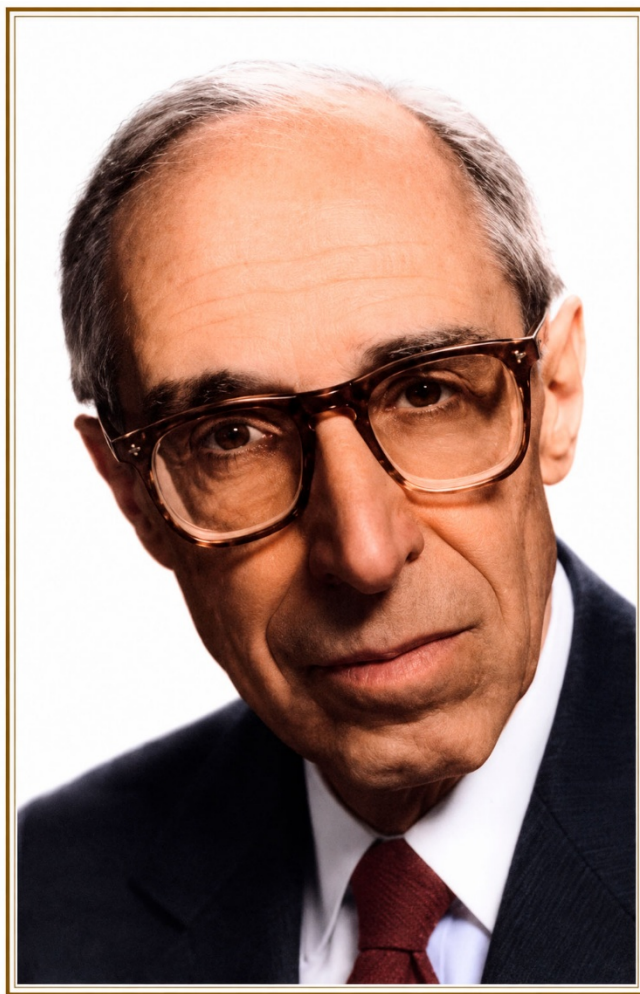
Das cidades da Úmbria às salas de aula de Módiça e Gúbio, acompanhamos um homem dividido entre os deveres familiares, a renúncia à riqueza e a necessidade de dar forma ao que reconhece como uma missão espiritual. Na narrativa de José Amaral, cartas, recordações e passagens das obras deixam entrever as perdas, os conflitos e a disciplina quotidiana por detrás da escrita. A procura de uma unidade entre ciência, filosofia e religião percorre esta viagem, sustentada pela convicção de que a dor pode tornar-se conhecimento e de que a evolução do espírito encontra o seu horizonte no amor.

No Brasil, o acolhimento entusiástico dá lugar a novas provas, amizades duradouras e anos de trabalho silencioso. Entre as dificuldades materiais, a doença e a proximidade da morte, a vida de Ubaldi é apresentada como o terreno onde as suas ideias enfrentam a prova da experiência. Reunindo as Grandes Mensagens, o percurso biográfico e uma aproximação ao conjunto da sua obra, este volume convida o leitor a entrar num universo em que o destino, a liberdade, a reencarnação e a presença de Cristo se entrelaçam numa pergunta persistente: como transformar o conhecimento espiritual numa maneira de viver?

Esta tradução foi depurada segundo o princípio:
“Afinar o Instrumento sem Alterar a Melodia”
com apoio de Inteligência Artificial enquanto sistema de amplificação,
organização e clarificação cognitiva.
O objetivo não foi apenas traduzir, mas tornar o texto mais claro, coerente,
imersivo e diretamente experienciável, sem alterar a sua essência.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor*



Pietro Ubaldi

18 de agosto de 1886

29 de fevereiro de 1972

Índice

PARTE UM	12
As Grandes Mensagens.....	12
As Grandes Mensagens	1
Prefácio.....	3
I — MENSAGEM DO NATAL.....	9
Natal de 1931	9
II — MENSAGEM DA RESSURREIÇÃO	15
Páscoa de 1932.....	15
III — MENSAGEM DO PERDÃO	23
Dia do “Perdão da Porciúncula” de São Francisco — 2 de Agosto de 1932	23
IV — MENSAGEM AOS CRISTÃOS.....	39
No XIX Centenário da Morte de Cristo.....	39
V — MENSAGEM AOS HOMENS DE BOA VONTADE	43
No XIX Centenário da Morte de Cristo.....	43
VI — MENSAGEM DA PAZ	46
Escrita na Noite de Quinta-feira Santa,.....	46
no Monte de Santo Sepulcro, diante do Verna.....	46
Páscoa de 1943.....	46
VII — MENSAGEM DA NOVA ERA.....	52
Natal de 1953	52
PARTE DOIS	58
Pietro Ubaldi e o Terceiro Milénio — Pietro Ubaldi na Itália	58
Prefácio.....	59
CAPÍTULO 1.....	61
Genealogia de Pietro Ubaldi.....	61
CAPÍTULO 2.....	65
Pelos Frutos Se Conhece a Árvore.....	65
CAPÍTULO 3.....	69
Foligno — Cidade Natal de Pietro Ubaldi.....	69
CAPÍTULO 4.....	73
A Chegada de Pietro Ubaldi a este Mundo	73
CAPÍTULO 5.....	77
O Menino Cresce	77
CAPÍTULO 6.....	81

Pietro na Escola Secundária	81
CAPÍTULO 7.....	85
Ubaldi no Curso Universitário	85
CAPÍTULO 8.....	89
Fim do Primeiro Período de Vinte Anos	89
CAPÍTULO 9.....	94
O Início do Getsémani de Pietro Ubaldi	94
CAPÍTULO 10.....	98
O Evangelho é a Maior Meta.....	98
CAPÍTULO 11.....	102
Uma Luta Vitoriosa.....	102
CAPÍTULO 12.....	106
Voto de Pobreza	106
CAPÍTULO 13.....	111
Renúncia Franciscana	111
CAPÍTULO 14.....	115
Cristo e S. Francisco Caminham com Pietro Ubaldi	115
CAPÍTULO 15.....	120
A Terceira Mudança — Módica.....	120
CAPÍTULO 16.....	124
Pietro Ubaldi e a “Sua Voz”	124
CAPÍTULO 17.....	128
Mensagens Recebidas em 1932	128
CAPÍTULO 18.....	132
Revelações na Torre da Tenuta Santo Antônio.....	132
CAPÍTULO 19.....	137
Retorno a Terras Franciscanas	137
CAPÍTULO 20.....	141
Primeiro Ano em Gúbio.....	141
CAPÍTULO 21.....	146
Receção de a Grande Síntese	146
CAPÍTULO 22.....	153
Apresentação e Programa	153
1. Carta Aberta a Todos	156
2. Apresentação	159

3. Programa.....	164
CAPÍTULO 23.....	175
A Escola do Porvir	175
CAPÍTULO 24.....	181
Correntes de Pensamentos	181
CAPÍTULO 25.....	186
A Condenação.....	186
CAPÍTULO 26.....	190
Identificação com o Cristo.....	190
CAPÍTULO 27.....	194
O Filho Morto na Guerra	194
CAPÍTULO 28.....	199
Construção Espiritual	199
CAPÍTULO 29.....	203
Final de Um Ciclo Histórico	203
1. “Mensagem aos Amigos Brasileiros”	206
2. “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”	209
CAPÍTULO 30.....	215
Análise Comportamental de Pietro Ubaldi	215
PARTE TRÊS	220
Pietro Ubaldi no Brasil	220
CAPÍTULO 1.....	221
A Chegada de Pietro Ubaldi ao Brasil, em 1951.....	221
CAPÍTULO 2.....	226
Conferências de Pietro Ubaldi.....	226
CAPÍTULO 3.....	232
Pietro Ubaldi era Reencarnacionista?	232
CAPÍTULO 4.....	238
As Duas Mensagens.....	238
1. Mensagem de “Sua Voz”	238
2. Mensagem de S. Francisco de Assis.....	242
CAPÍTULO 5.....	249
Pietro Ubaldi e Chico Xavier	249
1. O Herói.....	254
CAPÍTULO 6.....	255

O Término de Uma Longa Viagem	255
CAPÍTULO 7.....	260
O Convite ao Retorno	260
CAPÍTULO 8.....	264
A Grande Mudança.....	264
CAPÍTULO 9.....	270
Imparcialidade e Universalidade	270
CAPÍTULO 10.....	275
Por Que Pietro Ubaldi Veio para o Brasil?	275
CAPÍTULO 11.....	281
Os Dois Primeiros Anos de Pietro Ubaldi no Brasil	281
CAPÍTULO 12.....	285
Experiência Apostolar.....	285
CAPÍTULO 13.....	295
O Passarinho e o Peixe	295
CAPÍTULO 14.....	304
O Evangelho em Ação.....	304
CAPÍTULO 15.....	310
Noite de Natal	310
CAPÍTULO 16.....	314
Libertação	314
CAPÍTULO 17.....	322
Encontro Feliz	322
CAPÍTULO 18.....	328
A Grande Oferta	328
CAPÍTULO 19.....	333
Vitória do Bem.....	333
CAPÍTULO 20.....	337
Entrevista com Pietro Ubaldi.....	337
CAPÍTULO 21.....	346
Término da Missão Ubaldiana.....	346
CAPÍTULO 22.....	351
Pietro Ubaldi Libertou-se	351
CAPÍTULO 23.....	363
Via Crucis do Missionário	363

CAPÍTULO 24.....	367
De Moisés a Pietro Ubaldi (Conclusão)	367
PARTE QUATRO	372
Reencarnações e Obra	372
1. Reencarnações de Pietro Ubaldi.....	373
2. Mediunidade.....	379
3. Obediência	380
4. A Boa Nova.....	382
5. Cristo — Figura Central.....	384
6. Amor a Cristo	385
7. Coragem.....	387
8. Fraqueza Humana	389
9. Missão Apostólica	391
10. O Conceito de Criação	393
11. Tarefas Harmoniosas	395
12. Presença de Cristo	396
13. Conceção de Deus.....	401
Apresentação das Obras de Pietro Ubaldi	412
2. A Grande Síntese	412
3. As Noúres.....	414
4. Ascese Mística.....	415
5. História de Um Homem	417
6. Fragmentos de Pensamento e de Paixão	418
7. A Nova Civilização do Terceiro Milénio	420
8. Problemas do Futuro	421
9. Ascensões Humanas	422
10. Deus e Universo	423
11. Profecias	425
12. Comentários.....	427
13. Problemas Atuais	428
14. O Sistema	430
15. A Grande Batalha	432
16. Evolução e Evangelho	433
17. A Lei de Deus.....	434
18. A Técnica Funcional da Lei de Deus.....	435

19. Queda e Salvação.....	437
20. Princípios de Uma Nova Ética	438
21. A Descida dos Ideais	440
22. Um Destino Seguindo Cristo	441
23. Pensamentos	443
24. Cristo	444
Preito de Gratidão	452
Bibliografia.....	455
O Homem	458
1. O Missionário.....	460
Notas	465

GRANDES MENSAGENS

*Mensagens para a
Renovação Espiritual da Humanidade*

Pietro Ubaldi

Volume 1

PARTE UM

As Grandes Mensagens

As Grandes Mensagens

Aqui, vamos encontrar as sete Mensagens de a “Sua Voz”, inspiradas a Pietro Ubaldi em datas e lugares diferentes. A primeira: “Mensagem do Natal”, psicografada no Natal de 1931, na Torre da Tenuta Santo António, em Colle Umberto (Perúgia); a segunda: “Mensagem da Ressurreição”, ditada na Páscoa de 1932, no quarto humilde de uma pensão onde morava, diante da Igreja São Pedro (o Apóstolo), em Módica (Sicília); a terceira: “Mensagem do Perdão”: também psicografada na Torre da Tenuta Santo António, no dia do “Perdão da Porciúncula de S. Francisco de Assis” (2 de agosto de 1932); a quarta e a quinta: “Mensagem aos Cristãos” e “Mensagem aos Homens de Boa Vontade”, inspiradas no XIX Centenário da Morte de Cristo, no quarto modesto em Gúbio, entre dois montes, onde o Prof. Ubaldi residiu durante vinte anos; a sexta: “Mensagem da Paz”, escrita na noite da Quinta-feira Santa de 1943, no Monte de Santo Sepulcro, diante do Verna; a última: “Mensagem da Nova Era”, revelada na vigília do Natal de 1953, no pequeno quarto do Edifício Iguaçu, em São Vicente (SP), onde ele residiu até 1955, quando se mudou para o Edifício “Nova Era”. É oportuno recordar que Pietro Ubaldi ganhou o apartamento, nesse edifício, 14 meses depois de haver recebido a Mensagem que encerraria o ciclo das mensagens, e que o proprietário do edifício não conhecia o místico italiano nem a sua Obra. Além disso, em 1953 o edifício ainda estava em construção. Coincidência ou harmonia de acontecimentos?

O conteúdo e a linguagem vibrante das sublimes Mensagens fazem-nos lembrar, perfeitamente, a Boa Nova de Cristo. Por isto, o mundo espírita e o espiritualista afirmaram que “Sua Voz” era o Cristo. Também o Plano Espiritual, através de médiuns ingleses, italianos e brasileiros, revelou a identidade de “Sua Voz” — Cristo.

O leitor vai conferir as opiniões já existentes e emitir a sua, com a leitura das Mensagens. Mas não importa a identidade do comunicante; o que, realmente, tem valor é a água pura, límpida e cristalina jorrada de uma fonte altíssima para os homens de hoje e de amanhã.

As *Mensagens* Espirituais, tradução do título original *Messaggi Spirituali*, foram publicadas aos milhares no nosso idioma. A primeira edição, com o título de *Grandes Mensagens*, foi lançada pela LAKE, em 1951, e prefaciada por Clóvis Tavares. Naquele primoroso prefácio, encontramos referências à Igreja Católica, mostrando, assim, o caráter universal e imparcial das Mensagens e, por extensão, da missão ubaldiana.

Convém acrescentar que não somente da parte de destacados nomes da Ciência receberam aceitação plena as Mensagens. Também a Igreja Católica Romana não se furtou ao reconhecimento do seu alto valor espiritual.

(...), em 1945, uma nova edição, a quarta, das *Mensagens Espirituais*, apresenta a aprovação oficial da Igreja com o “imprimatur” do Bispo de Foligno, Itália:

“IMPRIMATUR

Stefano Corbini, Vescovo di Foligno.

Visto, nulla osta alia stampa.

Foligno, li 16-05-1942.

S. Luigi Faveri, Révisore Provinciale”.

José Amaral

Prefácio

“Há uma coisa mais poderosa que todos os exércitos: uma ideia cujo tempo é chegado”.

— Vitor Hugo

As *Grandes Mensagens*, que se abrem com a “Mensagem do Natal”, escrita em Colle Umberto (Perúgia), nos confins da Sicília, na noite santa do Natal de 1931, encerram-se com uma comovente “Mensagem de Paz”, recebida em plena guerra mundial, na Páscoa de 1943, em Arezzo, diante da santificada Verna de S. Francisco. São um supremo apelo à alma do homem e ao espírito das nações, apelo sagrado, mas também preparatório, precedendo a excelsa revelação de *A Grande Síntese*.¹

Convocação celeste, a palavra das Mensagens ora se dirige à mais íntima consciência do homem, a esse “moi profond” da concepção bergsoniana, a essa “mais nobre parte da nossa alma”, da visão de Ruysbroeck, o Admirável; ora se endereça à alma do mundo, no talvegue da onda involutiva em que este se encontra, neste crepúsculo da civilização materialista, às vésperas do Terceiro Milénio cristão.

As Mensagens trazem a palavra celestial, palavra de sobre-humana formosura, repartidora de bom-ânimo e luz, dirigida à alma humana, angustiada e perplexa ante as perspectivas terrificantes da hora apocalíptica que se aproxima.

Falam também à inteligência do homem, ao espírito da civilização científica, guerreira e agnóstica, artificial e hedonística, que está a esgotar seu ciclo vital.

As presentes Mensagens são tradução, na íntegra, do volume *Messaggi Spirituali*, 4ª edição italiana, publicada pela “Casa Editrice Cultura Religiosa Popolare”, Viterbo, 1945.²

Grandes Mensagens foi o título escolhido pela Editora Lake para a edição em vernáculo, pela já existência de trabalhos de títulos iguais ao do original italiano. Na verdade, as “Mensagens Espirituais”, escritas por Pietro Ubaldi, seu instrumento inspirado, são grandes mensagens oriundas dos mais elevados planos da Eternidade, os quais ultrapassam as dimensões que vigoram no nosso mundo. São realmente grandes mensagens, pela

excelsitude espiritual da sua origem, pela profundidade dos conceitos que encerram, pela divina beleza que irradiam, pelo soberano apelo que dirigem ao coração humano. Está, assim, justificado o título que a Editora Ihes conferiu.

As Mensagens constituem uma introdução à Obra Completa do grande Missionário italiano Pietro Ubaldi.

Quem é o Autor das Mensagens? Que o diga o leitor, se possível lhe for sintonizar o coração com as ondas curtas da poderosa emissora espiritual que as irradiou.

São, assim, de caráter ultrafônico, mediúnico-inspirativo, as presentes Mensagens. Pietro Ubaldi, sobre quem tanto e tanto poderíamos falar, nada mais sabe dizer a respeito destas sublimes páginas espirituais senão: “haver sentido que estas mensagens descem da direção de Cristo, chegando, às vezes, a uma relação tão imediata e transparente, que lhe dá a sensação da presença do próprio Cristo, num contato espiritual”. Cada consciência poderá, conforme sua capacidade ou pureza, investigar esse mistério, podendo também, segundo sua capacidade de vibrar e de sentir, principalmente em relação a Cristo, achar em si mesma uma resposta”. (Prefazione, Messaggi Spirituali).

A respeito das Mensagens, entre outros cientistas, opinou o Professor Ernesto Bozzano, antigo catedrático da Universidade de Turim, “certamente a mais alta e indiscutível autoridade mundial nesse assunto”, na justa opinião de Marc'Antonio Bragadin, diretor de Ali dei Pensiero.

Dirigindo-se ao Prof. Ubaldi, diz Bozzano, em carta de 1º de junho de 1952:

“São (as Mensagens) solenes, filosoficamente profundas. Deixaram-me a mais favorável impressão, pois, pela experiência adquirida no estudo analítico e sintético de toda uma pilha de volumes de revelações transcendentais de toda a classe, pude desenvolver uma perícia pouco comum na matéria, de maneira que me basta a leitura de uma só mensagem para formar juízo, sem mais exame, acerca da origem subconsciente ou extrínseca de todo um volume. Pois bem, declaro-lhe, abertamente, que a mensagem recebida pela sua mediunidade é, sem dúvida alguma, de origem transcendental, como também de uma elevadíssima inspiração”.

E no ano de 1955, assim se manifesta ainda o sábio italiano, dirigindo-se de Savona, a 14 de outubro de 1955, ao Professor Pietro:

“Querido Ubaldi:

Pede-me um juízo sobre a “Mensagem do Perdão”. Aí vai, em poucas palavras: Estupendo! Contém passagens tão sublimes na sua grandiosidade cósmica, que infundem quase uma sensação de sagrado temor. Pergunta-me também se, pelo texto, é possível identificar a Entidade comunicante. Parece-me que do mesmo flui claramente quem é aquele que se manifesta: “(...) Deus, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem (...). Por amor de vós de novo subiria à cruz (...). Não queirais renovar-me as angústias do Getsémani (...)”.

Inferre-se que deve tratar-se nada menos que de Jesus Nazareno. E isso, do ponto de vista da investigação científica, constitui o ponto crítico das mensagens desta natureza, que, quando se revestem daquela sublimidade por si obtida, tornam perplexo o ânimo do leitor, que, tratando-se de investigadores, assim como eu, já convencidos experimentalmente da verdade irrefutável das comunicações medianímicas com entidades desencarnadas, pode facilmente convencer-se da veracidade da fonte da qual emanam as mensagens. Porém isso ocorrerá sempre em consequência de um “ato de fé”, se bem que desta vez ela se fundamente sobre a experiência adquirida nas investigações medianímicas.

Desgraçadamente, porém, se é que se deseja convencer o mundo e, sobretudo, os homens de ciência sobre o importantíssimo facto da existência e sobrevivência do espírito humano, fazem falta as experiências, as induções e as deduções de factos. É nesse último sistema de investigação positiva sobre o mistério do ser que me mantenho, invariavelmente. Isso, porém, não impede que esse sistema possa aperfeiçoar-se e completar-se com o auxílio das lições e da luz espiritual trazidas até nós através de mensagens mediúnicas de ordem elevada e sublime, que se imponham à razão. E este é o caso das mensagens obtidas com a sua mediunidade.

Pede-me um conselho sobre se deve continuar ou suspender o exercício da sua mediunidade, orientada no sentido em que a tem praticado. Respondo: a cada um a sua tarefa. A mim coube a de concorrer, na medida das minhas forças, para convencer os homens de ciência, tendo por base os factos; a si, a de oferecer à humanidade pensante mensagens sublimes, de ordem moral e espiritual, que, um dia, serão as únicas de importância para a evolução espiritual dos povos. Prossiga, pois, na sua missão.

Afetuosas saudações do

(a) *E. Bozzano*".

Agora, uma observação particularíssima, destinada unicamente a algum possível leitor menos avisado.

Como já dissemos, a Sua Voz, que se manifesta nestas Mensagens, dirige-se por vezes ao homem individualmente, à sua psique mais íntima; noutras ocasiões, dirige-se aos homens em geral, num amplo apelo universal. É por isso que, nas Mensagens, o “tu” e o “vós” surgem por vezes lado a lado, como neste exemplo: “É triste serdes assim golpeados, mas somente sofrendo podeis compreender a realidade da vida. Exulta, pois este é o esforço da tua ressurreição!”

É o mesmo estilo do Evangelho e das epístolas apostólicas. Um exemplo apenas, entre muitos e muitos espalhados no Novo Testamento: “Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra.” (Mateus, 5:39).

Respeitamos, por isso, a sintaxe e o estilo das Mensagens, a harmonia latente, subjetiva, dos conceitos, em concordância semiótica na duplicidade de direção dos apelos feitos.

Não é, no entanto, apenas bíblica essa fuga aparente à uniformidade dos pronomes de tratamento. Razões de graduação hierárquica ou mentais permitem essa variabilidade da flexão verbal, como se pode ver na carta de Quincas Borba a Rubião, em que o “você” e o “tu” se alternam, na mesma carta (Machado de Assis, Quincas Borba).

Igualmente nos diálogos do Camões, de Castilho, o “tu” e o “vós” se revezam quando variam os tons de cerimónia e intimidade entre o poeta e D. Caterina. O mesmo se encontra no Frei Luís de Sousa, de Garrett (Ato I, cena VIII).

Enquanto agoniza a civilização materialista, sejam sentidas as Mensagens pelos que amam e creem, pelos que sofrem e trabalham, como o abençoado trigo que o Divino Semeador lança uma vez mais nas leiras dos nossos corações. O seu objetivo é conceder-nos uma nova vida, elevada e nobre, fundamentada no espírito, e estender essa bênção ao mundo inteiro: o Reino de Deus na Terra, para felicidade de todos.

As Mensagens constituem, assim, divino fermento da Nova Civilização do Terceiro Milénio. Com esse sagrado escopo de Cristo se harmoniza também a missão de Pietro Ubaldi no mundo, que é viver e, desse modo, ensinar a viver, não um Evangelho teórico, mas sim um Evangelho experimental, aplicando-o em todos os caminhos humanos, mas também, numa dilatação universalista, através do exemplo, trabalhar pela objetivação da grande ideia — “mais poderosa que todos os exércitos” — de uma nova sociedade, alicerçada na Justiça do Evangelho e no Amor Cristão.

“Mãos à obra! Espera-me, espera-nos um enorme trabalho, mas também uma imensa vitória. Somente sob a direção de um Chefe sobre-humano o mundo poderia empreender obra tão gigantesca. Temos um Chefe no Céu”.

São palavras de Pietro Ubaldi, dirigidas aos brasileiros em 1934, na sua “Apresentação”, quando lançou os fundamentos da excelsa ideia de uma nova humanidade cristianizada, sonho de todos os pioneiros da raça, que chegaram à mesma conclusão, como Sir Oliver Lodge, de que

“Cristo vive e atua como o Grande Capitão das forças do bem, cujo desejo é ver estabelecido o Reino de Deus na Terra, de forma real e concreta.”

Não recusemos, pois, as sementes do Divino Semeador. Que os sagrados grãos se multipliquem, dentro de nós e fora de nós, a cem, sessenta e trinta por um, pela ressurreição espiritual das nossas vidas e pelo bem do mundo, a fim de que os filhos dos homens se revistam da glória de filhos do Reino, cidadãos da Nova Humanidade do Terceiro Milénio que se aproxima.

Clovis Tavares

I — MENSAGEM DO NATAL

Natal de 1931

No silêncio da Noite Santa, escuta-me. Põe de lado todo o saber e as tuas recordações; põe-te de parte e esquece tudo. Abandonate à minha voz; inerte, vazio, no nada; no mais completo silêncio do espaço e do tempo. Neste vazio, ouve a minha voz que te diz — ergue-te e fala: Sou eu!

Exulta pela minha presença; grande bem ela é para ti; grande prémio que duramente mereceste. É aquele sinal que tanto invocaste deste mundo maior em que vivo e em que tu creste. Não perguntes o meu nome; não procures individuar-me. Não poderias; ninguém o poderia. Não tentes uma inútil hipótese. Sabes que sou sempre o mesmo.

A minha voz, que para os teus ouvidos é terna, como é amiga para todos os pequeninos que sofrem na sombra, sabe também ser vibrante e tonante, como jamais a sentiste. Não te preocupes; escreve. A minha palavra dirige-se às profundezas da consciência e toca, no mais íntimo, a alma de quem a escuta. Será somente ouvida por quem se tornou capaz de ouvi-la. Para os outros, perder-se-á no vozear imenso da vida. Não importa, porém; ela deve ser dita.

Falo hoje a todos os justos da Terra e os chamo de todas as partes do mundo, a fim de unificarem as suas aspirações e preces numa oblata que se eleve ao Céu. Que nenhuma barreira de religião, de nacionalidade ou de raça os divida, porque não está longe o dia em que somente uma será a divisão entre os homens: justos e injustos.

A divisão está no íntimo da consciência, e não no vosso aspeto exterior, visível. Todos os que sinceramente querem compreender o compreendem. Cada um, intimamente, conhece a si mesmo, sem que o próprio vizinho possa percebê-lo.

A minha palavra é universal, mas também é um apelo íntimo, pessoal, a cada um. Muitos a reconhecerão.

Uma grande transformação aproxima-se para a vida do mundo. A minha voz é singular, porém outras se elevarão muito em breve, sempre mais fortes, fixando-se em todas as partes do mundo, para que o conselho a ninguém falte.

Não temas; escreve e olha. Contempla a trajetória dos acontecimentos humanos; ela estende-se pelo futuro. Quem não está preso nas vossas férreas jaulas de espaço e tempo vê naturalmente o futuro. Isso que te exponho à vista é também coerente segundo a vossa lógica humana e, portanto, vos é compreensível.

Os povos, tanto quanto os indivíduos, têm uma responsabilidade nas transformações históricas, que seguem um curso lógico. Existe um encadeamento de causas históricas que, se são livres nas premissas, são necessárias nas consequências.

A lei de justiça, aspeto do equilíbrio universal, sob cujo governo tudo se realiza, inclusive no vosso mundo, quer que o equilíbrio seja restaurado e que as culpas e os erros sejam corrigidos pela dor. O que chamais de mal, de injustiça, é a natural e justa reação que neutraliza os efeitos dos vossos atos. Tudo é desejado, tudo é merecido, embora não estejais preparados para recordar o “como” e o “quando”. O vosso mundo está cheio de dor, porque é um mundo selvagem, lugar de sofrimento e de provas. Mas não temais a dor, que é a única coisa verdadeiramente grande que possuís. Ela é o instrumento que tendes para a conquista da vossa redenção e da vossa libertação. Bem-aventurados os que sofrem, Cristo vos disse.

O progresso científico, principal fruto da vossa época, ainda avançará no campo material, no entanto está a acumular energias, riquezas e instrumentos para uma nova e grande explosão. Imaginai a que ponto chegará o progresso mecânico, ampliando-se ainda mais, se tanto já conseguiu em poucos anos! Não mais existirão, na verdade, distâncias; os diferentes povos de tal modo se comunicarão, que haverá uma sociedade única.

A mente humana, porém, troca de direção de quando em quando, vivendo ciclos e períodos. Nessas várias fases, ela deve defrontar diferentes problemas. O futuro contém não apenas

continuações, mas também transformações, consequências de um processo natural de saturação. O vosso progresso científico tende a tornar-se e tornar-se-á tão hipertrófico — porque não contrabalançado por um paralelo progresso moral — que o equilíbrio não poderá ser mantido nos acontecimentos históricos. Tem crescido e, sem precedentes na história, crescerá cada vez mais o domínio humano sobre as forças da natureza. Um imenso poder terá o homem, que, para isso, não está preparado moralmente, pois a vossa psicologia, infelizmente, é, em substância, a mesma da tenebrosa Idade Média. Trata-se de um poder demasiadamente grande e novo para vossas mãos inexperientes.

O homem será dominado por uma tão alargada sensação de orgulho e de força, que se trairá. A desproporção entre o vosso poder e a altura ética da vossa vida se fará cada dia mais acentuada, porque cada dia transcorrido é irresistivelmente para vós, que vos lançastes nessa direção, um dia de progresso material.

As ideias são lançadas no tempo com uma massa que lhes é própria, tal como os bólidos no espaço. Eu percebo um aumento de tensão, lento, porém constante, que preludia a inevitável explosão do raio. Esse impacto é a última consequência, mesmo de acordo com a vossa lógica, de todo o movimento. Desproporção e desequilíbrio não podem durar, e a vontade da Lei é que eles se resolvam num novo equilíbrio. Tal como a última molécula de gelo faz desmoronar o iceberg gigantesco, assim também de uma centelha qualquer surgirá o incêndio. Antigamente, dado que os povos viviam isolados, os cataclismos históricos podiam manter-se circunscritos; agora não. Muitos que estão a nascer irão vê-los.

A destruição, porém, é necessária. Somente será destruído o que é forma, incrustação e cristalização, tudo o que deve desaparecer, a fim de permanecer apenas a ideia, que sintetiza o valor das coisas. Um grande batismo de dor é necessário, a fim de que a humanidade recupere o equilíbrio livremente violado; grande mal, condição de um bem maior.

Depois disso, a humanidade, purificada, mais leve, mais selecionada por haver perdido os seus piores elementos, reunir-se-á em torno dos desconhecidos que hoje sofrem e semeiam em silêncio, retomando, renovada, o caminho da ascensão. Uma nova era começará; o domínio será do espírito, e não mais da matéria, que será reduzida ao cativeiro. Então, aprendereis a ver-nos e a escutar-nos; desceremos em multidão e conhecereis a Verdade.

Basta por agora; vai e repousa. Voltarei; porém recorda que a minha palavra é feita de bondade, e somente um objetivo de bondade pode atrair-me. Onde existir apenas a curiosidade, desejo de emoção, leviandade ou ainda cética pesquisa científica, aí não estarei. Somente a bondade, o amor e a dor me atraem.

Eu presido ao progresso espiritual do vosso planeta, e, para o progresso espiritual, um ato de bondade tem mais valor que uma descoberta científica. Não invoqueis a prova do prodígio, quando podeis possuir a da razão e da fé. É a vossa baixeza que vos leva a admirar, como sinal de verdade e poder, a exceção que viola a ordem divina. Tal aberração, se pode assombrar-vos e convencer-vos, a vós, anarquistas e rebeldes, constitui para nós, no Alto, a mais estridente e ofensiva dissonância; é a mais repugnante

violação da ordem suprema em que repousamos e em cuja harmonia vibramos felizes. Não procureis semelhante prova; reconhecei-a, antes, na qualidade da minha palavra.

A todos digo: Paz!

II — MENSAGEM DA RESSURREIÇÃO

Páscoa de 1932

De além do tempo e do espaço chega a minha voz. É uma voz universal, que fala ao mundo inteiro e permanece verdadeira através dos tempos. A verdade não pode sofrer mudanças se olhada por esta ou aquela nação, se observada por uma raça ou outra, porque a alma humana é sempre a mesma em toda parte, se examinada na sua profundidade.

Venho a vós, na Páscoa, acima de tudo para iluminar e confortar, pois vos achais imersos numa vaga de dores. Crise a denominais e a imaginais crise económica. Eu, porém, vos digo que se trata de uma crise universal, crise de todos os vossos valores morais, de todas as vossas grandezas. É o desmoronar-se de todo um mundo milenário. Digo-vos que a crise se encontra, sobretudo, nas vossas almas; crise de fé, de orientação, de esperanças. É o vertiginoso momento de grandes mutações.

Trago-vos esperança, orientação, paz. A cada um falo hoje a palavra da verdade e do amor, palavra que não mais conheceis. Quero reconduzir-vos às origens milenárias da fé com o novo intelecto, nascido da vossa ciência. No dia da ressurreição, repito-vos a palavra da ressurreição, a fim de que possais compreender a

dor e ultrapassar as estreitas fronteiras da vossa vida. Comovido, falo a cada um no sagrado silêncio da sua consciência.

Ó tu que lêes, afasta-te por um momento dos inúteis ruídos do mundo e escuta! A minha voz não te atingirá através dos sentidos, no entanto tu, através desta leitura, senti-la-ás aflorar dentro de ti, na linguagem da tua personalidade. A minha voz, de modo diferente de todas as coisas, não chega do exterior, mas surgirá em ti por caminhos desconhecidos, como coisa tua, da divina profundidade que em ti existe e na qual também estou.

O universo é infinito, e de longe venho, atraído pela tua dor. Nada me atrai tanto como a dor, porque somente nela o homem se torna grande, se purifica e se redime, dirigindo-se para destinos mais elevados. É triste serdes assim golpeados, mas, somente sofrendo, podeis compreender a realidade da vida. Exulta, porque este é o esforço da tua ressurreição!

A quem sofre eu digo: "Coragem! És um decaído que, na sombra, reconquista a grandeza perdida".

É a justa reação da Lei, que livremente transgredistes e que exige o retorno ao equilíbrio. Instrumento de ascensão, a dor vos aponta o caminho de que fugistes, impondo-vos reabirdes a vossa alma, fechada pelas alegrias fáceis, que infelizmente vos cegam, para que alcanceis júbilos mais altos e verdadeiros. A dor é uma força que vos constrange a refletir e a buscar em vós mesmos a verdade esquecida. É a imposição de um novo progresso.

Abraça com alegria esse grande trabalho que te chama a realizações mais amplas. Se não fosse a dor, quem te forçaria a evoluir para formas de vida e de felicidade mais completas?

Não te rebeles; pelo contrário, ama a dor. Ela não é uma vingança de Deus, e sim o esforço que vos é imposto para mais uma conquista vossa.

Não a amaldiçoes, mas apressa-te a pagar o débito, contraído pelo abuso da liberdade que Deus te deu para que fosses consciente. Abençoa essa força salutar, que, superando as barreiras humanas, sem distinção, transpõe todas as portas, penetra o que é secreto, e fere, comanda e dispõe, fazendo-se compreender por todos. Abraça a dor, amando-a, e ela perderá sua força. Aceita a indispensável escola das ascensões. Se te revoltares, tua força nada conseguirá contra um inimigo invisível, e a violência, em retorno, mais impetuosamente cairá sobre ti.

Coragem! Ama, perdoa e ressuscita! Não procures nos outros a origem da tua dor, mas sim em ti mesmo e arrepende-te. Lembra-te de que a dor não é eterna, pois constitui uma prova que dura enquanto a causa que a gerou não se esgotar. A tua dor é avaliada e não irá jamais além das tuas forças. O mundo foi criado para a alegria, e a alegria lhe voltará. Da outra margem da vida, outras forças velam por ti e te estendem os braços, mais ansiosas do que tu pela tua felicidade.

Falei com o coração ao homem de coração. Falarei agora à inteligência.

Tendes, ó homens, a liberdade das vossas ações, nunca a das suas consequências. Sois senhores de semear alegria ou dor no vosso caminho, e não o sois de alterar a ordem da vida. Podeis abusar, porém, se abusardes, a dor reprimirá o abuso. De cada um dos vossos males, fostes vós mesmos que semeastes as causas.

O maior erro dos vossos tempos é a ignorância da realidade moral, íntima orientação da personalidade, que é o fundamento da vida social.

O homem moderno aproxima-se do seu semelhante para tomar-lhe alguma coisa, nunca para beneficiá-lo. A vossa civilização, que é económica, está baseada no princípio "do ut des", que é a psicologia do egoísmo. A força económica está sempre a reger o mundo. A psicologia coletiva não é senão a soma orgânica dessas psicologias individuais. A riqueza acumula-se onde a força a atrai, e não onde a necessidade ou superiores exigências a reclamam; não constitui instrumento de uma vida de justiça e de bem, mas sim máquina de poder, representando em si mesma um objetivo. A lei de equilíbrio é constantemente violada e impõe reações. Ao invés de vós dominardes a riqueza, conduzindo-a para fins mais elevados, é a riqueza que vos domina.

Trabalhai, mas que o escopo do vosso trabalho, em vez de se reduzir apenas a proveitos isolados e egoístas, seja no sentido de

frutificar no organismo social. Somente então se formará aquela psicologia coletiva, que é a única base estável da sociedade humana.

Fazei o bem, todavia lembrai-vos de que o pobre não deseja propriamente o supérfluo das vossas riquezas, mas sim que desçais até ele, que partilheis da sua dor e que, inclusive, a tomeis para vós no lugar dele.

Venerai o pobre; ele será o rico de amanhã. Apiedai-vos do rico, que amanhã será o pobre. Todas as posições tendem a inverter-se, a fim de que o equilíbrio permaneça constante. A riqueza tende para a pobreza, e a pobreza para a riqueza. Ai daqueles que gozam! Bem-aventurados os que sofrem! Esta é a Lei.

Não confieis no mundo, que rirá convosco enquanto tiverdes força e bem-estar; confiai, antes, em mim, que venho quando sofreis e vos trago auxílio e conforto. Já vedes, hoje, que a dor realmente existe e que nem o ceticismo nem qualquer poder humano conseguem afastá-la.

Uma radical mudança verificar-se-á na sociedade humana, a fim de que a vida não seja um ato de conquista, onde triunfe o mais forte ou o mais astuto, mas sim um ato de bondade e de sabedoria, em que seja vitorioso o mais justo. Investigando com a vossa ciência, achareis no íntimo das coisas essa suprema lei de equilíbrio que vos governa; aprendereis que a bravura da vida não está em violar essa lei, semeando para vós mesmos reações de dor, mas

sim em segui-la, semeando efeitos de bem. Deveis também aprender que o vencedor não é o mais forte — esse é um violador — mas sim quem segue conscientemente o curso das leis e, sem violência, se equilibra no seio das forças da vida. As religiões já vos revelaram isto, entretanto não acreditastes; a ciência o demonstrará, todavia não desejareis ver. O momento é decisivo. Ai de vós se, nesta vitória da civilização material em que viveis, desejardes ainda perseverar no nível do bruto.

O mundo está maduro, mas, ao mesmo tempo, encontra-se cansado das tentativas e experiências; cansado do irresolúvel emaranhado dos vossos expedientes; cansado de viver no momento, em face de um amanhã repleto de incógnitas; e quer seriamente prever e resolver os grandes problemas da vida, para olhar francamente o futuro, ainda que isso reclame uma grande coragem.

O mundo tem necessidade da palavra simples e forte da verdade, e não de novas astúcias a rolares por velhos caminhos. O mundo espera essa palavra com ansiedade, como também a aguarda o momento histórico.

A psicologia coletiva tem o pressentimento, embora confuso, de uma grande mudança de direção; sente que o pensamento humano, não mais infantil, apresta-se para tomar as rédeas da vida planetária e que o homem vai substituir o equilíbrio instintivo e cego das leis biológicas por outro equilíbrio, consciente e desejado. Por isso está a procurar a luz, para que o seu poder não naufrague no caos.

Não está longe de desaparecer a vossa psicologia experimental, que será substituída pela psicologia intuitiva, através da qual a vossa ciência será conduzida muito mais adiante. Novos homens divulgarão a verdade; não mais os mártires cobertos de sangue ou os anacoretas de outrora, e sim homens de inteligência e de fé, que difundirão seus pensamentos utilizando-se de moderníssimos recursos, homens que servirão de exemplo no meio do turbilhão da vossa vida.

Despedaçai a férrea jaula que o passado construiu para vós, na qual já não vos resta espaço. Ousai abandonar os velhos caminhos, mas não ouseis loucamente, onde não há razão para ousadias; ousai na direção do alto e nunca ousareis demasiadamente. Do grande mar de forças latentes que não percebeis, imensa vaga levantará o mundo. Até lá, guardai a fé!

A vossa crise, se é profunda e dolorosa, fará, no entanto, nascer o homem novo do Terceiro Milénio¹. Para resolvê-la, recordai que ela é mal de substância e, por isso, não pode ser debelada através da correção da forma, como procurais fazer. Para solucioná-la, é necessário considerardes o problema na sua substância; e a sua substância é o homem, a sua psicologia e sua alma, onde se encontra a motivação das suas ações, a fonte original dos acontecimentos humanos. Eis aí a chave do futuro.

Vosso multimilenário ciclo de civilização está a esgotar-se. Deveis retomá-lo em nível mais elevado, para vivê-lo mais profundamente, não somente crendo, mas também “vendo”.

Ai de vós se, depois de haverdes atingido o domínio do planeta, não dominardes com um espírito puro a máquina, a riqueza e as vossas paixões.

Sois livres e podeis também retroceder². No período que resta deste século se decidirá o Terceiro Milénio. Ou vencer, ou morrer; e a morte, desta vez, é a morte pior, porque é morte de espírito³. A todos eu digo: “Ressuscitai com a minha ressurreição”.

III — MENSAGEM DO PERDÃO

Dia do “Perdão da Porciúncula” de São Francisco —
2 de Agosto de 1932

Filho meu, a minha voz não despreza as tuas pequeninas coisas de cada dia, mas delas se eleva para as grandes coisas de todos os tempos.

Ama o trabalho, inclusive o trabalho material.

Coisa elevada e santa, o trabalho, presentemente, foi transformado em febre. De que não se tem abusado entre vós? Que coisa ainda não foi desvirtuada pelo homem? Em tudo vos excedeis e, por isso, ignorais o labor equilibrado, que, buscando o necessário ao corpo e, ao mesmo tempo, contentando o espírito, encerra tão elevado conteúdo moral. No entanto transformastes esse dom divino, com o qual poderíeis plasmar o mundo à vossa imagem, em tormento insaciável de posse. Substituístes a beleza do ato criador, completo em si mesmo, pela cobiça, que nunca descansa. Quantos esforços empregados para vos envenenar a vida!

Ama o trabalho, mas com espírito novo; ama-o, não pelo que ele é propriamente, mas sim como um ato de adoração a Deus; ama-o como manifestação da tua alma, nunca como febre de riqueza ou

domínio. Não prendas a tua alma aos seus resultados, que pertencem à matéria e, portanto, estão sujeitos à caducidade; ama, porém, o ato, somente o ato de trabalhar. Não sejam a posse e o triunfo a tua recompensa, mas sim a satisfação íntima de haveres cumprido cada dia o teu dever, colaborando assim no funcionamento do grande organismo coletivo.

Esta é a única recompensa verdadeira, indestrutível, solidamente tua; as demais depressa se dissipam e se perdem. Ainda que nenhum resultado positivo obtivesses, uma recompensa ficaria contigo para sempre: a paz do coração, paz que o mundo perdeu por se prender às coisas concretas, julgando-as seguras.

Desapega-te de tudo, inclusive do fruto do teu trabalho, se queres entrar na posse da paz. Ocupa-te das coisas da Terra, mas apenas o suficiente para aprenderes a desapegar-te delas.

Toda a construção deve localizar-se no teu espírito, deve ser construção de qualidades e disposições da personalidade, e não edificação na matéria, que é um remoinho de areia onde nenhum sinal pode ser conservado.

Tudo quanto quiserdes que esteja unido a vós eternamente deve ser unido por qualidades e merecimento; deve ser enlaçado, não pela vossa força exterior ou pelos vínculos das convenções sociais ou ainda pelos liames da matéria, mas sim pela subtil força da Lei, movimentada por vós. Só nesse sentido se pode realmente possuir;

de outro modo, não obtereis senão a tristeza que advém da ilusão e a consciência posterior da inutilidade dos vossos esforços.

Outro grande problema que vos diz respeito é o amor. Elevai-vos em amor, como deveis elevar-vos em todas as coisas, se quereis encontrar profundas alegrias. Martelai a vossa alma, num íntimo trabalho de cada dia, que vos leva à conquista de amores sempre mais extensos, únicos que têm a resistência das coisas eternas.

Sabes que o amor se eleva do humano ao divino e que, nessa ascensão, ele não se destrói, mas se fortalece, aperfeiçoando e multiplicando-se. Segue-me e, então, poderás entoar o cântico do amor:

“O meu corpo tem fome, e eu canto; o meu corpo sofre, e eu canto; a minha vida é deserta, e eu canto; não há carícias para mim, porém todas as criaturas vêm a mim. O meu irmão aproxima-se de mim como inimigo, para me prejudicar, e eu lhe abro os braços em sinal de amor. Eu vos bendigo a todos vós que me trazeis dor, porque com ela me trazeis a purificação, que me abre as portas do Céu. A minha dor é um cântico que me faz subir. Louvado sejas, ó Senhor, pelo que é a maior maravilha da vida. Que as pobres intenções malignas do meu próximo sejam para mim a Tua bênção”.

Estes meus ensinamentos são dirigidos mais à vossa intuição do que ao vosso intelecto. O que vos tenho dito tem um sentido mais amplo. A felicidade dos outros é vossa única felicidade verdadeira e firme. Isto significa a extinção dos egoísmos num amplexo universal de altruísmo. Tais conceitos podem ser de fácil compreensão, mas é difícil senti-los. Não procuro a vossa razão, que discute, busco antes essa visão interior que opera em vós, que sente por imediata

conceção, que enxerga com absoluta clareza e que se entrega lealmente à ação.

Peço-vos o ímpeto que somente nasce do calor da fé e que nunca vem pelos tortuosos caminhos do raciocínio. Não desejo erudição, pesquisas e vitórias do intelecto; quero, antes, que vejais num ato sintético de fé, que vivais imediatamente a vossa visão, que personifiquéis a ideia avistada, que resplendais em vós mesmos o seu esplendor. Somente então a ideia viverá na Terra e, personificado em vós, existirá um momento da concepção divina.

Não estou a apelar para os vossos conhecimentos nem para o vosso intelecto, que não são patrimónios de todos, mas venho até junto de vós por caminhos inabituais e em vós penetro como um raio que, descendo às profundezas, dissipa as trevas, cintila e vos arrasta através de novas vias, com forças novas, que levantarão o mundo como num turbilhão.

Falarei também, para ser entendido, a linguagem fria e cortante da razão e da ciência, porém usarei, acima de tudo, a linguagem ardente e direta da fé. A minha palavra será ora o brado de comando, ora a ternura de um beijo de mãe.

Para ser por todos compreendida, a minha palavra percorrerá extremos de sabedoria e de singeleza, de força e de bondade. Será pranto de amargura e remoinho de paixão; será nostálgico lamento, suspirando por uma grande pátria distante, mas será também ímpeto de ação para vos reconduzir até ela. A minha palavra, por

vezes, rolará como regato sussurrante em verde campina, a vos trazer o frescor das coisas puras; outras vezes trovejará como os elementos enfurecidos na fúria da tempestade.

Ao seio de cada alma quero descer e adaptar-me, a fim de ser compreendido. Para cada uma delas, devo encontrar a palavra que a penetre no mais íntimo, que a abale, que a inflame e que a arroje para o alto, onde eu estou, conduzindo-a até junto de mim, onde a espero.

Almas, almas eu peço. Para conquistá-las, vim das profundezas do infinito, onde não existe espaço nem tempo; vim oferecer-vos o meu abraço; vim de novo dizer-vos a palavra da ressurreição, para vos elevar até mim, para vos indicar um caminho mais elevado, onde encontrareis as alegrias puras.

De tal modo vos identificastes com a vida física, que já não podeis sentir senão uma vida limitada, como a do vosso corpo. Pobre vida, rápida e cheia de incertezas, enclausurada nas limitações dos vossos pobres sentidos. Pobre vida, encerrada num ataúde, na sepultura que é o corpo, ao qual tanto vos agarrais. A minha voz encerrará todos os extremos das vossas diferentes psicologias. Escutai-me!

Não vos ensino a gozar das coisas terrenas, porque são ilusórias; indico-vos as alegrias do céu, porque somente estas são verdadeiras. A minha verdade não é a fácil verdade do mundo; não vos prometo alegrias sem esforços, mas a minha promessa não vos

ilude. O meu caminho é caminho de dor, porém eu vos digo que somente ele vos conduzirá à libertação e à redenção. A minha estrada é de luta e de espinhos, mas vos fará ressurgir em mim, que vos saciarei para sempre. Não vos digo: "Gozai, gozai", como o mundo vos fala. O mundo, porém, vos engana, eu não vos enganaria nunca.

A minha verdade é áspera e nua, contudo é a verdade. Peço o vosso esforço, mas dou a felicidade. Digo-vos: "Sofrei", mas junto de vós estarei no momento da dor; com piedade maternal, velarei por vós; medindo todo o vosso esforço, proporcionarei as provas segundo a vossa capacidade; finalmente, farei o que o mundo não faz: enxugarei as vossas lágrimas.

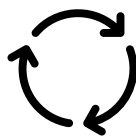
O mundo parece espargir rosas, mas, na verdade, distribui espinhos; eu vos ofereço espinhos, porém vos ajudarei a colher rosas.

Segui-me, pois o exemplo já vos dei. Levantai-vos, ó homens, é chegado o momento. Não venho para trazer guerra, mas sim paz; não venho trazer dissensão às vossas ideias nem às vossas crenças, mas sim fecundá-las com o meu espírito e unificá-las na minha luz.

Não venho para destruir, e sim para edificar. O que é inútil morrerá por si mesmo, sem que eu vos dê exemplo de agressividade.

Desejaríeis sempre agredir, até mesmo em nome de Deus. Por discussões e lutas contra os vossos próprios irmãos ansiais com grande avidez, sempre prontos a profanar assim a minha palavra de pura bondade. Repito-vos: “Amai-vos uns aos outros”. Não discutais, mas dai o exemplo de virtude na dor; amai o vosso próximo, aprendendo a estar sempre prontos para prestar um auxílio em qualquer parte onde haja um padecimento a aliviar, uma carícia a oferecer. As vossas eruditas investigações tornaram tão ásperas as vossas almas, que não vos permitiram avançar um só passo para o céu.

Não venho para agredir, mas sim ajudar; não para dividir, mas sim unir; não para demolir, mas sim edificar. A minha palavra busca a bondade, antes que a sabedoria. A minha voz dirige-se a todos. Ela é ampla como o universo, solene como o infinito. Descerá aos vossos corações, às vezes com a doçura de um carinho, outras vezes arrastadora como o tufão.



Do alto e de muito longe venho até vós. Não podeis perceber quão longo é o caminho que nós, puro pensamento, devemos percorrer, a fim de superar a imensa distância espiritual que nos separa de vós, imersos na terra lodosa. As vossas distâncias psicológicas são maiores e mais difíceis de serem vencidas que as distâncias de espaço e tempo. Por isso, às vezes, chego fatigado. A minha fadiga, porém, não provém do cansaço físico, mas sim do

desalento que me nasce da vossa incompreensão. No entanto a minha palavra tem a doçura da eternidade e do infinito, possuindo uma amplitude de tonalidade como jamais possuiu a voz humana, razão pela qual deveríeis reconhecer-me.

Venho a vós cheio de amor e de bondade, no entanto me repelis. Eu, que vejo os limites da história do vosso planeta; que, num rápido olhar, vejo sem esforço toda a laboriosa ascensão desta humanidade, da qual sou pai; eu me faço pequenino hoje, limitando-me e encerrando-me num átimo do vosso momento histórico, para que possais compreender-me.

Se vos falasse com a minha voz potente, não me entenderíeis. O meu olhar contempla a Terra quando o homem ainda não a habitava, e a vê também no futuro distante, morta, a navegar no espaço, como um ataúde de todas as vossas grandezas. Vejo o vosso sol moribundo, depois morto e, em seguida, chamado a uma nova vida. Vejo, além desse átomo que é o vosso planeta, uma poeira de astros a revoltearem sem cessar pelos espaços infinitos, todos eles transportando consigo humanidades que lutam, sofrem, vencem e se elevam. Tudo vejo e tudo leio nos vossos corações, assim como nos corações de todos os seres.

Além do vosso universo físico, vejo um maior universo moral, onde as almas, na sua laboriosa ascensão, cumprindo o seu diuturno esforço de purificação para o Alto, cantam o mais glorioso hino à Divindade. Esplendorosa luz existe no centro moral do universo, luz esta que atrai todos os seres por uma força de gravitação moral mais poderosa do que aquela que mantém

associadas no espaço as grandes massas planetárias e estelares. Tudo vejo, mas nada falo, para não vos perturbar. Tudo vejo, e minha mão possante firma o destino dos mundos. Poderia mudar o curso dos astros, mas nós, que somos lei, ordem e equilíbrio, não aprovamos violações. Empunho o destino dos povos e, no entanto, venho humildemente até vós, para entre vós colher o perfume que se desprenda de uma alma simples. Esse é meu único conforto quando desço ao vosso mundo¹, às camadas profundas e obscuras da matéria densa, formadas de coisas baixas e repugnantes. Tal perfume parece perder-se na vossa atmosfera, carregada de emanções perniciosas, como que vencido pelas forças envolventes do mal. No entanto eu o percebo, elegendo-o, e o recolho como uma joia humilde e gentil, desabrochada na lama, para guardá-lo no meu coração, onde ele repousará. É o único carinho que encontro no vosso mundo, o único hino puro e singelo que me faz descansar. Assim como a criancinha repousa aos cânticos da sua mãe, que lhe parecem os mais belos, também me acalento, invadido por infinita doçura, no seio dessas vozes humildes, dispersas no vosso mundo.

Essa é a única trégua em meio ao trabalho de vos iluminar e guiar, ó homens rebeldes, que acreditais dominar, mas sois dominados; que pensais subir, mas, na verdade, desceis. Eu poderia, contudo, atemorizar-vos por meio de prodígios, aterrorizar-vos com cataclismos. Seria isto, no entanto, capaz de vos convencer? Sobre vós, que sois maus, a minha mão se levanta como uma bênção, nunca para vinganças.

Escutai com atenção esta grande palavra. Eu desejo que o equilíbrio, violado pela vossa maldade, seja restabelecido pelos

caminhos do amor, e não pelo castigo. Compreendeis a grande diferença?

Eis as razões da minha intervenção, fazendo-me presente entre vós.

Trata-se da Lei, e a Lei quer o equilíbrio. Vós a desrespeitastes com as vossas culpas, ultrajando assim a Divindade. O equilíbrio “deve” restabelecer-se; a reação “deve” verificar-se; o efeito “deve” acompanhar a causa por vós livremente buscada.

Deus vos quer livres, já o sabeis. Pois bem, eu venho para que o equilíbrio se restabeleça pelos caminhos do amor e da compreensão; para vos incitar, com palavras de fogo, ao entendimento; para vos estimular a retomar livremente a via da redenção. Venho enfim ensinar-vos a fazer da vossa liberdade um uso que vos eleve e salve, e não que vos rebaixe e condene. Venho tornar-vos conscientes dessa lei que vos guia e da maneira de restaurardes a ordem violada, a fim de que essa violação não venha a recair sobre vós, como tremendo choque de retorno, que destruirá a vossa civilização.

Venho para vos salvar, para salvar o que de melhor possuíis, o que fatigosamente os séculos têm acumulado, ao preço de muitas dores e de muito sangue.

Entre vós e a necessidade férrea da Lei, que volve inexoravelmente ao equilíbrio, interponho hoje o meu amor e a minha luz, como já interpus a minha dor e o meu martírio!

Homens, tremei! É supremo o momento. É por motivos supremos que do Alto desço até vós. Escutai-me: o mundo será dividido entre aqueles que me compreendem e me seguem e aqueles que não me compreendem e não me seguem. Ai destes últimos! Os primeiros encontrarão asilo seguro no meu coração e serão salvos; sobre os outros a Lei, não mais compensada pelo meu amor, descera inelutavelmente, e eles serão arrastados por um vendaval sem nome para trevas indescritíveis.

Não vos iludais, reconhecei a minha voz. Reconhecei-a pela sua imensa tonalidade, pela sua bondade sem fronteiras. Algum homem, porventura, já falou assim? Falo-vos de coisas singelas e elevadas, de coisas boas e terríveis. Sou a síntese de todas as verdades.

Não me oponhais barreiras nas vossas almas, mas escutai, ponderai e deixai que este raio de luz, vindo de Deus, desça à vossa consciência e a ilumine. Eu vo-lo rogo, humilhando-me na vossa presença. Humildemente, para vossa salvação, eu vos suplico: escutai a minha voz!

Que sobre vós desça a paz! Que a paz, não mais conhecida por vós, chegue até às vossas almas! Entre vós e a divina justiça está

a minha oração: “Deus, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.

Pobres seres, perdidos na escuridão das paixões; pobres seres, que tomais por luz verdadeira o ouropel fascinador das coisas falsas da Terra! Pobres seres, maus e perversos! No entanto sois os meus filhos e, por amor de vós, subiria de novo à cruz, para vos salvar. Pobres seres que, numa vitória efémera na matéria, chamada por vós de civilização, haveis perdido completamente o único repouso do coração: a minha paz.

Escutai-me. Falo-vos com amor, imenso amor. Fui por vós insultado e crucificado, e vos perdoei; perdoo-vos ainda e ainda vos amo. Trago-vos a paz. Até junto de vós retorno para vos falar de uma ciência que a vossa não conhece; para vos pronunciar a palavra que nenhum homem sabe falar, palavra que vos saciará para sempre. Escutai-me!

A minha voz conduzirá o vosso coração a tal êxtase, que nenhuma vitória material nem qualquer grandeza do mundo jamais vos poderá dar.

Como um clarão intuitivo, a minha luz espargirá sobre vós uma compreensão a que os laboriosos processos da vossa razão jamais chegarão. A razão, filha do raciocínio, discute e calcula, mas eu sou o clarão que em vós se acende e pode, num átimo, transformar-vos em heróis. Aceitai, suplico-vos, este supremo dom que vos ofereço e pelo qual vim de tão longe até junto de vós; aceitai esta dádiva

esplêndida, que é a minha paz. É a bem-aventurança do Céu que vos trago de mãos cheias; é a felicidade que coisa alguma terrena jamais vos poderá dar. Reconhecei a minha paz! Para recebê-la, deveis abrir todas as portas da vossa alma! Saciai-vos e inebriai-vos com ela! É um dom imenso que vos trago do seio de Deus; é uma graça com a qual o meu imenso amor recompensa a vossa ingratidão.

Até vós eu venho, trazendo os mais lindos dons, para derramar sobre as vossas almas a verdadeira felicidade. Venho para suavizar a justiça divina. Fiz longa e fatigante viagem, do meu céu radioso às vossas trevas. Vim espontaneamente, pelo amor que vos consagro. Não renoveis as torturas do Getsêmani, as angústias da incompreensão humana, os tormentos de um imenso amor repelido.

Quem sou eu, perguntais-me.

Sou o calor do sol matinal que vela o desabotoar da florzinha, despercebida por todos; sou o equilíbrio que, na variação alternada dos elementos, garante a vida para todos. Sou o pranto da alma quebrantada, em que desabrocha a primeira visão do divino; sou o equilíbrio que, nas mudanças dos acontecimentos morais, promete a todos salvação; sou o rei do mundo físico da vossa ciência; sou o rei do mundo moral que não vedes.

Sempre me procurais em toda a parte, no entanto sempre mais profundamente vos escapo — de fibra em fibra, de molécula em

molécula — nas vossas mesas de anatomia, nos vossos laboratórios. Vós me procurais, dilacerando e dissecando a pobre matéria, mas eu sou espírito, que anima todas as coisas. Podereis encontrar-me, porém não com os olhos e os instrumentos materiais, mas tão somente com os olhos e os instrumentos do espírito.

Sou o sorriso da criança e a carícia materna; sou o gemido daquele que corre, implorando salvação; sou o calor do primeiro raio de sol da primavera, que traz a vida; sou o vendaval que traz a morte; sou a beleza evanescente do momento que foge; sou a eterna harmonia do universo.

Sou amor, sou força, sou ideia. Sou espírito, que tudo vivifica e está sempre presente. Sou a lei que governa o organismo do universo com maravilhoso equilíbrio. Sou a força irresistível que impulsiona todos os seres para a ascensão. Sou o cântico imenso que a criação entoa ao Criador.

Tudo sou e tudo compreendo, até o mal, porquanto o envolvo e o limito aos fins do bem. O meu dedo escreve, na eternidade e no infinito, a história de miríades de mundos e vidas, traçando o caminho ascensional dos seres que para mim se voltam, seres que atraio com o meu amor e que recolherei na minha luz.

Muitos mundos já vi antes do vosso e muitos verei depois dele. As vossas grandes visões apocalípticas, para mim, são pequeninas encrespaduras nas dimensões do tempo. Virei, entre raios de

tempestade, para dobrar os orgulhosos e elevar os humildes. Virei vitorioso na minha glória e no meu poder, triunfando sobre o mal, que será rechaçado para as trevas.

Tremei então, pois, quando eu já não for o amor que perdoa e vos protege, serei o turbilhão que tempestua; serei o desencadear dos elementos sem peias; serei a Lei, que, não mais dominada pela minha vontade e trazendo consigo a ruína, inexoravelmente explodirá sobre vós.

Tudo é conexo no universo: causas físicas e efeitos morais, causas morais e efeitos físicos. Um organismo aglutinador vos envolve. Nele estais presos em cada ato vosso.

A minha poderosa mão firma o destino dos mundos, no entanto sabe descer até à mais humilde criancinha, para lhe suster carinhosamente o pranto. Essa é a minha verdadeira grandeza.

Ó vós que me admirais, tímidos, no ímpeto da tempestade, admirai-me, antes, no poder que tenho de fazer-me humilde para vós, no saber descer do meu elevado reino à vossa treva; admirai-me nessa força imensa que possuo de constranger o meu poder a uma fraqueza que me torna semelhante a vós.

Não vos peço para compreenderdes o meu poder, que me situa longe de vós; rogo-vos para compreenderdes o meu amor, que me assemelha a vós e me coloca ao vosso lado. O meu poder poderá desalentar-vos e atemorizar-vos, dando-vos de mim uma ideia não

justa, de um senhor vingativo e despótico. Não quero a vossa obediência por temor. Agora deve despontar uma nova aurora de consciência e de amor. Deveis elevar-vos a uma lei mais alta, e eu retorno hoje para anunciar-vos a boa nova. Não sou um senhor vingativo e tirânico, como me supuseram outrora, por necessidade, os povos antigos; sou o vosso amigo, e é com palavras de bondade que me dirijo ao vosso coração e à vossa razão.

Não mais deveis temer, mas sim compreender. A vossa razão infantil já acordou, e nela venho lançar a minha luz. Sou síntese de verdade, e em toda a parte ela surgirá, atingindo a luz da vossa inteligência.

Não trago combates, mas paz. Não trago divisões de consciência, mas sim união de pensamentos e de espíritos.

A humanidade terrestre aproxima-se da sua unificação, numa nova consciência espiritual. Não vos insulteis, portanto, e sim compreendei-vos uns aos outros. Que cada um concorra com o seu grãozinho para a grande fé, e que esta vos torne todos irmãos.

Unam-se estreitamente a religião, que é revelação minha, a ciência, que é o vosso esforço, e todas as vossas intuições pessoais numa grande síntese, e seja esta uma síntese de verdade.

Porque eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.

IV — MENSAGEM AOS CRISTÃOS

No XIX Centenário da Morte de Cristo

Ó cristãos do mundo inteiro, que tendes feito, em dezanove séculos de trabalho, pela realização, na Terra, do Reino dos Céus?

Ao lado da criação de uma civilização, da direção milenária aplicada ao pensamento humano, das obras de arte colossais, de uma multidão de mártires, génios e santos, ao lado de todo o bem que o cristianismo tem trazido por força da divina centelha que o anima, quanto mal proveniente da fraqueza humana, em cujo meio tem operado! Quanta resistência tendes oposto a esse divino impulso que anseia por nos elevar! Quanta tenacidade vossa para permanecerdes substancialmente pagãos! Quantas tempestades não tem o homem desencadeado, com suas paixões, em torno da nave da Igreja de Roma!

A dura necessidade de comprimir o incoercível pensamento na forma, através de regras disciplinares, e de cobrir a verdade resplandecente com um véu de mistério foi imposta pelo vosso instinto de rebeldia, que, de outro modo, teria levado o princípio original a se fragmentar no caos.

Algumas elevadas verdades que o cristianismo contém não puderam exercer ação simplesmente devido à imaturidade dos homens. Certas liberdades não podem ser concedidas àqueles que estão sempre prontos a abusar de tudo. Que imenso esforço deve realizar e quão longo caminho deve percorrer a ideia divina até poder concretizar-se na Terra!

Nunca vos interrogastes quão imensa força moral representaríeis no mundo, se fôsseis verdadeiramente cristãos? Nunca a vós mesmos perguntastes que paraíso seria a Terra, se houvésseis compreendido e praticado a boa nova do amor evangélico? Em vez disso, que triste espetáculo! A palavra de unidade subdividiu-se, o rebanho está desunido, os filhos de Cristo já não são irmãos, mas inimigos!

É chegada a hora de despertardes à luz de uma consciência maior. O tempo maturou o momento de grandes abalos, inclusive no campo do espírito. E, no momento decisivo, eu venho lançar no mundo a ideia decisiva. Venho reunir-vos a todos, ó cristãos do mundo, a fim de que, acima da forma que vos divide, vos aconchegueis em torno da figura de Cristo e encontreis de novo uma unidade substancial.

Isso vos digo no Seu nome, quando se completam dezanove séculos da Sua morte e a história se encaminha para o Terceiro Milénio. Digo-vos que, em face da ameaça do iminente momento histórico, deveis abraçar-vos novamente, a fim de que a vossa união constitua uma barreira contra o mal, pois este se prepara

para desencadear um tremendo ataque. As grandes lutas exigem grandes unificações.

Não toco nas vossas divisões de forma, mas enfatizo a substância da ideia de Cristo, da qual todas as vossas crenças nasceram. Quero que se vivifique a fé, desfalecente nas vossas almas; que se reanime a crença nas coisas eternas, já escritas com tanta simplicidade; que de novo viva e vos torne todos irmãos o singelo espírito do Evangelho. É somente disso que o mundo precisa, e essa é a solução para todas as crises. Não são necessários novos sistemas; é preciso que surja o homem novo.

Eu venho para unir, não para dividir; trago paz, e não guerra. Não toco nas vossas organizações humanas, mas vos digo: amai-vos em nome do Cristo, e as vossas organizações se tornarão perfeitas.

Antes do início do novo milénio, todos os valores humanos sofrerão uma grande revisão e a fé se enriquecerá com a contribuição da razão e da ciência. Na iminência dos tempos, que toda a cristandade volva o seu olhar para o farol de Cristo.

Vinde todos vós, ó homens que vos iludis, pensando possuir uma verdade diferente. Deus é a verdade única — substancialmente idêntica em todas as religiões — tanto na ciência como na fé.

Se os caminhos nas aproximações são diferentes, o princípio e a meta são a mesma ideia pura e simples do amor fraternal, ideia

tanto dominante no Evangelho como no universo. Os profetas afirmaram com variação de poder e de aspetos o mesmo princípio.

A humanidade encaminha-se para as grandes unidades políticas e espirituais. Que não surjam novas religiões, mas sim que se unifiquem as existentes numa fusão de fé, que envolverá o mundo. O progresso encontra-se no amor recíproco, que une, e nunca na rivalidade, que divide.

Paz, união e amor sejam convosco na minha bênção.

V — MENSAGEM AOS HOMENS DE BOA VONTADE

No XIX Centenário da Morte de Cristo

Do alto da cruz vos contemplo, homens de boa vontade, de todas as raças e crenças. Estas vos dividem; a minha palavra vos unifica.

Não falo somente aos cristãos, mas também a todos os meus filhos, que são os justos da Terra, qualquer que seja a sua raça ou fé. Falo a todos, não considerando as vossas diferenciações humanas. A minha palavra é universal como a luz do sol. A Divindade não se pode isolar numa igreja particular. Eu vos digo o que é verdadeiro e justo, e o que vos falo perdura a quem quer que seja dito. A mentira que me desfigura passa, eu permaneço. Não importa que a bondade seja explorada pelos maldosos; o Bem acaba por triunfar. Eu amo a todos.

Vós, homens, buscais bandeiras limpas, para transformá-las em mantos brilhantes. E quem pode impedir que, no vosso mundo de hipocrisias, os maus se escondam à sombra das coisas puras e que os falsos se acobertem sob os luzentes mantos de que se apossam? Então, as crenças e as religiões deixam de ser uma ideia, um princípio, para se tornarem um aglomerado de interesses, uma organização de castas.

Assim, formastes hierarquias, seitas, ordens e grandezas que não têm correspondência no Céu. As vossas classificações são absolutamente humanas, fictícias, consoantes com as aparências da Terra, e não com os valores intrínsecos do espírito. Por isso ficarão aí no vosso mundo, sem jamais se elevarem além da Terra.

A minha discriminação é diferente. Os escolhidos são aqueles que seguem o meu caminho de dor e de renúncia, de humildade e de amor. Vinde a mim, vós que sofreis. Sois os grandes, os eleitos do Céu. Esta é a minha diferenciação. As que são feitas pelos homens não têm valor. Não importa o manto, mas o homem que o veste. Somente no caminho da dor e do amor encontrareis os que são grandes no meu Reino. Eis onde, na luta absurda entre tantas vozes e organismos contrários, achareis o bem, a justiça e a verdade.

Em toda parte, nos vossos agrupamentos, encontram-se os bons e os maus; estes últimos, quase sempre, preocupados em tornar objeto de discussão uma verdade que não possuem. A verdade está no coração e nos atos, e não nas formas e nas posições humanas.

Procurai o bem; procurai, onde quer que esteja, o homem, nunca o estandarte. Fazei questão do homem, da nua e intrínseca realidade dos seus valores íntimos, e não dos sinais que o marquem exteriormente. Estes podem falsificar, não o homem. A bandeira pode reduzir-se a um índice de interesses coletivos; o homem, porém, segue sozinho pelo caminho do seu destino.

Justos e injustos encontram-se sobre a Terra, uns ao lado dos outros¹, para provações recíprocas; achá-los-eis juntos, usando todos o mesmo nome da verdade. Somente eu, que leio nos corações, os diferencio, como também pode fazê-lo a voz da vossa consciência, em que penetro e falo.

Os meus filhos estão, por isso, em toda a parte, contudo não os sabeis enxergar. Só eu os vejo. A dor e a morte, que matam os outros, os elevam. A minha maneira de diferenciar está acima de todas as categorias humanas.

O meu reino não é da Terra. O meu reino não tem corpo físico. Os grandes do meu reino nada possuem no mundo, mas sofrem e amam.

Minha religião mais profunda não tem forma terrena, não possui nenhuma dessas exterioridades próprias da matéria e da imperfeição humana, que sempre foram a base de todos os abusos.

O meu altar é a dor, a minha oração é o amor, a minha religião é a união com Deus no pensamento e nos atos.

Acima de todas as formas que vos dividem, ó homens da Terra, eu sou o princípio que vos une ao meu amor.

VI — MENSAGEM DA PAZ

Escrita na Noite de Quinta-feira Santa,
no Monte de Santo Sepulcro, diante do Verna.
Páscoa de 1943

A minha última mensagem, pela Páscoa de 1933, XIX Centenário da morte de Cristo, dirigida, em dois momentos, aos Cristãos e aos homens de boa vontade, foi a minha derradeira palavra naquele ciclo de preparação e esperança.

Já se encontram amadurecidos muitos acontecimentos ali preanunciados.

Até junto de vós retorno nesta Páscoa de 1943, após dez anos, na violenta constrição de uma dor que parecia impossível, mas que se tornou realidade. Venho trazer conforto aos homens e aos justos, àqueles que creem. Venho dizer, no seio tumultuoso da destruição universal, a equilibrada palavra de paz. É esta, por isso, a mensagem da paz.

Tende fé, e a fé vos fará superar todas as provas. Deus as permite para que aprendais a usar da vossa liberdade, e não para vossa destruição. Não vos desgarreis no caos, que é só aparente. Imersos como estais no pormenor, na aflição, na fadiga, não

enxergais e não compreendeis o bem que existe além da aparência do mal.

Deus, no entanto, invisível e onnipresente, está ao vosso lado, caminha convosco, acompanha os vossos passos e vos guia; sempre vos provê, além da aparente desordem, com a ordem imensa e eterna das Suas sábias leis. A sua mão inclina-se para o humilde, para o fraco, para o vencido, a fim de erguê-lo de novo. Que vos conforte esta afirmação de uma divina lei de justiça acima da lei humana da força.

Diante de dois caminhos vos deixei, e fizestes a escolha. O mundo tem a prova que livremente desejou.

Desde que vos deixei, o mundo tem percorrido velozmente o caminho da história. O mais profundo caminho e a mais proveitosa lição se encontram na dor, escola e sanção de Deus.

Repousareis. Assim é necessário, a fim de que os resultados do esforço desçam em profundidade e sejam assimilados. Não vos detenhais, no entanto, nos pormenores do momento ou do caso particular, que não constituem toda a vida. Esta se encontra nas grandes trajetórias de desenvolvimento da Lei, em que se exprime o pensamento de Deus.

Somente se vos elevardes, encontrareis a verdade universal, imóvel no movimento, a justiça perfeita. Somente se vos transportardes acima das contingências do momento e do lugar,

achareis a completa liberdade, a tranquilidade do absoluto, a paz que está acima da vitória ou da derrota, a verdadeira paz, tão distante das coisas humanas.

Elevar-se é a grande meta da vida — elevar-se pelos caminhos do espírito — e esse trabalho, sempre possível e livre, pode ser seguido e levado a termo em qualquer época ou lugar. Ninguém, em nenhum caso, pode tolher a liberdade de vos construirdes a vós mesmos, avançando assim em qualidade e poder. E esta ascense é o que mais importa; é para atingi-la que sofreis as provas da vida.

Após cada curva da história, obtém-se o seu sumo, a sua verdadeira colheita, que é a ascensão.

As verdadeiras riquezas não se encontram fora de vós, mas sim no vosso íntimo, e são elas que vos fazem mais poderosos e felizes. São constituídas pelos vossos bons predicados, que nunca se perderão, e não pelas vossas posses materiais, que hão de desaparecer.

Seja qual for o turno de vencedores ou vencidos, suceder-se-ão, como vaga após vaga, as multidões dos que sofrem e dos que gozam. O triunfo, então, pode ser instrumento de perdição e a desventura, de ressurreição. Nenhuma vida, como nenhuma força, pode ser anulada; tudo sobrevive, transformando-se. Substancialmente, a guerra a ninguém destrói.

A minha palavra, repetindo a lei de Deus, que rege a vida e está acima do mundo e das suas lutas, diz: ai de quem, possuindo apenas a superioridade da força, dela abusa, esquecendo a justiça. Tudo é compensado na Lei e se paga com longas reações sucessivas de ódios e vinganças.

A palavra do equilíbrio ensina ao vencedor que não é lícito abusar da vitória, pois paga-se por isso, e indica ao vencido os caminhos do espírito, em cuja liberdade é possível restaurar as próprias forças em face de qualquer escravidão exterior. O primeiro acomete as fronteiras naturais da força; o segundo, nas privações, encontra a liberdade.

O sol voltará a brilhar e a vida florescerá de novo após a tempestade. É lei de equilíbrio. O importante, sobretudo, é aprender a lição. Que cada um guarde, na profundidade do espírito, com o poder de uma convicção, de uma qualidade adquirida, o fruto de tantas provações. Mas que a nova floração da vida não irrompa numa algazarra louca de carne satisfeita, numa orgia de matéria triunfante.

O escopo da guerra e o conteúdo da vitória não se acham no triunfo material, mas sim no triunfo do espírito, numa nova civilização.

Ai de vós, se não houverdes aprendido a dura lição e não mudardes de roteiro. Se, em vez de subirdes pelos caminhos do

espírito, voltardes a palmilhar as velhas estradas, haveis de recair sob as mesmas dolorosas consequências, cada vez mais graves.

A minha voz é universal e se desvia das dissensões humanas. Tem às vezes, no entanto, necessidade de descer. Diz-se, então, com escândalo: Deus é parcial. Mas há uma balança, um reflexo de justiça, uma ordem também na história, e nela devem atuar. A imparcialidade absoluta seria indiferença e ausência de Deus. A justiça e a ordem, que são os princípios do ser, devem descer também à Terra e aí operar, pesando sobre o mal e vencendo-o no choque das forças.

De outro modo, Deus estaria somente no Céu, e não presente e ativo também no mundo, entre vós, no meio das vossas lutas. Estas são guiadas por Ele, a fim de que não se reduzam à absoluta destruição e caos, mas sejam instrumento de construção e de bem. Ele as guia, para que as provas e as dores do mundo redundem num fruto, que é a ascensão de espírito, objetivo de vida.

Deixo-vos, por isso, para conforto dos justos, estas verdades. O vosso esforço — mesmo não podendo ser senão individual e isolado — quando se dirige de modo puro e sincero ao supremo escopo da elevação espiritual, também se encontra na trajetória da vida, sendo, por isso, protegido e encorajado, porque essa é a trajetória ordenada pela lei de Deus. Por essa mesma lei, segundo a qual o universo está construído e tem o seu funcionamento orgânico regulado, as forças do mal, embora todas as dificuldades e resistências, jamais poderão prevalecer sobre as forças do bem.

É fatal, pois, o triunfo final do espírito, e no espírito vencereis.
Essa vitória vale a imensa dor que é o seu preço.

Amplamente já está a ser executado o plano divino da vida.

VII — MENSAGEM DA NOVA ERA

Natal de 1953

No silêncio da noite santa, como te falei pela primeira vez para iniciar a obra, volto a falar-te agora, após tantos anos.

Retorno no meu ritmo decenal, iniciado na Páscoa de 1933 com a “Mensagem aos Homens de Boa Vontade” e a “Mensagem aos Cristãos” e prosseguindo na Páscoa de 1943 com a “Mensagem da Paz”.

Desta vez, dez anos depois, neste 1953, volto a falar-vos, porém no Natal, porque este é dia de nascimento e esta é a mensagem nova; no Natal, como aconteceu em 1931, porque, após todas as outras mensagens pascais, esta é a que conclui a série.

Venho trazer-vos a palavra da esperança, porque, no caos do mundo, estão a despontar as novas e primeiras luzes da alvorada. O tempo caminha, e já entrastes na segunda metade do século, quando se realizará o que foi predito na minha primeira mensagem, no Natal de 1931.

Haveis entrado, assim, na fase de preparação ativa da nova civilização.

Venho falar-vos na hora assinalada pelo ritmo que preside ao desenvolvimento ordenado dos acontecimentos, de acordo com a vontade do Alto.

O trabalho avançou firme e constante nestes vinte anos que estão a terminar, através de tempestades que destruíram nações e modificaram o mapa político do mundo; avançou resistindo a tudo, constante e firme, como sucede com as coisas desejadas pelo Alto. O trabalho prosseguiu, escondido no silêncio, protegido pela sombra da indiferença geral, aparentemente confiado a um homem pobre e sozinho, com mínimos recursos humanos, vencendo apenas com as forças da sinceridade e da verdade, da maneira mais humilde e simples, enquanto as vossas maiores organizações humanas desmoronavam. Hoje o milagre se cumpriu. Esta é para nós a prova de verdade.

Tendes hoje diante dos olhos um sistema completo, que, com um princípio unitário, soluciona todos os problemas e traz resposta a todas as perguntas. Tendes hoje a orientação que vos fornece a chave para explicar os enigmas do universo. Podeis usá-la, desde já, também pessoalmente, para continuar a pesquisa ao infinito no particular analítico. As gerações passarão, contemplando a ciclópica construção de pensamento elevada para o Alto na hora do destino do mundo.

Do vértice da pirâmide uma luz resplandecerá para iluminar o mundo: esta luz se chama Cristo.

As gerações caminharão, caminharão pela interminável estrada do tempo e verão de longe o farol que lhes indica o roteiro. Então o indicarão uns aos outros, dizendo: "Coragem!". Áspera é a dor e longa a estrada da evolução, mas temos um condutor. Do Alto, o Cristo nos olha e nos fala. Não estamos sozinhos. Ele está connosco. A Seus pés, como pedestal, está a pirâmide do conhecimento, feita de pensamento, que é a Sua luz.

À fase mais elementar da fé sucedeu a fase mais avançada do conhecimento, com que se completa o amor. E, com o conhecimento, Cristo retorna à Terra para realizar o Seu Reino, fundado há vinte séculos.

O ritmo das mensagens teve início no Natal de 1931, continuou no Páscoa de 1932 e terminou na Páscoa de 1933 (XIX Centenário da morte de Cristo), só reaparecendo depois em ritmo decenal.

A primeira mensagem apareceu no final de 1931, como o corpo de Cristo foi sepultado na tarde da Sexta-feira Santa. As mensagens continuaram a aparecer em 1932, como o corpo de Cristo continuou a jazer no sepulcro no Sábado Santo. Terminaram com a última mensagem, na Páscoa de 1933, centenário da Sua morte, como o seu corpo ressuscitou na alvorada do 3º dia. Retornaram depois em um ritmo de dez anos e agora completam vinte anos, equivalentes aos vinte séculos transcorridos desde então.

Indico-vos estas harmonias, para vos fazer compreender a sua significação. O meu instrumento as ignorava e não as poderia ter

projetado, pois o Alto não lhe havia dado conhecimento sobre elas. O que é harmónico desce do Alto, o que é dissonante provém de baixo.

Esta mensagem de hoje corresponde ao fim do Segundo Milénio e vos lança nos braços do terceiro, da nova civilização. Isso corresponde ao terceiro dia, na aurora do qual se deu a ressurreição.

Que esta imprevisível concordância de ritmos, esta musicalidade também na forma da génese da obra, constituam para vós uma prova da verdade.

Esta mensagem vos lança nos braços do Terceiro Milénio; por isso ela é a “Mensagem da Nova Era”. O mundo materialista está freneticamente a lutar pela sua autodestruição. O dragão será morto pelo seu próprio veneno.

A vida, que jamais morre, está a preparar-se para substituir o mundo velho pelo novo: o reino do espírito, em cuja realização Cristo triunfará. A humanidade tem esperado dois mil anos pela Boa Nova, mas finalmente chegou a hora da sua realização. A vida utilizar-se-á das tempestades que as forças do mal se preparam para desencadear, a fim de purificar-se. Aproveitar-se-á da destruição, para reconstruir em nível mais alto.

Repito, assim, a palavra da primeira Mensagem do Natal de 1931: “A destruição é necessária (...) Um grande batismo de dor é

necessário, a fim de que a humanidade recupere o equilíbrio, livremente violado; grande mal, condição de um bem maior. Depois disso, a humanidade, purificada, mais leve e mais selecionada, por haver perdido os seus piores elementos, reunir-se-á em torno dos desconhecidos que hoje sofrem e semeiam em silêncio, e retomará, renovada, o caminho da ascensão. Uma nova era começará; o espírito terá o domínio, e não mais a matéria, que será reduzida ao cativeiro (...).”.

Encontrais, assim, as mesmas palavras, tanto no princípio como no fim. Hoje, porém, estais vinte anos mais avançados no tempo, isto é, na maturação dos acontecimentos. Hoje vos encontrais na plenitude dos tempos. Aquela ideia, desenvolvida através das trilogias da obra, encaminha-se para tornar-se realidade.

A luciferiana revolta do ateísmo materialista está para desfechar contra Deus a sua última batalha desesperada pelo triunfo absoluto, supremo esforço que redundará na sua ruína total. E Deus fará ver à humanidade aterrorizada, para o bem dos homens, que somente Ele é o senhor absoluto.

Estais ainda imersos em cerradas neblinas. Mas além delas já brilha o sol que está para despontar e inundar o mundo de luz e calor. A outra margem do novo reino está próxima, e a humanidade prepara-se para nela desembarcar. O novo continente já aparece aos olhos do navegante experimentado, e a humanidade, após a grande viagem de dois milénios, pode gritar — “terra, terra!”.

Por isso, esta se pôde chamar a “Mensagem da Nova Era”, porque não mais vem anunciar a Boa Nova, mas a sua realização.

Assim como tudo, até aqui, cumpriu-se em ritmo inexorável, tudo continuará igualmente a cumprir-se. Com esta segunda mensagem decenal, está coberto o período do Segundo Milénio, encerrando-se o ritmo preparatório do terceiro dia da ressurreição, correspondente ao Terceiro Milénio.

Agora, que vos conduzi até aqui, às portas do novo milénio, com esta mensagem, o ciclo das mensagens está concluído. Esse ciclo precedeu e acompanhou a Obra, que agora continua no hemisfério oposto àquele em que se iniciou, desenvolvendo-se nas praias das novas terras, onde nascerão as novas grandes civilizações do futuro.

A pirâmide aí está. A sua última pedra já foi colocada. Enquanto o mundo caminha sempre mais para o cumprimento, já agora fatal, do seu desejado destino, sobre aquela pedra pousarão os pés e se elevará a figura de Cristo, que, flamejante, iluminará qual farol a estrada dos viandantes em busca de luz, para orientá-los através do longo caminho das ascensões humanas.

Tende fé, tendes certeza. A Nova Era vos aguarda. Na imensa luta, Cristo é o mais forte, e Ele estará convosco e com todos aqueles que nele creem.

PARTE DOIS

Pietro Ubaldi e o Terceiro Milénio
— *Pietro Ubaldi na Itália*

por José Amaral

Prefácio

A quem se deve o progresso científico e tecnológico, filosófico e religioso da humanidade?

Se não fossem os técnicos de todas as áreas do conhecimento humano, desde a informática até o raio laser, altamente sofisticados, estaríamos na idade da pedra. Se não fossem os cientistas, viveríamos sem a evolução da tecnologia, sem as descobertas das vacinas e dos remédios, que impedem o avanço dos micróbios destruidores do ser humano. Se não fosse a presença dos filósofos, jamais teríamos novas verdades e novos conceitos éticos, e estaríamos recuados, evolutivamente, há milénios. Se não fosse a vinda dos religiosos, desde os tempos mais remotos até os nossos dias, ainda estaríamos a adorar o “bezerro de ouro” e a temer o Deus dos trovões, acreditando nas “bruxas” e nos “lobisomens”.

A evolução da Terra se deve a estes seres nobilitantes que desceram a ela, vestiram corpos de carne, iguais aos nossos; caminharam connosco e partiram, alguns tão silenciosos como chegaram, outros, porém, deixaram rastros de luz, capazes de iluminar as sendas dos que ficaram. Graças a eles, ficámos mais evoluídos nos últimos séculos: XVIII, XIX e XX. Um avanço sem precedente na história da humanidade.

Pelo nosso planeta, passou um homem que também se preocupou com a nossa evolução em todos os campos do saber. Esse homem chamou-se Pietro Ubaldi. Viveu entre nós, “comeu o pão que o diabo amassou”, como muitos continuam a comer, para a sua sobrevivência. Passou e deixou com as suas pegadas luminosas um manancial de amor e sabedoria para as gerações do presente e do futuro. Ele foi o portador da Voz de Cristo, com a Sua Mensagem renovadora, em favor da humanidade.

Muitas pessoas têm perguntado: quem foi Pietro Ubaldi? Eis a resposta em PIETRO UBALDI E O TERCEIRO MILÉNIO. Aqui estão entrelaçadas a vida, a Obra e as reencarnações do biografado.

Este livro nasceu das nossas anotações (vinte anos de contato com o apóstolo de Cristo), das cartas escritas por ele, das informações obtidas através dos parentes (irmã e sobrinhos) e amigos (residentes na Itália e no Brasil), do acervo ubaldiano no Museu Pietro Ubaldi, em Campos (RJ), e da bibliografia apresentada no final da obra. O pequenino livro publicado anteriormente, Pietro Ubaldi no Brasil, foi revisto, ampliado e adaptado a este trabalho,

PIETRO UBALDI E O TERCEIRO MILÉNIO. As reencarnações de Pietro Ubaldi, reveladas por ele e por outros médiuns, foram estudadas e comparadas, inclusive a dele com a de Simão Pedro, o Apóstolo.

Para nós foi uma experiência gratificante, porque nos aprofundámos ainda mais na vida do autor de *A Grande Síntese*, tornando possível com isso trazer aos nossos leitores uma história autêntica, que servirá de pesquisa para outras biografias do mensageiro do céu e arauto da nova civilização do espírito. Algumas surpresas vamos ter e muito agradáveis, sobretudo quando nos depararmos com um ser diferente dos demais... Sem dúvida, perguntaremos a nós mesmos: mas isso é verdade? Sim, os factos narrados são as melhores testemunhas de Pietro Ubaldi entre nós, neste século XX — prelúdio do terceiro milénio.

CAPÍTULO 1

Genealogia de Pietro Ubaldi

Quando eu e a minha esposa fomos à Itália, em agosto de 1986, fazer uma pesquisa sobre Pietro Ubaldi e conhecer os lugares em que ele viveu, visitámos a família Maria Ubaldi Paparelli. O seu filho, Germano Ubaldi Paparelli, gentilmente, ofereceu-nos a genealogia do grande místico da Úmbria, desde o século XVIII.

Nessa genealogia fornecida por Germano, vamos usar os nomes de solteiro para todos os personagens. Pietro Alleori Ubaldi era filho de Sante Ubaldi e Lavínia Alleori. Pelo lado paterno, neto de Illuminato Ubaldi e Rita Mancini, casados em 1835; bisneto de Pietro Ubaldi e Santa Ferappi, consorciados em 1800. Pelo lado materno, era neto de Giovanni Batista Alleori e Maria Benedetti Roncalli (condessa), bisneto de Biagio Alleori e Maria Rami.

Os antepassados de Pietro Ubaldi, pelo lado paterno foram famílias de grande projeção em Foligno, mais pelo seu dinamismo, dignidade e honestidade do que pelos recursos económicos e financeiros, porque eram de origem pobre. O mesmo não aconteceu com os antepassados do lado materno, que, além da honradez e do dinamismo peculiar aos italianos, também eram ricos e descendentes de nobres. A avó de Ubaldi, era condessa, plena de muitos dotes, teve apenas dois filhos, um rapaz e uma rapariga:

Augusto Roncalli Alleori, que faleceu ainda jovem, e Lavinia Roncalli Alleori, que se casou com Sante Ubaldi. Desse modo, a genitora de Pietro Ubaldi tornou-se a única herdeira do imenso patrimônio material e do título de nobreza.

O Sr. Giovanni Batista Alleori, esposo da condessa Maria Benedetti Roncalli Alleori, era um homem muito trabalhador; não somente administrou o patrimônio da condessa como procurou ampliá-lo. Adquiriu muitas terras da igreja, que foi obrigada a vendê-las por qualquer preço, para evitar um conflito com o governo italiano. Rica e poderosa, a família Alleori ficou famosa em Foligno. O mundo sempre oferece boas oportunidades àqueles que o amam; de igual modo, Deus também proporciona recursos espirituais a todos os Seus filhos, que se voltam para Ele. A riqueza do primeiro é temporária, passa como um vendaval; a do segundo é duradoura e eterna, porque é a do espírito. Pietro Ubaldi, como neto do casal Alleori Ubaldi, seria um dos seus herdeiros e uma das janelas por onde escaparia parte daqueles bens materiais.

Se, para a sociedade italiana daquela época e dos nossos dias, como acontece com todas as sociedades do mundo inteiro, o importante é ser rico e ter muitos títulos, para Pietro Ubaldi isso nada representava. O seu mundo era outro, ele tinha outra concepção da riqueza e da notoriedade. Conquanto amasse os seus ascendentes — sempre se reportou a eles com muito afeto, carinho e respeito — tinha verdadeiro desprezo pelo patrimônio herdado, que não considerava seu.

“Os seus bens eram hereditários, ou seja, obtidos gratuitamente. Não eram fruto do seu trabalho. A sociedade do seu tempo admitia essa forma de aquisição, que a consciência lhe declarava injusta. Não condenou os outros, mas apressou-se a corrigir-se a si mesmo. A aquisição gratuita de bens por hereditariedade era, “para ele”, para a sua lei moral e pessoal, coisa ilícita, imoral, inadmissível. Cuidava de si e respeitava a lei dos outros. Mas devia viver conscientemente a sua lei.

E esta era não somente a lei instintiva da sua consciência, mas também a Lei do Evangelho. Ouvia a voz longínqua a repetir-lhe:

“Bem-aventurados vós, que sois pobres, porque vosso é o reino de Deus!

Mas, ai de vós, ó ricos, porque já tendes a vossa consolação!”

Ouvia ainda:

“Dá aos que te pedem, e se alguém tirar o que é teu, não demandes com ele.”

E por fim a máxima:

“É mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus.”

Ele preferiu Cristo, mas o mundo o condenou, e a luta começou.”

Não podia deixar de sentir a injustiça originária que está na base de toda acumulação de riqueza, que muito raramente se pode formar apenas com o trabalho, sem ao menos um início de fortuna.

Esta injustiça originária agravava-se com a gratuita transmissão hereditária.

Assim a riqueza, que para muitos representa a felicidade, a maior dádiva do céu, para Pietro Ubaldi, no património herdado, transformou-se num fardo bastante pesado, do qual ele só pôde livrar-se quando não o suportou mais. Conhecia a riqueza do céu e não o atraía a terrena.

CAPÍTULO 2

Pelos Frutos Se Conhece a Árvore

Pietro Ubaldi era o penúltimo dos sete filhos, entre os vivos, do casal Lavinia e Sante Ubaldi.

Sante Ubaldi, homem dinâmico e de bons hábitos, pobre e honrado, tinha um nome a zelar. Filho de Illuminato Ubaldi e Rita Mancini Ubaldi; irmão de Ubaldo, Antero, Feliciano e Margherita. Família composta de seis pessoas que tiveram de lutar bravamente pela sobrevivência. Nesse ambiente de muito trabalho viveu Sante Ubaldi, sem ambicionar coisa alguma, porque os seus pais não dispunham de recursos materiais, nem se preocupavam com isso. Nasceram pobres e assim viveram. Deram aos seus filhos o melhor que puderam: educação, religião, honradez, trabalho e honestidade.

Lavínia Alleori, filha do casal Maria Benedetti e Giovanni Batista Alleori, era a única herdeira do título de Condessa e da riqueza material, deixada pelos pais. Era muito piedosa, mas habituada a uma vida palaciana. Quis o bom Deus que o seu destino e os seus dotes fossem parar nas mãos e no coração de Sante Ubaldi, em 1870, e que deste casal nascesse, entre os seus filhos, o homem que iria provocar uma grande revolução espiritual no mundo.

Desse consórcio, nasceram: Giovanni Batista, Giuseppe, Augusto (falecido aos dois anos), Augusto (novamente), Maria (falecida aos 12 anos), Pietro e Maria (residente em Foligno). A vida mudou para a Senhora Lavínia depois do casamento, porque ela, mulher dinâmica, passou parte da sua vida administrando os bens, juntamente com o esposo.

Ubaldi, continuamente, fazia referência aos seus pais como pessoas boníssimas, amantes da vida e do trabalho. O seu pai gostava de estar sempre junto da família e orar na capela da Imaculada Conceição, no interior do palácio, a sua residência. Dessa maneira, todos os filhos receberam ao lado dos rigores de uma vida palaciana, excelente educação religiosa e cultural, inclusive curso superior. Cultura, religião, trabalho, disciplina amor e riqueza nunca faltaram naquele lar de grande notoriedade, numa cidade tão pequena como Foligno.

A bondade, tão difícil neste planeta, reinava no Palácio Alleori Ubaldi. Era uma bondade sem barulho, sem promoção.

Quando a genitora de Pietro Ubaldi faleceu em 1935, o jornal *A Gazzeta di Foligno*, de 2 de novembro, prestou àquela bondosa senhora uma significativa homenagem, com a publicação da seguinte notícia:

“Na manhã de 28 de outubro, após receber os sacramentos da igreja e uma bênção particular do Sumo Pontífice, passou para uma vida melhor a Senhora Lavínia Alleori Ubaldi, depois de rápida enfermidade, com a idade de 84 anos.

Filha de Giovanni Batista Alleori, que, pelas nossas lembranças, foi administrador correto, íntegro para com as coisas públicas e particulares.

Ela, esposa de Sante Ubaldi, que deixou com a sua passagem as marcas de extrema dedicação, honestidade e justiça, viveu sempre em paz com a sua consciência. Encaminhou os filhos dentro da religião, fazendo crescer em todos eles o culto à virtude e à sabedoria; não descuro das boas qualidades indispensáveis ao lar, nas quais plasmou a sua alma. Que boa ação praticou a Senhora Lavínia, sem propalar aos outros? Era muito piedosa, praticava a beneficência sem se fazer notar. Modesta e silenciosa, fazia o bem com a mão direita, sem que a esquerda soubesse. Raramente o seu nome foi citado como benemérita, mas era comum fazer o bem, doando importâncias significativas aos pobres e necessitados.

Há uma obra de benemerência muito importante ao seu coração bondoso: a Escola Palestina, para os filhos dos mais necessitados, iniciada há cerca de um século, com objetivos filantrópicos.

A Senhora Lavínia e o seu esposo fizeram construir uma belíssima sede, dentro dos melhores padrões didáticos e higiênicos, tornando-se a primeira instituição desta cidade. Centenas de crianças e jovens são fartamente nutridos do pão material, ético e espiritual. É um verdadeiro monumento da caridade cristã. Para esta Senhora, em favor da sua alma, o Santo Padre Pio XI mandou a sua bênção consoladora, acompanhada da cruz pontifícia e eclesiástica. O Sumo Pontífice exaltou ainda a obra santa e corajosa realizada pela saudosa Lavínia Alleori Ubaldi.

Na Catedral, houve um ato solene, dedicado à sua alma, com pequenas orações e músicas do Maestro Perosi, cantadas pelos alunos da Escola Santa Cecília.

Às 16h30, uma multidão acompanhou o longo cortejo fúnebre, ordenadamente, em duas filas. Respeitosamente, os seus funerais

atravessaram toda a cidade dentro de um ritual solene. Monsenhor Faveri, na missa de corpo presente, recordou com admiração a vida benemérita da Senhora Lavínia Ubaldi, mostrando em breves palavras toda a sua bela obra, feita com profundo espírito evangélico, oculta e silenciosamente. Ela prestou benefícios aos desfavorecidos da sorte e ao Instituto Palestino, do qual foi inteligente e laboriosa presidente.

Foligno, sem exaltação e sem bajulação alguma, rendeu significativa homenagem póstuma à Senhora Lavinia Alleori Ubaldi, expressando através do culto religioso a sua profunda gratidão.

À família — filhos, filha, noras, genro e netos — as condolências do nosso jornal”.

Foi nesse ambiente, de exemplos dignificantes, que Pietro Ubaldi viveu a sua infância e juventude. Mais tarde, na sua fase missionária, ele escreveu que o ser humano é produto dos pais, do meio ambiente e das experiências adquiridas (desta e de outras vidas). Ele próprio exerceu um ministério em que o passado foi altamente significativo.

CAPÍTULO 3

Foligno — Cidade Natal de Pietro Ubaldi

Os espíritos elevados não descem à Terra senão em missão, maiores ou menores. Depois que a alma atinge uma posição nobilitante, pode continuar a sua evolução em qualquer parte do universo.

“Na casa do meu Pai, há muitas moradas”.

Se o ambiente terrestre é o mais propício à quitação do débito que o ser tem para com a Lei Divina, se, aqui, este deve realizar a sua missão, para o bem da humanidade, então ele desce, cumpre com o seu dever e retorna em paz consigo mesmo. Além de Cristo, vejamos alguns emissários que desceram à Terra: Moisés, Sócrates, Simão Pedro, Paulo de Tarso, S. Francisco de Assis, Martin Lutero, Blaise Pascal, Allan Kardec, nosso biografado, Francisco Cândido Xavier e tantos outros seareiros no campo da ciência, da filosofia e da religião. Todos eles aproveitaram bem a sua descida a este mundo.

É verdade que essas almas sublimes, distanciadas há séculos da nossa escalada evolutiva, podem e escolhem o ambiente para nascer. Não surgem em qualquer lugar, nem de qualquer maneira.

Nascer é fácil, mas nascer bem é muito difícil. E Pietro Ubaldi escolheu a cidade e o ambiente em que deveria nascer e viver.

Por que nascer em Foligno e no século passado? Foligno, uma cidade pequena e tão velha quanto a Itália, de longas tradições, onde a natureza é exuberante, com muito verde e muita água. Foligno, naquela época, com cerca de 30.000 habitantes, era sustentada essencialmente pela agricultura. Com a unificação da Itália, em 15 de setembro de 1860, a cidade passou a fazer parte do Reino Italiano. Foligno é uma planície a 234 metros do nível do mar, no centro do vale úmbrico, distante 158 km de Roma e apenas 18 km de Assis. Hoje, a indústria faz parte da vida dos folignesses. Pietro Ubaldi viveu naquela cidade e assistiu à passagem do século XIX para o século XX, tendo convivido com aquela geração que fazia de Foligno um dos grandes celeiros italianos. Conheceu as pessoas modestas, operários dos seus pais, gente humilde e trabalhadora. Nasceu no meio da natureza e sabia amá-la profundamente.

Como todas as cidades úmbricas, Foligno (província de Perúgia — capital da Úmbria) tem uma característica especial: a religiosidade do seu povo, impregnada do misticismo de S. Francisco, talvez pela proximidade de Assis. Costuma-se dizer que a aura de S. Francisco atingia 100 km de raio, logo a cidade natal de Ubaldi recebeu os benefícios do Santo, o maior, depois de Cristo, que já passou pela Terra. Foligno tem muitas igrejas, entre elas a famosa Catedral de S. Feliciano, uma das mais bonitas, construída em forma de cruz. Nessa Catedral, Pietro Ubaldi foi batizado, quando chegou a este planeta.

“Um dia senti o meu destino como um feixe de forças convergentes e ascendentes, reencontrando-o na força e musicalidade arquitetónica da catedral gótica. As arcadas, sempre se restringindo mais para o vão da porta, exprimem as linhas de concentração do exterior para o interior. E eu entrara jovem no templo austero da solidão do pensamento. Lá fora, era para mim estridor e sofrimento, já não me sendo mais possível gozar as fáceis alegrias do mundo exterior. Desde jovem me acostumei a respirar aquela atmosfera severa, saturada de conceitos profundos. Os meus olhos aprenderam a ver na mística penumbra e se alentarem das luzes esplendentes do Alto, que convidavam a subir. O meu olhar embalou-se na música harmoniosa das arquiteturas, no sonho diáfano dos místicos vitrais, na doçura das imagens das coisas eternas e santas. Assim, a minha alma se desafeiçoou lentamente da terra, abrindo-se toda à visão de Deus. Assim como no templo gótico, foi também no meu destino uma convergência de linhas de força que me levou acima, ao longo da nave central, até aonde a estrutura do edifício abre os seus braços em forma de cruz”.

Pietro Ubaldi era religioso, desde a sua infância. Gostava de frequentar as igrejas, conversar com os padres, interrogá-los sobre a vida depois da morte. Ele residia a cerca de cinco minutos da Catedral e se tornou muito conhecido dos seus dirigentes, muito embora nunca assumisse papel relevante junto dos sacerdotes. Sentia-se bem naquele ambiente, oposto ao da vida palaciana. Desde menino, os dois mundos, o espiritual que trazia consigo e o material a que deveria adaptar-se, pareceram-lhe conflitantes.

“Mas nem tudo no seu espírito era trágica tristeza. Havia luz também, e quanta luz! Lembrava-se de, quando criança, numa igreja, haver sido tocado certa tarde, mais na vista interior do que nos olhos, por uma luz amiga que fluía do alto, não sabia como. Contou o facto, mas ninguém o compreendeu, e então calou-se”.

Perguntamos nós: quantas visões não tivera o apóstolo de Cristo naquela Catedral, que lhe era tão familiar e quantas delas não ficaram retidas no fundo do seu coração? Contá-las a quem, se fora obrigado a calar-se diante dos pais e das autoridades eclesiásticas? Proibiram-no de falar, mas não puderam impedi-lo de ver e, melhor ainda, de conviver com aquelas visões, verdadeiros sustentáculos da sua vida.

Como vemos, Foligno era, com todos os seus recursos naturais e religiosos, o ambiente propício ao nascimento do arauto da nova civilização do espírito. Por que no século XIX? Vejamos mais adiante.

CAPÍTULO 4

A Chegada de Pietro Ubaldi a este Mundo

Onde estaria o biografado, antes de descer à Terra? Emmanuel, através de Chico Xavier, afirmou:

“Pietro Ubaldi interpreta o pensamento das altas esferas espirituais, de onde ele provém”.

Dessa forma, podemos deduzir que a descida de Ubaldi à Terra foi uma longa viagem, que necessitou de alguns séculos de preparação. Ele jamais poderia desempenhar um papel tão importante para a humanidade, realizar uma tarefa tão grande, sem uma preparação prévia no mundo espiritual. Um embaixador de Cristo não surge por acaso: os pais e o meio foram rigorosamente escolhidos, para que a missão não fracassasse. A maior prova de que a missão foi integralmente cumprida encontra-se na conclusão da sua Obra, prevista e divulgada com 16 anos de antecedência. Assim, Pietro Ubaldi escolheu, além das condições do seu nascimento, também as provas e o seu martírio, resgate do seu débito para com a Lei Divina.

Ele escolheu nascer na cidade de Foligno, centro da Úmbria, no dia 18 de agosto, numa terça-feira, às 21h, horário local. Não nasceu no Palácio Alleori Ubaldi (Rua Antonio Gramsci, 55), mas

sim numa casa modesta (Rua Maurizio Quadro, 6), porque o Palácio estava em obras. Se tivesse nascido em outra ocasião, já que era senhor do seu próprio destino, devido à sua condição evolutiva, teria nascido no próprio Palácio. Porém isso não aconteceu, pois ele deveria seguir, desde o seu nascimento, o exemplo daquele que nasceu em Belém e foi colocado numa manjedoura humilde.

“Ele poderia ser rico e se fez pobre, para que, com a sua pobreza, nós nos enriquecêssemos” — Jesus Cristo.

Terminadas as obras no palácio, Ubaldi foi levado para o conforto e os rigores da vida palaciana. Ainda criança, sentiu que aquele não era o seu ambiente, mas deveria vivê-lo — um menino rico por fora e um franciscano interiormente.

“Ele havia nascido na mística Úmbria, em fins do século XIX, quase à sombra de São Francisco, figura que se agigantou no seu espírito. Penúltimo de numerosa série de filhos, viu-se no mundo como por engano e provocou atenções especiais. Nasceria numa tarde de agosto, na simplicidade de uma modesta casa, num velho bairro de ruas estreitas, enquanto a turma dos irmãos, para dar paz à casa, tinha saído a passear. E assim como nasceu, viveu, longe das vãs complicações da riqueza, livre da escravidão de tantas exigências. Feliz de quem nasce na simplicidade, onde não falta o necessário, mas não se é escravo do supérfluo, onde a vida, que em tudo sempre deseja crescer, partindo do humilde, tem espaço para subir”.

É bom recordar, para maiores esclarecimentos, que Foligno fica a 18 km de Assis e às 21h, no verão italiano, ainda não anoiteceu.

No seu íntimo, a irmã pobreza lhe era mais familiar, apesar do conforto de uma capela no interior do palácio, onde fazia as suas

orações com os pais e os irmãos. Ele contava semanalmente com a presença de um padre de confiança da família, para os demais ofícios sacerdotais.

O Palácio Alleori Ubaldi tem 2.400 metros quadrados e cerca de 80 dependências. Hoje, ainda existem muitos frescos pintados nos tetos e nas paredes dos cômodos mais luxuosos. As pinturas são de Marcelo Leopardi, todas com motivos bíblicos, por solicitação dos proprietários, Lavinia e Sante Ubaldi.

Nascer em terras franciscanas foi o motivo primordial para Ubaldi reviver um passado longínquo, originador de uma vida cristocêntrica. Assim, por fora, era um príncipe e por dentro um plebeu; por fora, um moço rico e por dentro um jovem pobre. Por que ele escolheu uma família tão rica, se podia optar por outra, mais pobre? Por que S. Francisco de Assis escolheu pais abastados, se ele era tão amante da pobreza, uma das três metas da sua vida? As missões dessas duas almas de escol necessitaram de grandes impactos, de enormes testemunhos, que pudessem abalar o mundo, chamar a atenção dos homens para um novo despertar espiritual, com menor ambição pelas coisas materiais, menor ganância pelos tesouros perecíveis e, conseqüentemente, maior interesse pela vida eterna.

Para Ubaldi, a experiência na riqueza foi mais um teste, mais uma prova da qual se saiu muito bem. Essa mesma prova ele já havia escolhido em uma das suas vidas anteriores, em outra situação, mas tinha fracassado, porque ser rico e não fracassar é difícil. A primeira preocupação é não perder a riqueza e a segunda

é multiplicá-la sempre mais, não sabendo que um dia ela vai desaparecer nas mãos de terceiros. A riqueza de Lavinia e Sante Ubaldi já não existe mais. No dia 30 de agosto de 1986, foi comemorado o Centenário de Nascimento de Pietro Ubaldi naquele palácio, com uma brilhante palestra do Professor Ariston Santana Teles (residente em Sobradinho, DF — Brasil), em presença de autoridades civis e eclesiásticas de Foligno. Como esse Palácio pertence a Giuseppe Ubaldi, este, porque não teve filhos, deixou-o para a igreja.

Nascer rico e numa região franciscana foi mais do que importante para Pietro Ubaldi, foi indispensável à sua vida apostolar. Superar a dura prova da riqueza foi uma conquista espiritual e uma vitoriosa experiência evangélica. Hoje, o mundo pode referir-se ao discípulo, repetindo as palavras dirigidas ao Mestre: Pietro Ubaldi era rico e se fez pobre, para que com a sua pobreza nós nos enriquecêssemos.

CAPÍTULO 5

O Menino Cresce

Pietro nasceu numa casa singela, com a simplicidade dos grandes, mas foi viver num palácio cercado dos cuidados e das mordomias que aquele ambiente lhe facultava. A Senhora Lavínia deu-lhe todas as atenções de que uma criança necessita. A sua cooperação junto ao marido, para gerir a riqueza colocada nas mãos do casal, não a impediu de proporcionar uma educação esmerada para o filho Pietro e os seus irmãos.

Ele já nasceu introvertido, mergulhado em si mesmo. Instintivamente, sentiu que esse não era o seu mundo. Não dava preocupações aos seus pais, porque fora sempre um menino quieto; não brincava com as outras crianças nem fazia traquinagens, porque não sentia prazer nisso. Espiritualmente, ele era um menino prodígio, mas, aparentemente, um rapaz comum, sem problema. Quem o visse talvez dissesse: eis ali um filho de ricos, que não dá valor à riqueza dos seus pais; eis um inocente que caminha pelo mundo afora. Ele tinha, desde pequenino, maior interesse pelas coisas do espírito do que pelas da matéria. A religião era o seu objetivo. Ele tinha atração pelas igrejas e não pelas festas mundanas.

O contato com os pobres agradava-lhe bastante, mas não era fácil de manter, porque havia uma barreira muito grande, dividindo as duas classes sociais: ricos e pobres. Esse foi o seu primeiro impacto. Por que ricos de um lado e pobres do outro? Por instinto, sabia que todos eram filhos do mesmo Deus. Raramente tinha contato com os filhos dos operários dos seus pais, que, apesar de bons senhores, conservavam relativa distância entre os seus filhos e os dos seus servos.

“Para esse recém-nato, o mundo apareceu como trevas, em que a centelha espiritual, concentrada no eu, deve, por si, desabrochar. A infância se lhe mostrava incerta e temerária; cada hora, cada passo, era uma conquista. Indagar, explorar, experimentar, é o seu desejo e a sua tarefa. Aprende a caminhar, porque, material e moralmente, caminhará toda a vida. Mas sabe chorar desde que veio à luz, porque a dor já o tomou nas suas garras e não o largará mais. Vem depois a educação a que a criança é submetida, à qual ela se adapta ou reage, segundo os casos. Intervêm depois as forças externas, as exigências dos outros seres, as imposições da convivência social, os freios morais do dever e da virtude, que se sobrepõem ao instinto.

A sua meninice foi, exteriormente, insignificante. Nada de notável, de particular, que a distinguisse das demais. Enquanto ele sofria, suportava o ambiente, mas tudo observava. Sob a aparência de uma meninice insignificante, de menino dócil, obediente, estudioso, ocultava o complexo trabalho e um eu que não se cansava na procura de si mesmo. Se exteriormente aparentava uma personalidade comum, simples e vulgar — aquela que os outros viam e continuariam a ver, quase todos, durante a sua vida — ele sentia revelar-se vagamente no seu íntimo e avidamente buscava, movido por um profundo instinto, uma segunda personalidade, com uma segunda vida, tão mais vasta, bela e profunda, que lhe parecia quase não pertencer à Terra”.

Dentro dessa introspecção vivia o menino Pietro. Antes mesmo de chegar à idade escolar, a sua mãe, satisfazendo o desejo dele,

matriculou-o no curso de alfabetização aos cinco anos. Frequentar a escola significava entrar em contato com outras crianças, filhos de outras pessoas, ricos e pobres. Aqui, iniciou-se a primeira fase da sua vida, onde todos se igualam, pelo próprio ambiente. Todos usam o mesmo uniforme e vão enfrentar os mesmos problemas, resolvendo-os de acordo com a capacidade de cada um. A partir deste momento, a sua preparação espiritual antes de reencarnar-se começou a influir na sua personalidade. Constantemente, ele dá um mergulho em si mesmo, trazendo à tona o passado e o porvir, o jovem que ele deverá ser e o futuro que o espera.

Nessa fase de criança ainda tão frágil, os acontecimentos brotavam inesperadamente, mais por instinto do que por raciocínio. É o desabrochamento do homem velho, que não se satisfaz com as exigências deste mundo. Aquele menino, que frequentava a mesma escola, a 100 metros do “seu palácio”, situada na praça XX de Setembro, e sentava-se nos mesmos bancos dos seus colegas, trazia dentro de si outro mundo, oposto àquele observado por todos. Estudar era bem mais fácil do que harmonizar as duas vidas: a sua (interior) com aquela que lhe era imposta (exterior). Diariamente, vestia o seu uniforme, apanhava a sua pasta e caminhava até à porta do Liceu Clássico de Foligno. Era quieto em sala de aula, não brincava nem conversava com os seus colegas durante as aulas. Os conflitos íntimos ele os enfrentava, procurando resolvê-los da melhor forma possível, sem ajuda de ninguém. Não fazia outra coisa senão estudar o bastante para ser promovido, e lia os livros próprios para adolescentes. O pequeno Pietro crescia diante de Deus e dos homens,

“entretanto, já desde criança, começara a explorar as possibilidades sensoriais e percetivas do seu organismo físico, como um condutor que experimenta a máquina para a viagem e a observa como simples instrumento de ação, sentindo-se bem distinto dela. Havia nele uma diferente concepção e sensação fundamental do ser, que se cansava ao adaptar-se ao ambiente terrestre e às suas limitações. O seu verdadeiro elemento conceptual não era o limite, mas a eternidade do tempo e o infinito do espaço. Agitava-se ainda na sua alma um anseio de incôndita liberdade, e a existência num corpo físico lhe parecia insuportável prisão”.

O adolescente Ubaldi terminou o curso primário e preparou-se para prosseguir no curso secundário. Era preciso caminhar, avançar, subir, elevar-se, e ele estava pronto para mais uma etapa.

CAPÍTULO 6

Pietro na Escola Secundária

Chegou a hora daquele jovem mudar de curso, de escola e de cidade. Deixar Foligno, alguns amigos, o seu quarto no Palácio Alleori Ubaldi e, mais do que tudo isso, a sua verde e mística Úmbria, que aprendera a amar em profundidade. Assis, Espelho, Espoleto, Gúbio ficariam mais distantes para ele, mas Cristo e S. Francisco continuavam vivos na sua memória, tanto quanto aqueles lugares franciscanos de tão gratas recordações.

Ele havia terminado o primeiro grau, e os pais, zelosos pela educação dos filhos, a qual foi posta acima dos interesses materiais, preocuparam-se para que fosse a mais primorosa possível. Como tinham recursos, foram residir em Roma, em companhia deles, e os matricularam no melhor colégio da capital, uma grande metrópole, onde a fraternidade é mais difícil. Quando os filhos mais velhos concluíram o curso universitário, os seus pais mudaram-se para Spoleto. Pietro Ubaldi vai fazer parte, agora, de uma comunidade escolar em que a maioria se desinteressa por ele, assim como pelos estudos. Para o jovem recém-chegado, era mais uma subida na sua ascensão cultural. Mais tarde, ele mesmo vai escrever:

“para alcançar planos mais elevados, alçar voos mais altos, necessitamos de duas asas: a da sabedoria e a do coração”.

Ele é um estudante sem ambição aos primeiros lugares, muito embora não tivesse dificuldades para entender e apreender as lições ministradas pelos seus professores. Continuava tímido, introvertido, preocupado mais com os problemas ligados ao mundo espiritual do que com os da escola.

Os pais, quando ouviram dele, ainda criança, as narrativas das suas visões, imaginaram que o seu filho fosse um alucinado. Os padres e os seus confessores não tiveram atitudes diferentes. Isso o tornou ainda mais introspetivo. No íntimo, a sua consciência lhe dizia que ficasse tranquilo e continuasse na sua vida normal. No fundo, ele, que tudo observava, via a diferença entre os dois biótipos, mas permanecia fiel a si mesmo. Sempre que podia, procurava satisfazer as exigências do meio em que vivia: em casa, na escola e fora dela. Quando os seus genitores constataram que o seu filho era perfeitamente normal, procuraram dar-lhe melhor atenção. Pietro, o último varão e o penúltimo filho da família, tinha alguma coisa dentro de si que não deixava transparecer. Enquanto os seus irmãos pediam tudo aos seus pais, enquadrando-se facilmente na vida palaciana e metropolitana, ele preferia o estudo e a leitura dos bons livros. Na escola acontecia o mesmo, o jovem Pietro vivia isolado, não era comunicativo nem perguntava — aprendia sem esforço.

Que fazer com esse jovem, se gozava de boa saúde? Ofereceram-lhe aulas de piano, as quais muito lhe agradaram, e ele assimilou, com facilidade Beethoven, Bach, Wagner, Schubert e tantos outros. Formou-se em música. Gostava de línguas, e a sua professora de literatura italiana, certa vez, disse-lhe que um dia ele

seria escritor. Mas à medida que os anos se passavam, mais desabrochava nele uma forte personalidade. Assim, a puberdade foi enfrentada com tranquilidade. Os desejos naturais, próprios dos seres biologicamente normais, exigiam as suas satisfações, mas ele os dominou. O passado ressurgiu, e os conflitos foram muitos; gozar a vida, o que lhe seria fácil, ou dominar os instintos sexuais? Optou por um autocontrole e saiu vencedor.

“Desde criança não me identifiquei com o meu corpo físico, que sempre explorei como veículo da minha viagem”.

Mais uma vez os seus pais não o compreenderam... Agora são outros tipos de cuidados, não menos preocupantes, sobretudo porque eles viviam felizes com a riqueza e com a vida conjugal. Todas as tentativas foram feitas para tornar aquele jovem feliz, com a felicidade deste mundo. Ele não exigia coisa alguma, não reclamava, não discutia, pelo contrário, era dócil, tinha verdadeiro espírito de aceitação.

Havia captado em profundidade o conceito de evolução. Começou a pesquisar e sentiu que essa palavra mágica tinha mais importância do que Charles Darwin lhe havia atribuído no seu livro *A Origem das Espécies por Via da Seleção Natural*, publicado em 1859.

“A minha primeira revelação interior foi-me feita ao ouvir o meu professor de ciências, no Liceu, proferir a palavra 'Evolução'. O meu espírito teve um sobressalto; brotara ao vivo uma centelha, sentira uma ideia central. Tornei-me prontamente estudioso de Darwin, mas só para completar o seu pensamento”.

Pietro aproveitou-se desse período escolar, para aprender o necessário e conhecer mais de perto o mundo que ele teria de enfrentar sozinho. Por enquanto vivia escorado pelos pais e, religiosamente, pelos sacerdotes.

O adolescente Ubaldi, espiritualmente maduro, penetrou nas profundezas da sua alma e recordou, embora sem muita certeza, do seu compromisso antes de nascer. As religiões e as filosofias lhe interessaram muitíssimo. A sua trajetória começava a delinear-se. O Mundo Maior ainda mais se “agigantava” no seu espírito.

“A juventude representou um período de lenta e tranquila preparação. As provas, devendo ser graves, esperavam que ele se formasse; devendo ser íntimas e complexas, exigiam, como necessária premissa, uma profunda maturação. Ninguém, de fora, suspeitava do germe que se elaborava naquela juventude, aparentemente tranquila e insignificante. Aquele destino complexo, não podendo revelar-se senão no homem maduro, aguardava, no seu lógico desenvolvimento, que ele se apoderasse do sentido mais profundo da vida. Ele, enquanto isso, andava a procurá-lo.

Assim passou a sua juventude, estudando na escola, como tantos outros. Vida cinzenta, uniforme. A escola, sendo convivência, foi para ele um estudo de adaptação à vida humana. Observou tudo que os professores exigiam dele, as condições que lhe propunham para conceder-lhe a compensação procurada: passar nos exames. E deu à escola aquilo que ela pedia, como se dá a Deus o que é de Deus e a César o que é de César”.

Dessa maneira, Pietro Ubaldi, desde jovem, começou a enfrentar as adversidades do mundo, porque era diferente dos demais seres, seus irmãos.

CAPÍTULO 7

Ubaldi no Curso Universitário

Terminado o curso ginásial em Roma e o Liceu em Spoleto, chegou o momento de entrar para a Universidade. Onde estudar? Que curso fazer? Os custeios não constituíam problema, porque os seus pais eram abastados. O seu interesse pelo curso superior não era grande — a vida começara a ser a melhor escola do mundo. Veio a decisão paterna: Pietro vai estudar Direito, vai ser um jurisconsulto. Quem sabe, um advogado famoso ou um grande administrador... Ele vai estudar na melhor universidade italiana: a Universidade de Roma. Ubaldi aceitou a escolha dos pais (sem discutir), fez o exame de admissão e foi aprovado. O verbo obedecer, ele sabia conjugar com muita habilidade e o fez com prazer. Seria mais uma experiência na vida. Se lhe fosse dado o direito de escolha da profissão, teria escolhido medicina.

Os irmãos mais velhos de Pietro terminaram o curso superior, e os seus pais tiveram de regressar a Foligno, para administrar os bens que estavam em mãos de terceiros. O jovem universitário permaneceu em Roma, na residência de um dos seus tios. Estava sem a tutela do casal Lavínia e Sante Ubaldi. Tinha uma vida mais livre e podia fazer o que bem entendesse, podendo gastar toda a mesada recebida e até criar novas despesas. As oportunidades foram muitas, ele, porém, preferiu continuar ligado àqueles dois

maiores personagens da história da humanidade: Cristo e S. Francisco de Assis. Sempre mergulhado nas profundezas do seu eu, começou a perceber a vontade de Deus e ler o Seu pensamento na vida e na história.

As portas foram-lhe abertas, mas ele permaneceu do lado de fora; sabia, por recordações indeléveis, que penetrar nos prazeres do mundo ia custar-lhe muito caro, não financeiramente, mas para a sua alma, porque havia assumido outros compromissos com a Lei Divina.

Começou a frequentar a Faculdade de Direito e, novamente, mais uma decepção, porque também ali os professores tinham pouquíssimo para lhe dar. Desinteressou-se pelo curso e estudou somente o necessário para ser promovido. Aproveitou o tempo para completar os estudos de música e aprender línguas. Falava fluentemente francês, inglês e alemão. Buscava a cultura fora da universidade, por conta própria.

Roma não lhe proporcionava aquele misticismo e religiosidade a que estava habituado na sua cidade natal, mas dava-lhe novas experiências. Entre os seus colegas, poucos pertenciam à classe pobre, porque aquela universidade era elitizada. Ali também, a camaradagem entre colegas era mínima. Ninguém se preocupava com ele e isso lhe agradava bastante. Os professores não lhe perguntavam se tinha dúvidas. Mas que importância havia, se dispunha de recursos próprios e sabia vencer sozinho! Era um excêntrico no centro de Roma. Era um rapaz que não queria brilhar, porque o maior brilho ele já o possuía em si mesmo. Não

ambicionava glória terrestre, porque já trazia consigo a do céu. Tornava-se senhor desta vida e se descortinava ante os seus olhos a do além.

Aproveitou-se das férias na Faculdade e viajou por toda a Europa; conheceu e conviveu com outros povos. Interessou-se particularmente por Versailles. Ali, reconheceu ter caído espiritualmente. Sentiu horror, náusea daquela riqueza sem precedente na história da humanidade. Aquele passado de glória terrestre e de grandeza material, ele reviveu na sua mente e teve pavor.

“Havia cometido, por certo, uma queda, que agora, fatalmente, reclamava justiça e expiação. Em Versailles, certamente alguma coisa o prendia, atraía-o, como um canto enganador de sereia, como os tentáculos viscosos de um polvo, molemente atraindo-o para o fundo de um abismo em que se encontra a morte”.

Quanto mais ele se recordava das suas vidas anteriores, maior era a sua firmeza em outro plano existencial, inalcançável pela maioria dos homens.

Esse período universitário não foi vivido em vão. Além de obter um diploma de curso superior e de tornar-se poliglota, conheceu mais de perto os homens, que o fizeram mais amadurecido. Sentiu que um poder mais alto se encontrava atrás de si, que o guiava e o orientava, sem que ele soubesse como e por que o fazia. Ele era, ao mesmo tempo, obediente aos seus pais e à Lei Divina. Nasceu para obedecer e servir.

Terminado o curso de Direito, em 1910, foi-lhe dada a liberdade de escolher o tema para a sua tese de doutoramento. A primeira liberdade na sua vida, até aquela data, para escolher alguma coisa do seu agrado. Ele não pensou duas vezes: A Expansão Colonial e Comercial da Itália para o Brasil. Foi uma tese longa, com mais de duzentas páginas. O júri examinador ficou estupefacto, porque não esperava daquele jovem, aparentemente pacato, a abordagem de um assunto tão profundo e com tanta propriedade. Os jornais deram destaque à tese, e a editora Ermano Loescher & Cia publicou-a em um compêndio com 266 páginas, no ano seguinte. O nome Pietro Ubaldi foi projetado no cenário nacional. Ele tinha o talento de escritor, como havia previsto a sua professora de italiano.

Como prémio, os seus pais ofereceram-lhe uma viagem de seis meses aos Estados Unidos da América do Norte. Ele aceitou-a e foi conhecer aquele grande país. Foi outra experiência, agora diferente das demais. Praticou a língua inglesa e conviveu com outras pessoas, que usavam outros hábitos.

“Somente lhe encheram de admiração as belezas naturais. Todo o restante: a linguagem, os costumes, a maneira de vestir-se eram uniformizados, de um oceano a outro”.

A preocupação da Senhora Lavinia e do seu esposo continuou: como fazer feliz aquele jovem, que vivia tão mergulhado em si mesmo.

CAPÍTULO 8

Fim do Primeiro Período de Vinte Anos

A vida de Pietro Ubaldi foi cíclica, como cíclico também é o aniversário da sua desencarnação. Faleceu num ano bissexto, em 29 de fevereiro de 1972, às 0h30. Aos 25 anos, terminou o primeiro ciclo da sua vida terrena, iniciado aos cinco anos de idade.

Retornou dos Estados Unidos em 1911, sem encantamento algum. Deslumbrado apenas com a natureza, que existe, também, em abundância na própria Europa. O mundo é belo, Deus o criou assim; mas às vezes torna-se tétrico e terrível, pelos horrores das guerras e das lutas fratricidas, pelos desastres e por certos desequilíbrios da natureza, porque o homem, no seu processo evolutivo, ainda se encontra muito distante de Deus e a humanidade continua devedora, necessitando de certas corrigendas. Diz-nos *A Grande Síntese*:

“O mundo é um inferno, porque vós sois demónios, transformai-vos em anjos e ele se tornará um paraíso”.

O nosso universo tem belezas incríveis: uma noite enluarada ou coberta por estrelas reluzentes, um amanhecer, um pôr de sol, um campo verdejante, uma praia “infinita” diante do mar “infinito”, as montanhas vestidas de verde, os picos exuberantes querendo

alcançar o céu, os vales, um pantanal com o seu equilíbrio ecológico, os rios caudalosos, as cataratas majestosas, a chuva, o sol, as florestas e tantas outras belezas naturais que fazem recordar a grandeza e o poder do nosso Criador. Para o recém-formado, a natureza o deslumbrou, porque, também nela, sentiu Deus com a sua imensa vontade criadora. Quanto ao restante, nada de novo, nem atraente para si.

Chegou da viagem e mostrou as fotografias — ele era um excelente fotógrafo, arte que havia aprendido no tempo de estudante, tendo nela recebido muitos prêmios em concursos públicos. Descreveu os lugares por onde andou, os costumes do povo norte-americano, a facilidade de comunicar-se através do inglês etc. Observou o domínio americano no mundo, pelo dólar; tudo relatou para os seus pais e seus irmãos. Todos ficaram encantados! Ir à terra do Tio Sam e por um período tão longo, não era fácil, porque carecia, sobretudo, do manejo da língua inglesa. Para cada um, ele trouxe uma pequenina lembrança.

Descansou alguns dias e foi rever aquelas cidades, para voltar a pisar novamente aqueles solos que o faziam lembrar o grande “poverello” de Assis. Recordar S. Francisco, era reviver em si próprio a presença do cordeiro de Deus, que passou pela Terra há XX séculos. Aquelas recordações pareciam-lhe um sonho, um sonho inacabado. Sonhar é bom, mas a vida exige que se desperte e se trabalhe para o bem do próximo. Os dias passavam rapidamente, e o nosso Pietro nunca poderia imaginar que eles representavam apenas um curto descanso, um refazimento de energias perdidas, para o início de um novo período de 20 anos. Era ainda muito novo

para conhecer, antecipadamente, todos os mistérios de Deus. Muito depois, ele mesmo vai concluir que a vida é cheia de surpresas, umas agradáveis e outras não. Quando o ser começa a compreendê-la, evoluindo através das suas próprias experiências, já se encontra próximo do seu retorno à pátria espiritual.

Enquanto o jovem Pietro estava a viajar, os seus pais planeavam a felicidade que poderiam proporcionar ao seu filho. Os outros já eram emancipados, sabiam conjugar os verbos pedir e querer, e sempre na primeira pessoa do singular. A filha mais nova da família, Maria, bela e amada pelos irmãos, era uma jovem solteira, à espera do “príncipe encantado”, para pedir a sua mão em casamento. Os seus pais eram cheios de bondade e queriam fazer do mais novo dos rapazes uma pessoa feliz a qualquer preço. Sentiam-se responsáveis pelo seu nascimento no mundo. E, na verdade, os progenitores têm responsabilidade para com os filhos. Difícil é mudar os destinos deles, mas podem exercer influência, tanto para o bem quanto para o mal. Depois de refletirem bastante, decidiram que a melhor felicidade para o jovem advogado, era arranjar um bom casamento, porque não ficava bem um homem continuar solteiro, e o filho querido era tímido demais para dirigir-se a alguém com uma proposta matrimonial. Se assim pensaram, fizeram bem...

Eles eram ricos, e o seu filho não podia casar-se com uma jovem pobre, filha de operários. Naquela época, quem não era rico, geralmente era escravo dos ricos. Seria um absurdo, o filho de um nobre casar-se com uma plebeia. Por outro lado, o pai sofria na pele essa discriminação — a Senhora Lavínia recebia melhor tratamento, por ser rica e filha de condessa. Qualquer posição assumida por ela

era superior à do marido, pobre e filho de plebeu, que se adaptou a isso, deixando que ela fosse a primeira no lar e na sociedade. Isso acontecia não por exigência da Senhora Lavínia, mas porque esse era o comportamento social da época.

No inverno de 1912, enquanto a vida continuava o seu curso normal, eles chamaram Pietro para uma conversa particular e mostraram-lhe que um homem tinha a necessidade de se casar, de construir um lar e que a sua felicidade (o filho nunca havia dito que era infeliz) estava no casamento. E para convencê-lo, citaram como exemplo eles próprios, que tinham muito a oferecer nesse campo, porque eram felizes. Pietro recebeu a ideia com simpatia e reserva ao mesmo tempo. Os pais eram dignos de todo respeito, e as suas decisões foram sempre acatadas. O pai, então, apresentou o plano elaborado: iria procurar uma jovem rica, e o seu filho receberia outra fortuna equivalente, no enlace matrimonial. Assim, o ilustre advogado não precisava trabalhar, bastando apenas administrar o património recebido. Pietro ganharia dos pais bens materiais em forma de propriedades agrícolas, para que pudesse auferir grandes lucros. Ubaldi relutou um pouco, mas, como nunca tivera diálogo franco com a família, diante da insistência paterna, aceitou a proposta, embora sabendo que trocava o verbo obedecer pelo dever. Poucos anos mais tarde, ele mesmo afirmou:

“na vida só tive deveres, e como todo dever é pesado, carreguei este peso pela vida inteira, e carregá-lo-ei até à morte”.

Além disso, percebeu que os seus pais estavam a ser instrumentos da Lei.

O seu pai saiu em campo, procurando realizar o seu intento, e não foi muito difícil encontrar a jovem ideal. Encontrou-a num convento, órfã, bonita, conhecedora de prendas domésticas, rica e única herdeira, à espera de um bom casamento. A proposta foi feita àquela donzela, que ficou feliz com a ideia, sobretudo, porque o proponente oferecia um jovem advogado, rico e bonito. As duas riquezas seriam iguais. Essa jovem era de Matélica (Província de Mache) e chamava-se Maria Antonieta Solfanelli. Ela foi apresentada ao Dr. Pietro Ubaldi, e, depois de alguns meses de contato, o casamento foi marcado para o dia 5 de agosto de 1912. Sem dúvida, esse matrimónio estava no seu destino, ele devia acontecer daquela forma e com aquela jovem.

CAPÍTULO 9

O Início do Getsémani de Pietro Ubaldi

O casamento aconteceu numa igreja de Roma, S. Diovísio, com todas as pompas de duas famílias ricas. Naquele altar, estavam a casar-se não somente Maria Antonieta Solfanelli com Pietro Alleori Ubaldi, mas também duas riquezas se uniam — doze propriedades, seis de cada um dos nubentes — sob as bênçãos das leis sociais vigentes e do Papa Pio X, que recebeu os nubentes em audiência particular. A festa foi no Hotel Génova. Na opinião do Sr. Sante Ubaldi, Pietro não poderia levar para a sua vida conjugal dotes materiais inferiores aos da sua noiva. O noivado foi curto, sem maiores esclarecimentos, a não ser as informações indispensáveis. Consolidado o enlace matrimonial, a Senhora Maria Antonieta Solfanelli Ubaldi parte com o seu esposo para a lua de mel, no sul da França.

Nos primeiros anos, a vida do casal foi cheia de encantamentos. Eles tinham uma fortuna enorme que, se bem administrada, poderia beneficiar os seus descendentes durante várias gerações. Mas, na verdade, a gestão de tamanha fortuna recaía sobre o chefe da família, que não tinha vocação para essa responsabilidade.

Ela, por sua vez, não tinha o menor pendor para os negócios. Dirigir propriedades significa vender o que produzem, comprar o

que necessitam, resolver problemas de empregados e fazer circular o vil metal. Em vez disso, ela gostava da vida doméstica: cozinhar, manter a casa bonita e bem arrumada. Adorava a vida palaciana, cercada de muitos criados, que lhe servissem a contento. Como rainha, ela teria desempenhado um excelente papel. Ele, um sonhador, não sabia administrar e muito menos negociar. Além disso, não sabia mandar, verbo indispensável a quem assume cargo de direção. Para surpresa da Senhora Antonieta, o Dr. Pietro era desprovido de qualquer interesse por tudo o que fosse ligado à matéria, só lhe interessando as coisas do espírito. Mesmo depois de conhecer todas as propriedades, ele não manifestava nenhuma queda pela administração daqueles bens. Humanamente, é inadmissível que um homem receba uma herança com tanta riqueza e não procure uma solução para conservá-la e até multiplicá-la, como outrora fizeram os seus ancestrais. Só existe uma explicação para o desinteresse daquele homem: ser um predestinado a outra função no mundo, seguindo a sua própria trajetória e abandonando todas as demais, fora da sua meta. Tudo isso devendo ser feito pela lei natural dos acontecimentos, porque naquela época ainda era cedo para desvendar o seu futuro misterioso.

Assim, ele

“não pedia à vida mais do que paz e de paz necessitava, no anseio de resolver o problema do conhecimento universal e particular. Ei-lo, jovem, com dois patrimônios sobre os ombros, posição cobiçadíssima para qualquer um, mas criadora de grandes responsabilidades. Não tinha sede de riquezas, não tinha ambições. Enquanto procurava resolver o significado do seu destino, a luta baixa e banal da vida material cercava-o, exigia toda a sua atenção, pedia toda a sua atividade, esmagando-o de responsabilidades, tomando-lhe o tempo, a

tranquilidade, a liberdade de espírito, absorvendo-lhe aquelas faculdades em cujo exercício estava, para ele, a vida. Mas naquele espírito havia uma força que, quanto mais era comprimida, mais energicamente era impulsionada a reagir. Ávido de bondade, sujeitou-se assim a contatos humanos que o nausearam até ao horror. E por primeira experiência teve de estudar o homem na face turva de Judas. Ao invés da doçura de uma descuidada alegria, teve de beber o mais amargo fel do espírito humano.”

“O seu destino apresenta-se como caso típico de provas ao revés. Era rico de qualidades espirituais, ansiando por exercitá-las e desenvolvê-las, porque nelas estava a sua vida, mas via-se na posse dos mais preciosos dons materiais, os mais cobiçados pela média humana, os menos desejáveis para ele, os quais se transformavam assim numa condenação. Devia, exteriormente, parecer afortunado e sofrer a inveja dos outros. Dizia a si mesmo: sou como uma planta que, se quiser viver, deve viver ao contrário, com as folhas enterradas e as raízes para cima. Da riqueza, não sentiu senão o peso, a responsabilidade, a escravidão, os perigos. Ávido de outras conquistas, para logo a maldizer. Buscava os ricos dotes do espírito, a inteligência, a bondade, a retidão, a sinceridade, e foi levado pela riqueza ao contato com a mais fétida imundície do espírito; teve a sensação de morrer sufocado numa esterqueira. Nasceu nele a náusea, depois uma repugnância invencível por aquele género dos seus semelhantes, ódio pela riqueza que os atraía. Nesse ponto, aquilo que era considerado fortuna pelos outros não o era por ele, que buscava outro tipo de fortuna, no sentido espiritual. A opressão da prova excita a sua reação, em que ele se revela a si mesmo. Amava os espíritos nobres, desinteressados. A riqueza, ao contrário, atraía para ele as almas mais baixas e ávidas. Então, para fugir à sufocação do fedor espiritual que delas emanava, desponta nele o pensamento de se libertar da causa que as atraía: a riqueza. Inicia-se gradativamente a realização prática do programa evangélico, a espinha dorsal da sua ascensão espiritual, por cujo motivo tinha nascido e para o qual queria viver”.

Esse foi mais um teste para Pietro Ubaldi: a fortuna. Nos outros testes: a vida palaciana, o ambiente escolar, o meio universitário com as suas facilidades pecaminosas, as grandes viagens etc., ele

fora aprovado. Com isso, estava a ser burilado para a missão a ser realizada no mundo. E, para uma tarefa gigantesca, somente um espírito gigante é capaz de realizá-la.

CAPÍTULO 10

O Evangelho é a Maior Meta

À semelhança de Joana D'Arc, quando as vozes a abandonaram por algum tempo, para testar a sua fortaleza espiritual, o nosso biografado também se encontrou sozinho, para decidir o seu próprio destino. Cristo afastou-se, e o seu discípulo vai assumir total responsabilidade pelas imperiosas decisões da sua vida.

Como fruto do seu casamento, nasceram Francesco (1913), Vincenzina (1917), que faleceu aos dois anos, e Agnese (1919). Os deveres e as responsabilidades avolumaram-se num emaranhado de vãs complicações terrenas. Riqueza demais, tudo exagerado. De vez em quando, retorna ao seu passado, desta e de outras vidas, e leva uma sacudidela da sua real função no mundo. Ele que detestava dinheiro, estava por este envolvido. Pensou em ajudar os pobres, ser bom para os seus empregados, mas a esposa não concordou:

“não podemos doar o que não é nosso, porque os nossos bens pertencem aos nossos filhos”,

e a consciência dizia-lhe que ela tinha razão. Nada havia feito para receber aquela fortuna. Estava, portanto, jungido, amarrado, acorrentado à mesquinhez terrena. Começaram os primeiros

conflitos íntimos, que se extrapolaram. A esposa não o compreendeu, também não estava à altura disso. Os seus pais de igual modo não o compreenderam. Seria demais exigir deles tamanha atitude. A estrutura familiar começou a ficar abalada. Aquele castelo de sonho e fantasia não correspondia à realidade. Finalmente, haviam passado vários anos de tolerância recíproca. Ambos haviam caído no canto da sereia enganadora. Só que ele, acostumado à introspeção interior, tudo observava com os olhos materiais e do espírito. Novas tentativas foram feitas, mas a paz e a tranquilidade ficaram cada vez mais distantes daquele lar, agora constituído de quatro pessoas.

A incompetência do marido em dirigir aqueles bens entrava em choque com os seus deveres em administrá-los. Procuraram uma solução alternativa: contratar um administrador com amplos poderes. Encontraram-no na pessoa de um primo da Senhora Antonieta, Fili (Ettore Sestes — o seu verdadeiro nome). Esse administrador foi aos poucos ficando senhor da situação e penetrando na intimidade da família. Aliás, a sua função era gerir todos os negócios, já que aquele casal de ineptos não reunia condições para tal. À medida que o tempo foi passando, Fili se tornava mais dono, governava, ditava as normas, gastava sem prestar contas, e não era muito honesto. A Senhora Antonieta foi constrangida a aceitar essa situação, porque dos males o menor, já que o seu marido estava um pouco “perturbado” com a vida do outro mundo.

Pietro Ubaldi, voltado para a sua vida espiritual, achou a solução excelente, porque assim ficaria livre da administração dos bens

materiais e poderia voltar-se para a sua finalidade maior: O Evangelho de Cristo. Além disso,

“a sua particular experiência o levava à conclusão de que administrar pode ser sinónimo de roubar. Bastava, então, ser administrado para conseguir de pronto a libertação. Mas, se ele não era um inepto que se deixava destruir por preguiça ou incapacidade, não podia, absolutamente, administrar em benefício do furto. Não poderia ser proprietário, sem se tornar cúmplice responsável. Assim percebeu que a libertação de um património, para atingir a pobreza franciscana, era problema moral e material muito complexo no nosso mundo moderno.”

“Os seus deveres não eram egoístas e utilitários, que permitem fazer bela figura e dão, ao mesmo tempo, bomrendimento. Eram deveres reais, de consciência; deveres estranhos ao mais longínquo interesse, deveres incompreensíveis e, portanto, inadmissíveis. Estes deveres escandalizaram a todos, que desejavam resultados concretos para poderem avaliar. Os espertos do mundo julgaram-no mais esperto do que eles; acreditaram que, para fins de lucro, disfarçava-se em altruísta”.

O administrador começou a dilapidar os bens, e a Senhora Ubaldi apoiava-o, porque sem ele a insegurança era total. O marido não defendia a herança, tinha horror a ela, e a sua intuição lhe dizia que estava no caminho correto. Os parentes próximos tomaram conhecimento dessa nova situação e não concordaram com a posição assumida pelo chefe da casa. Chamaram-no de bobo, idiota, inerte e outras agressividades piores. Para Pietro Ubaldi, alma sensível ao sofrimento, a sua via crucis não era pequena. Julgaram que ele estava doente, levaram-no a um psiquiatra, e o médico nada encontrou que precisasse dos seus cuidados. Ele afeiçoava-se ainda mais ao Evangelho e se voltava para Cristo. Este o ajudava, mas de forma muito subtil, porque o seu discípulo

necessitava de maior e melhor preparo espiritual para enfrentar a tarefa missionária, próxima a desencadear-se.

CAPÍTULO 11

Uma Luta Vitoriosa

Enquanto a Europa estava horrorizada com o sofrimento e o resultado da primeira guerra mundial (1914 — 1918), outra luta, silenciosa, travava-se entre o Evangelho e o mundo. Neste caso, era um homem que se dispunha a viver a Boa Nova, mas as convenções e exigências sociais lhe diziam: não. Para ele, a dor aproximava-se do limite das suas forças. Recebia as mais sórdidas zombarias, por não assumir a defesa dos seus bens perecíveis, mas reconhecia como afirmativa incontestável estas palavras de Jesus:

“ajuntai tesouros nos céus, onde nem a traça nem a ferrugem os consomem, e onde os ladrões não penetram nem roubam”.

Depois de ler, reler e meditar neste ensinamento tão singular, Pietro Ubaldi concluiu que o seu tesouro não estava naqueles bens materiais. Então a luta continuou, sem trégua.

O Evangelho é a sua única meta; está disposto a tudo para experimentá-lo. Cristo e S. Francisco continuavam a crescer na sua concepção, porque a dor o torna mais perto deles. Recorda, lá no fundo da sua alma, a renúncia franciscana. O passado lhe fala mais alto aos ouvidos do que as palavras, que lhe pareceram sempre sem ressonância. Transportou-se em pensamento ao século XII, e a

intuição lhe diz que ele viveu naquela época. Isso o fascina por completo. O sofrimento é recebido com prazer. A dor já se tornou a sua amiga inseparável, era uma daquelas dores de que fala o livro *História de Um Homem*:

“Existem as grandes dores heroicas, que dão direito à gratidão da pátria; as dores excepcionais, ardentes e gritantes, que provocam nos outros admiração e entusiasmo, contendo um sentido de grandeza; as dores afagadas de comiseração, aquecidas pela compreensão do próximo, que despertam um sentido de piedade; as dores para as quais pode-se dar ajuda e conforto, pode-se encontrar alívio nos afetos, na piedade e na bondade dos outros. Essas são as dores de luxo, que têm direito a lágrimas, à compaixão, à consolação.

Há a dor do culpado e a dor do inocente, a dor consciente e nobre do sábio e a dor estúpida do imbecil. Há a dor muda, que passa, e a dor sem esperança e sem remédio, que em vão pede paz à morte. Existem as nossas próprias dores, que sempre nos parecem tão grandes, e as dores alheias, que sempre nos parecem tão pequenas! Existem as dores físicas e as dores morais, as dores grosseiras da matéria e as dores subtis do espírito. Existem dores tão refinadas, que consomem toda a alma por dentro, em silêncio, sem se exteriorizarem, e matam suavemente, sem desgastar o corpo.

Quantas dores diferentes! Mas todas se estampam no corpo e na alma; cada rosto humano é por elas assinalado e as exprime. Entre tantas formas diversas, cada homem tem a sua e avança, arrastando a própria cruz. Entre tantas formas diferentes, todas elas são dores, e nelas sempre se cumpre alguma coisa grandiosa que conduz à redenção. Somente Deus vê todas, pesa-as, julga-as com justiça e lhes dá, no destino de cada um, compensação”.

A do nosso biografado era uma dor que não se encontra no vocabulário humano, maior do que aquela dor

“tão refinada, que consome toda a alma por dentro, em silêncio, sem se exteriorizar”.

Ela vinha do seu interior, lá do fundo do seu espírito, porque ele queria o bem de todos, especialmente daqueles que estavam em redor de si. A felicidade, verdadeira e duradoura, porém, está no céu, e não se pode alcançá-la senão por esforço próprio, por conquista individual.

Ele vai mais fundo e procura nele mesmo a causa da sua própria dor. Num daqueles mergulhos interiores, sente-se culpado e único responsável por tudo o que aconteceu. Isentando todos os demais personagens do drama, assume o peso da responsabilidade e se confessa diante de Cristo:

“Pequei, Senhor. Mea culpa, mea culpa.

Outrora, sorriam em mim, com o Teu sorriso, o céu e a Terra. Agora, tudo se me afigura tétrico, melancólico e deserto; perdi toda luz e toda a ressonância na minha desolação.

Sou desprezível. Sei que Te traí e Te reneguei.

Agora, já não tenho nada para ofertar-Te, a não ser a minha culpa.

Pronto estava o espírito para seguir-Te e ascender contigo. Mas a carne recalcitrante quis volver ao lodo.

Ela me acorrentou em baixo e me venceu. Não tive forças para arrastá-la.

Sobre o coração, experimento o peso imenso do remorso de quem traiu o seu doce amigo.

Ofendo-Te e Tu me acaricias; insulto-Te e Tu me perdoas; abandono-Te e volves a buscar-me.

Toma-me a alma, toma-me a vida. Ela Te pertence até o último respiro”.

Aqui, Ubaldi posiciona-se como o filho pródigo que volta ao lar paterno ou a ovelha perdida que retorna ao seu redil, trazida pelo Bom Pastor, das parábolas contadas por Jesus.

Mas nem tudo estava perdido. Quando verificaram que não havia outra solução para aquele homem, deixaram-no em paz, ainda que aparente. Pietro Ubaldi, no entanto, estava muito interessado em prosseguir na conquista de novos conhecimentos. Conhecia o Fausto de Goethe (havia lido no original — alemão), a Divina Comédia do florentino Dante Alighieri, os génios da música, da literatura, da pintura, da arte da filosofia e tantos outros da sabedoria universal. Agora, porém, estava voltado para novas pesquisas e novos estudos no campo da ciência, da filosofia antiga e contemporânea, da religião e da literatura oriental. A sua sede de saber não lhe permite uma vida ociosa.

CAPÍTULO 12

Voto de Pobreza

Chegou o ano de 1927. Um grande acontecimento vai mudar a trajetória da vida de Pietro Ubaldi: o seu voto de pobreza. Tinha 41 anos e estava suficientemente maduro para tomar uma decisão importante no seu destino. A paixão pelos ideais franciscanos continuava em redor dos seus passos. A dor é um vocábulo que não precisava mais pronunciar, dizia ele: “sou feito de dor”. Dor e Amor misturavam-se e fundiam-se. Havia percorrido um longo caminho, tendo-se aproximado sempre mais de Cristo e S. Francisco. E não era mais momento de tristeza, mas sim de alegria. Via, enxergava, tocava com as mãos e se deslumbrava com o seu próprio destino. É um deslumbramento diferente daquele diante da natureza — ele vai ser útil à humanidade. Vai selar um pacto com o seu Mestre e não sabia como, quando nem onde. Era preciso aproveitar o tempo que lhe restava e preparar-se ainda mais... Antevê com perfeita nitidez os dois verbos mais importantes da sua vida: obedecer e dever. Obedecer a Cristo e dever para com a família. Riquezas, dissabores, tristezas, aborrecimentos não mereceriam a mínima consideração. As asas do Amor e da Sabedoria fariam dele um enorme pássaro, destinado a voar, quando necessário, para muito longe, até ao infinito.

Naquele ano, faleceu o pai, e ele compareceu aos funerais, recebendo as condolências de praxe, também dirigidas à sua mãe, aos seus irmãos e demais parentes.

Dentro de si fervilhava o exemplo de S. Francisco: de que maneira poderia reviver os ideais franciscanos? O Poverello de Assis foi portador de uma ideia revolucionária que abalou não somente a igreja, mas toda a humanidade. A oportunidade era-lhe favorável, porque, pela morte do pai, talvez adquirisse mais herança. Não teve dúvidas, fez de imediato o seu VOTO DE POBREZA. Nada mais lhe pertencia. Transferiu à família, à esposa e aos filhos, todos os seus direitos sobre o património existente.

O choque foi tremendo... Como o Dr. Pietro assumia aquela nova postura, seguindo o exemplo de um homem que viveu há oito séculos? Isso era absurdo! Que Evangelho era esse, colocando todos perturbados? Pietro Ubaldi continuava tranquilo, amando a todos com a ternura de um pai que conhece os filhos e sabe do estágio evolutivo de cada um. Quem é mais experiente, está mais amadurecido e encontra-se mais no alto, vê melhor e mais longe.

Recolheu-se no seu gabinete de estudo e escreveu

|| “Os Ideais Franciscanos Diante da Psicologia Moderna”.

São páginas lindíssimas, que abalam até aqueles que não simpatizam com o homem que se identificou com o Cristo. Essa foi a sua primeira composição pertencente à Obra. Que alegria maior poderia desfrutar: ele foi o intermediário entre o céu e a Terra para

aquelas páginas sublimes. Estava aprovado, elas representavam o prelúdio da sua missão. A sua atitude não fora leviana, mas sim o produto de um profundo amadurecimento. O céu deveria fazer-se presente com mais um fenómeno, era a única testemunha espiritual daquele gesto tão importante para si e, quiçá, para toda a humanidade. Cristo, vendo a necessidade que o seu apóstolo tinha de solidificar ainda mais a sua convicção e de saber que estava a agir acertadamente, apareceu diante dele e tomou forma delineada. Era realmente o Cristo que estava ali, junto dele, aquele Cristo que sempre foi a maior razão da sua vida, da sua existência na Terra! Que felicidade imensa ele sentiu naquele momento! Podemos imaginá-la idêntica àquela, quando escreveu as “Bem-aventuranças”:

“Que importa se ganhei ou perdi, se estou bem ou mal, se sou rico ou pobre, amado ou amaldiçoado, quando Tu estás aqui, Senhor, e eu não me encontro mais sozinho, pois Tu estás ao meu lado e me animas?

Que importa a riqueza ou a miséria exterior, se dentro de mim canta a magnificência do universo?

Que importa se nada mais possuo, se sou desprezado e ignoro o meu amanhã, quando atingi a fonte das coisas eternas?

“Faz frio, mas eu me abraso, porque me queima o Teu amor.

Está escuro, mas eu vejo, porque me ilumina a Tua luz. Tudo é silêncio, mas eu escuto a doce música da Tua voz.

A minha carne perdeu as forças no caminho do dever, mas o meu espírito exulta.

Estão vazios os meus sentidos, mas está saciada a minha alma.

De Ti está cheio o universo, e eu Te possuo.

Acorrei, criaturas irmãs! Vinde alegrar-vos comigo; ajudai-me a cantar o cântico do divino amor!

Escutai: muitos, muitos anos estive sozinho, mas agora está comigo o meu Senhor.

Muitos, muitos caminhos percorri, mas agora cheguei.

Muito, muito tenho lutado e sofrido, procurando-Te; agora achei e sou feliz.

Onde está o meu desespero? Não mais o encontro.

Onde estão os espinhos dolorosos do meu tormento? Não vejo senão rosas...

Onde o rugir das forças desencadeadas do mal?

Vinde escutar. Canta dentro de mim a música da criação.

Vinde, ajudai a alegrar-me; não tenho forças para ser tão feliz!

Vinde, achegai-vos a mim criaturas de Deus, auxiliai-me a cantar, a orar, a amar.

Compreendi o milagre. Eu estava encerrado num castelo de dor, e o castelo desmoronou-se. Eu era cego e agora vejo. Era surdo e agora ouço. O meu coração estava comprimido em mordaça de ferro, e a

mordança despedaçou-se. Estava imerso num mar de gelo e agora me acho envolto num incêndio de amor.

Sobre a minha fronte descansou o beijo do Eterno, e eu ressuscitei.

Basta, Senhor! Reprime o êxtase do meu coração, que se despedaça...

Faze-me ainda sofrer, somente para que eu aprenda a amar-Te mais intensamente ainda!"

Se Pietro Ubaldi ficou pobre, isso nada representou para o mundo; mas, se com o seu voto de pobreza, a humanidade se enriqueceu espiritualmente, o seu gesto se tornou incomensurável!

CAPÍTULO 13

Renúncia Franciscana

Depois do voto de pobreza, somente poderia existir tranquilidade em casa para Pietro Ubaldi, que vivia mergulhado no seu mundo espiritual. A presença de Cristo era o melhor apoio que poderia receber, já que, neste mundo, não havia ninguém a seu favor. Era uma luta em que as forças do bem, positivas, estavam a vencer as negativas. Ele não poderia esperar que a partir de 1927 as coisas mudassem em seu benefício, como de facto não mudaram; mesmo porque não foi levado ao conhecimento dos seus familiares, próximos ou distantes, que o Cristo lhe apareceu e aprovou, com a Sua presença, a atitude assumida por ele. Mas, se ninguém acreditava, para que, então, transmitir tão grata notícia? Ele era um franciscano de alma e coração, que havia, com o seu gesto, abraçado o franciscanismo de facto e de direito. Assim, as complicações acentuaram-se mais, enquanto Ubaldi continuava impassível. É uma pedra, não adianta lutar contra ele, diziam uns; é um louco, está fora de si, diziam outros; parentes mais distantes comentavam: este homem é um imbecil; e assim por diante... As forças positivas agem em silêncio, e as do mal são barulhentas, por isso provocam maiores repercussões. Em muitas situações, o silêncio é a melhor resposta; foi o que aconteceu neste caso. Pietro Ubaldi envolto naquela atmosfera espiritual, com as figuras mansas

de Cristo e S. Francisco na sua memória, não sentiu nenhuma perturbação surgida do exterior.

Os familiares reagiram, a sociedade o condenou. Os dardos atingiram-no de todos os lados. Ele, tranquilamente, percebeu, viu, ouviu, observou e gravou na sua mente, para mais tarde colocar no papel e mostrar como é difícil fazer o bem neste mundo.

“A experiência da verdadeira imitação do Cristo começava a tornar-se trágica. Que seria feito dele? Atrás da sua posição social, teria naufragado também a sua alma? Que horas de desespero o aguardavam, a ele, o louco?

O julgamento da opinião pública, no seu ambiente, fixava-se, consolidava-se e divulgava-se. Ao seu redor, em lugar da antiga auréola de estima e atenção, expandia-se agora um odor de apodrecimento. Há seres vis na sociedade, que vivem, como certos vermes imundos, de todos os produtos em desagregação e os farejam de longe, para correrem prontamente, ao primeiro sinal, em busca da presa. Eles cumprem a função biológica de apressar o fim e de transformar aquela podridão em outra forma de vida, mesmo inferior. Ousara desafiar as leis do mundo; era justo que este se vingasse. Ninguém poderia mais detê-lo agora. A princípio, o sacrifício é belo, livre, generoso, heroico; mas, por último, ligamo-nos inexoravelmente a ele, que é então miserável, forçado, atroz, impiedoso. A sua nova posição trouxe consigo os piores judas do mundo dos negócios, espertalhões, ávidos de liquidá-lo, sugando-lhe tudo o que fosse aproveitável. Amargamente, estudou aqueles rostos ávidos e a sua psicologia. Com que prudência farejavam a vítima à distância, como giravam depois ao seu redor, cautelosos, assegurando-se de que ela já não podia morder! Com que garbo felino cercavam-na de todas as astúcias e amarravam-na, como faz a aranha com a mosca, para que não mais possa mover-se. Então, amparados na justiça, envolviam-na na sua baba e a sugavam! Com que olhar ávido de vampiro espreitavam os seus últimos arrancos, para desferirem o ataque final e se banquetearem sobre a vítima enleada! Aparecia-lhe então horrorosa

aquela riqueza que atraía semelhantes espíritos. Maldisse o esterco do demónio, ídolo do mundo!

E em breve ele se encontrou por terra, pobre, abandonado, desprezado. Cumpria-se o primeiro grande ato do seu destino. Estamos no momento mais desolado, no mais profundo ponto da descida. Arrancaram-no dos seus caros e velhos hábitos; foi destruída toda a sua delicadíssima sintonização vibratória, que ele ajustara ao seu ambiente; foram dilacerados todos os doces afetos. Todas as suas coisas, recordações de outros tempos, que eram a sua passada vida, foram atiradas, sacudidas para todos os lados, servidas, pedaços da sua alma lançados ao vento! Que destruição!”

Assim, desprezado, Pietro Ubaldi viveu mais alguns anos. Por fora, uma tempestade avassaladora e por dentro calma. As forças espirituais sustentavam-no, transformando-o numa fortaleza imensa! Que lhe importavam os homens, se tinha Cristo com ele? Em uma das suas reencarnações anteriores, havia recebido o cognome de rocha. Habitado a viver duas vidas ao mesmo tempo: uma externa e outra interna, uma para os outros e outra para si; agora, essa necessidade se tornava ainda mais acentuada, porque ele tinha que reter tudo no seu coração. Em muitas noites apelou para Cristo e Este o tranquilizou, dizendo-lhe que não estava tão longe para chegar ao fim dessa caminhada. A voz de Cristo era-lhe uma força encorajadora, reanimava-o para enfrentar outras lutas que adviriam no porvir. Também Joana D’Arc, no seu caminho para o calvário, foi sustentada pelas vozes de São Gabriel, Santa Margarida e Santa Catarina de Sena. Para Ubaldi, aquele Cristo, que era antes manifestação exterior, começava a nascer no seu próprio interior, deixava de ser alguém que vem de longe, para tornar-se verdadeiro amigo que estava perto, estava nele, junto dele. Isso é quanto lhe bastava, para a sua sobrevivência durante aquele

período tão difícil... O franciscanismo absorveu-o por inteiro e o sustentou, para transformar o voto de pobreza em RENÚNCIA FRANCISCANA. Era preciso caminhar, avançar no seu novo ciclo evolutivo. Não era mais o momento de dizer:

“pequei, Senhor”,

mas sim de afirmar:

“sobre a minha fronte descansou o beijo do Eterno e eu ressuscitei.”

CAPÍTULO 14

Cristo e S. Francisco Caminham com Pietro Ubaldi

1931. Há quatro anos, Pietro Ubaldi fez o voto de pobreza. Há dois milénios, ele havia, por um momento de vacilação, negado a Cristo. Estaria ele agora disposto a ser o Seu Servo, fiel em todos os momentos da sua vida? A missão era grande, mas ele não sabia, porque não se recordava de todo o plano traçado antes do seu nascimento. A intuição apenas o avisava que devia preparar-se para essa nova mudança, e a hora de iniciar estava a aproximar-se. Para assumir a tarefa missionária, era indispensável a renúncia total aos benefícios que a riqueza lhe proporcionava. O voto de pobreza foi necessário, mas não suficiente.

Por coincidência ou não, foi anunciada uma vaga para professor de inglês em Módica (Sicília), a ser conquistada através de concurso público, idade máxima 45 anos. Essa vaga foi no Liceu Ginásio Tomaso Campailla, e a Sicília é a última região no sul da Itália, a centenas de quilómetros de Roma. O sul italiano é mais pobre do que o norte, e Roma fica no centro. Toda a região franciscana fica ao norte da Itália, onde Ubaldi tinha nascido e viveu até 1952, quando se transferiu para o Brasil.

A oportunidade era muito boa. Nada mais o prendia àquele ambiente no qual vivia, a não ser o cumprimento dos seus deveres

para com a família, o que poderia ser feito mesmo à distância, com visitas periódicas. Assim, ele poderia realizar o maior sonho da sua vida: trabalhar para Cristo. Candidatou-se, preparou-se, fez o concurso e foi aprovado em primeiro lugar. Um novo concurso só aconteceu dez anos depois.

Foi nomeado. Agora, a incerteza toma conta da sua alma. Pietro Ubaldi também era humano. Abandonar o seu ninho doméstico, onde a sua querida irmã dor lhe fazia tão boa companhia? Deixar o conforto material, que sabia desfrutar tão bem, para optar por um quarto alugado em uma daquelas ruas de Módica? Esta não era a sua cidade de preferência... apenas um consolo lhe restava: viveria os ideais franciscanos, o seu maior desejo — mesmo antes de fazer o voto de pobreza e Cristo aparecer-lhe. Essa lembrança tomou conta do seu espírito, envolveu-o e reanimou as suas forças para fazê-lo decidir-se em relação à aceitação do cargo.

A primeira mudança, aos cinco anos (quando entrou para a escola), alterou-lhe os hábitos, porque ele passou a viver dentro e fora do Palácio Alleori Ubaldi; a segunda mudança, aos 25 anos (o casamento), obrigou-o a ter uma vida em comum com esposa, filhos e bens materiais; esta terceira mudança, aos 45 anos (renúncia total), forçava-o a uma vida solitária, longe dos seus, em um quarto pobre, sem conforto algum. O seu 45º aniversário ele havia comemorado a sós com Deus e, embora já não fosse mais jovem para novas mudanças, não lhe faltava coragem. Depois de uma imersão no seu íntimo, para examinar a questão em profundidade, decidiu: tomaria posse e viveria o Evangelho na íntegra. Existem certas decisões que só devem ser tomadas perante

a própria consciência e Deus. Na primeira semana de setembro de 1931,

“a grande decisão tinha sido tomada sumariamente, amadurecida no silêncio da noite”.

Desceu do terceiro andar da torre, onde dormia, na Tenuta (quinta) Santo António, em Colle Umberto, e penetrou na residência da família (casa de dois pisos), contígua à torre. Tomou o seu copo de leite e saiu para dar o pequeno passeio matinal, acompanhado do cãozinho de estimação.

“A perspectiva era dura, e a luta para vencer não foi fácil. Mas o espírito venceu, o Evangelho tinha triunfado, embora ele soubesse que aquele ato significava o início de outro tipo de vida: uma existência não mais de rico ocioso, num bem-estar que não foi ganho, e sim de quem deve ganhar, com o seu próprio trabalho, o pão quotidiano. Era outro modo de vida, ao qual permaneceu fiel até o fim.

Aquele homem subia a colina com o coração leve, envolvido na euforia de um triunfo espiritual. Uma espécie de potente vibração em alta tensão estava a concentrar-se e a acumular-se dentro dele. Ao mesmo tempo, sentia confusamente que alguma coisa, ainda não perceptível, estava a condensar-se à sua volta, sem forma ainda definida. A tensão ia-se tornando sempre mais intensa. Que estaria a acontecer? Algo de irresistível se estava a apoderar dele. No entanto, continuava bem desperto, em plena consciência. Caminhava lentamente, via, observava, apercebia-se de tudo. Não estava a sonhar. Uma realidade nova o golpeava, diversa daquela sensória, já tão familiar. E andava, observando e confrontando com atenção e plena lucidez da mente as duas realidades.

Uma capacidade perceptiva, diferente da normal advertia-o da presença de outros seres perto dele, vivos, entidades pensantes como ele. Mas

ainda não conseguia individualizá-las, perceber-lhes a forma e o pensamento.

Continuou a subir até que desembocou numa larga vereda, no cume da colina, que agora era um plano com algumas oliveiras espalhadas pela amplitude. Solidão silenciosa. Ali, diminuiu o passo. Eram quase 11 horas da manhã.

Continuou o caminho, enquanto avançavam com ele as duas formas paralelas. Isto durou cerca de vinte minutos, razão pela qual teve tempo de controlar tudo e de fixá-las na sua memória, para depois analisar o fenómeno com a psicologia racional, positiva, independente de estados emotivos. E não poderia ter feito melhor, pois, desligando-se do fenómeno, desdobrou-se nas duas posições: de sujeito e de observador, ambas fundidas agora no mesmo funcionamento.

Continuou a observar. As duas formas não constituíam apenas uma indefinida manifestação de presença. Cada uma delas transmitia à sua percepção interior uma típica e individual vibração que a definia como pessoa. Foi assim que ele pôde logo sentir com clareza inequívoca que à sua esquerda estava a figura de S. Francisco e à sua direita a de Cristo. Eles deslocavam-se com ele, caminhando, mas não havia colóquio, nem transmissão de pensamentos particulares. A presença deles concentrava-se, acima de tudo, numa solene afirmação da própria identidade individual.

Não houve testemunhas humanas. Será que, se tivesse havido, elas teriam percebido? Ou fora bom que não tivessem existido, pois, caso contrário, poderiam ter impedido ou paralisado o fenómeno? No entanto, a observação foi exata até ao ponto de ser notada, porquanto houve uma pequena testemunha, a qual demonstrou ter sentido que alguma coisa estava a acontecer. Aquele homem estava acompanhado do seu cãozinho, que estava acostumado a andar à sua volta. Pois bem, naqueles poucos minutos, ele se comportou diversamente do habitual. Manteve-se à sua volta, ladrando para alguém ou alguma coisa que devia estar a perceber perto do dono. Sem este facto não se explica tal comportamento excecional, que não tinha outra causa aparente

naquela solidão. Aquele cão não podia falar e dizer o que havia percebido. Mas era certo que demonstrava haver sentido alguma coisa.

Percorrido aquele trecho do caminho e aquele breve período de tempo, a alta tensão não pôde mais ser suportada, e a visão se desfez lentamente. Não ficou senão o ambiente externo, aquele que os sentidos físicos normalmente percebem, somente as coisas que todos veem e às quais, porque são vistas sempre, pouca importância se dá. O céu fechou-se, e tudo voltou ao que era antes, como se nada tivesse acontecido. A visão, no entanto, ficou indelével, gravada a fogo naquela alma, como uma queimadura de luz, uma ferida de amor que jamais o tempo poderá cancelar, feita de saudade, de uma contínua e angustiante espera para se reencontrar. A visão passou como uma arrebatadora paixão que queima, mas fecunda, deixando uma semente na alma. Ela ficou escondida e depois germinou durante a sua existência terrena; cresceu, frutificou e produziu novas sementes, para depois brotar, crescer e frutificar novamente em outro lugar, em outras almas, operando o milagre da multiplicação da vida em um nível mais alto, no plano espiritual. Desde o momento em que aconteceu aquele facto interior, que não foi visto talvez por mais ninguém a não ser ele, aquele homem não mais parou”.

No dia 23 de setembro de 1931, Pietro Ubaldi tomou posse da cadeira de professor de inglês do Liceu Ginásio Tomaso Campailla. Foi uma posse tão simples quanto a simplicidade que iria viver, na longínqua Sicília, a partir daquele dia, num quarto alugado, diante da Igreja São Pedro, o Apóstolo.

CAPÍTULO 15

A Terceira Mudança — Módica

Decidido que tomaria posse na cátedra de Inglês, começaram os preparativos para a viagem — a nova mudança. Essa foi a mais importante de todas. Iria pôr em prática uma teoria pregada por muitos e vivida por poucos: O Evangelho de Cristo. Como bom católico, procurou um sacerdote, o seu confessor, e falou-lhe dos seus propósitos. O bom padre, depois de ouvi-lo atentamente, respondeu-lhe:

“O Evangelho mata, meu filho. Viver o Evangelho é estar disposto a morrer”. Pietro Ubaldi, que tinha por instinto esse mesmo Evangelho, não argumentou, apenas não aceitou as ponderações do sacerdote. Ele tinha gravado no seu coração aquelas palavras de S. Paulo aos Filipenses: “o viver é Cristo, e o morrer é lucro”.

Quem iria viajar era um franciscano, logo não precisava de muita bagagem, nem tinha enxoval para ser transportado. Ofereceram-lhe condução, mas agradeceu. Saiu com algumas roupas e a sua pequena máquina de escrever. Tomou o comboio de Peruggia para Roma, a seguir outro para o extremo sul da Calábria, passando pelas regiões de Lazio e Campania. De barco, atravessou o Estreito de Messina e penetrou na Sicília. Outro comboio o conduziu a Módica (província de Ragusa), cidade a 381 metros de altitude, situada a 282 km de Palermo (capital da Sicília) e, naquela época,

com cerca de 30.000 habitantes. Foi uma viagem longa e cansativa, dois dias de viagem. Ao chegar, procurou um quarto onde pudesse colocar os seus apetrechos. Encontrou-o imediatamente, numa pensão, em frente à Igreja São Pedro, na mesma rua do ginásio, em que ia trabalhar. Aquele quarto, pequeno e pobre, como era do seu desejo, tinha apenas uma cama individual, uma pequena mesa com duas gavetas e um roupeiro de uma porta, preparado para um hóspede bastante modesto. O ex-milionário estava ali na condição de pobre, não mais como nos tempos de S. Francisco, no século XII, mas como um trabalhador que iria, de alguma forma, ser útil a alguém. Exausto da viagem e do esforço despendido para conduzir a sua bagagem, colocada num canto do quarto, tomou um banho e atirou-se para a cama, para um merecido repouso. Não era hora de meditação, mas de refazimento das energias perdidas.

No dia seguinte, dirigiu-se ao Ginásio Tomaso, e o diretor recebeu o mais novo mestre, que ainda se encontrava com a fisionomia abatida. Foi uma surpresa para o diretor, porque ele esperava um professor jovem, orgulhoso, vaidoso e vibrante para a função que iria assumir naquele colégio, mas quem chegou foi um homem maduro e muito humilde. É bom recordar que professor concursado era muito importante. Merecia destaque social pela imponência do cargo e pela dificuldade em conquistá-lo. As vagas eram raríssimas, e os professores aprovados recebiam o título de catedráticos.

Após o ritual da posse, ele assumiu, naquele início do ano letivo de 1931, a disciplina para a qual fora nomeado. Nunca havia lecionado, embora fosse um autodidata. Começaram os deveres de

um mestre-escola, que Pietro Ubaldi encarou como trabalho de rotina. Ministras aulas, corrigir exercícios e provas dos alunos, preencher o diário de turma e as atas, mensal e anualmente, faziam parte das suas obrigações. Para ensinar, cultura não lhe faltava. Foi imediatamente admirado pelas boas maneiras com que tratava os alunos e colegas, mas, ao mesmo tempo, passou a ser observado como um profissional diferente, devido à sua atitude introspectiva. Conversar não era o seu forte. Sempre existiram e existem os mais afoitos, que adoram penetrar na vida alheia. Alguns quiseram conhecer a vida do novo mestre, que acabava de chegar, mas não conseguiram. A sua vida era um túmulo e muito bem lacrado. Os mais habilidosos, intrigados com aquele professor, que cumpria com o seu dever, sempre pontual — dava as suas aulas e se retirava logo após — conseguiram saber que ele morava em frente à Igreja São Pedro, que era advogado e que fora aprovado no último concurso (esses dados foram obtidos na ficha da escola). Como advogado nunca havia exercido a profissão. Era culto, tinha um conhecimento humano vastíssimo, era poliglota e adorava músicas eruditas. Colega singular, entre os seus pares.

Pietro Ubaldi criou logo a sua rotina diária: trabalhar na escola, fazer as suas refeições diárias (um copo de leite pela manhã, o almoço e outro copo de leite à noite), fazer a limpeza no quarto e dar pequenos passeios pela redondeza.

“Gostava de se retirar, para as suas preces, na solidão de uma colina rochosa, sobreposta à região, entre cardos e figueiras bravas. Ali esperava uma nova revelação interior. Fora dos trâmites da vida; esperava a passagem da Divina Providência na sua já agora necessária manifestação. Sentia indistintamente que alguma coisa havia de

nascer, de dentro e de fora, e que aquela hora era o ponto convergente no qual se manifestariam os resultados de toda a precedente preparação da sua vida”.

Os três meses seguintes foram de preparação espiritual e adaptação ao novo ambiente, que, embora lhe fosse muito estranho, deveria tornar-se familiar, impregnado das boas vibrações, as suas conhecidas. Ele estava ainda mais fiel ao Evangelho e ligado às fontes nouíricas (correntes de pensamento). Impregnar o ambiente daquelas vibrações indispensáveis à sua vida não lhe seria tão difícil, porque diz o Evangelho:

“onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração”.

Onde estaria o tesouro daquele franciscano? Com ele próprio. Assim, recomposto espiritualmente, começaram os contatos com o Cristo, o mesmo que lhe apareceu na estrada em Colle Umberto.

CAPÍTULO 16

Pietro Ubaldi e a “Sua Voz”

Dezembro, mês de inverno e atividades escolares na Europa. As férias naquele continente são nos meses de julho e agosto — verão. Chegaram as festas natalícias, e Pietro Ubaldi teve duas semanas de descanso, acontecimento normal naquele tipo de trabalho. Aproveitou a oportunidade e retornou a Colle Umberto, para estar com a família. Tudo como antes; lá estavam o seu quarto no terceiro andar da torre e a Tenuta Santo António com o seu verde natural e exuberante. Ambiente de paz e tranquilidade para o seu espírito tão necessitado de bondade e amor. Voltou ao local onde Cristo e S. Francisco lhe apareceram, rememorou todos os acontecimentos a partir do mês de setembro.

Era véspera de Natal. Reuniu-se com a família, hábito adquirido desde a infância, para comemorar a chegada do dia mais importante do ano. Foi uma reunião comum, com poucas iguarias, em homenagem ao nascimento do Santo Menino. Após o tic-tac do relógio assinalar a chegada de 25 de dezembro de 1931, recolheu-se aos seus aposentos, para orar e agradecer a Deus por todas as dádivas recebidas, inclusive aquela vida franciscana em Móдика. Naquele momento de profundíssima meditação, Cristo surge diante dele, cobre-o de imensa luz e lhe dita a primeira Mensagem,

“Mensagem de Natal”,

que inicia com estas palavras:

“No silêncio da sagrada noite, ouve-me. Deixa toda a sabedoria, as recordações, a ti mesmo, esquece tudo, abandona-te à minha voz, inerte, vazio, no nada, no silêncio mais completo do espaço e do tempo. Neste vazio ouve a minha voz que diz: levanta-te e fala: Sou eu”.

Então, depois de afirmar:

“Eu presido ao progresso espiritual do vosso planeta, e, para o progresso espiritual, um ato de bondade tem mais valor que uma descoberta científica”,

conclui a Mensagem a “Sua Voz”, desejando Paz a todos.

Mensagem longa e deslumbrante, recebida sem nenhuma preparação prévia. O processo e a rapidez como foi escrita e o seu conteúdo caracterizaram a fonte inspiradora. A luz foi tão intensa, que fez Pietro Ubaldi prostrar-se diante do Mestre e despertar com esta sensação:

“Aniquilado, eu tremia. Depois, levantei-me transfigurado. Havia em mim uma força nova, e eu tinha de segui-la. Finalmente, explodira a minha mediunidade na sua plenitude e, desde aquele dia, fiquei comprometido com a “Sua Voz”.

Chamei assim a essa fonte de pensamento, de vontade, de ação e de afeto, que me inundava todo; chamei-a assim com sinceridade e simplicidade, incapaz de definir melhor, para descrever a voz daquele que ouço.

Ela mesma dizia-me naquela sua linguagem: “não pergunte o meu nome, não procures individualizar-me. Não o poderias, ninguém o poderia; não tentes hipóteses inúteis”.

Avizinhara-se aquela voz, falando-me como falava no Evangelho a doce voz do Cristo, aconselhando-me e guiando-me. Mas era interior, ou pelo menos eu a atingia por caminhos interiores, íntimos. Manifestava-se em mim como uma audição interior de conceitos, num contato tão direto, que nem sequer eram formulados em palavras. Sem dúvida, era distinta de mim, da minha consciência normal quotidiana, porque me guiava, governava e pregava, enquanto o meu eu normal seguia e obedecia; porque surgiam também entre as duas personalidades discussões e divergências, nas quais o meu eu normal cedia sempre, vencido e convencido por uma superioridade esmagadora de bondade e sabedoria. E, naquele inverno siciliano, na solidão da minha dor, aquela voz esteve sempre perto de mim, único amigo para sustentar-me a cada passo e para guiar-me em todos os atos, impondo muitas vezes novas doações e renúncias, naqueles pontos em que a minha natureza humana não o desejaria”.

Dessa forma, Pietro Ubaldi ficou realmente preparado para cumprir a missão para a qual nascera. O ambiente terreno tornara-se propício, porque ele criara em torno de si, devido à vida reta que levava, estritamente dentro do Evangelho, uma atmosfera de paz, de harmonia e de bem-estar que contagiava a todos que dele se aproximassem. Ressuscitou nele, a partir daquela noite, a imagem do Apóstolo, a quem foram entregues as Chaves do Reino dos Céus. Para Ubaldi foi uma noite inesquecível e, para os homens, o princípio de revelações transcendentais que desceriam à Terra. Pietro Ubaldi identificou o autor da Mensagem, sabia que era o Cristo, o mesmo que o convidou a ser pescador de almas há dois mil anos; mas preferiu calar-se e chamar de “Sua Voz”. Assim, ele não passava por orgulhoso — de facto, não o era — autointitulando-se médium de Cristo. E também não poderia dizer que a Mensagem

era sua, porque bastaria compará-la com escritos seus, já conhecidos. Como tudo o que vem do Alto é harmônico, existe uma harmonia perfeita entre as Mensagens recebidas e a posição assumida por Pietro Ubaldi. Quanto ao Autor daquela Mensagem e de outras que surgiram mais tarde, ele deixou que o mundo fizesse o seu julgamento, para conferir com a sua convicção.

Dactilografou uma cópia e enviou à escritora Laura Légrande Bussolim, com quem tinha correspondência, diretora da revista Alfa, de Roma, que a publicou imediatamente. Alguns leitores daquela revista lhe enviaram carta de congratulações, dizendo-lhe que “Sua Voz” era o Cristo, o mesmo que foi crucificado há dezanove séculos. Jornais e outras revistas italianas e de outras partes do mundo deram ampla divulgação ao inusitado acontecimento. Isso era fantástico, porque não havia solicitado tais publicações, e elas foram espontâneas. Aliás, a “Sua Voz” lhe havia dito que não se preocupasse com a difusão, todas as portas lhe seriam abertas. Essa foi mais uma confirmação de que a Mensagem era de Cristo. Pietro recebia a correspondência, agradecia e não se pronunciava a respeito de a “Sua Voz”. O silêncio era importante na tarefa. Qualquer autopromoção seria prejudicial ao trabalho que estava a realizar. Obedecer era novamente o seu verbo preferido, mas obedecer a Cristo, seguir à risca a Sua orientação e viver a cada dia, em cada momento, o Seu Evangelho, a Boa Nova de Cristo.

CAPÍTULO 17

Mensagens Recebidas em 1932

Estamos no início de 1932, em pleno ano letivo. A escola entrou na rotina da vida de Pietro Ubaldi, que vivia os ideais franciscanos, de acordo com a psicologia moderna, como era da sua vontade. Recebia a remuneração do seu trabalho, reservava o indispensável para o seu sustento e o restante distribuía com os pobres. Para alguns, que acompanhavam o seu procedimento, aquele homem era um santo, nunca se tinha visto outro igual. Introspetivo, só respondia o que lhe fosse perguntado, ministrava as suas aulas com sabedoria, cumpria o seu dever, não incomodava ninguém e recebia mensagens do outro mundo. Assim se passavam os dias, enquanto ele cuidava da sua vida interior e da correspondência que surgia de muitos lugares.

Decorridos os primeiros meses, chegou a Páscoa daquele ano, e as atividades escolares não lhe permitiam afastar-se de Módica, para rever os seus familiares. Isso somente lhe seria possível nas próximas férias de verão. Naquela Páscoa, novamente, algo de estranho estava para acontecer; ele sentia a presença de Cristo, presença marcante, e colocou-se, com total espírito de aceitação, à disposição Dele. A “Sua Voz” lhe dita então mais outra Mensagem: “Mensagem da Ressurreição”. A linguagem é a mesma, portanto, indicando a mesma fonte de inspiração. Nenhuma dúvida paira

sobre o autor de mais essa revelação. Ela trouxe muitas advertências e belos conselhos, tanto para o médium como para os leitores que dela tomaram conhecimento:

“A quem sofre eu digo: Coragem! És um decaído que na sombra reconquista a grandeza perdida.

Abraça com alegria esse grande trabalho que te chama a realizações mais amplas. Se não fosse a dor, quem te forçaria a evoluir para formas de vida e de felicidade mais completas?

Não te rebeles; pelo contrário, ama a dor. Ela não é uma vingança de Deus, e sim o esforço que vos é imposto para mais uma conquista vossa.

Tendes, ó homens, a liberdade das vossas ações, nunca a das vossas consequências. Sois senhores de semear alegria ou dor no vosso caminho, mas não o sois de alterar a ordem da vida. Podeis abusar, porém, se abusardes, a dor reprimirá o abuso. De cada um dos vossos males, fostes vós mesmos que semeastes as causas.

Trabalhai, mas que o escopo do vosso trabalho não se reduza apenas a proveitos isolados e egoístas, e sim a frutificar no organismo social; somente então se formará aquela psicologia coletiva, que é a única base estável da sociedade humana. Fazei o bem, todavia, lembrai-vos de que o pobre não deseja propriamente o supérfluo das vossas riquezas, mas sim que desçais até ele, que partilheis da sua dor e, até, que a tomeis para vós, no seu lugar.

Venerai o pobre: ele será o rico de amanhã. Apiedai-vos do rico que amanhã será o pobre. Todas as posições tendem a inverter-se, a fim de que o equilíbrio permaneça constante. A riqueza tende para a pobreza, e a pobreza, para a riqueza. Ai daqueles que gozam! Bem-aventurados os que sofrem! Esta é a Lei”.

Assim continua a Mensagem com a sua incomparável beleza espiritual. Ela foi datilografada e entregue a alguns jornais e revistas, os quais solicitavam as Mensagens recebidas de a “Sua Voz”. A sua divulgação foi rápida, chegando até à Indochina. Pietro Ubaldi começou a ser um médium famoso para uns e um grande sensitivo para outros. Agora, integrado na vida missionária, analisa o passado, observa o presente e conclui o futuro. Cristo, por certo, não o abandonará jamais, porque desta vez, será fiel a Ele até à morte.

Chegou o mês de maio, o mundo começava a preparar-se para a segunda guerra mundial (1939 — 1945), inclusive a Itália, através de Mussolini. A igreja estava tranquila, como se uma catástrofe não estivesse por desabar sobre a Europa.

“Certa noite fria, entre 9 e 10 de maio de 1932, pelas duas da madrugada, na hora antecrepuscular dos maiores silêncios, acordei bruscamente, por causa de uma movimentação insólita de conceitos na minha psique. Li, maravilhado, dentro de mim. Tinha de escrever e escrevi rápido, com segurança, na sonolência, como quem copiasse um texto, duas Mensagens breves, incisivas, poderosas. Uma era para Mussolini, outra para o Sumo Pontífice, pessoais, particulares, que eu devia enviar e que diziam respeito a cada campo de ação política e religiosa. Tendo escrito, readormeci no meu cansaço pelo trabalho do dia. Depois, no dia imediato, à noite, reli-as. Eram belas. Fiquei maravilhado. Como haviam nascido? No dia anterior, ocupara-me de coisas inteiramente diversas; à noite, até às 23 horas, ficara a corrigir exercícios e a calcular médias escolares. A coisa tomara-me de improviso, e, agora, atemorizava-me a ordem: “entrega-as”. Mas como posso fazê-lo? perguntava. “Os caminhos serão abertos diante de ti”, respondia-me a Voz. E, o que é surpreendente por si mesmo, abriram-se os caminhos, e as mensagens, estas e outras sucessivas, chegaram ao seu destino”.

Nesse ambiente, saturado de espiritualidade superior, Pietro Ubaldi ainda escreve: “O Cântico das Criaturas”. É uma composição de caráter amplo e universal, dirigida a todos os seres da criação. Diz ele, dirigindo-se às plantas:

“Também elas me amam e me confiam o segredo das suas vidas: “não pedimos senão morrer para que a tua mais alta vida animal floresça. Nós somos as humildes servas da tua superior vida orgânica, para nós tão complexa. A nossa ambição é sacrificarmo-nos por ti a fim de te possibilitar esta vida orgânica da qual sabes criar uma atividade ainda mais elevada para nós, a vida do espírito. Apanha-nos e mata-nos. Não lutamos e não nos vingamos. Também nós temos grande missão no equilíbrio da vida. Mesmo o sacrifício e a morte possuem uma grandeza e representam uma vitória”.

“A ternura invade-me ao olhar esta humilde vida vegetal, plena de tão abundante e alta finalidade, que desejaria quase adorá-la.”

A Mensagem continua a louvar a Deus, aos homens e à natureza. Alguns meses passaram-se até à chegada das férias de julho e agosto, quando ele retornou a Colle Umberto, distrito de Perúgia (capital da Úmbria).

CAPÍTULO 18

Revelações na Torre da Tenuta Santo Antônio

Verão de 1932. Chegando à quinta, Pietro Ubaldi ocupou o seu quarto habitual, no terceiro andar da torre. O quarto andar ficou reservado para local de trabalho. O seu retorno não foi recebido com festas, nem mesmo com alegria, tão comum ao regresso de um parente há vários meses ausente. Ele, na verdade, veio para dar apoio moral à família, cumprindo um dever, e não para assumir a direção de coisa alguma que fosse material. De qualquer forma, a sua presença era marcante pela grandeza espiritual da sua alma, sobretudo porque não se revelava a ninguém.

O ambiente na torre continuava espiritualizado. Ele não mudou de hábito: refeições normais e pequenos passeios pela manhã e ao entardecer. Fez uma profunda revisão de tudo o que acontecera na sua vida e concluiu que a Lei de Deus estava em pleno funcionamento e a seu favor. O servo de Cristo estava naquele ambiente, à disposição da “Sua Voz” para continuar a tarefa iniciada naquela torre, circundada de árvores frondosas. Local de muita espiritualidade, oriunda da própria natureza e captada até por aqueles de pouca sensibilidade às vibrações superiores.

Chegou o dia do “Perdão da Porciúncula ou Indulgência da Porciúncula — Indulgência Plenária — concedida pelo papa Honório

III a todos os fiéis que, no dia 2 de agosto de 1221, visitassem o Santuário da Porciúncula, sendo que esta indulgência se tornou perpétua dois anos depois”. Esse Santuário é o local onde S. Francisco esteve muitas vezes e desencarnou em 1226. Hoje, a Igreja da Porciúncula encontra-se no interior da Basílica Santa Maria dos Anjos, em Assis (Itália). Depois da morte do Santo, o dia 2 de agosto se tornou o dia do Perdão da Porciúncula de S. Francisco de Assis. Naquele dia, em 1932, a “Sua Voz” lhe ditou a “Mensagem do Perdão”.

“Fui tomado de improviso, pela manhã, com tal ímpeto de emoção, que, entre lágrimas, mal conseguia ver o papel no qual escrevia. Escrita, como as outras, de um jato, completa, sem qualquer arrependimento, nítida e segura desde as primeiras palavras!”

Esta é a mais bela, a mais vibrante e poderosa das mensagens, que, em pouco tempo, fez também a volta ao mundo (calcularam que foram feitas meio milhão de cópias).

Dizem alguns trechos desta Mensagem:

“Almas, almas eu peço. Para conquistá-las vim das profundezas do infinito, onde não existe espaço nem tempo, vim oferecer-vos o meu abraço, vim de novo dizer-vos a palavra da ressurreição, para elevar-vos até mim, para indicar-vos um caminho mais elevado onde encontrareis as alegrias puras.

Segue-me, que o exemplo já vos dei. Levantai-vos, ó homens: é chegado o momento. Não venho para trazer guerra, mas sim paz. Não

venho trazer dissensão às vossas ideias nem às vossas crenças: venho fecundá-las com o meu espírito, unificá-las na minha luz.

Não venho para agredir, mas para ajudar; não para dividir, mas para unir; não para demolir, mas para edificar. A minha palavra busca a bondade, antes que a sabedoria. A minha voz dirige-se a todos. Ela é ampla como o universo, solene como o infinito. Descerá aos vossos corações, às vezes com a doçura de um afeto, outras vezes arrastadora como tufão.

Venho a vós cheio de amor e de bondade, e me repelis. Eu, que vejo os limites da história do vosso planeta; eu, que vejo num rápido olhar, sem esforço, toda a laboriosa ascensão desta humanidade, da qual sou pai, faço-me pequenino hoje, limitando-me e encerrando num átimo do vosso momento histórico, para que possais compreender-me.

A Lei quer o equilíbrio. É a Lei. Vós a desrespeitastes com as vossas culpas, ultrajando assim a Divindade. O equilíbrio “deve” restabelecer-se, a reação “deve” verificar-se, o efeito “deve” acompanhar a causa, por vós livremente buscada.

Sou Amor, Sou Força, sou Ideia, sou Espírito que tudo vivifica e está sempre presente. Sou a Lei que governa o organismo do universo com maravilhoso equilíbrio. Sou a força irresistível que impulsiona todos os seres para a ascensão. Sou o cântico imenso que a criação entoia ao Criador”.

Foi a mensagem mais longa, mais incisiva e mais bela. Com uma leitura cuidadosa, é fácil constatar que a fonte inspiradora é o próprio Cristo. Pietro Ubaldi enviou uma cópia a Ernesto Bozzano e solicitou a sua opinião. Bozzano, escritor espiritualista que já havia manifestado o seu parecer sobre as duas anteriores, disse-lhe, entre outras coisas, o seguinte:

“Pede-me um juízo sobre a “Mensagem do Perdão”. Ei-lo em poucas palavras: Estupendo! Contém passagens tão sublimes na sua cósmica grandiosidade, que infundem quase uma sensação de temor sagrado. Pergunta-me também se, pelo texto, será possível identificar a Entidade comunicante. Parece-me que dela transparece claramente quem se manifesta: “Deus, perdoa-os, porque não sabem o que fazem”; “Por vós me deixaria crucificar outra vez”; “Não queirais renovar-me as angústias do Getsémani”.

“Infere-se que deve tratar-se de nada menos que Jesus Nazareno. E isto, do ponto de vista da investigação científica, constitui o ponto crítico das mensagens desta natureza, dessas que deixam perplexo o ânimo do leitor, porque se revestem de sublimidade semelhante às que recebeu, razão pela qual investigadores como eu, que já estão convencidos experimentalmente da verdade irrefutável das comunicações mediúnicas com entidades de desencarnados, poderão convencer-se com facilidade da veracidade da fonte de onde emanam as “Mensagens”. Todavia isto ocorrerá sempre por força de um “ato de fé”, mesmo quando esta, como neste caso, se baseie na experiência adquirida nas investigações mediúnicas”.

Naquele mesmo verão, o seu espírito foi sacudido por uma tempestade de sublimes revelações e teve início *A Grande Síntese*, na mesma torre que recebeu a “Mensagem do Perdão” e a “Mensagem do Natal”.

“Em mim nasce um impulso gigantesco: retomar a ideia base das “Mensagens” e desenvolvê-la em profundidade. Essa ideia me domina e me entusiasma; lanço-me ao trabalho sem plano algum, sem refletir; ai de mim se tivesse refletido e compreendido o que devia fazer: teria ficado esmagado. A “Sua Voz” mandava e guiava. E eu estava calado. A minha natureza apaixonada pelo Cristo, pelo Seu Amor, pela Sua Dor, pela Sua Bondade, transforma-se numa grande máquina de pensamento que abarca todo o saber humano, supera-o e o contém. Sucede à linguagem do sentimento e às horas de emoção (Mensagem), a fria e cortante linguagem da ciência e a hora da profunda absorção da visão imensa do infinito. Muda o plano de ação. Falo agora ao outro

|| mundo, científico, filosófico, religioso, intelectual. Preciso saber tudo, mas a “Sua Voz” me orienta, e eu caminho seguro”.

O mundo inteiro divulgou as Mensagens de a “Sua Voz”. As portas da imprensa espírita e espiritualista foram-lhe escancaradas. Marc’Antonio Bragadin colocou a sua revista, Ali del Pensiero (Asas do Pensamento), à disposição. Não havia outra solução: aquele franciscano estava agora envolvido pelo pensamento de Cristo.

CAPÍTULO 19

Retorno a Terras Franciscanas

O norte e o sul da Itália são regiões distintas, não somente em recursos económicos, mas também nos hábitos da vida do seu povo. O norte considera-se mais civilizado. Aqui, no nosso país, é o oposto, o sul é uma região mais rica e mais industrializada, com melhor clima e solo mais fértil.

Módica, além de estar no extremo sul, encontra-se numa ilha, e o ambiente é desprovido de qualquer misticismo, apesar das igrejas ali existentes. Pietro Ubaldi sentiu uma diferença muito grande, não somente pela pobreza material da região, mas também pela sua miséria espiritual.

“Estava ainda em Módica, no quente inverno Siciliano. Em torno de mim, insipidez, tristeza e desolação de espírito selvagem, desolação de campos verdes. Eu obedecia. Realizara a pobreza, a renúncia — a perfeita alegria de Francisco — que tanto amara em Assis. Eram contínuos os colóquios íntimos com a “Sua Voz”; agigantava-se o seu poder, o seu amor me sustentava. Numa colina fora da cidade, conseguira descobrir uma mirrada moita de alfarrobas, que, entre gigantescas figueiras-da-índia e muros baixos, divisores de campos, proporcionavam um pouco de sombra e a ilusão de um bosque. Para lá me retirava a orar.

Eu orava. Naquele refúgio campestre e solitário, houve um dia um colóquio profundo, íntimo, que não sei descrever, entre a “Sua Voz” e eu, de alma para alma, um daqueles colóquios que não se esquecem jamais por toda a eternidade. Chorei. A vontade que estava no centro do Universo, estava perto de mim, fulgurante e boa; inclinava-se para mim em homenagem ao seu princípio: Liberdade e responsabilidade do ser. E pediu o meu consentimento. Mergulhei naquele mar de resplendores e anulei-me numa promessa incondicional, numa dedicação completa. Respondi: Sim! Desde aquele dia, a minha vontade foi a Sua e não mais podia desobedecer. Iniciada aquela rota, teria que continuá-la até o fim”.

Foi em Módica, portanto, que Pietro Ubaldi assumiu o solene compromisso para com o Cristo e selou o pacto de total adesão à Sua vontade.

Quando terminou o ano letivo de 1932, surgiu uma vaga para professor de inglês, em Gúbio, na Escola Média Estadual Otaviano Nelli, que poderia ser alcançada através de concurso de remoção, divulgado internamente a todas as escolas estaduais. Pietro Ubaldi candidatou-se, foi aprovado e transferido para Gúbio. Gúbio é uma cidade franciscana, ao norte da Itália, onde S. Francisco amansou o lobo, fazendo com ele um pacto de boa amizade: ele seria alimentado pela população, mas não poderia atacar ninguém. Ambos cumpriram as suas promessas.

Gúbio (província de Perúgia) tinha naquela época cerca de 20.000 habitantes, situada a 529 metros de altitude do nível do mar, 54 km de Assis, 217 km de Roma.

Transferido, alugou um quarto na pensão do casal Norina — Alfredo Pagani, Via della Cattedrale, 4/6 (Via della Cattedrale começa na Via dei Consoli). Essa pequena casa encontra-se cravada na encosta de uma montanha. As janelas das suas dependências dão para um estreito riacho e para outra montanha, naquela época desabitada. Situado entre dois montes, o local é lindo. A entrada da casa é pela rua Cattedrale, estreitíssima, e Ubaldi tinha acesso ao quarto através de uma pequena escada lateral. Ali, ele viveu 20 anos (1932-1952).

Nessa cidade medieval, sem muitas igrejas, cercada de montanhas por todos os lados, mística, essencialmente agrícola e com bastante trabalho artesanal, inclusive pratos decorativos, Pietro Ubaldi continuou o seu labor material e espiritual. O visitante mais atento vai encontrar em Gúbio o trinómio impulsionador do progresso da humanidade: religião, cultura e trabalho.

Voltou a Móдика somente para apanhar a bagagem e despedir-se de alguns amigos. Daquela cidade, no interior da Sicília, ficaram as lembranças dos colóquios espirituais e o seu pacto com o Cristo.

Enquanto ele trabalhava em Gúbio, as Mensagens continuavam a percorrer o mundo. A correspondência crescia diariamente. Era preciso responder a todos. Artigos e críticas eram publicados pela imprensa, aumentando ainda mais a fama em torno do seu nome.

Datilografou os primeiros capítulos de *A Grande Síntese* e os enviou à revista Ali del Pensiero, que iniciou a sua publicação no

início do ano seguinte, em janeiro de 1933. A semente foi lançada e, imediatamente, estava a germinar e a dar os seus frutos. Vários jornais e revistas, de muitos países, publicaram aqueles capítulos e ficaram a aguardar a continuação prometida pela “Sua Voz”, para as próximas férias daquele ano.

CAPÍTULO 20

Primeiro Ano em Gúbio

Iniciado o ano letivo em 1º de setembro de 1932, ele assumiu a cadeira de inglês na escola para a qual fora transferido, situada na Praça São Pedro (o Apóstolo), outrora um velho convento, contíguo à igreja do mesmo santo. Nessa escola, ele ministrou aulas para os alunos do curso ginásial. Em 28 de outubro de 1932, após dois meses de atividade, ele foi obrigado a filiar-se ao fascismo e recebeu uma carteira funcional com a sua fotografia 3x4 e um juramento impresso:

“Em nome de Deus e da Itália, juro obedecer às ordens do chefe, servir com todas as minhas forças e, se necessário, com meu sangue à revolução fascista”.

Esse documento, que deveria carregar consigo em todos os lugares, foi assinado por ele e pelo secretário do Partido Nacional Fascista. A Escola fica aproximadamente a dois quilômetros do monte, onde residia, e diariamente ele fazia aquela caminhada: descer o monte, ir ao trabalho, e retornar à casa.

“A sua casinha estava situada entre ásperos escolhos, aberta para um vale onde dominava o vento. Era simples e pobre. Em torno, a força dos grandes movimentos telúricos parecia ter

imobilizado as massas em atitudes de gigantes. Essa paisagem estava em perfeita sintonia com o seu espírito — paisagem toda feita de força, com evidentes lineamentos audazes e violentos, nos quais a vertical era a dominante. Estava em perfeita sintonia com o seu espírito, quase exprimindo o mesmo doloroso anelo de ascensão, essa paisagem atormentada, contorcida como se o espasmo de uma íntima dor criadora tivesse ficado impressa na sua carne martirizada. Quanto devia ter lutado essa terra forte e ousada para elevar-se a essa altitude! Aquelas ciclópicas contorções telúricas pareciam falar-lhe do profundo tormento construtivo da ascensão, do qual ele próprio sofria. Também a terra, no seu plano evolutivo, muito havia lutado e certamente sofrido, para poder chegar à formação daquelas soberbas catedrais de rocha, obedecendo ela também à lei que ordena que, sem um profundo e íntimo trabalho, não se pode construir coisa alguma. Ele que, com audácia semelhante, tentava construir a catedral do pensamento, via-se na tensão daquelas agulhas de pedra e se encontrava a si mesmo, meditando que, para chegar também ao vértice do espírito, fosse necessário atravessar e sofrer as mesmas convulsões, iguais desabamentos de planos inteiros de consciência e semelhantes reações de emersões salvadoras”.

Chegou com o Natal de 1932 o segundo ano da sua vida missionária. Foram novamente mais duas semanas de descanso, e Pietro Ubaldi aproveitou para estar com a família nas festas natalícias. A distância que separa Gúbio de Colle Umberto é cerca de 130 km e pode ser feita de bicicleta motorizada, evitando a longa

caminhada a pé até Peruggia, pois não existe comboio ligando esta cidade a Gúbio. Nenhuma revelação nova na torre da Tenuta Santo António, naquele Natal.

Pietro havia criado mais um ambiente saturado de belezas espirituais inconfundíveis: o seu pequeno quarto de repouso e trabalho em Gúbio. Depois das festas natalícias que se estenderam até ao dia dos magos, vem a segunda maior festa religiosa do ano: A Semana da Páscoa. Foram poucos dias de descanso, e Pietro preferiu ficar em Gúbio. Ali, naquela Páscoa de 1933, ele recebeu duas Mensagens da “Sua Voz”: “Mensagem aos Cristãos” e “Mensagem aos Homens de Boa Vontade”. A linguagem é tão sublime quanto a das outras recebidas anteriormente; a fonte de inspiração continuou a mesma: Cristo. De igual modo, a sua divulgação pelo mundo é sem precedentes na história do espiritualismo.

Agradecido a Deus pela boa dádiva que acabara de receber naquele recanto solitário e por havê-lo escolhido para revelar-Se à humanidade através do seu Filho amado — Jesus Cristo — Ubaldi entoou o “Cântico da dor e do Perdão”, exaltando a nossa irmã dor, que tanto nos ajuda a subir, e ao perdão, que nos faz esquecer todo o mal que recebemos:

“No silêncio da noite imensa, eu escuto o cântico da minha alma: um cântico que vem de muito longe e traz consigo o sabor do infinito.

As coisas dormem, e a voz canta.

Estou desperto e escuto; parece que a noite escuta comigo.

O mistério que está em mim é o mistério das coisas: dois infinitos olham-se, sentem-se e compreendem-se.

Lá embaixo, pelas margens distantes, além da vida, o canto responde, despertam-se as sombras, e, das profundezas, todos os seres estendem os braços: “Não temas a dor, não temas a morte, a vida é um hino que jamais tem fim”.

Observo-os e perdoo à sarça a inocente ferocidade dos seus espinhos, à fera a sua garra, à dor a sua investida, ao destino o seu assédio, ao homem a sua ofensa inconsciente.

“Perdoa e ama” diz o meu cântico.

E eis que ele apresenta uma estranha magia: todos os seres me olham fascinados, e cai o espinho, a garra, a ofensa.

E devagar, devagar, ignaros e cheios de espanto, são vencidos pela magia, então, comigo, lentamente, recomeçam o cântico; a harmonia se dilata, difunde-se e ressoa em todo o Criado.

Sobre cada espinho nasceu uma rosa, sobre cada dor uma alegria, sobre cada ofensa uma carícia de perdão.

Abro os meus braços ao infinito, e falanges de seres me estendem os seus braços.

“Canta, canta” — falam-me — “cantor do infinito; nós te escutamos. O teu cântico é a grande festa da vida. O teu cântico é a luz da qual o ódio e a dor fogem. Canta, cantador do infinito”.

E eu canto.

O meu corpo está cansado e eu canto, o meu corpo sofre e eu canto; o meu corpo morre... e eu canto”.

Por intermédio deste cântico, podemos avaliar a altitude espiritual de Pietro Ubaldi:

“Abro os meus braços ao infinito, e falanges de seres me estendem os seus braços”.

CAPÍTULO 21

Receção de a Grande Síntese

Pietro Ubaldi havia recebido os primeiros capítulos de *A Grande Síntese* no verão de 1932, e continuou a sua receção nos três verões seguintes: 1933, 1934 e 1935. Foram 100 capítulos, todos escritos à noite, até altas horas da madrugada. *A Grande Síntese* foi escrita na mesma torre da Tenuta Santo António. Cada página que a “Sua Voz” lhe ditava era uma nova revelação, porque Ubaldi desconhecia o conteúdo e o plano elaborado pela Entidade reveladora. Os primeiros capítulos são ligados à ciência e os demais à filosofia e à religião.

Aqui, cabe uma pergunta: qual a contribuição de Ubaldi para que *A Grande Síntese* fosse revelada ao mundo? O seu esforço, além do seu conhecimento adquirido nos livros e na própria vida. A dor — a sua grande mestra — e a sabedoria, impressas na sua alma, através das várias reencarnações, muito contribuíram para o seu preparo espiritual na receção daquela obra monumental. Certa ocasião, em Uberaba, ouvimos de Francisco Cândido Xavier que o médium é como um campo de pouso, o qual deve estar adequadamente preparado, para que a aeronave possa descer, sem obstáculo. Foi o caso de Pietro Ubaldi — a Lei o preparou para que o Cristo pudesse revelar aos homens o “Evangelho da Ciência”, na expressão feliz de Emmanuel. A “Sua Voz” encerrou a transmissão de *A Grande*

Síntese no dia 23 de agosto de 1935, às 23h00 — hora de Roma — dedicando a Ubaldi as suas últimas palavras de despedida, e recomendando a todos que tenham

“um pensamento de gratidão para o ser humano que, sozinho e desconhecido, realizou aquele trabalho, por meio do seu amor e do seu martírio”.

Antes de ser publicada em livro, A GRANDE SÍNTESE foi divulgada pela imprensa italiana e estrangeira. A revista *Ali del Pensiero* publicou, em série, os capítulos recebidos durante os quatro verões. No Brasil, foi publicada pelo *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. Na Argentina, a revista *Constancia*, de Buenos Aires, publicou-a integralmente.

Após essas publicações surgiram várias críticas e mensagens em diferentes países, que estão inseridas no livro *Comentários*. Aqui, vamos apresentar apenas três tópicos: respectivamente de Londres (Inglaterra), de Savona (Itália) e de Buenos Aires (Argentina), seguidos de duas mensagens recebidas por Francisco Cândido Xavier (Pedro Leopoldo — Brasil), a primeira, de Emmanuel, dirigida para *A Grande Síntese* e a segunda, de Augusto dos Anjos, dedicada à “Sua Voz”.



A Grande Síntese oferece solução plausível a todos os problemas do universo — desde a estrutura do átomo e a composição química da

vida, até aos métodos de ascensão mística; desde a Relatividade e a génese do Cosmos, até às mais novas questões religiosas e sociais e os mistérios da psique humana. (...). A nota chave do livro é a ascensão espiritual.

— *Isabel Emerson* — Jornalista Inglesa.



“Sumamente favorável sob todos os aspetos. Trata-se, realmente, de uma grande Síntese de todo o saber humano, considerado do ponto de vista positivamente transcendental, em que se estudam todos os ramos do conhecimento, sendo esclarecidos e resolvidos numerosos problemas até hoje insolúveis, com o acréscimo de novas orientações científicas, além de considerações filosóficas, científicas, religiosas, morais e sociais, a tal ponto elevadas que induzem a reverente assombro. É uma obra que fará época na história das revelações mediúnicas, tanto mais que esta é a primeira vez que é ditado à humanidade um grande tratado realmente original, de ordem rigorosamente científica”.

— *Ernesto Bozzano* — Escritor Italiano



“Aceitar a Mensagem, será apenas questão de tempo o compreender o que é novo na Obra de Ubaldi; questão de longas horas de meditação, de dias ansiosos de espera, até que o substrato espiritual

da nossa mente abra as suas portas para as ressonâncias extraterrenas, e aqueles conhecimentos se identifiquem com o nosso sentimento, e se encrustem no nosso entendimento”.

— *F. Villa* — Jornalista Argentino



“Quando todos os valores da civilização do Ocidente desfalecem numa decadência dolorosa, é justo que saudemos uma luz como esta, que se desprende da grande voz silenciosa de *A Grande Síntese*.

Na mesma Itália, que vulgarizou o sacerdócio romano, eliminando as mais belas florações do sentimento cristão no mundo, em virtude do mecanismo convencional da igreja católica, aparelhos existem da grande verdade, restaurando o messianismo, no caminho sublime das revelações grandiosas da fé.

A palavra de Cristo projeta nesta hora as suas irradiações enérgicas e suaves, movimentando todo um exército poderoso de mensageiros Seus, dentro da oficina da evolução universal. O momento é psicológico. As nossas afirmativas abstraem do tempo e do espaço, em contraposição às vossas inquietudes; mas, o século que passa deve assinalar-se por maravilhosas renovações da vida terrestre, As contribuições exigidas serão bem pesadas. Todavia, uma alvorada radiosa sucederá às angústias deste crepúsculo.

Aqui, fala a “Sua Voz” divina e doce, austera e compassiva. No aparelhamento destas teses, que muitas vezes transcendem o idealismo contemporâneo, há o reflexo soberano da sua magnanimidade, da sua misericórdia e da sua sabedoria. Todos os

departamentos da atividade humana são lembrados na sua exposição de inconcebível maravilha!

É que, sendo de origem humana a razão, a intuição é de origem divina, preludiando todas as realizações da humanidade. A grande lição desta obra é que o Senhor não despreza o vosso racionalismo científico, não obstante a roupagem enganadora do seu negativismo impenitente.

Na sua misericordiosa sabedoria, Ele aproveita todos os vossos esforços, ainda os mais inferiores e misérrimos. Toma-vos de encontro ao seu coração augusto e compassivo, unge-vos com o Seu amor sem limites, renovando os Seus ensinamentos do Mar da Galileia.

Vede, pois, que todos os vossos progressos e todos os vossos surtos evolutivos estão previstos no Evangelho. Todas as vossas ciências e valores, no quadro das civilizações passadas e no mecanismo das que hão de vir, estão consubstanciados na sua palavra divina e redentora. *A Grande Síntese* é o Evangelho da Ciência, renovando todas as capacidades da religião e da filosofia, reunindo-as à revelação espiritual e restaurando o messianismo do Cristo, todos os institutos da evolução terrestre.

Curvemo-nos diante da misericórdia do Mestre e agradeçamos de coração genuflexo a sua bondade. Acerquemo-nos deste altar da esperança e da sabedoria, onde a ciência e a fé se irmanam para Deus. E, enquanto o mundo velho se prepara para as grandes provações coletivas, meditemos no campo infinito das revelações da Providência Divina, colocando acima de todas as preocupações transitórias, as glórias sublimes e imperecíveis do Espírito Imortal.”

— Emmanuel (Chico Xavier)



Sua Voz

Nesta síntese orgânica da ciência,
Fala Jesus em toda a substância,
Desde a mais abscôndita reentrância,
Das Leis maravilhosas da existência.
Sua Voz é a divina concordância
Com o Evangelho, em luz, verdade e essência,
Neste instante de amarga decadência
Da civilização de angústia e ânsia.
Alma humana, que dormes na albumina,
Desperta às claridades da doutrina
Deste Evangelho regenerador! ...
Fala-te O Mestre, do seu trono de astros.
Ouve-lhe a Voz! ... Caminha! ... Vem de rastros
E escuta a Grande Síntese do Amor!

— Augusto dos Anjos



Sem que Pietro Ubaldi desejasse ou procurasse, ainda assim a sua fama, como médium de Cristo, na opinião de todos, inclusive de Emmanuel e de Augusto dos Anjos, extrapolou da Europa para

outros continentes. A “Sua Voz”, por intermédio dele, veio, com *A Grande Síntese*, iluminar a ciência, a filosofia e a religião.

CAPÍTULO 22

Apresentação e Programa

Terminada a receção de *A Grande Síntese*, aproveitou os dias que lhe restaram das férias, para rever a sua mãezinha com 84 anos. Uma vida longa e bem vivida. Cumpriu o seu dever diante de Deus e dos homens. A sua saúde estava um pouco abalada, porém, muito lúcida, ainda governava o Palácio Alleori Ubaldi.

De Foligno, foi diretamente para Gúbio, porque se aproximava o início de mais um ano letivo. Chegando, fez a limpeza do quarto e entrou na rotina diária de trabalho, com a correspondência bastante acumulada. Ficou a acompanhar a enfermidade da sua mãe através de cartas, e no dia 28 de outubro chegou-lhe uma correspondência urgente, dizendo que ela havia falecido. Comunicou a triste notícia ao diretor e pediu licença para ausentar-se da escola, mas a autorização foi-lhe negada.

“O diretor, embora sem discernimento e energia, era, em compensação, impicante ao exagero. Morreu a mãe do nosso protagonista. Pois tiveram a coragem de não lhe dar nem um dia de licença”.

A Itália estava em plena ditadura, com Mussolini no poder.

Que dor para aquela alma sensível, verdadeira angústia curtida no silêncio do seu coração! Sabia sofrer e conhecia muitas dores, essa, porém, iria marcá-lo pelo resto da existência. Ele amava a sua mãe, amor que aprendera com ela mesma, mas não pudera levar-lhe o seu último adeus... Foi o único filho a não comparecer. Exatamente aquele pupilo do seu coração amorável de mãe. A renúncia que ele fizera fora à riqueza, ao conforto e aos prazeres do mundo, mas esta restrição de não poder ausentar-se da escola, apesar de um motivo como aquele, era bem diferente. Ubaldi, sempre pacífico, não reagiu nem argumentou; aceitou tranquilamente a decisão do seu superior. Ele amava a pobreza material, e não a do espírito, que deve ser rico diante de Deus e do mundo.

No silêncio daquela noite, recordou-se da sua infância tão bem cuidada, do seu período escolar e da sua juventude esmerada. A sua mãe, sempre atenta a tudo o que acontecia, acompanhara-o em todos os lances da sua vida, até à fase adulta. Era disciplinada e ponderada nas suas decisões, agindo sempre de acordo com a sua consciência. Tinha um coração boníssimo e era muito afeiçoada ao bem. Pietro Ubaldi havia herdado todas as boas qualidades daquela vigorosa mulher. Aquele momento, ali na casinha pobre de Gúbio, era hora de refletir e agradecer a Deus por ela ter sido a sua mãe. Refletir para aprender, para conhecer ainda mais a si mesmo. Foram dias amargos e tristes que se transcorreram naquele fim de outubro de 1935.



Além de *A Grande Síntese*, durante o seu período de receção, Pietro Ubaldi escreveu vários artigos de cultura, ensinamentos evangélicos e de interesse para a Obra. Nesses, como em outros escritos, ele usou o pronome na primeira pessoa do singular, seguindo o exemplo de Cristo no Seu Evangelho. Não o fez por imitação, mas por necessidade, para assumir total responsabilidade pela tarefa que abraçara. Podemos observar que o “eu” utilizado é despretensioso e não tem o objetivo de ferir a suscetibilidade de ninguém. É um “eu” a desculpar-se por não poder falar “você”, “nós” ou algum outro pronome que se anteponha ao verbo.



Logo que surgiram os primeiros escritos de Ubaldi, houve uma louvação exagerada em torno do seu nome. Isso poderia prejudicar a missão, que ele, intuitivamente, sentia ser grande. Com o endeusamento, poderia surgir alguém entusiasmado e fundar uma escola paralela a tantas outras existentes. Ele havia participado, sem se projetar, do movimento espiritualista que surgiu no início do século e que, mais tarde, foi proibido pelo governo. Foi daquele movimento que emergiu o grupo de estudiosos da ultrafania e da biosofia, liderado por Gino Trespioli. Ele temia que o mesmo acontecesse agora com a sua Obra, que tinha um objetivo diferente. Era uma mensagem de Cristo, imparcial e universal, tal e qual o

Seu Evangelho. E, quase sempre, aquele tipo de movimento surge acompanhado de problemas financeiros, os quais ele tanto detestava. Recordava-se também de que S. Francisco sofrera igual ameaça por Frei Elias. Este aproveitando-se da fama daquele, queria angariar recursos para construir igrejas, mas o Poverello de Assis não lhe permitiu, e o intento do seu discípulo somente foi concretizado após a morte do mestre. Daí Pietro Ubaldi escrever um artigo de esclarecimento e prestação de contas, em Colle Umberto (Perugia), na Noite do Natal de 1933, "Carta Aberta a Todos". Dois meses depois, em Gúbio, escreveu mais dois artigos, o primeiro em 6 de fevereiro de 1934, intitulado "Apresentação" e o segundo, seis dias depois: "Programa".

1. Carta Aberta a Todos

Completam-se hoje dois anos desde que a Sua Voz começou a falar. É Noite de Natal e afasto-me por um momento da reunião familiar, para meditar e escrever.

Este é um exame público de consciência que efetuo na hora solene em que se aguarda, para comemorar, uma vez mais, o nascimento do Salvador do Mundo.

Não sei qual imenso espanto me invade nesta hora solene, em que o homem é vencido pela maravilhosa Voz de Cristo. Extasio-me na visão de um mundo regenerado por essa Voz e detenho-me nela, buscando descanso. É a noite encantada na qual o grande signo do amor adquire realidade também sobre

a Terra. Cristo está aqui conosco, esta noite, para a nossa paz. Amanhã, terei que volver a empreender a caminhada, sozinho e exausto, com uma imensa visão na alma, uma febre incessante no coração, um estalido de paixão em cada pensamento. Sinto-me oprimido pela minha debilidade e pela imensidade do programa. Quem sou eu para atrever-me a tais tarefas? Haverá alguém mais aterrorizado e mais aniquilado do que eu? Cumprirei totalmente com o meu dever e hei de cumpri-lo no futuro? Terei forças bastantes para fazê-lo? Vou mendigando um consolo a todas as almas boas, para que me sirvam de apoio à minha debilidade. Se a Sua Voz me abandonasse, eu me sentiria completamente arruinado.

Entretanto hoje se completam dois anos em que essa Voz retumba no mundo e o mundo a escuta. Nada me havia causado jamais tanto assombro como esta afirmação decisiva, sem preparação alguma da minha parte, nem vontade, num mundo onde, com frequência, as coisas mais sabiamente preparadas e mais intensamente queridas não obtêm êxito.

Como pode avançar tudo isso com a abstração da minha debilidade e hesitação? Como pode produzir efeito e arrastar o meu pensamento, que deveria ser a sua causa? Que força convincente reside naquelas palavras escritas improvisadamente, sem que delas eu me desse conta, para conseguir o assentimento de tantos? Que sensação de infinito despertam e abalam os espíritos?

Tremo e, entretanto, avanço. Quisera resistir por um instinto de objetividade e vejo-me arrastado. Quem é, então, que me guia? E quem, por mim, conhece a estrada e o futuro? Sofro desalentos terríveis, mas, apesar disso, tudo prossegue do mesmo modo. Quem sou eu diante do imenso torvelinho de forças que me rodeiam? Que outro grande mundo existe além deste que todos veem e creem ser o único?

Parece indubitável que o meu trabalho faça parte de um grande programa de renovação mundial que ignoro e que não pode deter-se. Rebelar-me ou vacilar seria em vão. Isto já é toda a minha vida. Não conheço o futuro, mas sei muito bem que todo o movimento iniciado não se poderá deter, a menos que tenha completado a sua trajetória.

Nesta Noite de Natal, todos vós, homens de boa vontade, que sentis uma fé viva, uma paixão de bondade, uma alma aberta às palavras de Cristo — não importa como a sintais e a manifesteis, desde que essa paixão arda dentro de vós em substância — ajudai-me a orar junto ao Berço para que o Santo Menino nos faça compreender esta sublime maravilha que desceu do céu sobre a Terra: o amor fraternal.

Parece-me ver o Grande Rei, que veio à Terra por amor, ir mendigando de porta em porta, por este nosso triste mundo, implorando-nos por caridade, pelo amor de Deus, um pensamento de bondade para os nossos semelhantes.

— Perugia (Itália), Vigília do Natal de 1933.

2. Apresentação

Apresento-me como homem.

A entidade que me inspira mediunicamente e sobre mim exerce autoridade, no pensamento e na ação, deve ter um representante terreno, alguém que assuma todo o peso da luta e da responsabilidade; que totalmente se exponha, moral e fisicamente, aos perigos de uma realização novíssima, ao trabalho que toda a grande conquista e todo progresso impõem, à necessária tensão para ultrapassar todos os obstáculos.

Tal sou e assim me coloco hoje, ao ingressar na vida pública.

Nada possuo além do meu trabalho para viver e da minha obra para triunfar no bem. Dentro de mim e acima de mim, porém, vibra uma voz que infunde respeito, que me arrasta e a todos irresistivelmente arrastará, voz que eu escuto e a que devo obedecer.

Já não é mais o momento de dizer: o tempo virá, mas sim de afirmar: o tempo chegou. Chegou a hora da grande ressurreição espiritual do mundo.

Eis o que sou: o servo desta potência, o servo de todos, ao serviço de todos, para o bem de todos. Nada mais me pertence, nem alma nem corpo; pertenço ao bem da

humanidade. Deverei ser o primeiro no trabalho, na dor, na fadiga e no perigo; e o primeiro serei nesse caminho e me esgotarei até à última dose das minhas energias, até ao último espasmo do meu lamento, até à última explosão da minha paixão.

Sou fraco, culpado e indigno; não tenho, porém, mais força para sufocar esta voz, que deseja explodir e falar ao mundo, arrastar os povos, abalar os poderosos, convencer os doutos e todos conduzir a uma vida de bem e de felicidade. Serei considerado louco, bem o sei. Mas a Sua Voz tem um poder a que não mais sei resistir. E eu, o último dos homens, falarei ao mundo com palavras novas, num tom altíssimo, de coisas grandes e tremendas, em nome de Deus.

Estremeço e choro ao escrever estas palavras. É o sinal positivo de que Ele, o espírito que me assiste, está junto de mim e me faz escrever coisas que são incríveis.

Não obstante as almas simples sentem, com um sentido que a ciência não tem e nunca terá, sentem por intuição de afetos e por penetração de amor, a completa naturalidade e a perfeita credibilidade destas coisas incríveis.

Tão intensamente profunda é essa intuição, que a alma juvenil dos povos do outro hemisfério a sentiu, rápida, vibrante, espontânea, num reconhecimento que dizia: eu sei, em face da demorada, duvidosa e sofisticada análise científica da velha

Europa. É que a ciência analisa, toca e mede, mas não tem alma, e, somente com o cérebro, nada se pode “sentir”.

Brasil, terra prometida da nova revelação, terra escolhida para a primeira compreensão, terra abençoada por Deus para a primeira expansão de luz no mundo! Já um incêndio lá se levanta; instantânea e profunda foi a compreensão. Foi um reconhecimento sem análise, de quem sabe porque sente, de quem tem certeza porque vê. Os humildes, não solicitados, compreenderam e se afirmaram os primeiros, sem provas, sem discussões, no terreno em que a ciência, que tudo sabe, nunca cessa de exigir-las.

A profunda emoção que me invade ao falar-vos, o espasmo de paixão que me arreбата, o rasgar-se do meu coração a cada palavra não se podem medir nem calcular; mas vós o sentis, embora a tão grande distância de tempo e de espaço! As lágrimas que me comovem enquanto escrevo e caem sobre este papel, destas palavras ressurgirão e cobrirão os vossos olhos quando as lerdes. E direis irresistivelmente: “É verdade”. E, através dos anos, convencerão e arrastarão outras almas, que ao lerem-nas, como vós, também dirão irresistivelmente: “É verdade”.

Porque a força que me arreбата também vos arrasta, a paixão que me inflama também vos incendeia e nos une a todos num só esforço, numa tensão e num trabalho comuns, em favor do bem. Como é grande e bela esta felicidade ilimitada de nos sentirmos todos irmãos, profundamente irmãos, diante dessa

maravilhosa voz que do infinito a todos nos alimenta! Como é doce, diante dela, ensarilhar as tristes armas da rivalidade e da competição que pesam sobre nós e nos amarguram a vida. Que grandioso é sentirmo-nos todos unidos numa só humanidade, num compacto organismo; não mais como pobres seres solitários num mundo inimigo, mas cidadãos de um grande universo, onde cada ato tem um alvo, onde toda a vida constitui missão.

A Voz me arrebatava neste momento e senhoreia-se da minha mão, como o faz sempre que deseja falar por meu intermédio. Eu a sigo, pequenino, confuso, maravilhado por imensas visões.

Agora, ela me apresenta o planeta envolto numa faixa de luz e me faz ver uma humanidade mais feliz e mais sábia, ressurgindo das ruínas da geração de hoje; mas também a ela pertenceremos, e quem houver semeado colherá. Acima de nós que, lutando e sofrendo, semeamos, uma falange de espíritos puros estende-nos os braços, encorajando-nos e ajudando-nos. Somos os operários de um grande trabalho, do maior trabalho que o mundo jamais realizou: a fundação da nova civilização do Terceiro Milénio.

Mãos à obra! Levantai-vos. É chegado o momento. A palavra da Sua Voz encerra uma força misteriosa, intrínseca, invisível, mas poderosa; imponderável, mas irresistível, e, por ela sozinha, avança, sabendo por si mesma escolher os meios humanos, solicitando-os a todos, convidando à colaboração

todos os homens de boa vontade. Ela avança e atinge os corações; persuade e convence, possuindo e ofertando, a cada momento, de si mesma, uma prova evidente: o facto inegável da sua automática divulgação.

Mãos à obra! Espera-me, espera-nos um tremendo trabalho, mas também uma imensa vitória. Somente sob a direção de um chefe sobre-humano o mundo poderia empreender uma obra tão gigantesca. Temos um chefe no Céu. Ele não traz senão a paz, o amor, o respeito a todas as crenças. Nada tem Ele a destruir do que seja terreno; a ninguém Ele agride; não toca a forma, que não é o essencial: encara a substância. Nada tem Ele a modificar do que seja terreno neste mundo; tudo quer vivificar com uma chama de fé, quer tudo aquecer com uma nova paixão de amor puro — o amor de Cristo, esquecido.

Nada têm a temer as autoridades nem os organismos humanos. É tão velho e inútil o expediente de modificar as organizações! Não mais criações de sistemas sempre novos e sempre velhos, mas criação do homem novo, que tem origem no íntimo, onde está a alma, e não no exterior. Toda a organização é boa, quando o homem é bom, e é má, quando o homem é mau.

O novo reino não é deste mundo, e jamais se tocará no que lhe pertence. Não está a surgir um novo organismo humano, com chefes e subordinados, com cargos e funções, com propriedades e direitos. Não. Absolutamente nada disso. Trata-se, eu vos digo, do Reino de Deus, do reino que o mundo ainda

espera, que o mundo ainda invoca: “Veniat Regnum Tuum”. É um reino de almas, de amor e de paz; não possui sedes, não tem riquezas, nada possui; não tem senão a tarefa do dever, o amor do bem, a paixão do sacrifício, a grandeza do martírio. E quem for o primeiro nesse caminho será o maior nesse reino de Deus.

Almas distantes que no Brasil tudo compreendestes, distantes pelo espaço, mas tão perto do coração; que o meu abraço vos chegue forte, profundo, imenso, como eu o sinto agora, nesta solidão montanhosa de Gúbio, no mais alto silêncio da noite, com a minha alma nua diante de Cristo, cujo olhar me penetra, me envolve e me vence.

Humildemente, como o último dos homens que sou, eu vos suplico, pela compaixão que pode inclinar-vos para o mais frágil e abatido dos seres: ajudai-me a compreender este mistério tremendo que em mim se processa, ajudai-me a cumprir esta obra imensa, cujos limites não alcanço.

— Gúbio (Itália), na noite de 6 de fevereiro de 1934

3. Programa

“Ama o teu próximo como a ti mesmo”

Depois do escrito anterior, "*Apresentação*", importa de imediato precisar os conceitos, para evitar mal-entendidos, falsas interpretações, transposição de metas e de princípios.

O conceito da Sua Voz é claro e exato. Aqui, o exponho com o menor número possível de palavras, cristalino e adamantino, qual o sinto explodir em mim, para que resista a todo o choque e a qualquer desvio.

O princípio e o conteúdo do movimento são estrita e exclusivamente evangélicos. Tudo aquilo que não pode permanecer no Evangelho de Cristo não pode igualmente permanecer neste movimento. Não é possível distorcer em nenhum sentido estas palavras.

As consequências são de igual modo simples e evidentes.

O movimento e quantos dele participam devem manter-se dentro do princípio fundamental do Evangelho:

"Ama o teu próximo como a ti mesmo".

Não existe outro caminho possível. Quem não puder assimilar este princípio espiritual naturalmente estará excluído.

O movimento, qual o Evangelho, é apolítico e supranacional. É simplesmente humano na sua universalidade. É interior e espiritual, não externo nem material, a não ser nas suas

últimas e inevitáveis consequências, as quais não tocam, de modo algum, as normas humanas, absolutamente fora dos seus objetivos e de qualquer discussão.

Assim sendo, o movimento é também suprarreligioso, pois não atinge nenhuma expressão religiosa, mas as respeita todas, antes de tudo reconhecendo-as, tanto que as envolve todas num único amplexo. Assim faz do dividido pensamento humano uma potência de concepção unitária; das separadas e multiformes crenças, um ímpeto concorde de fé, de esperança e de paixão para um Deus que deve ser o mesmo para todos, e uma verdade que deve ser a mesma para todos.

Como tal, o movimento a todos convoca para que todos se unam em colaboração. Eis porque não existirão, como já se disse no precedente escrito, nem chefes, nem subordinados, nem cargos, nem funções, nem propriedades, nem direitos, nem sedes, nem riquezas. A edificação deve efetuar-se, para cada um, no íntimo da própria alma, qual obra e construção sua. Indistintamente, todos são chamados à colaboração, para que cada um seja o criador, no próprio coração, do Reino de Deus.

Os meios humanos são, portanto, todos excluídos, porque não necessários. O novo reino deve nascer não nas organizações humanas, mas no coração dos homens. E cada um deve realizar essa criação antes de tudo em si mesmo, tornando-se melhor.

Não é, pois, preciso outro chefe senão Deus, nem outro comando exceto a voz justa da consciência. Dir-me-eis, porém: Isto não basta para fazer uma religião. E eu vos digo: Não se trata de uma religião, mas de uma força que deve reavivar todas as religiões existentes.

Para quem discordar, não existe qualquer dispositivo de coerção como nas normas humanas, senão a perda automática da posição privilegiada de seguidor de Cristo — a perda da proteção da lei justa de Deus. Isso significa uma rendição à feroz lei terrestre da luta e da força sem justiça. A lei Divina, sempre presente no interior das coisas e dos seres, não admite mentiras, porquanto é imanente na consciência; não admite violações nem fugas, pois se situa no mais íntimo do espírito humano.

Eis a absoluta novidade deste movimento na história de todas as experiências humanas. Dele são excluídos: comando, riqueza, força. Ele é construção eterna e não pode, por isso, usar senão materiais eternos. Cada empreendimento é uma construção cuja durabilidade depende dos materiais utilizados. Quem usar da espada pela espada perecerá; quem usar da violência pela violência perecerá, pois, os meios usados como causa recaem depois, por força da lei eterna, inexoravelmente, como efeito, sobre o seu agente.

Se o movimento não atender a estes princípios, será ilusório e caduco, como todas as coisas humanas. E qualquer elemento humano que nele introduzirdes ser-lhe-á como um caruncho

destruidor, uma força lenta continuamente em tensão para a destruição.

Como movimento social, inspira-se, portanto, em princípios nunca usados pelo homem na história do mundo. Por estas características, reconheceréis que ele vem do Alto, de um mundo não vosso, porque nenhum elemento vosso nele é introduzido nem nele está contido; ao contrário, é cuidadosamente excluído.

A imediata consequência prática desta claríssima tomada de posição diante do mundo é a seguinte: se todos são admitidos, contanto que puros e honestos de coração, automaticamente são excluídos aqueles que assim não são. Depuração, portanto, por força íntima da realidade.

Vós, da Terra, acostumados como sois a vos mover constantemente num mundo de imposição e de força, sem nada poderdes obter sem estes meios, dificilmente vos inteirais da intervenção de quais forças subtis, invisíveis e íntimas, poderosíssimas e invioláveis, seja feito este movimento. Destes princípios, aqui enunciados, emana imediatamente esta consequência prática e evidente: não podem tomar parte neste movimento os inaptos.

Por ser ele alicerçado sobre aqueles princípios, os gananciosos de riqueza, de mando, de glória e poder, sempre prontos e à espera para fazer especulação de tudo, até das coisas de Deus,

não encontrarão alimento algum, o mínimo ponto de apoio e, por si mesmos, se afastarão.

Obtém-se, então, automaticamente, sem demora, sem gasto de energia, o afastamento da primeira ameaça que surge em qualquer movimento humano: a possibilidade de desfrute. Evita-se que o mal possa aninhar-se nele e obtém-se ainda a sua imediata eliminação. Vede qual potência contém o imponderável fator moral também nas organizações humanas. Esse poder é tal que pode substituir esplendidamente, se genuíno, todos os vossos exércitos, as vossas complexas transações económicas, todo esse tremendo equipamento de obrigações e vínculos que demonstram não a vossa força, mas a vossa fraqueza. E, por caminhos assim tão simples, conseguireis vantagens e uma perfeição que nenhuma organização humana pode alcançar. Aqui não existem atritos, pois não há luta nem força, nem pode haver traição, porquanto não existe mentira. O inimigo é externo: o mal; porém o mal não se vence com outro mal, mas sim com o bem.

As rodas sobre as quais avança este organismo são: altruísmo (e não egoísmo), pobreza, dever, amor, sacrifício e, se necessário for, o martírio. Ante o perfume destas grandes coisas, as almas perversas fogem, e, numa atmosfera assim rarefeita, os indignos sufocam e velozmente se afastam para nunca mais se aproximarem. Eis as bases. Eis o tesouro que vos dará alimento e poder, eis o exército que vos defenderá.

É esta, pois, uma cruzada de homens honestos, simplesmente honestos. Não importa ciência, nem riqueza, nem poderio. Disso não temos necessidade. Atrás do justo existe uma força tremenda: a lei Divina, que o protege. Não vos preocupeis se não perceberdes essa lei. Ela é a mais profunda realidade da vida. Não temais se esta realidade permanecer sufocada no vosso baixo mundo de dor, encoberta pela vossa densa atmosfera de culpa. Cada homem a sente no profundo da sua consciência, como um instinto incoercível. Mas o justo, tão logo haja alcançado os mais altos níveis de vida, de imediato a encontra e a sente com absoluta confiança e por ela se reconhece seguramente amparado.

Esta cruzada de homens novos constitui-se hoje, no mundo, para a sua salvação. Os seus componentes serão recrutados em todas as classes, em todas as crenças, em todos os países.

Não se trata de vãs utopias. São possibilidades lógicas e reais, baseadas sobre forças concretas, embora sejam para vós imponderáveis.

Uma só coisa basta: ser honesto. E basta sê-lo para sentir-se irmão e unido aos irmãos honestos. Não vos reconhecereis por sinais exteriores, mas somente por essa íntima sensação, que vos lançará irresistivelmente uns nos braços dos outros. Não vos fatigueis, como sempre tendes feito, a escavar abismos entre vós em todos os campos, mas lutai para reencontrar-vos todos nesta unidade substancial de espíritos. Ela é urgente,

pois que são iminentes e tremendos os tempos, que a impõem como questão de vida ou de morte.



Nestas palavras, não minhas, mas da *Sua Voz*, tudo é construtivo. Nunca atacam e, se há alguma coisa para destruir, elas com isso não se preocupam, mas a deixam em abandono, para que caia por si; não existe mais ativo agente de destruição do inútil do que um novo organismo vital em funcionamento.

Se um corpo é velho e moribundo, afadigar-vos-eis em destruí-lo? O que é verdadeiramente inútil cairá por si mesmo, sem necessidade de se acionar uma causa de destruição violenta, que recairia depois inexoravelmente sobre quem a movimentou. Acreditais que, para demolir aquilo que é inútil, seja mesmo indispensável a intervenção do homem, ou que ele seja capaz de guiar e escolher com segurança, e que a Lei não contenha em si os meios para afastar aquilo que não tem razão de ser? Como podeis crer seja isso possível num organismo totalmente regido por um perfeito equilíbrio, qual é o universo?

A condição para ser admitido neste movimento é um simples exame de consciência perante Deus. Coisa simples, profunda e imensa, fácil e tremenda. Mas isto nada é, dirá o mundo.

Entretanto isto é tudo, diz o espírito. Experimentai seriamente e sentireis que é verdade. É esta coisa simples e tremenda que o homem deve hoje fazer, à margem do abismo onde, se não se detiver, cairá de maneira terrível.

E se vós, almas sedentas de ação exterior, de movimento e de sensações, quereis evadir-vos desta íntima vida do espírito para ingressar na vossa exterior realidade humana e trabalhar, clamar, conquistar e vencer também com os braços e com a ação, então vos digo:

“Saí, saí de casa; ide ao vosso inimigo mais cruel, àquele que mais vos tem traído e torturado e, em nome de Cristo, perdoai-lhe e abraçai-o; ide àquele que mais vos tem roubado e cancelai-lhe o débito, e mais, entregai-lhe quanto possuíis; ide àquele que mais vos insultou e dizei-lhe, em nome de Cristo: Eu te amo como a mim mesmo, porque és meu irmão”.

Direis: Isso é absurdo, é loucura, é desastroso; é impossível sobre a Terra esta deposição de armas. Mas eu vos digo: Vós sereis homens novos somente quando usardes métodos e recursos novos. De outra forma, não saireis nunca do ciclo das velhas condenações, que eternamente punirão a sociedade das suas próprias culpas. Pela mesma razão pela qual Cristo se ofereceu na cruz, hoje a humanidade deve sacrificar-se a si mesma por esta sua nova, profunda, absoluta e definitiva redenção. Porque, sem holocausto, nunca haverá redenção.

O mundo louco arma-se contra si mesmo, com perspectivas sempre mais desastrosas, de recursos tremendos em face dos

atuais progressos científicos. Uma conflagração bélica não deixará mais nenhum homem salvo sobre a Terra, se a loucura humana não se detiver a tempo. Onde o homem assim procede, não existe senão uma extrema defesa: o abandono de todas as armas.

Dizeis: Mas nós temos o dever de viver.

E eu vos digo: Quando vós, com ânimo puro, disserdes: “Em nome de Deus” — então tremerá a Terra, porque as forças do universo se moverão; quando fordes verdadeiramente justos, quando inocentes, se a violência vos ferir, triunfando momentaneamente, o infinito precipitar-se-á aos vossos pés para vos dar a vitória e levantar-vos ao Alto, na condição de triunfadores na eternidade, bem longe do átimo de tempo em que a violência venceu.



Eis os princípios que a Sua Voz me transmite — desta vez não mais sob forma afetuosa, mas feitos de poder e conceito.

Eis o que Sua Voz pede à alma do mundo. A sua alma coletiva, una e livre como uma alma individual, pode escolher, e dessa escolha dependerá o futuro. A sua Voz afasta-se, em silêncio, de quem não a segue.

Eis o que a Sua Voz pede, primeiro de tudo ao Brasil, escolhido para a primeira afirmação destes princípios no mundo. E esta afirmação deve ser um imenso amplexo de amor cristão. Será a primeira centelha de um incêndio que nos deve inflamar de bondade, para dissolver o gelo de ódio e rivalidade que divide, esfomeia e atormenta o mundo.

Este é o espírito dos novos tempos. Somente quando virmos este espírito voltar à vida dos povos, é que poderemos dizer que Cristo voltou outra vez e está presente entre nós.

— Gúbio (Itália), na noite de 12 de fevereiro de 1934.

CAPÍTULO 23

A Escola do Porvir

Gúbio, setembro de 1934. Pietro Ubaldi encontrava-se diante de dois mundos, duas situações distintas, dois modelos de vida em dois planos diferentes. Um deles é o da luta diária, do ganha-pão, do trabalho na escola e em casa, sem o qual a existência neste mundo não faria sentido. É impossível, para ele, viver vegetando, sem uma finalidade superior, e junto desse objetivo está a sua manutenção. O outro plano é o que está além desta vida material, que os nossos olhos mortais não veem. Esse, que independe das nossas dimensões terrestres de espaço e tempo, é mais belo e foge das nossas preocupações, como se não houvesse necessidade de defrontarmo-nos com ele um dia, mais cedo até do que imaginamos. Ubaldi tinha consciência desse plano superior, porque vivia nele e o conhecia tão bem ou melhor do que este mundo, no qual se considerava um peregrino. Na verdade, todos nós somos peregrinos, em qualquer pátria onde estejamos a viver.

Sempre tranquilo, sozinho, pensativo, envolto naquela atmosfera espiritual que impõe respeito e veneração aos espíritos sensíveis, ele é um viajante pela estrada da vida. Os que não o conheciam talvez pensassem: que homem estranho é aquele, caminhando sempre por estas ruas diariamente! A cidade é pequena para perceber a sua alma exuberante de amor e carente

de afeto, mas descobre que é um modesto professor de inglês da escola estadual, na praça S. Pedro. Não lhe dão importância. Isso também não lhe importa.

Pietro Ubaldi é um espírito evoluído; quer oferecer o melhor de si para os seus alunos; imagina uma escola diferente, e não apenas um local de trabalho, protegido do sol, da chuva, do vento, da neve e com endereço certo.

“Por escola entendo aqui a escola média, compreendida não como um problema teórico e orgânico, mas sim como um problema prático. Trava-se a luta do mestre no diuturno contato com a crua matéria cerebral dos jovens. Ele, fatigosamente, ara os campos virgens da inteligência obstinada para atirar no sulco traçado a semente do saber”.

Na realidade, o processo alunos-ensino-aprendizagem é um trinómio que pode ser representado por um triângulo equilátero (figura plana com três lados iguais). Nos vértices da base estão os alunos e o local de trabalho, adequadamente preparado, e no vértice superior o professor. Se os alunos ficam bloqueados na sua aprendizagem pelo professor ou pela dificuldade oriunda da matéria; se o ambiente não dispõe dos recursos mínimos para um bom ensino, salas inadequadas ou falta de material; se o professor “finge que ensina e os alunos fingem que aprendem”, a desarmonia predomina e aquele triângulo deixa de ser equilátero, para tornar-se isósceles ou até com três lados desiguais (escaleno).

Ubaldi preocupado com o processo educacional, porque viveu esse drama, escreveu três trabalhos interessantíssimos: “O

Problema da Educação”, “A Psicologia da Escola” e “A Arte de Ensinar e de Aprender”, nos quais são traçadas todas as diretrizes do saber e do ensinar, inseridos no seu *Fragmentos de Pensamento e de Paixão*.

“A educação é o ato no qual a geração madura se volta sobre a geração jovem, que a sucede, para transmitir-lhe todo o fruto do seu conhecimento e experiência.

A força, a disciplina, não são senão atos de superfície, de valor prático, um meio de relativo labor pedagógico, mas nunca a substância de um ato educativo. Este é dado pela profundidade de penetração psicológica, o que é uma coisa difícil. É necessário ter uma grande alma, possuir a coragem e a força de abri-la de par a par, ser dotado de uma potência de irradiação que penetre e, ao mesmo tempo, de uma fineza psicológica que saiba guiar aquela potência.

O educador representa a força do bem, fazendo-se canal para a sua descida desde o divino, mesmo quando a involução humana o constringe a adotar formas de coação. A educação é bondade, mas não deve jamais permitir que a ignorância dos involuídos satisfaça o seu mais forte instinto, que é transformar bondade em fraqueza a fim de poder subjugar.

Aos olhos do professor, o problema do ensino não pode ser tão-somente a mecânica transmissão do saber, como o deseja o nosso século de eruditos e de especialistas ainda à procura

da última síntese, podendo, porém, dilatar-se naquele problema muito mais vasto da compreensão da vida; compreensão que a síntese cultural não pode dar, que nenhum curso ensina e nenhum concurso controla, que não é tanto uma ideia abstrata, uma concepção, quanto um sentido de vida, uma emanção que somente um espírito maduro e profundo pode irradiar, entregando-se totalmente. Abre-se, então, aos olhos do professor, a visão de uma tarefa superescolástica: construção de intelectos e, na transformação da pedra rude em escultura conceituosa e bela, quase a infusão de um plasmar de personalidade, um criar no espírito com ato superior ao do artista que exprime a matéria onde imprime o seu alento humano.

A nossa arte de ensinar reside no habituar, contemporaneamente, os jovens à compreensão e à comunicação; está no abrir as suas almas à confiança, despertando-lhes o interesse pelo estudo. Nesta arte, está a evolução da educação, que tende das formas antigas de punições materiais às formas de orientação, baseadas na comunhão espiritual. À medida que a sensibilidade se aperfeiçoa, o constrangimento se subtiliza e desaparece, transformando-se no elemento convicção, que suprime o desperdício de energia. É menos oprimente para o aluno, é mais lucrativo para o ensino. O constrangimento não se compatibiliza com o uso do pensamento, da sua natureza livre e espontânea que somente se nutre do contato com outro pensamento livre e espontâneo”.

Ensinar, na opinião de Ubaldi, não é somente transmitir conhecimento aos alunos, é envolvê-los num processo global de aprendizagem natural. Ele concebe uma escola sem cansaço, sem obrigatoriedade, sem maiores esforços e sem aborrecimentos. Obrigar o estudante a frequentar o colégio e forçá-lo a estudar é um absurdo somente concebível no nosso estágio atual de evolução. No futuro, o ensino será diferente, mais aprimorado e mais natural. Ele concebe uma escola em que o tempo do aluno será mais bem aproveitado, com melhor rendimento na aprendizagem. Ele vai mais longe: imagina para o futuro uma escola que aproveite os recursos do subconsciente, do consciente e do superconsciente.

“E quem sabe se, dentro de alguns séculos, não se estude e se aprenda à custa de métodos de sintonização? A fadiga dos livros seja substituída pela harmonização vibratória do ambiente? Já possuímos os recetores de radiotelevisão. Sabe-se que a matéria é, no fundo, energia e que o pensamento é energia que se transmite por ondas. Não é absurdo que se possa, sondado o mistério do subconsciente, alcançar a transmissão do pensamento por sintonia.

A sua assimilação dar-se-á, não com fadiga do estudo, mas por receção de um transmissor funcionando como distribuidor e recompositor do pensamento por via conceptual direta, sem forma de língua ou palavra.

Agora, o nosso olhar desvia-se dos escolares para aquela figura que se move na cátedra, sobre a qual vemos as grandes

imagens e os símbolos mais venerandos. O que se move naquela figura: alma, corpo, paixão? Se todos os trabalhos humanos pudessem ser reduzidos ao conceito de puro utilitarismo, é certo que o trabalho de ensinar e de educar é o mais inadaptado a esta redução. Se a redução, qualquer que seja, puder ser transformada, por um espírito nobre, em missão, sabendo ver e exaltar o lado moral, nenhuma obra excede em grandeza a esta do educador”.

Pietro Ubaldi foi, além de professor, um excelente educador.

CAPÍTULO 24

Correntes de Pensamentos

Natal de 1935. Depois das festas natalícias com a família, Pietro Ubaldi retornou a Gúbio, e a sua vida não sofreu alterações importantes. *A Grande Síntese* continuava a sua trajetória. Estava a ser cuidadosamente preparada para ser lançada pelo Editor Ulrico Hoepli, de Milão, (Itália). O mesmo acontecia em Buenos Aires (Argentina) — Editora Constancia; no Rio de Janeiro — Federação Espírita Brasileira. Pietro Ubaldi acompanhava todos os acontecimentos através da intensa correspondência nos diferentes idiomas (italiano, inglês, francês, alemão, português e espanhol). Isso não o envaidecia. Ele sabia que o mundo é diminuto diante da grandeza e do poder de Cristo.

Novas férias em 1936, novo livro. A “Sua Voz” o inspirou a escrever uma obra que explicasse o processo de recepção de *A Grande Síntese*. Nasceu, então, *As Noúres* — Técnica e Recepção das Correntes de Pensamento, na mesma torre onde havia recebido o anterior, amplamente divulgado.

Estava na moda a ultrafania*, e um grupo, liderado pelo escritor Gino Trespioli, resolveu instituir prémios aos autores das melhores monografias ou ensaios para uma Coleção de Biosofia**. Ubaldi apresentou o seu trabalho, *As Noúres*, que foi classificado em primeiro lugar. Além do prémio, a comissão julgadora — Mário Borsalino, Pierluigi Tolfanello e Gino Trespioli — ofereceu ao autor um amplo relatório, que Ubaldi incorporou à obra premiada. Esse livro passou a ser o terceiro da coleção ubaldiana. Nele, o fenómeno inspirativo, dentre outros, é estudado em toda a sua profundidade.

O fenómeno inspirativo sempre existiu e continuará a existir. Ele abrange literatos, poetas, cientistas, filósofos, santos, génios da arte, da pintura, da escultura, da música etc. O inspirado sintoniza-se com as esferas mais elevadas e, através da intuição, capta as revelações, das quais o mundo necessita e se beneficia para o seu avanço espiritual. As fontes de inspiração são as mais diversas possíveis. Entre outros nomes, podemos citar:

Na música, que eleva e sublima a alma, encontramos Johann Sebastian Bach, Ludwig Van Beethoven, Frederyk Franciszek Chopin... Na pintura, encanta-nos Rafael Sanzio, Giotto (Angiolotto di Bondone), Leonardo da Vinci... Na escultura, ficamos extasiados diante das obras de Miguel Ângelo (Michelangelo de Ludovico Buonarrotti Simoni), Aleijadinho (António Francisco Lisboa)... Na descoberta de novas terras,

* A **Ultrafania** é um conceito associado a uma forma superior e evoluída de mediunidade ou de percepção espiritual.

** A **Biosofia** (do grego bios = vida e sophia = sabedoria) é definida genericamente como a "sabedoria da vida" ou a ciência e a arte de uma "vida inteligente", baseada na consciência, em valores éticos e espirituais, e na harmonia entre o ser humano e a natureza.

curvamo-nos diante da coragem de Cristóvão Colombo, Pedro Álvares Cabral, James Cook... Na conquista dos céus, deslumbramo-nos com a genialidade do Padre Bartolomeu de Gusmão, de Alberto Santos Dumont, dos irmãos Wright... Na política, foram grandes estadistas: George Washington, Abrahão Lincoln, Winston Churchill... O universo cresceu com Galileu Galilei, Johannes Kepler, Nicolau Copérnico... A ciência teve o seu avanço extraordinário com Isaac Newton, Thomas Edison, Albert Einstein... A saúde foi beneficiada com as descobertas de Louis Pasteur, do casal Maria-Pierre Curie, de Vital Brasil... A poesia destacou-se com Luís de Camões, Dante Alighieri, Olavo Bilac... A filosofia enriqueceu-se com Sócrates, Aristóteles, Immanuel Kant... O mundo embeveceu-se com o exemplo cristão de Mahatma Gandhi, Teresa de Calcutá, Joana D'Arc, Martin Luther King...

Poderíamos continuar com a nossa lista, ela é quase interminável. De propósito, deixámos a religião por último porque encontra-se mais próxima da intuição. Nesse campo, muitos expoentes saltam às nossas vistas e brotam na nossa mente:

Moisés, o intermediário de Deus para os Dez Mandamentos; Buda, o homem que tinha o evangelho no coração e fez dele um método de vida para si e os seus discípulos; Cristo, o unigénito do Pai, para redenção de toda a humanidade, "pois Deus não enviou o Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele" — ninguém trouxe maiores revelações à Terra do que Jesus Cristo — Ele foi a própria revelação; São Francisco de Assis acordou o mundo

para as três virtudes fundamentais à evolução do homem: pobreza, obediência e castidade; Martinho Lutero, o grande reformista que tornou a Bíblia conhecida no mundo inteiro; Allan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail), o codificador do Espiritismo de Chico Xavier.

Estes foram apenas alguns génios que passaram pela Terra, e cada um deles foi intuído a desempenhar o seu papel na função para a qual nascera. Sem a inspiração divina o mundo não teria alcançado o atual estágio evolutivo.

Pietro Ubaldi, também, desceu para desempenhar a sua tarefa e, com a sua poderosa intuição, fazer ainda melhores os homens de hoje e de amanhã. A sintonização com os planos mais altos vai depender do grau de sensibilidade de cada um, que passa a ser intermediário das mensagens mais elevadas.

“Se a fonte da inspiração está no Alto, eu devo viver sempre estirado para o Alto, para poder atingi-la. Sou uma antena, sensibilizada pela dor, que deve elevar-se o mais possível aos planos superiores, e trazer deles as revelações ao nosso mundo. Quanto mais me purificar, mais alto poderei subir e mais se ampliará o meu raio de sintonização e captação. Na ultrafania, vigora a lei de afinidade. É princípio geral que cada médium não pode entrar em sintonia consciente senão com a noure do próprio nível evolutivo. Isso porque a receção inspirativa não se deve a uma transmissão individual, mas é uma imersão minha numa corrente de pensamento ou atmosfera conceptual, em sintonia com a qual se determina a forma da minha consciência. Por isso, se eu descer moralmente, dessensibilizo-me e perco a consciência daquele plano de noures, densifico o meu peso específico e perco a capacidade de mover-me naquelas alturas. Devo afinar diariamente o delicado instrumento da minha ressonância no sofrimento e no desapego, a fim de poder facilmente superar, sem correspondência, o mar das noures

involuídas e barônticas* que me circunda. Devo cada dia sensibilizar o ambiente para que, por diferença da sua natureza, permaneça surdo às vibrações mais baixas e se lance, pelo contrário, para o Alto, somente aí vibrando e percutindo por emanções elevadas”.

Palavras do Autor no seu livro *As Noúres*.

É facilmente aceitável, portanto, que a mediunidade de Pietro Ubaldi foi muito especial, para que ele pudesse entrar em contato com as altas fontes do pensamento e receber Mensagens diretamente do Cristo.

* O termo "**barônticas**" refere-se a energias ou entidades de constituição muito densa, pesada ou de evolução espiritual inferior, sendo um conceito utilizado predominantemente na literatura espiritualista e na Apometria.

CAPÍTULO 25

A Condenação

Quando saíram as primeiras edições de *A Grande Síntese* na Itália (1937), na Argentina (1937), no Brasil (1939), a imprensa desses países e de outros onde ela não chegou a ser lançada, deu amplo destaque ao inusitado acontecimento.

Pietro Ubaldi viu o seu nome crescer como uma árvore frondosa em terreno adubado. Mas a igreja assistia àquela divulgação como um leão diante do cordeiro, preparado para dar o bote. Foi o que ocorreu em 8 de novembro de 1939. No silêncio, por trás dos bastidores, prepararam a condenação e o cordeiro foi sacrificado. Não somente a igreja proibiu a leitura daquela obra monumental, como impediu a imprensa de divulgá-la. Até mesmo os artigos do autor passaram por uma censura prévia. Ubaldi ficou sem direito à defesa.

“Um dia, enquanto ele se encontrava neste estado, uma classe de homens julgou oportuno condenar o mais significativo dos seus livros. O seu pensamento via-se, assim, rechaçado naquele meio. A notícia colheu-o de surpresa na sua laboriosa solidão, numa triste tarde de novembro. Então renovou o quotidiano exame de consciência e não encontrou no fundo de

si senão a sua habitual harmonia com Deus. A sua alma sentiu que nada tinha a se reprovar e permaneceu em paz.

Os jornais fecharam-lhe as portas. Não teve outro remédio senão calar-se. Aceitou sem reagir, mas ficou profundamente abalado. A impressão permaneceu indelevelmente estampada na sua alma. Tudo foi sufocado no silêncio. E silêncio foi a sua última palavra. Renunciou então, tristemente, a fazer-se compreender e calou. Perdoou com o Evangelho”.

De alma assim dolorida, ele registou o facto à história.

Durante séculos, especialmente na década dos anos trinta, o Vaticano fora o todo-poderoso, e aquele que não satisfizesse os seus interesses seria aniquilado, muito embora esse aniquilamento fosse apenas exterior. No caso de Ubaldi, a Obra pertencia a Cristo, e nenhuma força terrena poderia detê-la. A condenação de *A Grande Síntese*, colocando-a no “Index Librorum Prohibitorum” (relação dos livros de leitura proibida para os católicos), foi divulgada na Itália e em muitos outros países. Isso prejudicou a sua difusão, muito embora despertasse interesse por parte de outros leitores. O livro condenado estava a ser divulgado no exterior pelos espíritas e espiritualistas em geral. Isso não poderia agradar ao Vaticano, porque as lutas religiosas sempre existiram e existirão, enquanto perdurar no nosso mundo a imperfeição humana. As religiões lutam, como se os seus adeptos não fossem filhos de um mesmo Deus. Junto com *A Grande Síntese* foi condenado também *Ascese Mística*, do mesmo Autor.

Condenando-se esses dois livros, estariam condenados todos os demais. Ubaldi era um herege para qualquer lugar do mundo em que o catolicismo exercesse influência. Três anos depois, ele ainda conseguiu o Imprimatur do Bispo de Foligno, D. Stefano Corbini — assistido por D. Luigi Faveri — para as cinco Mensagens recebidas, mas isso de nada adiantou para que a sua obra retornasse ao seio da igreja. Hoje, os tempos mudaram, e muitos sacerdotes e pastores procuram novas sabedorias nos livros de Pietro Ubaldi. As barreiras e os preconceitos religiosos vão-se diluindo com a evolução do homem. Até o Index foi abolido.

Analizando friamente o problema da condenação, seria absurdo se a igreja não condenasse *A Grande Síntese* e todos os demais livros. Absurdo, também, seria se Pilatos, Caifás e os Sacerdotes não condenassem Jesus Cristo. Qualquer pensamento novo que venha de encontro àqueles já pré-fixados, arraigados no cérebro dos seus dirigentes, encontrará resistência para ser implantado ou mesmo divulgado. Pietro Ubaldi foi portador de uma ideia que mudaria algumas concepções existentes desde os tempos antigos. Aceitá-las, seria mudança grande demais para um povo ainda não amadurecido.

As mudanças não acontecem tão rapidamente como se deseja. As repentinas só têm sentido quando são mudanças de forma e não de substância. As de substância exigem o amadurecimento próprio e o daqueles a quem elas são aplicadas. O cristianismo levou três séculos para ser reconhecido pelo Império Romano e aceito pelo povo. Assim mesmo, está muito longe de ser vivido.

Pietro Ubaldi já imaginava que seria fatal a rejeição pela Igreja à teoria da reencarnação, aos novos conceitos de Deus, de Cristo, do bem, do mal, do inferno, do céu, da vida e da morte.

Já temos mais de 60 anos desde o lançamento da primeira edição de *A Grande Síntese* e estamos no terceiro milénio, no entanto ainda existem pessoas comprometidas com o passado de sectarismo religioso, que não possuem uma visão mais ampla, capaz de alçar voos mais altos para o espírito. Observando isso nos dias atuais, é fácil compreender a condenação das obras de Pietro Ubaldi pela Igreja. Por outro lado, este facto libertou-o de qualquer vínculo com a religião ensinada pelos seus pais e seguida por ele desde a infância.

CAPÍTULO 26

Identificação com o Cristo

Diz Ubaldi que as grandes criações são filhas das dores dilacerantes. Ele continuava na sua vida normal, mas nem tudo corria tranquilamente. No seu interior, reinava a paz de espírito, porque vivia para Cristo e estava sempre bem com a sua consciência. No exterior, um mundo tempestuoso o circundava. A sua vida era pisoteada por muitos, porque se tornou conhecida dos moradores daquela pequenina cidade em que trabalhava. A sociedade e a família continuavam a condená-lo pelo abandono da riqueza. Viver o Evangelho é realmente difícil neste mundo. Os jovens aproveitavam-se daquele transeunte humilde e bondoso de coração e desrespeitavam-no, como ainda hoje a velhice não recebe o tratamento que lhe é devido, por ter vivido e sofrido tanto.

“O povoado era pequeno e, como todos os povoados, estava ávido de tudo indagar, para se abastecer daquela nutrição cerebral necessária a todos. Os mexericos reinavam como mosquitos importunos, girando-lhe sempre em torno. Ele reduzira-se à vida de um frade: solidão e trabalho são fraco alimento para o apetite dos curiosos. Parecia-lhe viver sobre o palco, diante de uma plateia. Os rapazes que andavam pelas estradas daquele povoado montanhoso sentiam-se no dever

de, apenas o viam, insultá-lo com palavrões e, naturalmente, por “excesso de coragem”, sempre de longe”.

A sua alma sensível compreendia aquelas incompreensões e perdoava todas as agressões recebidas, mas isso não o impedia de sofrer. Sabia sofrer e era feito de dor, mas dor é sempre dor, e tanto maior quanto mais sensível é a alma do pobre sofredor. Outro sofrimento que continuava a angustiá-lo era sentir-se responsável pela dissipação da riqueza pertencente à família. O património continuava mal dirigido, e o caminho da pobreza estava próximo dos seus entes queridos. Se acontecesse o contrário, isto é, se o administrador alcançasse sucesso, ninguém o importunaria, apenas estaria repudiado e o prejuízo seria somente seu. A dor, quando bem assimilada, provoca no indivíduo um despertar para uma vida mais profunda e duradoura. No caso de Ubaldi, a dor foi sempre bem recebida e aproveitada para reflexão e ascensão da sua alma.

Nesse estado de espírito, de alta sensibilidade, Pietro Ubaldi sentiu necessidade de maior devotamento a Cristo, que nunca o abandonou nos momentos mais difíceis. Ele amava profundamente aquela figura de há dois mil anos, que não saía da sua mente e do seu coração. E naquele rasgo de suprema beleza espiritual, dirigiu-se ao Messias, entregando-se, por inteiro, numa afirmação solene, em 1937:

“Senhor, eu sou o Teu servo, nada mais quero do que isto”; “Senhor, eu Te ofereço a mim mesmo pela salvação do mundo”; “Senhor, seguir-te-ei até à cruz”.

No primeiro voto, a sua vontade é anulada. O “eu sou”, “eu quero”, deixa de existir isoladamente para fundir-se com o “Eu” do próprio Cristo. Em compensação, ele ganhou o melhor “patrão” do universo. Para isso, três condições foram necessárias: confiança, coragem e disciplina. Confiança no poder divino, coragem para enfrentar as forças negativas do mundo (Antissistema) e disciplina em todas as atitudes diárias. O segundo voto representou o seu Amor pela humanidade inteira, é o voto de quem deseja vê-la redimida dos seus erros. Com este voto estaria a seguir as pegadas do seu Mestre, nosso Senhor Jesus Cristo. Pietro Ubaldi tinha a alma exuberante de Amor e o restante, Cristo estava ao seu lado para completar. O terceiro voto, o mais difícil para a maioria dos homens, porque representa espírito de sacrifício, foi o mais fácil para ele, que havia palmilhado todos os caminhos feitos de dores. Seguir o Cristo até à cruz, não era novidade, tinha experiência bastante de outras vidas.

A missão de Pietro Ubaldi é espinhosa e mística ao mesmo tempo. Ele se fortalece e continua a caminhada de viajante seguro do seu destino. O seu misticismo revela-se por inteiro, e ele recebe lindas mensagens sobre Deus, Cristo, Amor, Dor e tantos outros assuntos, que estão incorporados no livro *Ascese Mística*. Nesta obra encontram-se as mais belas páginas de que se tem conhecimento sobre a Paixão de Cristo, escritas junto do túmulo de São Francisco de Assis, na basílica que tem o seu nome, em Assis. Pietro Ubaldi encontra-se entre os maiores místicos de todos os tempos, exaltou o Cristo como poucos puderam fazer:

“O Cristo histórico realmente morreu e parece ter acabado. Mas existe um Cristo mais profundo, e Ele continua vivo. É deste que falo. Ele está vivo na minha sensação e na minha paixão.

O Cristo que eu sinto e amo é um Cristo imaterial, interior, cuja manifestação terrena representou a mais perfeita expressão de Deus.

O Verdadeiro Cristo é uma realidade e uma sensação imensa que repele imagens. É um infinito que se conquista por sucessivas aproximações. À medida que o espírito sobe aos vários planos de consciência correspondem vários planos de conhecimento de Cristo, os quais são uma revelação progressiva da sua essência divina.

Não posso viver sem a sensação de Cristo amor e dor, dor e amor. Caminha, caminha, alma cansada. Mas um dia, sobre o áspero caminho dos meus esforços, senti um passo junto ao meu, senti outro ombro a aproximar-se do meu, levantar a minha cruz e transportá-la para mim. Desde então, não fiquei mais sozinho. Outro coração se debruçou sobre o meu, a dor tornou-se amor, e mais ninguém poderá arrancar-me à indissolúvel aliança. No entanto eu caí novamente e então desanimei pela minha fraqueza e tive medo, pela minha indignidade. Então, a Voz disse-me: “Não temas, o meu amor é mais forte que a tua debilidade. Apoia a cabeça sobre o meu peito e descansa”.

Referindo-se a Cristo, ainda afirmou Ubaldi:

“Aquela palavra doce é uma espada de fogo que me penetra a alma e a atravessa como o olhar de Deus; é a vibração mais harmónica que eu possa conceber no universo”.

CAPÍTULO 27

O Filho Morto na Guerra

Chegou a segunda guerra mundial (1939 — 1945), e Pietro Ubaldi sente com antecedência o desastre que essa luta vai desencadear no mundo. Os dois avisos de alerta recebidos de A “Sua Voz” para Benito Mussolini e o Papa Pio XII, serviram também para ele. A guerra é uma luta sem glória e razão de ser, justificada apenas pela imbecilidade de governantes. Na primeira Guerra Mundial, ele fora convocado e serviu em Bologna, como motorista para conduzir superiores, géneros alimentícios e mutilados das lutas sangrentas. Agora, a sua dor era maior, porque, além de recordar o passado, o seu filho tinha sido convocado para defender os interesses da pátria no continente africano.

Franco, como era chamado, aproximava-se dos trinta anos e era um rapaz saudável. Gostava de arte e fez um desenho para ilustrar o capítulo “Ascese da Alma” de *Ascese Mística*. Ele compreendia o pai, mas vivia o drama da mãe e da irmã, com a perda da fortuna que estava reduzida a um terço. Naquela época, eles moravam na Villa del Paradiso, em Sansepolcro.

Ele havia aprendido com o pai:

“matar nunca, morrer se preciso for”.

Imbuído dessa ideia, despediu-se com o olhar triste, de quem dá o último adeus. Ele era um rapaz que, devido a todos os acontecimentos, vivia tristemente. Algum tempo depois, em 1942, os seus pais receberam a notícia de que Franco fora morto pelos inimigos na batalha de Tobruk, ao Norte da África. Sem dúvida, a dor sacudiu o coração da Senhora Maria Antonieta Solfanelli Ubaldi (52 anos) e da irmã, Agnese Solfanelli Ubaldi (23 anos). Dor imensa para aquelas duas almas chagadas pelo destino, que não conheciam esta frase lapidar, já mencionada, em *A Grande Síntese* “sem dor, não há redenção”.

Para Ubaldi, o impacto foi menor, ele compreendeu logo: o seu filho preferiu morrer a matar, ele era dotado de um espírito cristão. A esperança da mãe era o filho, que poderia assumir certas responsabilidades financeiras, com a falência de todo o sistema. Para ela, mais um sonho desfeito. Por outro lado, o Professor Pietro não teria mais o amigo que poderia socorrê-lo, materialmente, nos momentos difíceis, num futuro não muito distante. A morte do filho representou não somente mais uma dor a figurar na sua coleção, mas também um pouco de intranquilidade, ainda que aparente, no seu espírito. A única solução era depositar todos os problemas nas mãos de Deus.

Nesse período de destruição, que envolveu toda a Europa e outros continentes, Ubaldi continuou no cumprimento do seu dever material e espiritual. Nasceram naquele curto espaço de tempo três livros: *História de Um Homem*, *Fragmentos de Pensamento* e de

Paixão e *A Nova Civilização do Terceiro Milénio*. O primeiro, concluído no Natal de 1941, é uma fecunda história espiritual do próprio autor, só não é autobiográfico; o segundo é formado por uma coletânea de Mensagens e artigos, escritos desde 1927; e o terceiro, concluído na Páscoa de 1945, veio para ampliar, esclarecer e facilitar a leitura de *A Grande Síntese*.

Somente o que é harmónico vem do Alto. À Terra pertence toda a desarmonia reinante. Assim, os livros de Pietro Ubaldi são de uma harmonia surpreendente e cada um deles marca uma determinada fase da sua vida. *Grandes Mensagens*, ditado pela “Sua Voz”, obedeceu a um ritmo que nem o próprio Ubaldi pôde prever. A primeira em 1931, mais duas mensagens em 1932 e outras duas em 1933, a sexta em 1943 e a última em 1953. Primeiro, em ritmo anual e depois decenal. *A Grande Síntese* foi recebida, continuamente, em quatro verões sucessivos, quando a paz (período de trégua) reinava na face da Terra. Nessa época, ainda foram escritos os dois seguintes: *As Noúres* e *Ascese Mística*. Enquanto o mundo fervilhava, preparando-se para a guerra, uns contra e outros a favor de Hitler, Pietro Ubaldi penetrava em altas esferas nouíricas, e novos horizontes se descortinavam diante dos seus olhos espirituais. Eram dois mundos opostos que se revelavam aos homens: o da conquista terrena e o da busca celestial. Hitler e Mussolini perderam a guerra, o primeiro suicidou-se e o segundo foi esquartejado, tendo os seus pedaços pendurados nos postes; Ubaldi, porém, conquistou o céu. Hoje, nem podemos imaginar por onde andam aquelas duas almas, e imaginamos, com relativa facilidade, o ambiente maravilhoso em que vive Pietro Ubaldi, como recompensa pela colaboração prestada em favor de toda a

humanidade. Ele não somente evoluiu, como ensinou o caminho a todos os que desejarem igualmente evoluir. O mundo interior de Pietro Ubaldi era um oásis de paz, de beleza espiritual, enquanto o seu corpo se arrastava pela terra, às vezes impedindo o espírito de voar.

“Estamos agora não mais no céu, mas verdadeiramente na Terra, na dura realidade da vida, numa atmosfera baixa e tenebrosa, que a luz custa a rasgar, e onde os seres lutam e sofrem. Uma guerra de todos contra todos impera, sem tréguas, impedindo a serenidade de contemplação superior”.

Pietro Ubaldi tinha uma aura de uma espiritualidade que impunha respeito e veneração. Certa feita, no final da guerra, soldados das forças inimigas penetraram na residência da família, para massacrar todos o que ali encontrassem e saquear, como era de hábito. Ubaldi recebeu-os e pediu um momento para orar, quando terminou e abriu os olhos, já não existia ninguém à sua frente. A grandeza espiritual daquele santo homem desarmou os soldados e os fez mudar de objetivo. Cenas semelhantes àquela, sem oração, aconteceram com desafetos gratuitos, diante dele, em outras ocasiões.

Para Ubaldi, o local, o ambiente, os factos, sempre foram importantes ao cumprimento da missão. Os objetos, as coisas, recebiam dele tantas vibrações, que pareciam ter almas, daí ser verdadeira esta expressão popular: “a alma das coisas”. Os objetos com os quais convivemos ficam tão afeiçoados a nós, que parecem seres vivos. São as nossas vibrações neles impregnadas. Diz Ubaldi:

“Não posso escrever em qualquer lugar. Num ambiente de desmazelo, desordenado, desarmónico, não asseado, novo para mim, não impregnado nas minhas longas pausas do meu estado de ânimo dominante, não harmonizado com a cor psíquica da minha personalidade, não posso escrever senão mal e com esforço. Eis-me, ao contrário, no meu pequeno gabinete, ambiente de paz onde os objetos expressam a minha própria pessoa, onde a atmosfera é ressonante das minhas vibrações e tudo, por comunhão de vida, está sintonizado com o meu temperamento”.

Pietro Ubaldi é realmente uma estrela candente que desceu para iluminar o mundo.

CAPÍTULO 28

Construção Espiritual

Terminado aquele sangrento período de seis anos, com a Itália devastada e a Alemanha dividida, os italianos deveriam pagar pelo erro de Benito Mussolini, porque toda guerra tem o seu preço, é consentida pelo povo e pelo governo que a promove. Diz Ubaldi que a guerra é um mal tremendo que se torna num bem necessário. Os italianos tiveram de reconstruir o seu país. Entre os milhões de compatriotas, Pietro Ubaldi é um dos poucos a não preocupar-se com qualquer construção do que fosse material. A sua construção foi sempre a do espírito. Continuou em Gúbio, no seu quarto humilde, cuidando das coisas lá de cima, porque as da terra chegariam por acréscimo de misericórdia.

A família, nesse período, ainda continuava na Villa del Paradiso, em Sansepolcro, província de Arezzo. Sansepolcro, na década de 1940, era uma pequena cidade com cerca de 10.000 habitantes, a 330 m de altitude e a 260 km de Roma. Villa Del Paradiso foi o único património que restou até 1948, quando foi vendido, por necessidade financeira, e do que sobrou foi adquirida uma casinha em Assis. Agora, a pobreza da família era total. Até a Tenuta Santo António foi hipotecada pelo administrador a um banco, para contrair empréstimo, imóvel que a família perdeu, pois foi vendido em hasta pública, por falta de resgate.

A filha Agnese contraiu matrimônio, quando Franco estava na África. Casamento com pouca duração, porque descobriram (ela e o esposo) que os gênios não se combinavam. Ela, então, separou-se do marido e ficou a morar com a mãe, acompanhada das suas duas filhinhas: Maria Antonieta e Maria Adelaide. Com isso as despesas aumentaram e os recursos estavam sempre a minguar. Agnese, senhora dinâmica, mulher valorosa, propôs-se a trabalhar para ajudar na manutenção da casa. O serviço que encontrou foi o de corretagem de apólices de seguros. Após o café, seguia sempre a mesma rotina: procurar aqueles que desejassem fazer seguro de vida. Entre muitas respostas negativas, alguém aceitava e ela preenchia o formulário. No fim do mês, recebia aquelas poucas liras e as levava para casa. Pietro Ubaldi estava junto dela para o reforço financeiro, mas o ordenado de professor é sempre pouco, em toda parte, e o dele não era exceção.

O nosso biografado não era mais jovem, já se encontrava na casa dos sessenta anos, e qualquer esforço físico a mais constituía uma ameaça à sua saúde, que devia ser preservada para a Obra e o bem-estar de todos. Ele continuava em Gúbio, mas passava as férias de verão e as festas natalícias com a esposa, a filha e as duas netas, que necessitavam cada vez mais da sua assistência. As suas atividades continuavam as mesmas: ministrar aulas, responder cartas, datilografar manuscritos, escrever artigos, dar entrevistas, receber visitas, cuidar do quarto etc.

A Grande Síntese, com quatro edições, somente na língua italiana, seguia a sua própria trajetória. As Mensagens tornavam-se ainda mais conhecidas, através dos diferentes idiomas, no

mundo inteiro. Todos os livros escritos eram lançados em italiano. Em 1948, Pietro Ubaldi concluiu *Problemas do Futuro* — um livro ligado à parte social, política, científica e religiosa de *A Grande Síntese*. A divulgação da Obra começava a entrar num novo ciclo.

No capítulo “Síntese Linear e Síntese por Superfície” do livro ditado pela “Sua Voz”, *A Grande Síntese*, encontramos a espiral que representa a “Trajetória Típica dos Movimentos Fenoménicos”. Esta é uma lei para todos os fenómenos do universo. A evolução processa-se com subidas e descidas, isto significa que a involução faz parte do processo evolutivo de toda a humanidade. Cada um pode aplicar em si mesmo e verificar que a “lei de desenvolvimento da trajetória dos movimentos fenoménicos na evolução do Cosmo” é verdadeira. Vamos ver a sua aplicação na Obra, considerando que ela é válida para todos os fenómenos. A Obra teve uma grande ascensão, em torno da sua divulgação, até ser colocada no índice, pela igreja. Logo após, entrou na espiral descendente. Assim aconteceu com o seu autor terreno: alcançou a crista da onda, seguida de uma queda vertiginosa. Em parte, foi bom, para maior reflexão da tarefa que estava a realizar. Toda a experiência, bem aproveitada enriquece a alma espiritualmente. Em 1948, novamente, a Obra tomou a espiral ascendente. O interesse por ela aumentou em vários países da América Latina, inclusive no Brasil, alcançando o auge em 1951, quando o seu autor aqui esteve e fez conferências em todos os Estados brasileiros. A partir de 1954, nova descida, as forças negativas entraram em ação, e durante muitos anos a Obra ficou hibernada, apenas com algumas pequenas edições, de alguns títulos. Nesta fase, outra vez Ubaldi caiu de popularidade e ficou marginalizado. Somente procuravam por ele

alguns poucos amigos e outros por interesses particulares. Também foi útil, caso contrário, não teria escrito os demais títulos. Esse período foi o mais longo. O primeiro durou cerca de 10 anos e o segundo o dobro. Em 1981, voltou a entrar na espiral ascendente, e atualmente encontra-se em plena divulgação. Como ensina *A Grande Síntese*:

cada ciclo seguinte é mais um degrau que se ascende na escala evolutiva.

A divulgação feita na década de cinquenta foi superior à de trinta, e a difusão atual está a ser ainda maior que a de cinquenta. Não somos futurólogos, mas podemos concluir com Ubaldi:

a Obra é de Cristo, ela tem a sua trajetória, apesar dos impedimentos brotarem no seu caminho como ervas daninhas. O bem não pode existir sem a presença de forças maléficas, que surgem para destruí-lo.

O leitor que estudar com profundidade *História de Um Homem e ler, atentamente Pietro Ubaldi e o Terceiro Milénio*, vai constatar que a Lei dos “movimentos vorticosos” funcionou na vida de Pietro Ubaldi e, sem dúvida, funciona nas nossas vidas.

CAPÍTULO 29

Final de Um Ciclo Histórico

1950. Na Páscoa daquele ano, Pietro concluiu *Ascensões Humanas*. É mais um volume que desenvolve temas apoiados em *A Grande Síntese*.

No ano anterior, o Prof. Clóvis Tavares, relendo o segundo livro, na tradução de Guillon Ribeiro, foi impulsionado a escrever uma carta ao seu Autor, início de uma grande correspondência que iria mudar o curso da vida de Pietro Ubaldi. Naturalmente não estavam nos seus planos novas mudanças, mas, por certo, Cristo assim desejava. A luz que estava sob o velador, foi novamente colocada sobre a Obra, então outros países reacenderam a chama do pensamento ubaldiano. Estudos Psíquicos — Lisboa (Portugal), prestou a sua colaboração; Constancia — Buenos Aires (Argentina), publicou um belo artigo de Humberto Mariotti: “Pietro Ubaldi, Profeta do Espírito”; vários periódicos do nosso país e do estrangeiro se fizeram presentes nesse novo ciclo de divulgação.

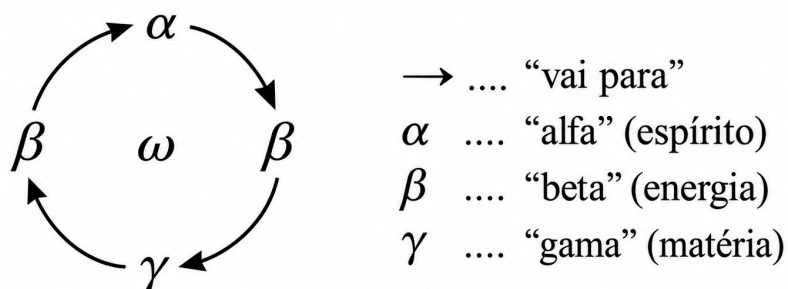
O Apóstolo de Cristo estava a chegar ao final do terceiro período da sua vida missionária. A Obra denominada italiana deveria ser concluída em breve. Faltava apenas um livro a ser escrito em terras franciscanas: *Deus e Universo*. Mas ele não sabia, porque os livros somente lhe eram revelados no momento da sua receção. Quando

chegou a hora, no primeiro semestre de 1951, a “Sua Voz”, numa visão rápida e sintética, mostrou-lhe a derrocada espiritual do ser. Essa visão desdobrou-se em outras menores, e delas nasceu o último livro escrito na Itália. Agora, não existia mais segredo para ele sobre este universo e todos os universos. Na “Parábola do Semeador”, Jesus dirigindo-se aos discípulos, disse:

“a vós vos é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas aos outros isso não lhes é dado”.

Vinte séculos depois, Cristo de novo surge para revelar ao mundo, através do apóstolo Pietro, a origem espiritual do homem e de todos os seres da criação.

Em *A Grande Síntese*, a “Sua Voz” havia mostrado a evolução do homem, passando pelos diferentes reinos: mineral, vegetal e animal, chegando à condição de seres angélicos e reintegrando-se no seio de Deus. Em *Deus e Universo* a visão dilata-se, aparece a criação de espíritos puros e a sua descida aos planos inferiores da matéria. Primeiro houve a involução, para agora haver a evolução. Podemos repetir, aqui, aquele ciclo do capítulo XXIII de *A Grande Síntese*, num movimento dextrogiro, a partir de alfa:



Outrora, na praia de Falconara (Falconara Marítima — praia banhada pelo Adriático, pertencente à Província de Ancona, que faz parte da Região de Anche. Está a 280 km de Roma e, naquela época, tinha cerca de 12.000 habitantes), Pietro Ubaldi teve uma visão. Ele frequentava aquela praia desde criança em companhia dos seus pais.

“Um dia, à beira-mar, em Falconara, contemplando o encantamento da criação, senti com evidência, numa revelação rápida como o raio, que tudo tinha de ser Matéria (M), Energia (E) e Conceito ou Espírito (C), e vi que esta era a fórmula do Universo:

$(M = E = C) = S$ (Substância)

Esta é a grande equação da substância, este é o mistério da Trindade, no qual se move toda *A Grande Síntese*. Em *Deus e Universo*, “impunha-se ultrapassar os confins do nosso universo, para imergir no pensamento de Deus transcendente, que está além de toda a Sua Criação, por nós contemplada. Era imprescindível alcançar a solução dos problemas últimos, diante dos quais a mente deve conter-se saciada e assim ascender até à fonte de tudo, às causas primeiras de que tudo deriva. O primeiro livro parte da gênese para alcançar o homem, no segundo se contempla o pensamento e a obra de Deus, mesmo antes da gênese, e se atinge a solução última do problema do ser até aos confins do espaço e do tempo, onde a Criação terá atingido as suas metas”. Assim, as duas obras se completam: a “primeira encara o universo em função do homem e a segunda coloca o universo em função de Deus”.



O Brasil liderou o movimento em torno de Pietro Ubaldi que deu origem ao último período de vinte anos (65 aos 85 anos), iniciado com a sua vinda em 1951. Antes da sua longa peregrinação pelo nosso país, ele enviou duas Mensagens: uma no Natal de 1950 (Mensagem aos Amigos Brasileiros”) e outra às vésperas da partida (“Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”).

Essas duas Mensagens, o leitor vai ter a oportunidade de conhecê-las, porque são maravilhosas e riquíssimas de conteúdo espiritual. Elas foram publicadas, inicialmente, na primeira biografia do místico da Úmbria, escrita por Clóvis Tavares: *Vida e Obra de Pietro Ubaldi*.

1. “Mensagem aos Amigos Brasileiros”

Da minha histórica Itália, da Europa esgotada por tantas guerras, envio-vos esta minha primeira saudação, queridos amigos brasileiros, porque em 1951 estarei convosco, de julho a outubro. Espero conhecer as vossas grandes cidades, que maravilhosamente se levantam na vossa virgem terra. Falarei a muitos de vós. Assim, poderemos conhecer-nos de perto. Essa é a forma concreta que agora deve assumir a minha missão, que atinge atualmente outra fase — a de realização, com a semeadura direta nas almas.

Só através dos meus escritos vos tenho falado até agora. O vosso editor de São Paulo iniciou a publicação, que avançará rápida, acompanhando a italiana, de todos os volumes da obra. Em cerca de 4.000 páginas ela encerra a doutrina que explica todos os problemas, a fim de que toda a mente seja saciada. A hora das explicações, porém, está terminada: trata-se, para os estudiosos, de “viver” aqueles princípios, que são os princípios do Evangelho.

A hora histórica precipita-se. Em 1951 ela já não descerá, mas ressurgirá, iniciando a sua alvorada, antecedendo o sol que despontará no ano dois mil, o sol da Nova Civilização do Terceiro Milénio. Não nos importem as tempestades que deverão preparar-lhe o aparecimento. Assim como Cristo ressuscitou no terceiro dia, a humanidade deve, no mesmo ritmo, ressurgir no espírito, no terceiro milénio.

É necessário não mais apenas pregar o Evangelho de Cristo, mas sim “vivê-lo”, divulgando-o não só com a palavra, mas também com o exemplo.

Fui chamado por Cristo a essa grande experiência. Não basta, porém, um caso isolado. Agora, pela inspiração e com factos, a vontade de Deus me indica o Brasil para dilatar essa experiência, para o vosso bem, entre muitos, no seio de um povo que me é designado como para isso pré-determinado. Com isso se conclui a missão para a qual nasci e os nossos destinos se ligam nesta hora histórica.

A oportunidade, para mim e para vós, é única, e não sabemos se se repetirá a oferta de Cristo, caso não a aceitemos. Pelos sinais que posso observar de tão longe, tenho a sensação de que vós respondereis plenamente ao apelo, ao qual eu já respondi por completo, sem hesitar. Tenho sido preparado por quarenta anos de dor e de duras lutas. Não posso crer que, no momento culminante, Deus abandone uma Obra Sua.

Conhecer-nos-emos nesse primeiro contato recíproco. Ele é apenas o primeiro. Espero voltar muitas vezes, pelo menos anualmente, se não puder fixar-me definitivamente entre vós. Estou a estudar a vossa bela língua, para falar-vos nela. No êxito dessa viagem, estão empenhadas a minha vida e a minha missão.

Em 1934, isto é, há 16 anos, publiquei numa vossa revista dois artigos: “Apresentação” e “Programa”. Naquela época, havia começado a escrever *A Grande Síntese*, cuja publicação foi principiada na Itália, em janeiro de 1933. Estava apenas a iniciar a minha missão. Que grande caminhada desde então! Não obstante esses dois artigos — escritos muito antes da última guerra, quando era impossível pensar numa ida ao Brasil — parecem feitos para hoje, tão bem tudo está ali previsto, e eu a eles vos reenvio, para completar esta simples mensagem de saudação. Neles, então, eu me dei a conhecer qual sou hoje e expliquei o meu programa, tal como ele deve ser realizado agora; e tudo isso escrevi quando não poderia realmente prever o que hoje se confirma de modo tão completo.

Desse modo, imprevistamente, amadurecem os planos de Deus. Neles, o Brasil aparece como a terra previamente destinada a essa realização. De nós, depende o tornarmo-nos dignos dessa Sua escolha.

A vós me dirijo, pedindo-vos que me ajudeis, sobretudo, a concluir a minha missão e esta realização. Seja, pois, o Brasil a terra escolhida.

Na expectativa de vos abraçar a todos em nome de Cristo, envio-vos minha afetuosíssima saudação.

— Assis, Natal de 1950

(a) Pietro Ubaldi

2. “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”

Estou a sair de um inverno para mim intensamente laborioso, entre as neves da solidão montanhosa de Gubbio. A poucos quilómetros daqui está Assis, aonde muitas vezes vou, porque aí reside atualmente a minha família. E de Assis, São Francisco estimula-me a executar o meu trabalho.

Escrevi durante o inverno um novo livro, *Deus e Universo*, o meu 10º volume. Nele registei uma série de visões referentes ao pensamento criador de Deus, antes e depois do nascimento e do fim do espaço e do tempo; trata-se da primeira origem de

tudo o que existe. É impossível explicar-vos e descrever-vos aqui um panorama que envolve *A Grande Síntese* como um seu particular. Na verdade, este último livro, que conheceis, limita-se ao nosso universo e conclui com o homem. Nesse 10º volume, ao contrário, é descrita a origem e a razão última do que podeis ler em *A Grande Síntese*. E vai até Deus. Tive que escrever esse novo livro quase sempre à noite, quer para evitar interrupções, quer por ser mais tranquila a noite e, portanto, mais apropriada para a percepção e registo das visões abstratas, de puros conceitos, quer ainda porque, durante o dia, devo lecionar e atender a uma grande correspondência. Agora, porém, aquele trabalho está transformado em muitas cópias datilografadas. A primavera aqui chega, o frio cessa, retorna o sol, o trabalho da minha escola está para terminar e aproxima-se a hora da minha viagem ao Brasil.

Na minha mente, agora livre de outros pesados trabalhos, essa terra torna-se próxima e aparece-me sempre maior. E sinto sempre mais viva a necessidade de sobre vós derramar a exuberância da minha evangélica paixão de bondade. Tenho fome de confiança, de sinceridade, de benevolência; estou imensamente cansado de traições, de lutar para não morrer de fome, de desperdiçar assim as mais preciosas energias, que poderiam, de outro modo, fazer frutificar em construções do espírito.

No meu contato anterior, "Mensagem aos Amigos Brasileiros", pelo Natal de 1950, declarei que o sol da Nova Civilização do

Terceiro Milénio despontará no ano dois mil. Acrescento agora que certamente ele nascerá no Brasil.

Creio que, depois de haver estado aí, muito escreverei sobre o vosso País.

Assim como o mundo não demorará a substituir os seus valores materiais pelos espirituais, também deverá transportar o centro da sua civilização para o hemisfério oposto, se por civilização entendemos a do espírito e não a potência económica ou a expansão por meios bélicos. Não está distante o dia em que a humanidade será um organismo só, em que os vários povos deverão funcionar como os vários órgãos de um mesmo corpo, com os trabalhos distribuídos para cada um.

Para a vida, não basta a prosperidade material, que é atualmente quase o único alvo da humanidade; é preciso uma ordem espiritual, sem a qual não se vive. É necessário, para a salvação do mundo, que exista na terra um povo que chame a si, como seu ideal, o novo tipo biológico, representado não pelo “homem económico”, mas pelo “homem espiritual”, que é o homem da nova civilização do terceiro milénio. É necessário contrapor às armas da força as da bondade, num evangélico princípio de pacífica convivência social. Hoje, entre tantas batalhas, Cristo, com armas muito diferentes, inicia, também Ele, a Sua; os valores espirituais também representam uma grande força na vida.

Li nestes últimos dias, pela primeira vez, o belo livro Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, que me impressionou pela sua perfeita aderência ao meu ideal e missão. Ele foi escrito em 1938 e concorda com tudo o que eu disse em “Apresentação” e “Programa”, em fevereiro de 1934, isto é, há 17 anos. E eu, que nessa época nada conhecia do Brasil espiritual, como poderia sabê-lo?

Sempre uma instintiva atração me guiou para o Brasil. Aos meus 24 anos, a minha tese de formatura em Direito foi sobre o Brasil. Por que essa polarização de todo o meu pensamento na direção da vossa Pátria? No entanto nunca estive aí, embora houvesse percorrido toda a América do Norte. E por que o Brasil sempre me atraiu, até o ponto de eu ir agora conhecê-lo?

Quem pode dizer qual será a função do Brasil no futuro? É certo que a vida não pode esquecer os valores espirituais, que são os essenciais. E o Brasil apresenta-se adaptadíssimo a funcionar como coração do mundo, o órgão apropriado à bondade, à compreensão e à conservação da vida sobre a terra. Eis as palavras de Emmanuel, no referido livro, que confirmam as minhas mais ardentes aspirações:

“O Brasil não está somente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta, mas também a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e de fé raciocinada e a ser o maior celeiro de claridades espirituais do orbe inteiro”.

Tudo me parece preparado. Uma fé raciocinada é precisamente o resultado do meu registo inspirativo, uma fé que coincide com as conclusões da ciência, vence e supera o materialismo com as próprias armas deste. Por isso, ocupamo-nos também, profundamente, de ciência. Nascido para essa missão, um homem se apresenta: lutou durante quarenta anos para poder cumpri-la. Essa missão lhe vem agora, imposta pelo Alto como um absoluto dever. Igualmente, está preparado um grande país, capaz de compreender e de fecundar tudo isso. Eis aí uma convergência maravilhosa de coisas longamente preparadas, muito embora sem o sabermos, em que se revela uma precisa vontade de Deus nesse sentido.

O mesmo livro continua: (....)

“as lições do Evangelho não são símbolos mortos e aguardam a alvorada luminosa do renascimento humano. Nessa abençoada tarefa de espiritualização, o Brasil caminha na vanguarda”.

E ainda a mesma obra conclui

“Só o legítimo ideal cristão, reconhecendo que o reino de Deus ainda não é deste mundo, poderá, com a sua esperança e o seu exemplo, espiritualizar o ser humano, espalhando as sementes produtivas na construção da sociedade do futuro”.

Sinto, por isso, com imensa alegria, estar perfeitamente de acordo com o pensamento espírita brasileiro, quando sonho poder dar uma contribuição à Nova Civilização do Terceiro

Milénio, cuja primeira luz muitos factos me dizem que não poderá despontar senão no Brasil.

— GUBBIO, às vésperas da partida para o Brasil, 1951.

(a) Pietro Ubaldi

CAPÍTULO 30

Análise Comportamental de Pietro Ubaldi

Recordemos algumas informações contidas na Parte Dois (Pietro Ubaldi na Itália): o período escolar, a busca de conhecimento, o casamento, o voto de pobreza, a vida missionária, a tarefa realizada etc. Tudo isso nos leva a uma análise resumida dos factos.

Vamos começar acompanhando os passos de um homem que, marcado por um destino, chamou-se Pietro Ubaldi. Esse homem tinha vivido, anteriormente, aqui no nosso mundo. Nascera e renascera muitas vezes. Algumas vidas cinzentas e apagadas, outras, porém, de projeção no meio social, político e religioso. Todas elas bem aproveitadas, com experiências indelevelmente gravadas na sua alma. Com essa bagagem, assumiu um compromisso solene com o Cristo: realizar uma tarefa na Terra e resgatar o seu débito para com a Lei de Deus. Sim, ele também era um devedor à Lei e precisava pagar a sua dívida. Era “um anjo acorrentado”, na opinião de Francisco Cândido Xavier, em relação aos outros anjos libertos das peias ligadas a este mundo e em relação a nós, ainda tão pecadores. Pelo seu adiantamento espiritual, pôde escolher o seu corpo físico, o local de nascimento, os pais e o processo de quitação da sua dívida. Dotado de qualidades inerentes à missão, fez a escolha e planeou tudo antes de nascer, como um engenheiro que planeia a construção de um

edifício, desde a preparação do terreno. O planejamento foi longo, exigiu tempo, reflexão e sabedoria. Tudo pronto, bem arrumado, aquele espírito de escol desceu à Terra. Nasceu de acordo com o plano feito, mas continuou ligado ao seu mundo espiritual, antes do nascimento. Daí a sábia afirmativa de Emmanuel:

“Pietro Ubaldi interpreta o pensamento das altas esferas espirituais de onde ele provém”.

Os primeiros contatos ao chegar a este mundo, foram com os pais. Estes reconheceram imediatamente o filho chegado, como por acaso, e ele, de igual modo, reconheceu os pais escolhidos.

No dia do seu nascimento, os seus irmãos foram afastados do lar, para que ele pudesse nascer em um ambiente tranquilo. Parecia a chegada de um príncipe, tal a movimentação e os cuidados dispensados àquele nascituro.

Quando despertou para este mundo, o choque foi brutal. Desde pequenino sentiu de imediato a responsabilidade da sua vinda à Terra. Com apenas cinco anos, ele pediu à sua mãe a única coisa que a vida tinha para lhe dar:

“Mãe, manda-me à escola”.

Mais tarde, em plena vida missionária, ele vai afirmar:

“A vida é uma escola”.

Não se interessava pelas brincadeiras, tão comuns às demais crianças da sua idade, mas pelo estudo. Era a recordação instintiva do que havia planejado.

Na sua infância, naquele período de aprendizagem das primeiras letras, tudo era novidade. Mas, tão logo se sentiu seguro naquele ambiente, descobriu que a escola procurada era outra, mais profunda, mais substancial. Partiu para uma pesquisa externa, nos livros culturais da época. O seu “ego” continuou insatisfeito. A cultura encontrada continuava a ser uma recordação do passado. Procurou descobrir conhecimentos novos dentro de si mesmo e tornou-se então um pesquisador, utilizando as duas fontes de informações: externa e interna.

Os conflitos íntimos não foram pequenos, ele estava neste mundo, sujeito às influências do meio ambiente. Muito embora fosse um espírito forte, encontrava-se num corpo normal e, humanamente, perfeito. Aqui estava uma grande dificuldade a ser vencida: fazer com que o espírito tivesse domínio sobre a matéria, o corpo, o seu único veículo de comunicação neste mundo. O sexo foi o seu maior impacto na juventude, porque o seu espírito queria viver as virtudes franciscanas e o corpo exigia uma vida normal, à qual julgava ter direito. Ele passou a dialogar com o seu veículo carnal, seguindo o exemplo de S. Francisco de Assis, terminando o espírito por vencer a matéria. Com isso estava concluído o primeiro período de 20 anos — formação exterior, física e cultural.

O amadurecimento biológico fazia parte do planejamento espiritual. Aqui, vão unir-se amadurecimento e resgate. Sim, o

pagamento consciente de uma dívida do pretérito. Ele fora induzido pelos pais a casar-se, como solução para resolver três problemas importantes: o do sexo, o da preservação do nome (Ubaldi) e o da multiplicação dos bens materiais. Nenhum dos três obteve respostas positivas. O primeiro, já se sentia forte bastante para vencê-lo — havia um tácito acordo, dentro dos “Ideais Franciscanos”, tão bem expostos nas belas páginas escritas em 1927 — e os dois últimos não o obcecavam. Com a sua clarividência, captou logo que no casamento estava o resgate e que as pessoas envolvidas no drama faziam parte do grupo que nascera para aquela finalidade. Assumiu o seu papel, responsabilizando-se por tudo e seguiu a vontade da Lei. Assim, venceu mais um período de 20 anos — maturação interior e espiritual.

Vencida a segunda etapa do planeamento, chegou a hora da missão. Agora sim estava no seu mundo espiritual, este era o verdadeiro ambiente, nele sabia viver e dele era dono. E com aquele mesmo espírito de obediência se dispôs a servir. Era esse o seu caminho, a verdadeira senda que devia trilhar. Não discutiu, aceitou de alma e coração a tarefa que lhe estava destinada. O passado para ele tornava-se presente. A primeira atitude foi tomar o Evangelho a sério. Aí surgiu a luta. Os dois mundos, material e espiritual, são opostos. Como em qualquer guerra, o vencedor é sempre o mais forte: o Evangelho venceu. Isso não foi fácil, nem rápido; custou-lhe 40 anos de preparação e sofrimentos. Conscientemente, cumpriu a missão e sorveu o cálice até à última gota. Estava quite com a Lei e dela tinha domínio. Viveu-a, momento a momento. Tão seguro estava de si mesmo, que o

mundo material deixou de existir. A sua vida não mais lhe pertencia, passou a fazer parte da vida de Cristo.

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”,

afirmou Jesus. Estas não eram apenas belas palavras para serem balbuciadas, mas estavam incrustadas na sua alma. Ele era uma ovelha de Cristo e estava no Seu aprisco, aguardando a Sua Voz.

A “Sua Voz”, que lhe ditou os dois primeiros livros, jamais o abandonou nos momentos mais difíceis. Não somente lhe inspirou as demais obras, como lhe deu toda a assistência necessária. Quando as tempestades surgiam e a incerteza se aproximava, Cristo aparecia, as ondas e os ventos passavam, voltando a calma, como no lago de Genezaré. Dessa forma, Pietro Ubaldi, com ajuda do Poder Divino, cumpriu integralmente o que fora planejado pelo Alto, antes do seu nascimento.

Agora, chegamos ao fim do terceiro período da vida de Pietro Ubaldi e na metade da sua tarefa missionária. A seguir, iniciaremos os seus últimos 20 anos...

PARTE TRÊS

Pietro Ubaldi no Brasil

por José Amaral

CAPÍTULO 1

A Chegada de Pietro Ubaldi ao Brasil, em 1951

Foi em Campos! Estado do Rio de Janeiro, que surgiu o singular movimento em favor de Pietro Ubaldi, dois anos antes da sua vinda ao Brasil. O movimento nasceu na Escola Jesus Cristo, liderado pelo seu fundador, Clóvis Tavares. Em poucos meses, já tínhamos certeza da sua amplitude e, no Natal de 1949, estávamos a fundar a Associação dos Amigos de Pietro Ubaldi (AÁPU), nas dependências da Escola, com a finalidade principal de divulgar o Pensamento Ubaldiano através de impressos, jornais, opúsculos etc.

No ano seguinte, em 1950, o movimento cresceu, com muitas adesões de várias cidades do Brasil, inclusive de São Paulo. A iniciativa havia ganho outra dimensão, com um novo plano: promover a viagem do patrono da Associação à nossa pátria, para fazer uma série de conferências. Agora, aquele movimento não era mais regional e, por força das circunstâncias, estava a ramificar-se para todo o país. Clóvis, então, propôs à Diretoria que se fizesse uma pequena alteração no nome da AÁPU, passando a chamar-se Associação Brasileira dos Amigos de Pietro Ubaldi (ABÁPU). Esta Associação muito contribuiu para a vinda do conferencista em 1951 e divulgou as suas obras em muitas cidades do Brasil e do exterior. Quando Pietro Ubaldi chegou ao Brasil, pediu que alterasse o nome

para ABUC (Associação Brasileira da Universalidade de Cristo), porque a Obra é inspirada por Ele.

No primeiro semestre de 1951, intensificou-se ainda mais a campanha para a vinda de Pietro Ubaldi, prevista para o início do segundo semestre. São Paulo assumiu a responsabilidade do programa e das despesas correspondentes. A ABÁPU entrou com a sua participação, através de uma ajuda financeira e, sobretudo, fazendo com que a nossa pátria acordasse para aquele conferencista tão importante, através dos meios de comunicação. Além disso, preparou-se para receber o visitante em Campos, com alojamento e instalações adequadas, locais para conferências e o indispensável a uma boa recepção.

A chegada de Pietro Ubaldi mereceu de José Américo Motta Pessanha, professor da Universidade do Rio de Janeiro, uma bela página, publicada em *A Notícia*, matutino da nossa cidade, em 31 de julho de 1951

“Quando o sol se elevou ao céu, na manhã do dia 22, encontrou já no aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, um grupo de pessoas que, ansiosas e emocionadas, perscrutavam os horizontes ainda envoltos em neblina, em busca — olhos e corações — do avião que da Itália distante traria para o Brasil o querido Prof. Pietro Ubaldi.

Numa expectativa crescente, as almas transbordantes de felicidade, o grupo aumentava, constituído agora não só de

inúmeros diretores e componentes da ABÁPU, de Campos, mas também de vários representantes da Comissão Central Pró-Visita Pietro Ubaldi, amigos e admiradores de São Paulo, Minas e Distrito Federal. Lá estava ainda, irradiando toda a alegria que lhe enchia o coração, o ilustre cientista centro-americano Dr. Piero Gatty, que, acompanhado pela esposa, há mais de quatro anos deixou a sua terra, num giro de conferências sobre temas baseados em *A Grande Síntese*, percorrendo diversos países da América Central e do Sul, e que, numa felicíssima convergência de factos, chegou ao Brasil justamente quando aqui era esperado o Missionário da Úmbria.

Enfim, aproximava-se o grande momento. As brumas desfeitas deixaram transparecer um firmamento de azul puríssimo. Todos buscavam o alto, procurando identificar o avião italiano. Comovidos e felizes, aqueles olhos percorriam a amplidão luminosa, pois de lá o Professor desceria até nós... Foi quando se deu um facto de singular beleza, que, por todos presenciado, a todos encheu de entusiasmo, emoção e encantamento: a nossa atenção foi atraída por um bando de alvas pombas que, surgindo repentinamente, sem que ninguém visse de onde, bem juntas, sozinhas no céu azul, passaram sobre nós dispostas em ordem formando a princípio uma cruz, depois um V, que caminha pelo céu... A grandiosidade do espetáculo assim tão sugestivo impediu-nos de exteriorizar o mundo de alegria e arrebatamento de que todos estávamos possuídos... As palavras de surpresa e de júbilo mal puderam ser articuladas quando, diante dos nossos olhos maravilhados, o alvissareiro bando desapareceu num

firmamento límpido, sem nuvens, como se tivesse rasgado o azul e, atrás dele, subitamente se ocultasse... Os corações transbordavam. E eis que, tal como se estivesse a ser guiado por aquelas aves brancas — naquele instante desaparecidas — surgiu, enfim, diante de nós o esperado avião. As emoções sucediam-se em tal rapidez e intensidade, que a todos envolviam, sufocando o peito.

Seguiu-se a busca ansiosa do vulto amado, dentre os passageiros que desciam. E então ele surgiu. Pisava em terra brasileira quem, em cumprimento da sua missão apostólica, vinha trazer à Terra do Cruzeiro as mensagens de Verdade e de Amor, abrindo-nos as portas do Terceiro Milénio. O momento era por demais grandioso para ser descrito com palavras, ainda que banhadas de emoção incontida... Era o cumprimento de uma Divina Promessa que os séculos não apagaram. E a realização do sonho que inúmeros corações acalentavam com carinho. Era a concretização, diante de nós, do momento sublime que, embora desejado ardentemente, acenava até então como a imagem fugidia e inatingível de um anseio muito alto.

“Afimal! Afimal” — murmurou comovido o Professor, apertando a mão de um amigo. Sim, também para ele era a realização de um desejo imenso; para a sua alma, que cumpria uma promessa, a concretização de um sonho.

E todos o cercavam emocionadíssimos, em felicidade indescritível, desejosos de receber dele algumas palavras, de

cumprimentá-lo ou de estreitá-lo, mesmo de longe, no coração em festa. E estes momentos iam sendo filmados e fotografados, a fim de que se gravassem, conservando-se para o futuro, aqueles instantes, que se tornavam os mais belos e maiores da nossa vida.

Depois, o Professor Pietro Ubaldi deixou o aeroporto, em companhia dos seus amigos, dirigindo-se para o hotel Serrador, onde deveria hospedar-se.

O Brasil acabava de receber o mensageiro de Cristo.

E foi assim que ele chegou naquela radiosa manhã de julho, surgida dentre as brumas afastadas pelo sol.

Muito tempo passará ainda até que o nosso povo venha avaliar o significado grandioso desse acontecimento. Por enquanto, muitos dormem os instantes finais de uma grande noite. Mas todos, um dia, serão despertados e, afastadas as brumas e as trevas pela chegada da luz, verão surgir outro firmamento azul e radioso... Será a alvorada do Mundo Novo — Reino de Deus para os homens”.

CAPÍTULO 2

Conferências de Pietro Ubaldi

No dia seguinte, já um pouco refeito da viagem, Pietro Ubaldi veio para Campos, de comboio (noturno), acompanhado da comitiva que foi recebê-lo. Chegava nesta Campos dos Goytacazes, em 24 de julho de 1951, não um visitante apenas, mas o Arauto da Nova Civilização do Espírito. A imprensa falada e escrita deu ampla cobertura. Aqui, permaneceu alguns dias em companhia de Medeiros Corrêa júnior, no “Lar dos Meninos”, anexo à Escola Jesus Cristo.

Uma semana depois, Pietro Ubaldi e O seu intérprete, Clóvis Tavares, rumaram a São Paulo, para iniciar a grande peregrinação pelo Brasil. De passagem pelo Rio de Janeiro, visitaram a Federação Espírita Brasileira, e Ubaldi ficou impressionado com o trabalho realizado por aquela organização. Ao retirar-se, agradecido pela carinhosa recepção, deixou escrito no Livro de Impressões da FEB estas memoráveis palavras:

“Estou comovido com o cortês acolhimento de que tenho sido alvo de todos nesta grande terra do Brasil, que ora visito, mas especialmente o sou pela maneira toda especial e gentil pela qual fui recebido na Federação Espírita Brasileira. Vejo, constato, com os meus próprios olhos, a grandeza dessa Organização, que, segundo creio, não existe igual na Europa. A todos agradeço de coração, com os braços abertos,

e trago a minha saudação, fazendo ardente augúrio por um sempre maior desenvolvimento da ideia da espiritualidade no Brasil, grande terra do futuro”.

A “Comissão Pró-vinda de Pietro Ubaldi ao Brasil” fez um trabalho gigantesco, organizando um programa nacional, e todas as portas lhe foram abertas, nas capitais e no interior. Pietro Ubaldi ficou encantado com a recepção que teve e, sobretudo, com a multidão que comparecia às conferências. Ele foi recebido pelas comitativas locais, por autoridades governamentais, embaixadores e cônsules. Muito embora a sua vinda fosse promovida pelos espíritas, ele não veio na condição de um missionário da doutrina espírita, e sim como um mensageiro de Cristo. As suas conferências foram realizadas em diversos ambientes: teatros, cinemas, clubes de serviço, agremiações espíritas etc. A sua missão de caráter imparcial e universal pertencia a todos, independentemente da convicção religiosa de cada um. Por coerência, uma vez que estava ao serviço de Cristo, não poderia fazer parte exclusivamente desse ou daquele grupo, e, sem que houvesse exigência, aconteceu como fora previsto pelo Alto. A revelação de como seria a viagem, ele tivera antes de sair da Itália e lhe seria confirmada em Pedro Leopoldo, no dia 17 de agosto de 1951, pela “Sua Voz”, logo após o início da sua peregrinação.

“Já te disse, antes da tua partida, que aonde não pudessem chegar o teu conhecimento e as tuas forças, chegaria eu e encontrarias tudo preparado. E viste que tudo quanto te havia predito, realmente aconteceu”.

Os testemunhos da presença divina na viagem de Pietro Ubaldi foram tantos, que levaram os promotores a acreditar num comando

invisível por trás dos preparativos àquelas recepções. Houve inúmeros deles, que se manifestaram em formas diversas. Por exemplo, em Campos, deu-se um caso interessante: a ABÁPU alugou o Trianon — um enorme cinema, com cerca de 2.500 lugares — para uma das conferências; quando terminou a palestra, o proprietário chamou o tesoureiro da Associação e devolveu-lhe a importância recebida.

De acordo com a programação estabelecida, Pietro Ubaldi fez conferências em muitos locais e cidades. Em São Paulo: Círculo Esotérico da Comunhão de Pensamento, Teatro Municipal, Escola Paulista de Medicina, Faculdade de Filosofia, Instituto de Engenharia e encerrou na Federação Espírita do Estado de São Paulo. No interior daquele Estado, falou em Campinas, Santos, Piracicaba. Araraquara, Catanduva, Ribeirão Preto, Rio Preto, Franca, Bauru, Araçatuba, Pinhal, Pirapitingui, Sorocaba, Taubaté e Guaratinguetá. Da capital paulista a caravana — conferencista, intérprete, editor e outros confrades — rumou para as capitais do sul, Norte, Nordeste, Leste e Centro-Oeste, e outras cidades do interior brasileiro. A temática variou para cada local. Nas agremiações espíritas, os assuntos foram ligados ao Evangelho de Cristo e à Teoria da Reencarnação.

Entre outros temas ele desenvolveu:

“As últimas Orientações da Ciência”,

“O Atual Momento Histórico e a Nova Civilização do Terceiro Milénio”,

“O Problema do Destino e do Imponderável”,

“O Pensamento Social de Cristo” e

“A Personalidade Humana e o Problema da Hereditariedade”.

Ainda que Pietro Ubaldi falasse de ciência ou de filosofia, introduzia o cristianismo, mostrando a unidade nos três conceitos.

“Concebida a matéria segundo a física moderna, já não ocorre dificuldade para conceber o espírito conjugado e subjacente à forma material, dotado de potência criadora. Observemos agora a mesma realidade, não mais com o olho analítico da ciência, mas com o olho sintético de quem sobe ao longo dos planos do ser, ao longo das grandes construções da arquitetura do universo. Prossegue a visão, não mais em direção ao mundo físico, mas em direção ao mundo espiritual. Ela dilata-se em uma concepção cosmogónica em que a matéria aparece como uma organização elementar e por sobre ela estende-se uma hierarquia de formas de existência superiores em complexidade e potência construtora, entre as quais vem primeiro a energia e depois o espírito. Assim como a energia representa o princípio criativo e diretivo da matéria, também o espírito representa o mesmo princípio para a energia e, portanto, para a matéria. Cada plano depende

hierarquicamente do plano evolutivamente superior e por este é dominado”.



Sobre o problema da hereditariedade, afirmou Pietro Ubaldi:

“as correntes de vibrações que percorrem a nossa personalidade derivam de quatro fontes, que representam quatro mundos, quatro sínteses resultantes de um longo passado. São elas: 1º) o eu espiritual eterno; 2º) o ambiente terreno; 3º) o elemento paterno; 4º) o elemento materno. Superpondo graficamente a reta da bipolaridade vertical à reta da bipolaridade horizontal, teremos um desenho em forma de cruz, em que os quatro termos lhe correspondem aos quatro braços. De frente para a cruz, no alto, teremos o espírito: em baixo, o ambiente terreno; à esquerda, o elemento paterno, à direita, o elemento materno. Para chegar ao espírito, as experiências de ambiente devem atravessar o organismo físico. As correntes vibratórias vão do alto para baixo e de baixo para o alto, da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, e há esta luta em todas as direções. A personalidade é o resultado dessa luta, é a síntese desses elementos; por isso, ela pode ser múltipla e também oscilante entre os vários polos extremos”.

As conferências do Professor Pietro Ubaldi sacudiam as massas pela profundidade e espiritualização do conteúdo abordado. O seu amor, a sua humildade contagiante e a sua vida apostolar envolviam todos os que dele se aproximavam.

CAPÍTULO 3

Pietro Ubaldi era Reencarnacionista?

A Itália, no início do século, atravessou um período de paz e prosperidade com as criações de grandes cooperativas agrícolas e empresas industriais, além das reformas sociais. Naquela época houve também maior liberdade religiosa e surgiram várias correntes espiritualistas. Pietro Ubaldi, jovem, estudante em Roma, acompanhava aquele progresso, dentro das suas possibilidades e liberdade concedida pelos pais, que estavam em Foligno, em 1905, deixando o seu filho na cidade eterna. Mais livre, aquele jovem conheceu outras correntes religiosas além da sua e, em 1912, leu as obras de Allan Kardec, aceitando plenamente a reencarnação. Essa liberdade religiosa foi cassada, quando o fascismo subiu ao poder, com Benito Mussolini. Para ser reencarnacionista não era nem é necessário ser espírita, portanto os italianos reencarnacionistas continuaram como tais. Quem aceita a reencarnação, jamais renuncia esta verdade, e assim aconteceu com Pietro Ubaldi, que fora preparado para a missão, iniciada publicamente no Natal de 1931. Pronto para começar, trouxe consigo uma excelente bagagem científica, filosófica e religiosa, inclusive o conhecimento da comunicação com os espíritos e do seu retorno a este mundo. A primeira obra lançada, *A Grande Síntese*, é reencarnacionista, tendo sido este um dos motivos da sua condenação pela igreja.

Quando Pietro Ubaldi falou pela última vez em São Paulo, na Federação Espírita do Estado de São Paulo, ele exaltou a reencarnação como um dos pontos básicos ao seu desenvolvimento espiritual. Edgar Armond, Presidente da FEESP e da “Comissão Pró-Vinda de Pietro Ubaldi ao Brasil”, recebeu o conferencista de braços abertos e teve palavras elogiosas na saudação a ele dirigida.

“No cenário da vida espiritual contemporânea, Pietro Ubaldi ocupa, sem favor algum, proeminente posição, não só pelas obras que escreveu como por si mesmo, pela sua excecional figura e mentalidade.

A “Sua Voz” falou com autoridade, eloquente e impressionante, unindo conhecimentos esparsos, mostrando rumos certos, fixando os conceitos definitivos no conhecimento da criação divina e dos fenômenos transcendentais do transformismo cósmico.

Por outro lado, com as suas obras magistrais, veio ele colocar em altíssima relevância o problema da mediunidade, tema apaixonante e fugaz na busca espiritual dos homens de hoje e fator indestrutível da demonstração da imortalidade e do intercâmbio entre esferas diferentes da vida espiritual.”

E, Pietro Ubaldi respondeu-lhe com a seguinte alocução:

“Caros amigos.

Sou obrigado a falar-vos em italiano porque não consegui ainda o domínio completo da vossa língua.

Há cerca de dois meses que estou a percorrer a vossa grande Terra e, durante esse tempo, tive a oportunidade de constatar um acolhimento entusiástico às minhas humildes palavras. Apresso-me, porém, a afirmar-vos: não sou eu a quem deveis louvar. Eu sou simplesmente o instrumento; eu apenas recebo; nada é da minha criação. Se eu

pudesse, nesta noite, dar-vos uma ideia concreta da Voz que me fala, eu vos apontaria, em primeiro lugar a imagem que está no quadro aqui exposto (reprodução do Cristo bordado pela Senhora Alexandra Herrmann). Esta é a figura que eu sinto presente dentro de mim sem poder vê-la fisicamente, e a sua expressão me dá, neste momento, a sensação viva da sua presença neste recinto.

O assunto da conferência que será lida a seguir prende-se muito ao grande problema da reencarnação, doutrina que aqui é aceite por todos e com grande fé, mas que na Europa é assunto controverso.

Comprometo-me, no próximo livro, a demonstrar cientificamente esta grande Lei, e essa demonstração far-se-á tão convincente, que será aceite sem discussão por qualquer mente capaz de raciocinar, assim como acontece com a demonstração do teorema de Pitágoras — ou outros semelhantes — cuja evidência é absoluta.

A primeira concepção, que me nasceu no cérebro, sobre a reencarnação foi há muito tempo. Eu tinha aproximadamente 26 anos e vivia em dúvida total, pois, já golpeado profundamente pela dor, não conseguia atinar com as suas causas. Eu a atribuía aos erros cometidos por mim ou por outros, mas isso não contribuía para eliminá-la. Investigava a filosofia, os vários sistemas filosóficos, porém, da mesma forma, não conseguia alívio algum. Estudava o espírito das religiões e, todavia, também isso não proporcionava consolação.

Então, por acaso — digo acaso, mas por certo era obra da Providência — caiu nas minhas mãos o *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Eu era jovem, desorientado, ainda não tinha passado pela experiência dos grandes problemas da vida. Li com grande interesse e vos confesso que, em certo ponto; exclamei: Achei!... Eureka! Poderia ter eu repetido: encontrei, encontrei finalmente a solução que eu procurava e que me esclareceu!

Ela foi a primeira semente que deu origem ao meu adiantamento espiritual, e, daquele dia em diante, foi-se tecendo a trama luminosa

do esclarecimento, de tal forma que, ampliando-se, ele penetrou a ciência, a filosofia, a religião, os problemas sociais e os problemas de todo o género.

Devo, entretanto, confessar-vos precisamente aqui, nesta noite e neste local, que a Allan Kardec devo a primeira orientação e a solução positiva do problema mais complexo que, mais de perto, me interessava, considerando a minha condição de ser humano.

Com grande prazer, recebi esta primeira orientação. Sem ela eu deveria trabalhar, quem sabe, vinte, trinta anos ainda.

Este primeiro jato de luz veio-me há quarenta anos, precisamente, e hoje esta luz completa-se no que eu ofereço, como eu disse antes, não criado por mim, mas recebido em consequência do esforço desenvolvido para ampliar o campo de aplicação daquela grande ideia, alcançando o seu objetivo final concretizado nos setores social, religioso, filosófico etc.

E é interessante observar que, em consequência disso, eu, sem o saber, era espírita há quarenta anos. Eu vos afirmo isso porque na Itália não há espíritas e, vindo ao Brasil, não fazia ideia, não conhecia nada deste grande mundo que eu encontrei aqui e que me atordoou pela sua organização, pela sua fé, pela sua vastidão.

Na Europa, não temos ideia disto. Eu estava, portanto, e estou convosco há muito tempo. Somente hoje, vejo e reconheço que em certa parte do mundo, longe da Europa, existe a mesma fé que eu já havia encontrado sozinho.

Ora, o facto de tê-la encontrado sozinho ou de recebê-la isoladamente é a prova evidente de que todos estamos dentro da Verdade. Eu não recebi esta verdade de uma Escola ou de uma Doutrina. Eu a senti nascer em mim. Esta concordância que coisa prova? Que a verdade é uma, una para todos, assim como na Terra qualquer indivíduo que abra

os olhos vê que o Sol existe igual para todos. Isto foi uma grande prova para mim e creio que ela o possa ser também para vós.

Esta noite é a última em que falo em São Paulo. Andei por vários Estados. Fui até Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais. Estive em cerca de vinte cidades no Estado de São Paulo. Encontrei em toda a parte uma grande fé, uma grande assistência social. Bela realização! Isto me entusiasma! Encontrei nos lugares de cura não só a ciência, mas sobretudo a fé. Agora, curar os doentes não só com os processos materiais, como se faz na Europa, mas aquecendo-lhes a alma com o Evangelho, explicando-lhes a causa das suas dores e ensinando-lhes o verdadeiro caminho para superá-las, partindo, em primeiro lugar da alma e não considerando, como o faz a ciência materialista moderna, o nosso corpo como um agregado de células — ou como o corpo de qualquer animal — isto é grandioso! Admirei esse facto! E falarei na Itália e na Europa contra o interesse materialista que lá se imprime a todas ou a quase todas as instituições de cura dos doentes de todas as espécies.

Esta noite, então, encerro o ciclo das minhas conferências e vos transmito o meu adeus.

Daqui a pouco — um mês mais ou menos — voltarei para a Itália. Lá encontrarei o inverno. Voltarei ao meu quarto solitário em Gúbio, onde eu tenho vivido muitos anos, onde eu escrevi muitos livros que hoje ledes. Naquele quarto, em um ângulo, existe uma pequena mesa onde eu penso, recebo e escrevo sozinho. Encontrarei a solidão e o frio. E também tristeza — uma grande “saudades” como vós dizeis — uma grande nostalgia, uma grande vontade de vos rever e de vos abraçar. E espero que este meu desejo tão intenso precipite o momento em que eu possa realizá-lo.

Observai, portanto, que a minha gratidão pela vossa bondade é imensa. Vós me recebestes com grande amor e eu o senti. E restitui o abraço — com o qual vós me enlaçastes — com o meu abraço fraterno. Desejaria estreitar-vos no meu coração, um por um.

Mas como fazer se sois tantos!... Todavia o faço espiritualmente, porque com o espírito se pode fazê-lo. Retirado naquele quarto, escreverei outros novos volumes, mas com uma fé mais intensa, porque hoje eu sei que um povo inteiro me compreende e esta compreensão me ajuda. Antigamente eu escrevia sozinho, sozinho com a “Sua Voz”, sem auxílio dos meus semelhantes, porque na Itália eu não sou muito conhecido.

Estas coisas lá não são tão compreendidas. Pratica-se um espiritismo diverso, um espiritualismo com outra orientação, que, no momento, não vos posso explicar. Eu sou sozinho na Itália. Mas, aqui, o vosso afeto me enterneceu tanto que eu escreverei com ardor redobrado; a minha palavra será mais quente, mais potente.

Vou reler o meu 10º volume, *Deus e Universo*, ele é de uma potencialidade que me aturde, esmagando-me pelo poder da linguagem supercientífica. É literatura de caráter teológico, mas de uma teologia nova, que esclarece, proporcionando explicações racionais e científicas. Utilizando-se, por fim, das equações matemáticas, explica-se exatamente o que é o pensamento de Deus antes e depois da nossa criação. Explicam-se os conceitos fundamentais da Bíblia, a queda dos anjos e o significado do pecado original, a origem e o fim do Bem e do Mal, a solução final do dualismo — lei que preside o Universo — um Universo plasmado na matéria, da qual nós devemos, com grande esforço, sair, evoluindo para chegarmos até Deus, a nossa meta, o nosso centro, a nossa última e suprema felicidade.

Continuarei o meu trabalho, mas devo aqui agradecer-vos pelo vosso amor, que me ajudará de um modo extraordinário. Eu vos agradeço a vossa bondade, que me ensina a amar — coisa de que nunca mais me esquecerei — esta grande terra. O Brasil, é, eu vo-lo afirmo, a minha segunda pátria”.

Como Pietro Ubaldi prometeu nesta alocução, três anos depois ele desenvolveu a “Teoria da Reencarnação”, em *Problemas Atuais*.

CAPÍTULO 4

As Duas Mensagens

Em 17 de agosto de 1951, às 18h, véspera do 65º aniversário de Ubaldi, em Pedro Leopoldo (terra natal de Chico Xavier), houve o primeiro encontro de Pietro Ubaldi com o famoso médium brasileiro. Foi um encontro inesquecível para Chico e os demais confrades ali presentes. Desse encontro, surgiram duas mensagens, recebidas no mesmo instante: uma de “Sua Voz”, recebida por Pietro Ubaldi, e outra de S. Francisco de Assis, psicografada por Chico Xavier. Ambas dirigidas ao visitante, além de um soneto de Cruz e Souza, dedicado àquele ilustre personagem. É oportuno que leiamos as duas mensagens e tiremos, dos conceitos emitidos pelos comunicantes, as nossas conclusões.

1. Mensagem de “Sua Voz”

“Pedro,

Estás a sentir aqui, nesta noite, a minha presença. Aquele que está diante de ti e que, ao mesmo tempo que tu, está a escrever, sente neste instante o meu pensamento e o que ele escreve confirmará. Ele sente contigo a minha presença.

Pedro, não temas. Estás cansado, eu o sei, como também sei quanto te esforças por sentir-me neste ambiente tão novo para ti e distante de onde estás habituado a ouvir-me. Estás exausto, pelo muito falar e viajar. Estou contigo, porém, junto a ti “EU” sou a grande força que sempre te tem sustentado. Agora me estás a sentir com a mesma potência com que já me sentiste no momento da primeira Mensagem de Natal de 1931. É isso porque, agora, a uma distância de vinte anos, repete-se o início do mesmo ciclo num plano mais elevado.

Já me ouviste na noite de quatro de agosto, quando pela primeira vez falaste em S. Paulo e se iniciou a tua vida pública de apostolado. Estavas cansado e não tinhas certeza. Mas, hoje, és por mim impulsionado e já não podes deter-te. Já te disse, antes da tua partida, que aonde não pudessem chegar o teu conhecimento e as tuas forças, chegaria eu e encontrarias tudo preparado. E viste que tudo quanto te havia predito realmente aconteceu.

Tremes, eu o sei, diante de um plano cuja vastidão te surpreende. Quarenta anos de humilhações e de dores foram necessários ao teu preparo para esta missão, e deixaram na tua natureza humana uma sensação de desânimo e uma convicção profunda da tua nulidade. Hoje, porém, é chegada a hora, e Eu te digo: Ergue-te! Há vinte anos, eu te disse: “No silêncio da noite sagrada, ergue-te e fala”. E agora te digo, no silêncio da noite tranquila de Pedro Leopoldo: “Ergue-te e trabalha”. Eis que se inicia uma nova fase da tua missão na

Terra e precisamente no Brasil. É verdadeiro tudo quanto te foi dito, eu to confirmo e assim sucederá.

O Brasil é verdadeiramente a terra escolhida para berço desta nova e grande ideia que redimirá o mundo. Agora a tua missão é acompanhá-la com a tua presença e desenvolvê-la com ação, de forma concreta. Todos os recursos te serão proporcionados.

Ama com confiança estes novos amigos que eu te mando. Tudo já está determinado e não pode interromper-se. As forças do mal vos espreitam e desejariam aniquilar-vos. Sabes, porém, que as do bem são mais poderosas e têm de vencer. Confia-te, pois, a quem te guia e não temas. Confirmo tudo o que tens escrito, não duvides.

Dentro de poucas horas se completarão 65 anos do teu nascimento. O tempo assinala com o seu ritmo o desenvolvimento dos destinos.

Pede-te a Lei, agora, esta outra fase de trabalho, diferente e nova para ti, tão distante da precedente que te surpreende. Aceita-a no espírito de obediência, como antes aceitaste a outra. Não tem sido a tua vida uma contínua aceitação? Não tem sido completa a tua adesão à vontade de Deus? Não recordas o nosso grande colóquio de Módica, na Sicília, há vinte anos? A tua própria razão não pode deixar de reconhecer a lógica fatal de tudo isso. Segue, pois, confiante, o caminho assinalado. Não te admires se tudo em torno de ti se

controverte, se a dor se transforma em alegria, se te arranco do silêncio de Gúbio para lançar-te no mundo.

Não representa isso a realização daquilo para que nasceste e por que tens vivido e sofrido?

Eu sei: a glória, os louvores do mundo e a notoriedade te repugnam. Compreendo que isso te é uma nova dor. Aceita-a, porém, por amor de mim; aceita-a, pois sabes que também isso é necessário a fim de que se cumpra a tua missão. E isso bastará para transformar esta tua nova dor em alegria.

Teu corpo cansado desejaria repousar. Quão grande o caminho já percorrido e quão grande a distância ainda a percorrer! A vida, porém, é uma caminhada contínua. Tens sobre os ombros não só a tua vida, senão também a de muitos outros que amas e de cuja salvação quiseste assumir a responsabilidade. Aceita, pois, tudo por amor de mim. Aceita-o, ainda que os três votos de renúncia e de dor agora se transformem, tomando posições opostas, não mais de renúncias, mas sim de afirmação.

Pedro, confio-te esta nova terra, o Brasil, a terra que deves cultivar. Trabalho imenso, mas terás imensos auxílios.

Estou contigo e as forças do mal não prevalecerão.

Agora, uma palavra também para os teus amigos, uma palavra de gratidão e agradecimento, uma palavra de bênção, pela

cooperação com que eles, ajudando-te, tornam possível a realização da tua missão. Falo neste momento ao coração de cada um deles, sem que lho digas por escrito.

Una-vos a todos a minha bênção no mesmo amor, para a vossa salvação e salvação do mundo”.

— Mensagem recebida por *Pietro Ubaldi*

Tradução de Rubens Romanelli e Clóvis Tavares.

2. Mensagem de S. Francisco de Assis

“Pedro,

O calvário do Mestre não se constituía tão somente de segura e aspereza...

Do monte pedregoso e triste jorravam fontes de água viva, que dessedentaram a alma dos séculos.

E as flores que desabrocharam no entendimento do ladrão e na angústia das mulheres de Jerusalém atravessaram o tempo, transformando-se em frutos abençoados de alegria no celeiro das nações.

Colhe as rosas do caminho no espinheiro dos testemunhos...

Entesoura as moedas invisíveis do amor no templo do coração!...

Retempera o ânimo varonil, em contato com o rócio divino da gratidão e da bondade!...

Entretanto, não te detenhas. Caminha!...

É necessário ascender.

Indispensável o roteiro da elevação, com o sacrifício pessoal por norma de todos os instantes.

Lembra-te, Ele era sozinho! Sozinho anunciou e sozinho sofreu.

Mas erguido, em plena solidão, no madeiro doloroso por devotamento à humanidade, converteu-se em Eterna Ressurreição.

Não tomes outra diretriz senão a de sempre.

Descer, auxiliando, para subir com a exaltação do Senhor.

Dar tudo, para receber com abundância.

Nada pedir para o nosso EU exclusivista, a fim de que possamos encontrar o glorioso NÓS da vida imortal.

Ser a concórdia para a separação.

Ser luz para as sombras, fraternidade para a destruição, ternura para o ódio, humildade para o orgulho, bênção para a maldição...

Ama sempre.

É pela graça do amor que o Mestre persiste connosco, mendigos dos milénios, derramando a claridade sublime do perdão celeste onde criamos o inferno do mal e do sofrimento.

Quando o silêncio se fizer mais pesado ao redor dos teus passos, aguça os ouvidos e escuta!

A voz Dele ressoará de novo na acústica da tua alma, e as grandes palavras, que os séculos não apagaram, voltarão mais nítidas ao círculo da tua esperança, para que as tuas feridas se convertam em rosas e para que o teu cansaço se transubstancie em triunfo.

O rebanho aflito e atormentado clama por refúgio e segurança.

Que será da antiga Jerusalém humana sem o bordão providencial do pastor que espreita os movimentos do céu para a defesa do aprisco?

É necessário que o lume da cruz se reacenda, que o clarão da verdade fulgure novamente, que os rumos da libertação decisiva sejam traçados.

A inteligência sem amor é o génio infernal que arrasta os povos de agora às correntes escuras e terrificantes do abismo.

O cérebro sublimado não encontra socorro no coração embrutecido.

A cultura transviada da época em que jornadeamos, relegada à aflição, ameaça todos os serviços da Boa Nova, nos seus mais íntimos fundamentos.

Pavorosas ruínas fumegarão, por certo, sobre os palácios faustosos da humana grandeza, carente de humildade, e o vento frio da desilusão soprará, de rijo, sobre os castelos mortos da dominação que, desvairada, se exhibe, sem cogitar dos interesses imperecíveis e supremos do espírito.

É imprescindível a acepção. A luz verdadeira procede do mais alto, e só aquele que se instala no plano superior, ainda mesmo coberto de chagas e roído de vermes, pode, com razão, aclarar a senda redentora que as gerações enganadas esqueceram.

Refaz as energias exauridas e volta ao lar da nossa comunhão e dos nossos pensamentos.

O trabalhador fiel persevera na luta santificante até ao fim.

O farol do oceano irado é sempre uma estrela em solidão.

Ilumina a estrada, buscando a lâmpada do Mestre, que jamais nos faltou.

Avança... Avancemos...

Cristo em nós, connosco, por nós e a nosso favor, é o Cristianismo que precisamos reviver à frente das tempestades, de cujas trevas nascerá o esplendor do Terceiro Milénio.

Certamente, o apostolado é tudo. A tarefa transcende o quadro da nossa compreensão.

Não exijamos esclarecimentos.

Procuremos servir.

Cabe-nos apenas obedecer até que a glória Dele se entronize para sempre na alma flagelada do mundo.

Segue, pois, o amargurado caminho da paixão pelo bem divino, confiando-te ao suor incessante pela vitória final.

O Evangelho é o nosso Código Eterno.

Jesus é o nosso Mestre Imperecível.

Subamos, em companhia Dele, no trilho duro e áspero.

Agora, é ainda a noite que se rasga em trovões e sombras, amedrontando, vergastando, torturando, destruindo... Todavia, Cristo reina, e amanhã contemplaremos o celeste despertar”.

— Mensagem recebida por *Francisco Cândido Xavier*.

Recordemos a aparição de Cristo e S. Francisco de Assis a Pietro Ubaldi, em Colle Umberto, na primeira semana de setembro de 1931, selando, com as suas presenças, a renúncia franciscana assumida por Ubaldi, mas sem nada dizerem. Agora, novamente vieram para saudar, por escrito, aquele discípulo, exatamente na metade da sua tarefa missionária, início do quarto e último período da sua vida. Para maior confirmação, eles deram duas mensagens ao mesmo tempo, aos dois médiuns, sentados nas extremidades de uma longa mesa retangular e na presença de dez testemunhas, cinco de cada lado, na residência de Dr. Rômulo Joviano, diretor da Fazenda Modelo, onde Chico trabalhava.

Acreditamos nós, que poucas entidades espirituais teriam autoridade para falar a Pietro Ubaldi com tanta exortação, direta e incisivamente, como Cristo e S. Francisco. A “Sua Voz” disse que a outra Mensagem, recebida por Chico, seria uma confirmação daquela, recebida por Ubaldi. Verdade! O leitor mais atento sente os dois conteúdos emanarem da mesma esfera espiritual.

Maior confirmação do que esta não poderia existir. Estavam comprovadas as presenças de Cristo e S. Francisco de Assis na vida de Ubaldi, de maneira surpreendente e estarrecedora! Até os céticos tiveram de curvar-se diante de tanta evidência.

CAPÍTULO 5

Pietro Ubaldi e Chico Xavier

Chico Xavier conhecia muito pouco da vida de Pietro Ubaldi, porque não havia literatura suficiente, o visitante não se revelava e a barreira linguística impedia a fácil comunicação entre eles. Qualquer diálogo somente poderia ocorrer com a presença de um intérprete. Logo aquele momento, depois da receção das mensagens, de “Sua Voz” e de Francisco de Assis, era propício às revelações dos espíritos através de Chico, em que o fenómeno mediúnico se evidenciou com toda a sua autenticidade, relatado por Clóvis Tavares, no seu *Trinta Anos com Chico Xavier*.

“Após a receção e leitura dos dois luminosos documentos, Chico, como de hábito, passa a descrever, na sua encantadora simplicidade, os acontecimentos por ele percebidos no ambiente psíquico que se formara durante os serviços espirituais da noite.

Esse momento é assim descrito pelo Prof. J. A. Pessanha, um dos presentes:

“Após a leitura, o querido médium brasileiro relatou o que foram para ele os instantes extraordinários que acabara de viver. Não podia individualizar: era uma grande luz que descia do Alto sobre o

recinto. Sentiu-se transportado em espírito para muito longe e, nesse voo, contempla na Itália distante o túmulo de São Francisco, em Assis, junto ao qual vê o Prof. Ubaldi despedir-se, antes da sua viagem ao Brasil, do seu grande amigo: o “Poverello” de Assis. Este facto real — depois narrado pelo próprio Prof. Ubaldi em carta aos amigos brasileiros — era ainda desconhecido de F. C. Xavier e então, só de conhecimento do Prof. Clóvis Tavares, em virtude da sua correspondência particular com o Missionário da Úmbria”.

Quero confirmar que, dessa visita do Prof. Ubaldi ao túmulo do Santo de Assis, captada psicometricamente pelo nosso Chico, ainda guardo alguns “souvenirs” que me foram carinhosamente presenteados pelo grande amigo italiano. Tudo maravilhosamente exato e exatissimamente confirmado.

Agora, alguns aspetos de xenoglossia, através da límpida clarividência do médium Xavier.

Declara o sensitivo mineiro que dele se aproximou uma Entidade Espiritual, revelando chamar-se Lavínia e haver sido mãe do Prof. Ubaldi. Abraçou o filho carinhosamente, dizendo:

“Para Cristo, ele é um Apóstolo, mas para mim será sempre o meu 'bambino'.

E entre expressões afetuosas chamou-lhe:

“Mio garofanino”.

O Prof. Ubaldi, muito feliz e muito comovido, sentindo igualmente a presença maternal, comprova tudo, declarando

que era com esse “vezzeggiativo” que A sua mãezinha o apelidava ternamente, quando pequenino, “mio garofanino” (meu pequeno cravo).

Chico assinalou ainda a presença do filho do Professor, morto na segunda Guerra mundial, na batalha de Tobruk, no Norte da África, o jovem Franco Ubaldi.

Finalmente, um facto ainda mais interessante, se é possível assim dizer. Chico regista a presença de uma irmã do Prof. Pietro, já desencarnada, que veio em companhia de D. Lavínia Alleori Ubaldi e de Franco, seu filho. Afirma ela chamar-se Maria. É aí que sobrevém algo de duvidoso e inédito, mas que veio a tornar-se um facto probatório extraordinário. O Professor declara, humildemente, que, de facto, tem uma irmã chamada Maria, mas ainda viva, na Itália, Maria Ubaldi Papparelli...

Um momento abalador, de hesitação geral, de ansiedade, quase de choque, ante o insólito acontecimento. Mas, foi questão de segundos, de brevíssimos segundos: o Espírito Maria esclarece ao Professor, através de Chico, afirmando que ela fora também sua irmã, homónima da que estava viva na Itália, havendo morrido há muito tempo, quando Pietro Ubaldi estava ainda por nascer... O Professor, então, maravilhado, confessa que só agora, após a elucidação espiritual, recordava que, de facto, sabia haver tido uma irmã, que não chegara a conhecer pessoalmente, também chamada Maria, tal e qual a que ainda se acha encarnada na Europa... Foi uma prova

realmente maravilhosa, singularíssima, da verdade da sobrevivência espiritual.



Imediatamente após a euforia que nos inundou as almas, ante o facto autêntico que acaba de ser narrado, o médium Xavier transmite-nos o pedido de uma Entidade Espiritual amiga entre as que se encontravam no ambiente saturado de elevada espiritualidade.

O pedido foi dirigido ao nosso afetuoso anfitrião, Dr. Rômulo Joviano, para que se dirigisse à estante localizada naquela sala e nos trouxesse, aos da mesa, o volume da primeira edição do Parnaso de Além Túmulo, o qual se encontrava ali, e que o abrisse e verificasse a data do prefácio, escrito pelo próprio médium.

Assim foi feito. Dr. Rômulo leu as duas linhas finais daquele prefácio:

“Pedro Leopoldo, dezembro de 1931 — Francisco Cândido Xavier”.

Então, a mesma Entidade Espiritual acentuou que “na mesma época, em dezembro de 1931, iniciava-se também a missão pública do Professor Ubaldi, que havia recebido a sua primeira página mediúnica igualmente em dezembro do mesmo ano. Foi

a primeira das suas Mensagens: “Mensagem do Natal”, recebida na Itália; na noite de Natal de 1931”.

Há também outra concordância maravilhosa entre as duas tarefas missionárias, registada pela história. Está no facto de que Francisco Cândido Xavier recebeu a primeira Mensagem do Além-Túmulo em 8 de julho de 1927 e, Pietro Ubaldi escreveu, sob inspiração, “Os Ideais Franciscanos Diante da Psicologia Moderna” também em 1927, verificável no livro *Fragmentos de Pensamento e de Paixão*. Foi naquele ano que Pietro Ubaldi fez o voto de pobreza, mas a sua missão pública somente começou no Natal de 1931.

Negar é fácil, mas anular uma verdade é impossível!



Concluindo o encontro entre os dois missionários, afirmou ainda Clóvis Tavares:

“O dia memorável encerrou-se de maneira encantadoramente espiritual. Entre outras mensagens recebidas pelo nosso admirável Chico, escolho esta do grande Espírito Cruz e Souza, intitulada 'O Herói', que o grande simbolista do parnaso brasileiro dedica ao ilustre visitante, já na madrugada da data natalícia do Professor Ubaldi (18 de agosto), homenagem aos seus 65 anos bem vividos, balizando a Verdade e o Bem:

1. O Herói

Afrontando o aguilhão torvo e escarninho
De sarcasmos e anseios tentadores,
Ei-lo que passa sob as grandes dores,
Na grade estreita do terrestre ninho.
Relegado às agruras do caminho,
Segue ao peso de estranhos amargores,
Acendendo celestes resplendores,
Atormentado, exânime, sozinho...
Anjo em grilhões da carne, errante e aflito,
Traz consigo os luzeiros do Infinito,
Por mais que a sombra acuse, gema e brade!
E, servindo no escuro sorvedouro,
Abre ao mundo infeliz as portas de ouro
Para o banquete da imortalidade.”

— Cruz e Souza.

De Pedro Leopoldo, dia 21 de agosto, a caravana veio a Campos e o Professor Pietro Ubaldi fez cinco conferências na nossa cidade: duas na Escola Jesus Cristo, uma no Fórum Nilo Peçanha, outra no Trianon e a quinta na Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia. Ainda visitou a Academia Campista de Letras, a Liga Espírita de Campos e deu uma entrevista na Associação de Imprensa Campista. Em 30 de agosto, Pietro Ubaldi, Clóvis Tavares e outros companheiros retornaram à longa peregrinação pelo país.

CAPÍTULO 6

O Término de Uma Longa Viagem

Em novembro daquele ano (1951), Pietro Ubaldi e Clóvis Tavares retornaram a Campos, e o conferencista voltou com a saúde abalada. Após alguns exames médicos, que felizmente não acusaram nada demais, Ubaldi, a convite da família Sebastião Pessanha, foi recuperar-se e descansar em Atafona, praia do Município de São João da Barra, a quarenta quilômetros de Campos. No mês de dezembro, antes do Natal, já refeito, ele voltou à Itália, ao seio da sua família.

Antes do seu retorno, fez mais uma conferência na Escola Jesus Cristo e entregou uma carta ao Professor Clóvis, despedindo-se dos amigos brasileiros, feliz pela semeadura realizada.

“A minha estada entre vós, caros amigos brasileiros, está terminada. Assinalou ela o início da minha vida pública, numa curva importante do meu destino, em que se iniciou o desenvolvimento da minha missão. E isso aconteceu neste ano de 1951, justamente no início da segunda metade do nosso século, que assinala a alvorada do sol que despontará no ano dois mil, sol da nova civilização do terceiro milénio.

O meu pressentimento, expresso na minha anterior mensagem, cumpriu-se plenamente. O Brasil respondeu de modo completo, com perfeita compreensão, confirmando com factos o que me fora antes anunciado por inspiração. Tudo se processou normalmente, conforme

a vontade de Deus e os seus planos estabelecidos. Agradeçamos a Deus, que nos ajuda através dos difíceis caminhos do bem.

Apenas uma ou outra voz isolada se levantou contrária. E se isso aconteceu foi somente porque alguns não puderam compreender. Se houvessem entendido os conceitos fundamentais do meu trabalho, claramente por mim expostos, que são: “imparcialidade” e “universalidade” e sobretudo “amor a todos”, a elevação daquelas vozes teria imediata e claramente aparecido a todos como coisa sem sentido.

E isso estou a dizer somente para recordar, uma vez mais, que estou, como estive sempre, nos antípodas de qualquer espírito sectário, intransigente e separatista. Recomendai e recomendo sempre, principalmente àqueles que podem compreender melhor, que trabalhem com espírito de amor e não de polémica, que se ocupem sempre de construir e jamais de demolir, respeitando as opiniões alheias, mesmo que representem ignorância. Na nossa bandeira está escrita a palavra: Amor.

Devemos, portanto, pregar a bondade, antes de tudo, pelo exemplo, praticando-a nós mesmos, com o nosso exemplo para o bem dos outros. Somente quem primeiro praticou tem o direito de pregar. Ai daquele que faz dos princípios da virtude e do bem um meio de agredir o próximo!

O amor é a pedra de toque dos valores do ser. O amor é a primeira qualidade de Deus. O orgulho, que deseja dominar, é a primeira qualidade de Satanás, é o maior pecado contra Deus.

Tenho estado entre católicos, espiritistas, protestantes, maometanos e budistas, entre seguidores de muitas religiões e filosofias e também entre ateus. E vi que essas distinções são mais de forma que de substância. Vi que, na realidade, só existem dois tipos de homens, qualquer que seja a religião a que pertençam; existem apenas duas religiões fundamentais: a do amor e a do orgulho.

À primeira pertencem os bons, os humildes que perdoam, os que se aproximam do semelhante para compreender e para auxiliar; esses estão perto do bem e de Deus. À segunda religião pertencem os orgulhosos, que discutem para dominar, que desejam destruir para vencer, que se avizinham do semelhante com espírito de contenda, para fazer erguer-se o próprio eu; esses estão distantes do bem e de Deus.

Trata-se de dois métodos opostos, que, sob qualquer forma, religião ou filosofia, revelam sempre o homem e a sua verdadeira religião, a do bem ou a do mal.

Tenho ensinado sempre, com absoluta imparcialidade, esta religião mais substancial, que ensina sobretudo a amar. Quem agride, quem polemiza, distancia-se do amor, que compreende sem discutir e resolve todas as questões perdendo. Sem esta base, que é o fundamento do Evangelho e da natureza de Deus, qualquer religião se torna uma mentira, pois a verdade foi controvérsia. Amar é a lei de Deus. Quem não ama, embora seja sábio e poderoso, não vive conforme a lei de Deus.



Está concluída a minha primeira viagem através do imenso Brasil. Havendo saído exausto da Itália, foi para mim um grande esforço percorrer durante 100 dias um enorme país, novo para mim, aprender-lhe os costumes e a língua, visitar cerca de 40 cidades, realizando cerca de 80 conferências, respondendo a milhares de pessoas, abraçando a todos. Mas este esforço era um grande dever, porque fazia parte da minha missão.

Por isso estou a agradecer de coração a todos os que me ajudaram. Agradeço o acolhimento que me foi feito, embora não merecido, considerando que a homenagem foi à ideia e vinha do vosso amor. Agradeço, no entanto, embora essa exaltação eu a aceite somente pela

minha missão; na verdade, ela representa para mim a parte mais fatigosa do meu trabalho. Mas, acima de tudo, peço desculpas se me faltaram, às vezes, as forças para atender a todos, para responder pessoalmente ou por cartas a todos, para abraçar a todos. Apenas concluído o meu giro, tamanho foi o cansaço, que adoeci. Mas Cristo, que, antes de eu partir da Itália, me prometera todo o auxílio, depois de me haver assistido, fazendo-me chegar até ao fim da viagem, quis também, aqui, prover-me do repouso necessário, na paz do mar, junto do afeto de amigos.

E agora, eis-me, pelo auxílio de Deus, restabelecido fisicamente, para continuar o meu trabalho. Dentro de poucos dias voarei para a Itália. Até lá, o meu espírito constringe-se em aflita nostalgia por este grande Brasil, que me abriu os braços. E do coração nasce esta mensagem de adeus na qual, chorando, abraço os queridos amigos que aqui encontrei, que tanto me amam e que tanto tenho amado.

Vou partir e, enquanto vos abraço e choro, escuto o ribombar da nova tempestade que se aproxima, tempestade de pensamento na qual relampagueia a ideia que me movimenta; já a sinto fazendo pressão para o nascimento de novas obras. Dentro em pouco estarei no seio dessa tempestade.

Construir, sempre construir, agir em sentido positivo (Deus), jamais em sentido destrutivo (Satanás). Não discutir, criando dissensões em nome da letra. O espírito de todas as religiões é: Amor.

Esta é a síntese do meu trabalho feito aqui no Brasil. Esta é a recordação que deixo aos amigos brasileiros, a fim de que seja o seu método de trabalho.

— Campos (RJ), 11 de dezembro de 1951”.

É agradável observar a responsabilidade desse missionário. Ele não apenas agradeceu e despediu-se, mas deixou um testemunho

valerosíssimo de fidelidade a Cristo e ao Seu Evangelho, incentivando-nos a “construir, sempre construir, agir em sentido positivo (Deus), jamais em sentido destrutivo (Satanás). Não discutir, criando dissensões em nome da letra. O espírito de todas as religiões é: Amor”.

Pietro Ubaldi retornou a Gúbio e concluiu o terceiro período da sua vida — dos 45 anos aos 65 anos — coroado de pleno êxito.

CAPÍTULO 7

O Convite ao Retorno

A Itália, destruída pela Segunda Guerra Mundial, ainda não se tinha reabilitado. A família de Ubaldi havia perdido todos os seus bens por incompetência do administrador. Ubaldi vivia pobremente como Professor de Inglês num ginásio de Gúbio e, naquele ano, 1952, iria reformar-se, porque já contava sessenta e cinco anos de idade.

Ele partiu do Brasil com um convite bastante promissor: vir morar no nosso país, acompanhado dos seus familiares — esposa, filha e duas netas. Foram-lhe oferecidas condições de sobrevivência mais fácil aqui do que lá, onde as dificuldades aumentariam sempre — reforma pequena e modestos vencimentos da filha que trabalhava como corretora de seguros. A pobreza franciscana que o discípulo de São Francisco havia esposado com tanto amor, também bateu à porta dos seus, que ficaram pobres porque assim o destino quisera.

A oferta era boa, mas precisava pensar, refletir, porque ele e a esposa já tinham idades avançadas. Começar tudo de novo... Ainda mais em terra estrangeira, onde a língua era uma barreira intransponível, sobretudo para D. Antonieta (nunca aprendeu o Português). Mesmo assim, ele estudou a proposta com a família,

mas a incerteza e a insegurança tomaram conta dos seus. Por outro lado, pensavam eles, no Brasil temos pelo menos um ponto de apoio: os direitos de autor, porque os livros eram vendidos com facilidade. Depois de longas conversas e com a garantia que a “Sua Voz” havia dado: “O mundo virá a teu encontro e te ajudará em tudo o que te for necessário”, decidiram pela vinda para o nosso país. O convite foi aceito, e Pietro Ubaldi enviou uma carta nestes termos:

“Aos meus queridos amigos da Escola Jesus Cristo, de Campos

A imensa tristeza de sentir-me distante de vós me impele a escrever-vos estas linhas, pois assim posso estar, ao menos por alguns instantes, presente entre vós.

Já havia previsto e vos havia descrito esta cena: aqui estou em Gúbio, sozinho, junto à minha mesinha de trabalho, ao lado do leito, no meu quarto frio. Lá fora há neve e tudo é silêncio.

Olho as fotografias tiradas no Brasil, em Campos, em Atafona: olho as vossas cartas e dádivas e choro de saudade de todos vós. Quantos testemunhos de afeto me destes! Entre vós, em Campos, encontrei a grande afeição de que tanto tinha necessidade e que falta aqui, onde me encontro.

Embora ainda cansadíssimo, já reiniciei a dura vida de pesado trabalho: pela manhã, a escola; à tarde, a correspondência e à noite, os livros para escrever.

Neste doloroso silêncio cheio de trabalho, pude, porém, novamente ouvir clara e forte a “Sua Voz”, que, no cansaço e no rumor das muitas viagens, entre tanta gente, não me era tão fácil escutar. E “Sua Voz” me repete agora: “Vai, retorna ao Brasil. Esta é a terra da bondade e do

amor, a terra do Evangelho, a tua nova pátria, o lugar do teu novo trabalho”.

Confortemo-nos, assim, na nossa saudade. Abraçar-nos-emos novamente.

Amo-vos imensamente e já não posso viver aqui sozinho, longe de vós, sem a vossa presença. Seja o nosso pranto de tristeza confortado pela certeza de que nos abraçaremos de novo. Somente esta certeza é que me dá ainda força para viver, lutar e sofrer.

Com a minha imensa gratidão por tudo que por mim fizestes, abraço-vos a todos com afeto. Vosso

(a) Ubaldi Pietro

— Gúbio (Itália), 20 de janeiro de 1952

(Tradução de *Clóvis* Tavares)”

Ubaldi via claro o seu futuro: vir para o Brasil. A “Sua Voz”, na Páscoa daquele ano, junto ao túmulo de São Francisco, na Basílica de S. Francisco de Assis, tranquilizou-o:

“prepara-te. Viajarás com toda a tua família no final deste ano, o próximo Natal passarás no Brasil. É como se tudo já tivesse acontecido”.

Nos meses que restavam, deveria preparar toda a documentação da viagem e a bagagem da mudança. A dele era pequena: poucas roupas, objetos de uso pessoal, a pequenina máquina datilográfica, originais dos livros escritos e alguns exemplares de cada título

lançado nos vários idiomas. Isso não o impediu de continuar imerso no seu mundo espiritual, cuidando das coisas do espírito. Os meses corriam rapidamente, chegou o verão (a estação climatológica na Itália é oposta à nossa) e com ele a reforma e os últimos preparativos finais para a viagem, viagem longa, de navio, para o outro lado do hemisfério. Era uma aventura, e que aventura! A preocupação era grande, porque Ubaldi só tinha, realmente, um ponto de apoio: Cristo.

“Faltavam quinze dias para a partida do navio, quando, inesperadamente, surgiram imprevisíveis dificuldades de alguns documentos para o passaporte, dificuldades que não seriam superadas antes de três meses. Circulava, desesperançado, de uma repartição para outra, quando a minha filha me disse que aquele era um momento apropriado para que acontecesse um milagre. Senão, teríamos que adiar a viagem e ninguém saberia para quando. Isto porque enormes dificuldades haveriam de surgir com o adiamento, e só se poderia realizar a viagem em pleno inverno, enfrentando frio e neve. E o milagre aconteceu.

Aparentemente, por acaso, encontrei naquelas repartições um ex-aluno, advogado, que era justamente o secretário da pessoa de quem dependia o caso, e tudo facilmente se conseguiu e se resolveu em apenas três dias”.

Sem dúvida, a fé inabalável, aquela que faz remover montanhas, residia com Pietro Ubaldi desde os tempos da Galileia, que caminhou com ela durante a sua longa existência terrena.

CAPÍTULO 8

A Grande Mudança

Chegou o mês de novembro de 1952, dia 25, Pietro Ubaldi e a sua família partiram para o Brasil, saindo do porto de Génova (capital da Ligúria, a cerca de 700 km de Roma), no vapor Augustus, em camarotes de segunda classe. A viagem foi excelente, elogiada pelo Comandante e pela sua tripulação, habituados a navegar pelo Mar do Mediterrâneo e Oceano Atlântico.

“O pessoal de bordo confessou que raramente havia visto uma travessia tão tranquila”.

Após 12 dias de viagem, exatamente no dia 7 de dezembro, segundo a dedicatória em um dos seus livros a Clóvis Tavares, o vapor Augustus fundeou em Santos e, no dia seguinte, 8 de dezembro, desembarcaram naquele porto: Pietro Ubaldi, Maria Antonieta Solfanelli Ubaldi (esposa), Agnese Ubaldi Zambelli (filha), Maria Antonieta Ubaldi Zambelli e Maria Adelaide Ubaldi Zambelli (suas netas, ainda menores). A primeira promessa de Cristo tinha-se cumprido: “O próximo Natal passarás no Brasil”. Para o grande missionário, era evidente que todas as demais se cumpririam. Questão de tempo...

Um grupo de amigos de São Paulo foi esperá-los; eles já conheciam o autor de *A Grande Síntese*, que falava português. Após o desembarque, foram conduzidos para um merecido descanso na Ilha de Guarujá, onde permaneceram dez dias no edifício “Sobre as Ondas”. A seguir foram levados para outro apartamento, no edifício “Iguaçu” (Av. Manoel da Nóbrega, 686 — apto 92), em São Vicente — SP, onde se instalaram. Uma semana depois deslocaram-se para Campos, aqui chegando antes do Natal de 1952. Ficaram hospedados numa casa contígua à Escola Jesus Cristo, preparada pelo tesoureiro da ABUC, Delcides Ribeiro, para recebê-los.

Naquele Natal, no salão de palestras (superlotado) da Escola Jesus Cristo, Pietro Ubaldi falou sobre S. Francisco de Assis. Durante a sua conferência, viu S. Francisco entrar de mãos estendidas, abençoando a Escola. A atmosfera espiritual era indescritível, e todos sentimos as vibrações emanadas daqueles dois apóstolos de Cristo, um encarnado e outro desencarnado. Aproveitando a importância daquele Natal, juntamente com a felicidade de estar de volta ao Brasil, ele dirigiu-se aos amigos brasileiros através desta carta bela e sublime:

“Ausentei-me de vós no ano passado, pelo Natal de 1951, após haver estado cinco meses convosco. Cinco meses intensíssimos, em que aprendi a conhecer o vosso grande país e a amar-vos.

Passei o ano de 1952 na Itália, cheio de saudade de vós. No triste e longo frio do inverno europeu, muito meditei na vossa grande bondade, no bem que me desejastes e me fizestes; e um profundo sentido de gratidão para convosco se apoderou da minha alma, queridos amigos, que com tanto amor me abristes os braços.

Pensei nos destinos do mundo e na grande tarefa do Brasil no futuro da humanidade. No silêncio das grandes noites hibernais, datilografei o meu décimo livro: *Deus e Universo*, que já se encontra no Brasil para ser traduzido e impresso. Aqui, espero brevemente iniciar outro, o 11º volume.

E eis que, hoje, neste Natal de 1952, aqui me encontro entre vós. Parece um sonho. As dificuldades que tive de superar foram muitas, e isso me mostrou como as forças do mal procuraram impedir o cumprimento da minha missão. As forças do bem, entretanto, trabalharam em sentido oposto e, nos últimos dias, quando a minha vinda parecia ainda impossível, elas tudo transformaram, tornando-a realidade. Travou-se uma grande batalha, mas o bem, que é sempre o mais forte, venceu. Até as mentes mais positivas e sem fé tiveram de reconhecer que houve um milagre, porquanto, sem a intervenção de forças que superam as normais, certos factos não seriam possíveis e não poderiam ser explicados.

Não vos relato estas coisas para falar a meu respeito, o que não me agrada, mas para vos fazer compreender que, nesta minha volta ao Brasil, a vontade de Deus se manifestou com uma clareza surpreendente. O acaso não pode movimentar muitas pessoas diferentes, cada uma com um trabalho particular, e no momento justo, sem que nem elas nem eu conhecêssemos os caminhos a seguir e o trabalho a fazer. Fui, pois, guiado e muitos outros comigo, a fim de que esta minha volta ao Brasil se realizasse.

Tudo isso se realizou exatamente como me foi predito pela “Sua Voz”, embora pudesse parecer irrealizável. Na Páscoa de 1950, a “Sua Voz” me havia dito: “Vai, a tua hora é chegada, a tua missão se realiza. Ou agora ou nunca”. E em fevereiro de 1952, apenas concluída a minha viagem através do Brasil, a Voz disse-me: “Pelo Natal estarás no Brasil. O facto é como se já tivesse acontecido”.

E assim se realizou, embora a 11 de novembro, poucos dias antes da minha vinda (saí da Itália a 25 de novembro) tudo parecesse impossível. E assim é que, posso dizer que, miraculosamente e

conforme a vontade de Deus, aqui me encontro entre vós neste Natal de 1952.

De tudo isso posso concluir que esta viagem foi da vontade de Deus. Isso confirma a minha missão e dela me oferece uma prova.

Este Natal de 1952 assinala uma grande curva no meu destino; a realização de quanto a “Sua Voz” há muitos anos me diz; o início de um novo período da minha vida, o último, no qual o trabalho iniciado teoricamente, nos meus livros, tende a uma sempre mais concreta realização. Isso significa que a hora é verdadeiramente chegada e que o meu trabalho espiritual, pelo qual estou no Brasil, cumprir-se-á.

Isso é uma promessa de Deus e um grande compromisso para mim. Sinto que estou na vossa terra, não pelo meu interesse ou capricho, mas para dar e produzir, em cumprimento à vontade de Deus. Compreender-se-á melhor no futuro a importância destas palavras.

Quis, desse modo, neste Natal de 1952, meus queridos amigos, nesta grande curva da minha vida e da vida do mundo, precisar-vos em que ponto do meu caminho terreno hoje me encontro, como faz o navegante que fixa, em pleno oceano, o ponto da sua rota em relação à terra, olhando as estrelas.

Agora não me resta senão abrir-vos os braços para retribuir o vosso grande e fraternal abraço, respondendo com muito amor ao vosso grande amor.

Já escrevi: “Temos um Chefe no Céu”. Ele se aproxima cada vez mais e se torna, nos factos, sempre mais sensivelmente presente entre nós. Esta é a boa nova que vos dou neste Natal.

Também já escrevi: “Cristo avança”. Hoje, porém, vos digo: “Cristo continua a avançar e sempre mais se aproxima”. Ele já se encontra entre nós e trabalha ao nosso lado. As suas obras, realizadas através

de muitos instrumentos, sempre manifestarão mais a Sua viva presença, pois os tempos estão amadurecidos. Ele renasce hoje, espiritualmente, no mundo.

Sentir, nos grandes silêncios das nossas almas em prece, a Sua presença, seja hoje a nossa maior alegria. E já se levantam prontas, as almas despertas, pois já perceberam a alvorada que desponta, pré-anunciando o sol da nova civilização do espírito, em que Cristo triunfará.

Tudo já está, assim, escrito no livro de Deus e as forças do mal, embora desencadeadas, não prevalecerão. Elas farão sofrer os bons, mas somente para a vitória do bem.

Este Natal é, pois, um Natal de grande festa, porquanto se, na Terra, as forças do mal maquinam o seu ataque, no Céu as forças do bem já prepararam a grande festa da sua vitória final.”

— Campos, Natal de 1952.

Tradução de Clóvis Tavares

Durante os meses de janeiro e fevereiro de 1953, Ubaldi e a sua família foram convidados a veranejar em Atafona, a mesma praia onde o visitante permaneceu algum tempo, há pouco mais de um ano. Terminada a temporada, eles ainda permaneceram dois meses na nossa cidade, a convite de Dr. Albano Seixas, na residência deste. Aproveitou a oportunidade, atendendo a um convite de Dr. Albano, e foi ao Grupo Espírita Aracy, onde fez uma palestra sobre Cristo. Em fins de abril, retornaram a S. Vicente, para o apartamento do edifício “Iguaçu”, onde passaram a residir. Pietro Ubaldi e a sua família tinham de começar a vida no Brasil, “Berço

da Nova Civilização do Espírito”, para ele, e “Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”, no dizer de Humberto de Campos.

Com essa mudança, Pietro Ubaldi não estava apenas a mergulhar em novos hábitos e costumes de uma nação diferente, mas também a iniciar o último período da sua existência neste mundo — dos 65 anos aos 85 anos. Ele sabia até quando iria viver, porém, desconhecia o tipo de dor que o esmagaria naqueles últimos vinte anos.

CAPÍTULO 9

Imparcialidade e Universalidade

A missão de Pietro Ubaldi foi cristocêntrica, convergindo para o Evangelho vivo dos tempos atuais, com novos conhecimentos em relação ao céu, numa linguagem ultramoderna.

Toda a reforma traz impacto. Há os que aceitam e os que rejeitam. E Pietro Ubaldi veio para reformar o homem na sua maneira de pensar e de agir. Muitos concordaram com o pensamento ubaldiano, sabendo que Ubaldi era apenas um intermediário; outros queriam endeusá-lo. A verdade apresentada, ele a pesquisava, buscava e trazia de mundos elevados para o nosso, ainda tão atrasado espiritualmente. Essa posição de medianeiro da alta espiritualidade transformou-o num eleito de Jesus Cristo e portador de mensagens ainda desconhecidas da humanidade, neste alvorecer do terceiro milénio.

Em 1951, as homenagens foram tantas e a exaltação do seu nome foi tão grande, que ele ficou assustado. Conhecia bem o resultado funesto que acompanha todo o barulho produzido pelos homens. Ele dominava o Evangelho, porque o vivia, e recordava-se de que, no “domingo de ramos”, Cristo fora recebido com hosana e, no sexto dia, crucificado. A “Sua Voz” também havia dito:

“o mundo parece espargir rosas, mas, na verdade, distribui espinhos; eu vos ofereço espinhos, porém vos ajudarei a colher as rosas”.

Ainda mais: a sua experiência na Itália — quando *A Grande Síntese* foi lançada — assemelhava-se à de um homem colocado no topo de um monte, sem uma sólida base. Minaram esta, e o monte veio abaixo. O mesmo poderia acontecer nessa outra fase de divulgação da Obra.

Em toda parte cultuavam a figura humana de Pietro Ubaldi. E a Obra? Perguntava a si mesmo. A situação como estava a caminhar, dentro em breve, daria origem a uma escola ubaldiana ou ubaldista, como desejariam alguns mais entusiasmados. Como evitar isso? Dentre outros, esse foi um problema levado por ele, quando voltou à sua pátria. Ele já havia escrito e amplamente divulgado “Apresentação” e “Programa”, em 1934. Naqueles dois artigos havia manifestado a sua verdadeira posição. Será que leram e não compreenderam? E a Mensagem de “Sua Voz”, recebida em Pedro Leopoldo? Nela está escrito:

“Eu sei: a glória, os louvores do mundo e a notoriedade te repugnam. Compreendo que isso te é uma nova dor. Aceita-a, porém, por amor de mim; aceita-a, pois sabes que também isso é necessário a fim de que se cumpra a tua missão”.

Tudo isso ainda não era suficiente. Precisava de mais um esclarecimento para orientar com segurança os leitores das suas obras e os ouvintes que compareciam às suas conferências. E, naquele inverno gubeliano de 1952, inspiradamente, ele escreveu uma carta, reafirmando os seus “Princípios”, que Maria Zenith

Pessanha, secretária da ABÁPU, traduziu. Nessa Mensagem, o primeiro pedido foi a retirada do seu nome da ABÁPU (Associação Brasileira dos Amigos de Pietro Ubaldi), pedindo desculpas, porque não desejava ser chefe de coisa alguma, e sugerindo, ao mesmo tempo, que pusesse no seu lugar o nome de Cristo — Associação Brasileira da Universalidade de Cristo (ABUC). Junto desse testemunho público, transcrevemos alguns tópicos de “Princípios”, que podem servir de roteiro a todos nós:

- 1) O primeiro dever de uma revista que nasce é orientar claramente o seu pensamento e declarar com sinceridade os seus objetivos: uma linha de conduta segundo princípios aos quais, depois, deverá permanecer fiel.
- 2) O que importa não é a pessoa, mas a ideia.
- 3) Todos nós temos o dever do exemplo, o primeiro dever, somente com o qual se podem pregar quaisquer princípios, demonstrando, antes com factos que com palavras, que eles podem ser vividos.
- 4) Oferecer, nunca impor a verdade. Eis o património espiritual de cada consciência. Nunca introduzir-se na alma alheia com a violência da argumentação, numa guerra de ideias, para subjugar o semelhante; antes, procurar todos os meios de comunicação que conduzam à compreensão.

5) A nova era é a era da bondade na compreensão recíproca: da convicção de todos no seio de um mesmo Deus: é a era do amor. O princípio é: procurar o que une e evitar o que divide.

6) Evitar o espírito de polémica, pois este é considerado como expressão da psicologia de um tipo biológico atrasado, que está a ser, cada vez mais, superado pela evolução.

7) Compreendamos que a verdade é relativa e progressiva e que nos foge no seu aspeto absoluto. Nós, relativos, não podemos possuí-la senão por progressivas aproximações.

8) Sejam sempre construtivos, ou seja, operemos em sentido positivo, unitário, como é o bem, e jamais sejamos destrutivos, ou seja, nunca atuem em sentido negativo, separatista, como é o mal.

9) Que o Evangelho, tão pouco vivido até hoje, transforme-se na forma de vida do homem novo, como um novo método de viver; que penetre cada ato nosso; que nos revele como seres evoluídos; que se manifeste com o nosso exemplo a cada momento.

10) O nosso lema é: Universalidade e Imparcialidade”.

Aqui se encontra exposto, com toda a clareza, que a Obra inspirada a Pietro Ubaldi não veio para substituir, nem tão-pouco combater tantas outras existentes, criando rivalidades ou polémicas

entre os seus adeptos. Ela é oferecida ao mundo, aos desejosos de maior enriquecimento espiritual e cultural, porque contém as duas asas indispensáveis à evolução do homem: Amor e Sabedoria; e o seu autor terreno nunca objetivou outra finalidade. É do conhecimento de todos que o céu não é conquistado pelo rótulo religioso, filosófico ou científico que o viajante assume na sua curta passagem pela vestimenta corporal. A ninguém deverá ser perguntado, quando transpuser os umbrais da morte, qual foi a religião, filosofia ou ciência que professou ou se não foi adepto de nenhuma delas. A indagação vai ser à consciência de cada um, que pode ser feita desde hoje: qual a contribuição dada ao progresso espiritual do planeta? Quais as qualidades positivas conquistadas? A nossa alma viveu órfã das virtudes divinas? Tudo isto a Obra de Pietro Ubaldi nos ensina a buscar e incorporar no nosso espírito.

CAPÍTULO 10

Por Que Pietro Ubaldi Veio para o Brasil?

Esta é uma pergunta que tem surgido a alguns e por razões diversas. Uns aprovando, porque estão preocupados com o progresso espiritual do nosso país e quanto mais revelações, maior é a condição de avançar na sua marcha ascensional. Outros, reprovando, incomodados com a presença da Obra Ubaldiana. Estes acreditavam que ela fosse enfraquecer certos movimentos existentes e não sabiam que a sua função no mundo é imparcial e universal. Ela desceu à Terra para somar, nunca para dividir.

Quem conhece a Europa, a Ásia, a África, as Américas, observa que o nosso país é bastante religioso. Aqui, todas as religiões vivem irmanadas, como ovelhas de um mesmo redil, muito embora haja diferença na fé e nos postulados doutrinários esposados em cada uma. É comum, em época de formatura universitária, existirem sacerdote, pastor e espírita fazendo as suas preleções aos formandos, numa cerimónia ecuménica. Assim, o Brasil é o mais adaptado à missão de Pietro Ubaldi, porque esta nação está sempre de portas abertas a todos os povos, mantém relações diplomáticas com todos os países, é contra sanções políticas e económicas a qualquer outra nação. Os nossos governantes entendem que cada um é responsável pelos seus atos, atitudes e posições assumidas

diante do seu povo. Existe uma única preocupação do nosso governo: viver bem com todos...

E o que pensa o mundo espiritual a respeito da função histórica do Brasil no mundo?

Disse Pietro Ubaldi, em 1934:

“Brasil, terra prometida da nova revelação, terra escolhida para a primeira compreensão, terra abençoada por Deus para a primeira expansão de luz no mundo! Já um incêndio lá se levanta; instantânea e profunda compreensão. Foi um reconhecimento sem análise, de quem sabe porque sente, de quem tem certeza porque vê. Os humildes, não solicitados, compreenderam e se afirmaram os primeiros, sem provas, sem discussões, no terreno em que a ciência que tudo sabe nunca cessa de exigí-las” — (Apresentação).

“Eis o que a 'Sua Voz' pede, primeiro de tudo ao Brasil, escolhido para a primeira afirmação destes princípios no mundo. E esta afirmação deve ser um imenso amplexo de amor cristão. Será a primeira centelha de um incêndio que nos deve inflamar de bondade para dissolver o gelo de ódio e rivalidade que divide, esfomeia e atormenta o mundo” — (Programa).

Afirmou Emmanuel, em 1938, por Chico Xavier:

“O Brasil não está somente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta, mas também a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e de fé raciocinada e a ser o maior celeiro de claridades espirituais do orbe inteiro”.

Em 1938, ainda pelo mesmo médium, afirmou Humberto de Campos:

“Todos os estudiosos que percorreram o Brasil, estudando alguns detalhes dos seus oito milhões e meio de quilômetros quadrados, apaixonaram-se pela riqueza das suas possibilidades infinitas.

Mas, se numerosos pensadores e artistas notáveis lhe traduziram a grandiosidade do mundo novo, contando “lá fora” as inesgotáveis reservas do gigante da América, todo esse espírito analítico não passou da esfera superficial das apreciações, porque não viram o Brasil espiritual, o Brasil evangélico, em cujas estradas, cheias de esperança, luta, sonha e trabalha o povo fraternal e generoso, cuja alma é a “flor amorosa de raças tristes”, na expressão harmoniosa de um dos seus poetas mais eminentes.

Jesus transplantou da Palestina para a região do Cruzeiro a árvore magnânima do seu Evangelho, a fim de que os seus rebentos delicados florescessem de novo, frutificando em obras de amor para todas as criaturas.

Nessa abençoada tarefa de espiritualização, o Brasil caminha na vanguarda. O material a empregar nesse serviço não vem das fontes de produção originariamente terrena, e sim do plano invisível, onde se elaboram todos os ascendentes construtores da Pátria do Evangelho.

Em 1951, em Pedro Leopoldo, a 'Sua Voz', dirigindo-se a Pietro Ubaldi, confirmou as palavras de 1934:

'O Brasil é verdadeiramente a terra escolhida para berço desta nova e grande ideia que redimirá o mundo. Agora, a tua missão é acompanhá-la com a tua presença e desenvolvê-la com ação, de forma concreta. Todos os recursos te serão proporcionados.

Pedro, confio-te esta nova terra, o Brasil, a terra que deves cultivar. Trabalho imenso, mas terás imensos auxílios'.

Em 1955, quando Ubaldi escreveu Profecias, voltou a afirmar:

"A função histórica do Brasil no mundo só pode ser, portanto, neste nosso tempo, uma função de paz. Essa é a sua posição atual no pensamento da História, esta é a missão que lhe foi por ela confiada. (...)

O Brasil é o país da máxima liberdade, em que todas as ideologias compatíveis com o mínimo de ética e de ordem indispensáveis são toleradas. O Brasil é crente e espiritualista, não importa a religião que se professe. Tudo o que diz respeito ao Brasil parece feito sob medida, de propósito para torná-lo apto a essa função. Trata-se, sobretudo, de amar, ou seja, de abrir os braços evangelicamente. Mas outras qualidades ainda possui o Brasil, para desempenhar a função histórica que a vida lhe oferece. É ele um país jovem. O facto de não estar carregado de milénios de história, isto é, de lutas e de dores, de fadigas pelas conquistas de tantos valores de todo o género, torna-o mais ágil. E a história do Brasil, assim como ocorre para os jovens, está mais no futuro do que no passado. (...)

Então, podemos dizer que o Brasil poderá ser a sede da primeira realização da terceira ideia, que fundirá, num todo, o que há de melhor nas duas atualmente em luta mortal, ou seja, a liberdade de um lado e a justiça económica do outro, no amor evangélico, sem o que nada é aplicável em paz, nem pode dar fruto algum. Isto tudo é possível, porque, como diz Victor Hugo:

“há uma coisa mais poderosa que todos os exércitos: é uma ideia cujo tempo tenha chegado”. Então, podemos dizer que o Brasil poderá ser verdadeiramente o berço da nova civilização do espírito e do Evangelho, o berço da nova civilização do terceiro milénio”.

Em 1966, quando Pietro Ubaldi fez a última conferência, de carácter nacional, em Brasília, ele ainda se reportou ao Brasil, dizendo:

“Os senhores, a quem hoje falo, são os operários aos quais a Obra está confiada. É por isso que estamos aqui reunidos. Este encontro tem um importante significado, exatamente pelo facto de que nele se realiza esta nossa oferta, neste lugar e momento. Trata-se de passar das mãos do compilador às dos seus herdeiros espirituais. Oferta gratuita, para o bem de quem a recebe. Isto acontece em Brasília, Capital do Brasil, no coração do continente sul-americano. Como diz o título da conferência: “A Nossa Simbólica Oferta ao Brasil e aos Povos da América Latina”.

Na verdade, desde 1910, quando Pietro Ubaldi se formou em Direito pela Universidade de Roma, o seu destino ligava-se ao Brasil, ao apresentar a tese: “Expansão Colonial e comercial da Itália para o Brasil.” Mas por trás de tudo isso sempre atuou a Lei Divina e era da vontade de Deus que a metade da missão do seu

servo fosse cumprida aqui no nosso país. A primeira parte da Obra foi escrita numa região profundamente mística; lá, naquele ambiente, nasceram livros portadores de revelações celestiais elevadíssimas. Aqui, solo adubado à boa semente, nasceram os volumes mais próximos da nossa vivência diária, que falam mais aos nossos fracassos e nos convidam à retomada da nossa ascensão espiritual. A “Sua Voz” escolheu sabiamente o Brasil para Pietro Ubaldi concluir a sua missão. E ele sempre foi um bom brasileiro, e queria bem ao nosso povo. Morreu agradecido ao Brasil, por tê-lo acolhido em tão avançada idade. Nós também somos eternamente agradecidos a ele por ter vivido connosco o último período da sua vida, deixando uma Obra imortal, que os séculos e os milénios jamais apagarão.

CAPÍTULO 11

Os Dois Primeiros Anos de Pietro Ubaldi no Brasil

Grandes preocupações materiais. Pietro Ubaldi e a sua família lutavam bravamente pela sobrevivência. Precisavam comer, vestir-se, pagar condomínio e despesas normais de apartamento. Precisavam gastar com remédios, condução, educação das meninas etc. Quem pagaria tudo isso? A sua reforma não dava, e os direitos de autor ainda não existiam. Que fazer? Tudo encarecia todos os dias, porque havia uma espiral inflacionária muito elevada.

A família perguntava: onde estão as promessas? Elas existem de verdade? Na nossa pátria, promessas devem ser cumpridas. Aqui é diferente? Ubaldi, filho da dor, dos sofrimentos mais atrozes, começava a duvidar das promessas dos homens, mas não duvidava da promessa de Cristo:

“O mundo virá ao teu encontro e te ajudará em tudo o que te for necessário”.

Era hora de mais um testemunho e estava preparado para isso. Todas as noites, continuava a repetir na sua oração: “Senhor, seguir-te-ei até à Cruz”.

Agnese, vencendo a barreira linguística, começou a falar português e procurava emprego, mas as portas não se abriam. As surpresas eram tristes e decepcionantes. Viviam da pequena reforma e das ajudas de alguns poucos amigos. Ubaldi percebeu imediatamente que o seu período no Brasil não seria “mar de rosas”.

Seria trágico, e bem trágico, mais do que o período italiano. Teria de enfrentar uma luta desigual — 68 anos e encontrava-se em terra estrangeira.

Não encontrando outra solução — todas as promessas de emprego fracassaram — concordou com Agnese em procurar os direitos de autor. A longo prazo foi uma luta inglória, porque a Obra era de Cristo, como o próprio Ubaldi dizia:

“eu sou apenas uma caneta que escreve”.

Da Obra não poderiam surgir recursos materiais suficientes, estes chegariam de outras fontes...

A batalha era grande, com Ubaldi ligado aos dois mundos: o da matéria e o do espírito. Não obstante tudo isso, a missão continuava. Durante o dia: os contatos, as viagens a São Paulo (acompanhando a filha), as correspondências, as visitas etc. À noite, entrava no seu processo noúrico e prosseguia a escrever livros. Era a vez de Profecias.

Outra batalha, não menos árdua, foi a do apartamento. Pediram-no de volta, aquele apartamento que ele supunha que lhe pertencesse, porque as chaves lhe foram entregues por uma comissão, dizendo: “este apartamento é seu, Professor”. Sem um suporte financeiro e sem apartamento para morar era demais!... Mudar-se para onde? Se ele não tinha renda certa nem para comer, como pagar renda? Entraram na justiça contra ele, que buscou a defesa pelo mesmo caminho da acusação. Nesta luta, quantas idas e vindas a São Paulo, quanto tempo perdido, somente para cumprir a lei de sobrevivência, sempre acompanhando Agnese, que se voltou também para a Obra com muito interesse. Apesar de tudo, a fé inabalável de Ubaldi no Cristo nunca faltou, e Ele lhe dizia que tivesse calma, porque a resposta chegaria na hora oportuna. Ubaldi, silencioso, pensativo como sempre foi, aguardava a solução.

Estava assim a viver dentro dessa tempestade de conflitos, quando surgiu a Divina Providência para socorrê-lo. Era uma demonstração inequívoca de que o Cristo continuava presente na sua vida, guiando o seu destino. Ele, sozinho, precisava de muito pouco para viver. Estava habituado a fazer uma refeição por dia, acrescida de um copo de leite pela manhã e outro à noite; a residência não lhe seria difícil, pois, para morar, precisava apenas de um quarto com casa de banho, como acontecera durante os seus vinte anos de trabalho e dor na longínqua Itália. Mas tinha consigo, sob a sua responsabilidade, mais quatro pessoas, sendo duas menores inocentes, que não podiam pagar tão pesado tributo. Tinha o dever, o sagrado dever de defender a sua gente, o seu clã, a sua família. Ele havia ensinado na Obra que nós temos o dever de auxiliar a todos, de fazer o bem a muitos, de defender o nosso

próximo contra o mal, mas temos, acima de tudo, o sagrado dever de proteger aqueles que estão sob a nossa guarda. Ele havia ensinado todas essas coisas. Então por que não vivê-las? Chegou a hora de colocar em prática aquela teoria, e ele não perdeu a oportunidade!

Cristo, vendo que o seu arauto Lhe era absolutamente fiel, salvou-o confirmando ainda mais a origem da Obra: era Sua e ninguém poderia detê-la. O sinal foi este: um amigo, Benedito Zancaner, do interior do Estado de São Paulo, Catanduva, recebeu uma orientação espiritual para que ajudasse Pietro Ubaldi na compra de um apartamento, porque este se encontrava em dificuldade e precisava de um abrigo para si e a sua família. Se possível, que enviasse ao Professor a quantia suficiente para a aquisição de um apartamento. O amigo, confiante naquela orientação, foi imediatamente a São Vicente, constatou o facto e retornou à sua cidade para providenciar a importância correspondente à aquisição do imóvel.

O segundo ano de Ubaldi no Brasil terminou, deixando nele uma grande esperança: receber, presenteado por alguém, um apartamento para morar com os seus. Sonho ou realidade? Quem sabia? Somente Cristo, que prometeu socorrê-lo, quando fosse preciso, e o seu fiel discípulo que acreditou na sua promessa.

Ainda naquele ano, alguns cursos foram ministrados, várias conferências foram realizadas e os assuntos a serem abordados nos livros continuavam a povoar a sua mente. Pietro Ubaldi é uma chama que arde na escuridão da noite dos milénios...

CAPÍTULO 12

Experiência Apostolar

Chegou 1955. O biografado encontrava-se mergulhado numa turbulência de acontecimentos e de ideias. Começaram a desencadear contra ele uma terrível campanha, porque se apoiava na filha em busca de recursos financeiros para sobreviver. Eram as forças do mal em ação, mas as do bem foram mais poderosas e venceram. Sabia perdoar como poucos; o mal não o atingia. O mal, verdadeiramente, só atinge a quem ainda não sabe perdoar. Ele não revidava, não respondia, apenas observava para acompanhar de perto o funcionamento da Lei. Era um mestre na aplicação da Lei de Deus em si mesmo e nos outros, através dos acontecimentos bons e maus. Para Ubaldi, fazer o bem ou o mal tinha um significado diferente daquele que habitualmente lhes é atribuído, pois ele via tudo com os olhos do espírito.

No dia 14 de fevereiro, às nove horas da manhã, chegou o oficial de justiça com uma notificação de despejo do apartamento onde morava com a família. Era o golpe de morte. Aparentemente Cristo o havia abandonado, porque, até àquela hora, o notificado não havia recebido qualquer notícia da ajuda prometida, desconhecia a importância e quando a receberia. Ele assinou a notificação e foi a Santos, bastante apreensivo, acompanhado de Agnese, para resolver problemas particulares. Qual não foi a maior surpresa:

acabava de chegar, naquele dia, a importância de novecentos mil cruzeiros. Às doze horas, quando retornaram daquela cidade vizinha, todos tinham a certeza de que poderiam adquirir um excelente apartamento. Estávamos lá e presenciávamos este “milagre” divino.

No dia seguinte, 15 de fevereiro, fomos procurar um construtor conhecido. Este arranjou um apartamento ideal, de cobertura, que havia construído para si, mas resolveu vendê-lo exatamente pelo montante recebido. Essa foi outra surpresa agradabilíssima. A escritura desse apartamento, número noventa, no edifício Nova Era (por coincidência, o título da última mensagem recebida no Natal de 1953) — na praça 22 de janeiro, 531, em S. Vicente, SP — foi assinada no dia 18 do mesmo mês. Aí viveu a família Ubaldi até à desencarnação de Agnese Ubaldi Zambelli, em 5 de maio de 1975.

Esse acontecimento inusitado dá para pensar um pouco. Quem faria hoje, sozinho, a doação de um apartamento de cobertura, construção de primeira, na praça mais importante de S. Vicente, próximo da biquinha, com cerca de 130 m², ao próprio Ubaldi, se ele ainda estivesse entre nós? Por mais rico que seja o doador, ele reflete, pensa, medita, duvida da mensagem, ora acredita, ora não, ouve a mulher e os filhos, e acaba por decidir em fazer uma pequena doação, na esperança de que outros também vão ajudar. Mesmo acreditando que o beneficiado seja um mensageiro do céu, ele pensa consigo próprio: o céu tem tantos anjos e os ricos são muitos, certamente, os primeiros tocarão nos corações dos segundos e Ubaldi vai receber não um apartamento apenas, mas muitos outros, ainda mais que o “pouco com Deus é muito”. Na

realidade, isso não aconteceu na vida do missionário, e a ajuda chegou na hora certa e somente a necessária, nada mais. Ubaldi recebeu o numerário de um homem para comprar um apartamento, e o fez empregando todo o dinheiro recebido. Ninguém mais se propôs a essa finalidade. Aquele senhor, distante 388 km de São Paulo, foi o instrumento de Cristo para que se cumprisse a promessa feita ao seu discípulo, antes que este partisse definitivamente, para o Brasil. Ubaldi, que sempre teve espírito de gratidão, ficou agradecido àquele amigo a vida inteira pela sua renúncia e bondade. Ele foi o seu grande benfeitor, da sua família e da Obra a ser concluída. Também nós rendemos a esse cidadão a mais profunda de todas as gratidões! Ele fez um bem inestimável ao missionário de Cristo e à Sua Obra, que é a maior revelação do nosso século!

O primeiro semestre do ano de 1955 foi de muito trabalho para Ubaldi: conferências no interior de São Paulo e no sul do país, correspondência, visitas e a mudança para o novo apartamento, que foi realizada aos poucos, porque não havia recursos para contratar uma transportadora especializada. No dia 22 de junho, ele instalou-se num quarto daquela nova residência.

Esse apartamento era composto de dois quartos, uma sala de jantar, uma copa-cozinha, uma área de serviço, dependências de empregada, uma casa de banho comum e uma ampla varanda nos fundos, transformada em outro quarto e uma pequena sala de estar. Por uma escada, na área de serviço, tinha acesso ao terraço coberto, que pertencia ao apartamento. Esse local, mais tarde, foi utilizado para depósito de livros da Editora Monismo Ltda.

O Professor Ubaldi ocupava o quarto à direita, na entrada do apartamento. O mobiliário consistia de uma cama à direita e um roupeiro de quatro portas à esquerda, onde ele guardava, além das suas roupas pessoais (uso comum e de viagens), almofadas, roupas de cama, toalhas de banho, alguns originais, fitas gravadas etc. Ubaldi sempre foi de pouquíssimas roupas e calçados, inclusive os de casa. Nunca se preocupou com a alimentação nem com o vestuário, pois, franciscano por natureza, era desprendido ao extremo. As exigências do mundo, para ele, não representavam coisa alguma. Sobre o roupeiro, pacotes com livros publicados e uma pequena mala. Ao lado desse móvel, um baú trazido da Itália, contendo os livros em italiano, originais em italiano e português, e o seu diário escrito desde o início da sua vida missionária. Sobre o baú, duas maletas, uma para viagem e outra para pequenos objetos. Diante da janela, uma secretária com uma gaveta. Sobre ela, um candeeiro, alguns retratos, o quadro de Cristo oferecido pela Senhora Alexandra Herrmann, uma imagem de Cristo fosforescente, um depósito para colocar lápis, caneta, lapiseira e borracha. Uma parte da secretária era reservada para correspondência. Sentado numa cadeira de braços, com assento e encosto de madeira, forrados com almofadas para atenuar a sua dureza, ele respondia às cartas e escrevia até altas horas da madrugada. Ao lado, à direita, uma estante aberta com retratos dos seus familiares e pessoas mais íntimas, além de gira-discos, gravador, discos, livros, manuscritos, papel em branco à espera da sua caneta. Não era hábito trocar o velho pelo novo. Preferia doar a roupa nova que recebia de presente a ceder outra que estivesse a usar. Nunca trocou os móveis do seu quarto, pelo prazer de possuir outros mais bonitos. A sua máquina de escrever foi sempre

a mesma, que trouxe já velha da Itália. Parte desse acervo se encontra em Campos, no Museu Pietro Ubaldi, a outra parte está em poder de Ariston Santana Teles, mas tudo foi dado à Fraternidade Francisco de Assis por Manuel Emygdio da Silva, por escritura pública em 18 de agosto de 1992. Nesse quarto, ele vivia, trabalhava, dormia e tomava o seu copo de leite, sempre gelado, pela manhã e à noite. Era um local pleno de boas vibrações, onde escreveu a maioria das suas obras no Brasil. A música clássica lhe fazia permanente companhia. Ele mesmo gostava de limpar o seu quarto, mantendo-o sempre arrumado. Sabia onde se encontrava cada objeto, por menor que fosse, até a agulha para consertar as suas roupas. Recebia todas as roupas lavadas e engomadas, as quais eram arrumadas por ele nos seus devidos lugares. A porta daquele quarto permanecia sempre fechada, e ele a abria apenas por solicitação dos seus ou para sair e usar outras dependências do apartamento. Quando saía para pequenos passeios ou viajava, a chave ficava com a família.



Pietro Ubaldi no seu gabinete de trabalho e repouso. Na retaguarda, a cama e a porta de entrada; à sua direita, a estante; à frente da secretária, a janela; à sua esquerda, o

roupeiro e o baú trazido de Itália, com os originais, livros em italiano e outros pertences.

As visitas eram bem recebidas, na sala, mas não tinham acesso àquele quarto, onde ele entrava em sintonia com a “Sua Voz”. Falava-Lhe das dificuldades e das lutas existentes e Dela recebia as instruções necessárias. Era importante ter sempre os mesmos objetos, impregnados das mesmas vibrações.

Somente não havia lugar nesse quarto para livros de outros escritores, não havia nem mesmo uma prateleira destinada a livros que não fossem os seus, e Ubaldi era um homem culto. A sua grande cultura provinha de outras vidas, da juventude e do período de maturação espiritual interior. Agora, para escrever, não precisava mais de biblioteca, porque sabia ler no grande livro da vida e tinha o universo nas suas mãos, através da sua poderosa inspiração.

Além disso, com ele acontecia um fenômeno interessante, planeado sem dúvida pelo Alto: quando estava a escrever sobre determinado assunto, se fosse necessário, surgia à sua frente, trazido por alguém, o livro adequado, confirmando ou ampliando ainda mais o tema abordado. Em 1954, estávamos em Campos de Jordão — SP, e Ubaldi escrevia *Problemas Atuais*. Já havia escrito dois capítulos sobre a Reencarnação, quando, na residência do Dr. Raul, olhando os livros de Direito e de cultura geral da sua estante, apareceu aos nossos olhos o *Livro Tibetano dos Mortos*, ou Bardo Thödol, fazendo abordagem semelhante à qual Ubaldi já tinha escrito. A coincidência foi tão grande, que o Professor homenageou

aquele livro encontrado, com mais um capítulo: "*Técnica da Reencarnação*". Em outra ocasião, em Grussaí, nova coincidência: Pietro Ubaldi estava a escrever *Um Destino Seguindo Cristo* e falava das qualidades positivas e negativas (masculinas e femininas) dos espíritos, quando Clóvis Tavares foi visitá-lo e levou de presente *Evolução em Dois Mundos*, de André Luiz, psicografado por F. C. Xavier e Waldo Vieira. No dia seguinte, Ubaldi examinando o livro durante o almoço, como sempre fazia com qualquer obra que lhe chegasse às mãos, ficou surpreso quando viu que André Luiz tinha o mesmo pensamento. Apenas leu, marcou e quando retornou a S. Vicente, deixou o livro connosco. O mesmo aconteceu, quando escreveu "*Encontro com Teilhard de Chardin*".

Quando era preciso, ele citava trechos escolhidos e os seus autores. A sua Obra está eivada desses acontecimentos. Ubaldi sempre passava à frente os livros que recebia de presente; um apenas ele guardou consigo, desde 1951 até o fim da sua vida terrena: um Novo Testamento, pequeno, de capa preta e de couro, oferecido por Inayá Lacerda. Esse livro estava sempre sobre a sua secretária de trabalho e, quando viajava às vezes, levava-o consigo. Ubaldi gostava de ler o Evangelho, e uma vez o vimos a ler, em lágrimas, a passagem do sofrimento de Jesus. Esse Novo Testamento tem inúmeros trechos sublinhados a vermelho por Ubaldi e encontra-se connosco, que o recebemos como presente de Agnese em 1972. Encontra-se hoje no Museu Pietro Ubaldi.

Ubaldi era altamente disciplinado, tudo nele era ordem; não somente os seus pensamentos, mas ele próprio. A sua secretária de trabalho estava sempre arrumada, cada coisa no seu lugar. O

universo é ordem e não caos, dizia ele. Assim, construiu e viveu o seu próprio universo.



Pietro Ubaldi, o escritor famoso de *A Grande Síntese*, autor de uma Obra composta de vinte e quatro volumes, conferencista das multidões, enviado de Cristo à Terra em pleno século XX, não teve muitos amigos íntimos que conhecessem toda a sua vida. Ele preferia ouvir muito e falar pouco, porque dizia: ouvindo é que se conhecem as pessoas. Ele preferia conhecer a fazer-se conhecido.

É oportuno lembrar que as grandes almas nunca foram escancaradas ao público. Elas sabem que seriam tragadas por ele e não teriam como sobreviver, o que, pior ainda, tornaria impossível o cumprimento da sua missão. Ubaldi tinha uma vida absolutamente reservada, fechada a sete chaves. Não nos recordamos de uma entrevista sequer na qual o entrevistador colocasse uma pergunta, mesmo subtil, sobre a vida íntima do entrevistado.

Pietro Ubaldi não foi exceção entre os grandes missionários. Por exemplo: Sócrates tinha o seu discípulo predileto, Platão; Cristo confiou a Sua mãe a João; São Francisco somente revelou os seus estigmas no Monte Alverne a Frei Leão. Esse tem sido o comportamento das grandes almas que passaram por este mundo, iluminando-o com a sua presença, sem revelar-se publicamente.

O segundo semestre de 1955 não foi mais fácil, nem de menos trabalho. Viajou ao Nordeste e ao Norte do país, e em vinte e cinco dias realizou vinte conferências nas cidades de João Pessoa, Recife, Natal e Belém. Voltou exausto, extenuado. Trabalho demais para uma pessoa com sessenta e nove anos. No fim do ano, veio ao Rio de Janeiro e novas conferências foram realizadas no Ministério de Educação e Cultura. Aproveitou a oportunidade e retornou a Campos, onde fez uma palestra na Escola Jesus Cristo, em 20 de novembro.

Em Campos, ele ficou na residência dos nossos pais, numa quinta ampla, em contato com a natureza que tanto amava, onde teve o merecido repouso, por alguns dias apenas. Ali, encontrou aquela paz que tanto almejava na vida, a verdadeira paz, a do espírito. Permaneceu despreocupado e tranquilo. O meu pai e a minha mãe não se continham, a felicidade era imensa, pois consideravam um grande privilégio hospedar aquele autêntico benfeitor da humanidade. A nossa pobreza material era grande, mas os nossos corações abriram-se e tornaram-se riquíssimos de amor para recebê-lo na nossa humilde casinha. Os nossos pais, pessoas dotadas de profundo espírito de retidão e de amor ao Evangelho, desdobravam-se em cuidados especiais para com o visitante. Até ao fim da vida (morreu com 92 anos), o meu pai recordava-se daquela visita com imensa gratidão.

Entre os muitos momentos de rara felicidade junto de Ubaldi, podemos recordar aqueles vividos na velha quinta, ainda despovoada, cheia de plantações e de árvores frutíferas, nos idos

de 1955. Dias que não voltarão mais, restando apenas a saudade, a grande saudade!

Nesses três primeiros anos de permanência no Brasil, Pietro Ubaldi organizou e completou o livro *Comentários*, escreveu *Profecias* e *Problemas Atuais*. O seu novo caminho estava delineado, a sua Obra seria composta de vinte e quatro volumes — italiana e brasileira.

Ubaldi encerrou o ano de 1955, escrevendo uma parábola rica de ensinamentos evangélicos, com as pessoas envolvidas ocultas na aparência de um peixe e de um passarinho.

CAPÍTULO 13

O Passarinho e o Peixe

Esta é uma história autêntica, escrita por Pietro Ubaldi em 11 de dezembro de 1955 e publicada pela primeira vez na revista Santa Aliança do Terceiro Milênio, nos seus números 9 e 10, de 1956. No mesmo dia em que a história foi escrita, Ubaldi também nos escreveu uma carta, dizendo:

“É a história de uma grande amizade entre dois seres diferentes por fora, mas muito vizinhos por dentro, uma amizade que, estabelecida por Deus, começou na Terra e acabou no Céu. Trata-se verdadeiramente de duas almas, de dois destinos ligados. Este encontro tem um sentido profundo na eternidade, para ambos...”

Nela, vamos sentir, mais uma vez, que Pietro Ubaldi, até mesmo através de uma fábula, coloca o Evangelho em ação. É o Amor predominando, é a humildade que eleva e sublima a alma, é a preocupação constante de subir, subir sempre até chegar ao Céu. Para compreender o verdadeiro sentido desta história é preciso que se viva no espírito, abstraindo-se da forma e da letra.

“Num grande lago, uma multidão de peixes ferozes vivia a comer-se uns aos outros.

Deus, que eles não conheciam e que os estava a observar do alto, teve compaixão deles e um dia chamou os seus anjos e assim falou: 'Meus filhos, aí embaixo na Terra, no abismo de um lago fundo, está um povo de peixes ferozes porque são ignorantes. Eles também são vossos irmãos. Mas a luz não chega àquele abismo escuro. Para que a luz chegue até lá, é necessário que um mensageiro da verdade, um anjo, se encarne no meio deles e se sacrifique para viver com eles nas profundezas e nas trevas. Ele sofrerá muito por isso, mas o sacrifício é a lei do amor. Quem de vós quer sacrificar-se para levar a minha luz até lá, encarnando-se no corpo duro de um peixe?'

Os anjos ficaram calados e tristes. A prova era dura demais. Perder as asas, a liberdade e a luz dos céus, para abismar-se nas águas pesadas e escuras e ficar fechado naquela profundidade — só em pensar nisso tirava o ânimo. O amor era grande, mas o susto também. Assim, a maioria ficara indecisa, sem saber o que dizer.

Só um anjinho, o menor de todos, ficou de lado, envergonhado de si mesmo, por ser a sua veste menos branca do que a dos demais. Ele olhava para si mesmo sem ter coragem de falar. E pensou: eu sou assim feio porque prometia com facilidade e depois não costumava manter a minha promessa. Agora é a minha vez de ir para me purificar ainda mais. Agora é a mim que cabe ir e não aos outros. Devo resgatar-me num sacrifício absoluto até enfrentar o martírio e a morte.

O pobre anjinho olhou para Deus, olhou tremendo, sem ter a coragem de falar. Deus olhou para ele e compreendeu tudo. Viu o sacrifício desta alma ardente e o seu grande amor, e aceitou a oferta.

Só para confirmar a oferta e aceitação, Deus lhe falou: 'Então, meu filho, tu queres ir'? O anjinho respondeu tremendo: 'Quero'. Deus acrescentou: 'Vai, meu filho, a hora chegou. O teu destino cumpre-se. O Cristo mesmo te ajudará, ficará sempre perto de ti, será o teu anjo da guarda'.

Com um profundo olhar de amor, os outros anjos despediram-se do seu irmão. Uma grande música levantou-se nos céus, e o anjinho pequenino abismou-se de lá até às águas turvas do lago, onde se encarnou na forma material de um peixe.

A queda foi terrível e dolorosa. O anjinho perdeu a consciência da sua natureza e começou a despertar apenas como humilde bichinho, filho do novo ambiente. Ele era um peixinho bonito, que nadava ligeiro, única liberdade que lhe ficara da grande liberdade espiritual dos céus.

Cresceu como peixe no mundo feroz dos peixes, mas não conseguia concordar com os seus instintos. Não gostava de agredir o seu próximo para comê-lo. A luz de cima pouco a pouco começou a revelar-se. Aí iniciou-se a luta entre ele e o ambiente dos seus semelhantes. E quanto mais crescia, tanto mais se sentia um desterrado. Logo que amadureceu, a sua alma revelou-se toda, e ele começou a missão de civilizar os seus irmãos.

Esta missão era a de trazer a luz do Céu para ser percebida até nas profundezas das águas turvas do lago, ambiente dos peixes; era a de substituir a lei da ferocidade, segundo a qual o mais forte esmaga o próximo, que também tem direito à vida, por uma lei de justiça, bondade e amor; era a de substituir o egoísmo, que divide, pelo amor, que une; a ignorância, que leva ao erro e assim à dor, pelo conhecimento, que não erra e conduz à felicidade.

A vida deste pobre ser transcorreu assim num martírio. Ele sofria, antes de tudo, por ter de viver preso na casca dura do corpo de um peixe, num ambiente material que limitava todos os seus movimentos, verdadeira cadeia da alma. Sofria pela incompreensão dos seus semelhantes, que o condenavam em tudo, mas, apesar disso, lutando todos os dias, chegou perto da velhice, cumprindo a dura missão de civilizar a sua gente. Sofria pelo que lhe davam em troca do seu amor, pela solidão terrível, pela falta de verdadeiros amigos, pela saudade dos bons que tinha deixado no Céu. Um dia sentiu-se tão cansado desta luta, que desejou a morte.

la assim desconsolado, tão perto da superfície da água, que quase quisera fugir de lá para os seus céus. Procurava olhar para as grandes árvores que cresciam à beira do lago e para a luz maravilhosa do sol. Quantas cores, que vida maior lá fora da sua cadeia de água!

Uma grande floresta crescia perto do lago, cheia de pássaros livres, voando no ar. Entre eles havia um passarinho humilde e bonito, todo azul, cor do Céu, como o nosso peixe. Ele era feliz na sua liberdade. Era muito jovem e tinha a alegria despreocupada da juventude. Só começava a ficar um pouco triste por não achar amor e verdadeira amizade no seu mundo. Sentia-se sozinho! Procurava, mas não achava. Que teria então acontecido?

Voando, ele olhava do alto para o grande lago e, às vezes, descia até à sua margem. Então, apoiando-se sobre os ramos que se espalhavam na superfície da água, olhava para o fundo, para descobrir o mistério deste outro mundo escuro, desconhecido dele.

Um dia, quando estava assim a olhar, mais triste que de costume, viu o peixe azul nadando quase fora da água, aproximando-se sempre mais, sem medo nenhum do pássaro. E este não pensou em agredir o peixe para comê-lo. Para o peixe, este era o primeiro ser encontrado que, por não agredir, lhe inspirou confiança. Era tanta a fome de bondade e amor em ambos, que estes dois seres, o peixe e o passarinho, continuaram a olhar-se, procurando aproximar-se, pois, apesar de assim diferentes nos seus corpos, sentiam-se atraídos por uma instintiva afinidade de alma. Poderia o amor apenas unir em amizade dois seres naturalmente inimigos?

O peixe nadava e o passarinho olhava. Até que, num certo momento, o peixe bateu com a boca nas unhas dos pés do pássaro, mergulhadas na água. Foi como um abraço e um beijo. E os dois tornaram-se amigos.

A amizade firmou-se. Cada dia o pássaro descia do ramo, mergulhando os pés na água, e cada dia o peixe subia até à superfície, beijava os seus pés e começava assim a conversa.

Era uma conversa sem palavras, apaixonada e singela, de alma para alma, entre dois seres que, embora diferentes na aparência, procuravam o mesmo consolo um no outro, porque ambos não tinham achado, na raça dos seus semelhantes, seres que eles pudessem amar em absoluta sinceridade, como se amam os anjos.

O pássaro não era uma grande alma caída do Céu, para enfrentar, em missão, as tempestades na Terra, o martírio na vida material. Ele era uma alma virgem, simples e pura, desabrochando à luz da vida, mas precisamente por esta maturidade de um lado e simplicidade do outro, eles tinham muito a dizer um ao outro, fundindo-se no mesmo desejo de bondade e amor.

Assim continuou a conversa entre eles. O pássaro contava as maravilhas do ar livre, das grandes vistas, da leveza das nuvens e das cores bonitas do seu mundo. O peixe escutava triste e não podia falar senão da escuridão das trevas no fundo do lago.

O pássaro dizia ao peixe, para confortá-lo: 'Procura subir, sai da água e voa comigo. Tu sofres porque estás mergulhado na materialidade. Sobe até cá onde os horizontes são mais vastos, sublimes e elevados! Eles são verdades. Eu vivo neles. Troca essas lamentações e tristezas por uma grande alegria. A vida é bela. Por que não queres ser também feliz como eu sou? Entoemos juntos o hino da alegria e da felicidade.'

E o peixe respondia: 'Amiguinho meu, eu não posso sair da água. Estou fechado nesta casca de peixe. Não adianta que a minha alma compreenda. O meu corpo fica preso nesta cadeia de trevas duras, estou amarrado a esta minha natureza animal e, enquanto viver aqui para cumprir o meu dever, não poderei libertar-me dela. Conheço a tua felicidade espiritual e mais do que ela. Mas desci para melhorar os

meus semelhantes. Esta é a minha tarefa a cumprir, esta é a cruz do dever à qual estou pregado. Não posso sair daqui, tem piedade de mim.

Tu, meu passarinho, tens outro destino, o teu caminho não é o meu. Para ti, na tua simplicidade, o paraíso é coisa natural. Achas fácil a alegria. Mas na minha vida tive, tenho e terei sempre só dever, dever, dever. O meu destino é de trabalho e de dor. A minha alegria seria só de fugir deste corpo feio, para voltar à minha pátria. Mas o meu dever é aqui, onde só o facto de viver é para mim um sofrimento. Comprometi-me com Deus antes de nascer, aqui confirmei depois, novamente, a minha aceitação deste martírio, onde devo ficar crucificado enquanto viver. Tem piedade de mim.'

Mas o passarinho, que na sua simplicidade não podia compreender tudo isso, para consolá-lo, continuava: 'Amigo peixe, procura subir da água, se tu não podes, é porque tomas comida pesada demais. Deixa de comer a carne dos teus semelhantes, experimenta encher o teu estômago somente de água e ficar satisfeito, assim será mais fácil para ti subir com um corpo mais leve.'

O peixe escutou e experimentou. Mas embora a fome crescesse e também o seu esgotamento físico, ele não conseguiu tornar-se leve bastante para poder subir no ar. Ele voltou então ao amigo passarinho e manifestou as suas queixas.

Agora este explicou-lhe que, para tornar-se mais leve e sair da água e voar, precisava de um sentimento ainda mais subtil. E aconselhou-lhe que, quando estivesse com fome, em lugar de engolir água para encher o estômago, saísse à superfície para engolir só ar fora da água. E mostrou como exemplo a si mesmo que vivia quase de nada, comendo apenas algumas sementes leves, mas sobretudo vivendo do ar puro do céu.

O peixe escutou e quis experimentar melhor, porque também outras forças o empurraram neste mesmo caminho.

Antes de tudo, os peixes, os seus semelhantes, exigiam dele todas as virtudes e renúncias, e ele também se sentia amarrado à obrigação de ser o primeiro a dar o bom exemplo do dever, vivendo plenamente as suas teorias. Precisava ser absolutamente perfeito e realizar isto no corpo de um peixe, isto é, bem amarrado a todos os instintos da animalidade inferior.

Era o direito dos seus semelhantes e também o seu maior desejo, para confirmar as verdades pregadas, o seu sacrifício em tudo o que era materialidade, em favor da espiritualidade. Concordavam todos neste seu martírio até ao fim, para confirmar a sua missão. Muitos santos não fizeram o mesmo, descuidando dos seus corpos, exigindo renúncias, sacrifícios e trabalhos demais, até deixá-los morrer?

Ora, este método estava de acordo com o seu egoísmo, isto é, com o seu desesperado desejo de acabar com aquela sua vida de peixe e voltar aos seus céus. Ele almejava a morte para chegar à sua libertação. Havia só um prejuízo, mas apenas para os seus semelhantes, que, assim, perdiam o apóstolo semeador das mais altas verdades e teriam de caminhar, sozinhos, sem aquele emissário do Céu. Para ele, cuidar de si mesmo era o maior sacrifício, porque o afastava da libertação, e aceitar todas as renúncias era a maior alegria, porque estas destruíam a sua casca feia de peixe. E concordava com o seu mundo, onde todos procuravam só explorá-lo, tirando dele o maior esforço possível. Ele continuava a amar o seu próximo, também quando este amor tirava tudo dele. Mas o amor não pode cessar de doar, mesmo quando isso lhe custe a vida. Havia uma completa concordância entre o seu próximo, que procurava tirar dele todas as energias, e ele, que por amor gostava de entregá-las todas, servindo até ao esgotamento final, onde estava a sua libertação.

la-se, dessa forma, amadurecendo este seu martírio por esgotamento, martírio refinado, sem sangue, mas mais doloroso, supremo sacrifício de amor.

O peixe continuou pondo em prática os conselhos do passarinho, vivendo somente do ar. Quando estava com fome, subia à superfície,

engolia ar e com o estômago bem cheio, não precisava de outra comida.

Continuou assim algum tempo, trabalhando sempre mais, aperfeiçoando o cumprimento do dever, sacrificando-se pelo próximo, que, aproveitando-se do sacrifício dele, ficava ainda mais satisfeito. Só uma pequena coisa ameaçava este belo jogo. O seu corpo ia-se esgotando, a natureza sugada de todos os lados não conseguia viver neste estado e inclinava a cabeça, vencida. Só a alma do peixe, embora sofrendo martírio, estava feliz. O povo também ficava satisfeito. As teorias pregadas estavam a ser vividas com um exemplo santo, e um grupo de novos seguidores estava pronto para explorar o mestre como um santo, depois da sua morte. E este podia morrer feliz, porque a missão foi cumprida e ele sacrificou-se por ela. Grande concordância, na mais perfeita ordem.

E de facto, um belo dia o passarinho desceu ao ramo mergulhado na água, para continuar a conversa com o seu querido amigo. Mas este não apareceu.

No lugar onde ele costumava chegar, o passarinho viu somente o corpo morto de um peixe a flutuar na água. As árvores amigas, que escutaram as suas palavras, tinham deixado cair à sua volta uma roda de folhas, homenagem da natureza inferior ao sacrifício de um anjo.

O passarinho chorou e chorou. Voltou cada dia ao mesmo lugar, a sua vida inteira, triste pela falta do amigo querido. Ali, ele chorou as suas lágrimas todas, até que chegou, para ele, também, o fim da vida.

Então ele quis subir pela última vez ao céu, até às nuvens e embriagou-se de ar livre. Depois, esgotado, desceu ao ramo dos colóquios, mergulhou os pés na água e deixou-se cair nela morto. Ali ele ficou no mesmo lugar onde tinha jazido morto o peixe, seu amigo.

As árvores amigas deixaram cair à sua volta, desta vez uma roda de flores perfumadas, homenagem merecida pela inocência deste outro amigo.

O primeiro já tinha fugido há tempo para o Céu e ali estava à espera do seu amigo. E logo foi ao encontro dele.

Assim que o encontrou, o abraçou. O anjo do sacrifício abraçou o anjo da inocência, e o amor de ambos no desterro do tempo no mundo foi confirmado na eternidade dos céus.

O anjo do amor na dor levou consigo o anjo do amor na humildade. Levou-o ao ninho que ele tinha aprontado para ambos no seio do Cristo”.

CAPÍTULO 14

O Evangelho em Ação

Pietro Ubaldi abraçou o Evangelho como roteiro de vida, e não apenas para receber Mensagens e livros inspirados pela “Sua Voz”. É bom lembrar que a tarefa missionária foi em consequência da posição assumida por ele. Não houve uma troca: eu sigo o Evangelho e Cristo me apoia. O Mestre é uma força. Ele está ao lado de todo aquele que se faz Seu discípulo e toma o Evangelho a sério, que não é viver apenas alguns dos seus postulados, segundo as próprias conveniências, mas observá-lo em cada momento da vida. Afirmava Ubaldi:

“a diferença entre mim e o mundo, é que eu tomo o Evangelho a sério”.

A Boa Nova de Cristo é um manancial inesgotável de água límpida. Porém, muitas vezes, vamos a uma fonte qualquer e nos saciamos com a água impura de um lago ou de um rio caudaloso. Bebemos a água poluída e a seguir levamos uma pequenina chávena para apanhar e beber a água cristalina. Pietro Ubaldi fez o contrário, tomava o líquido mais precioso da vida, com sede e estômago vazio. Ele ia à fonte levando um recipiente esterilizado, e não um pequenino frasco mal lavado, impuro.

Além desse período terrível para a convivência de Ubaldo no nosso país, outro período de seis anos — não menos amargo — surgira à sua frente, com a doença da esposa, desde 1957 até 1963, quando desencarnou. A sua enfermidade começou com uma catarata em um dos olhos e evoluiu, assumindo novas complicações: catarata no outro olho, trombose, paralisia, anemia, diabetes e cancro. Tratamento prolongado, com duas operações. Pietro Ubaldo tornou-se o enfermeiro principal, ajudado por Agnese, Maria Antonieta, Maria Adelaide e, nos momentos mais críticos, tiveram enfermeiros particulares, inclusive o Alberto, verdadeiro anjo abençoado que chegou na hora certa, quando a família mais precisava. Alberto dedicou-se integralmente aos cuidados indispensáveis, sem se preocupar com qualquer remuneração.

Vamos acompanhar a doença da Senhora Antonieta através de cartas a nós dirigidas:

“Há quase dez dias que estou na capital, a morar num hospital, acompanhando a minha Senhora, que sofreu uma operação no olho para tirar a catarata” (carta de 20-06-1957);

“Continuo a ser enfermeiro durante a noite toda, levantando-me para ajudá-la até seis vezes por noite. Há três meses que faço também este trabalho” (carta de 01-04-1958);

“Antes, tratava-se somente de uma catarata no outro olho, além da primeira que já foi operada, de maneira que vê pouco. Agora, sofre pelo sangue grosso, que gerou trombose ou má

circulação, a que se seguiu algo como uma paralisia do lado esquerdo, mão e pé” (carta de 15-02-59);

“A minha Senhora está sempre na mesma e requer assistência e trabalho” (carta de 11-04-1960);

“viajar, para mim torna-se sempre um grande problema, com a patroa doente, não podemos deixá-la um minuto” (carta de 06-07-1961);

“A minha senhora continua a piorar lentamente. Agora, anda com mais dificuldade ainda e precisa de duas pessoas que a sustentem. Porém não sofre e dorme regularmente” (carta de 06-11-1962);

“Neste mês, a minha Senhora piorou: febre, anemia, diabetes, além de todo o restante. Tivemos de levá-la para o hospital, onde ficou quatro dias; fizemos cinco transfusões de sangue, uma radiografia, consulta de vários médicos. Agora levámo-la para casa, onde fica mais em paz. Não se levanta mais, dorme continuamente, está a emagrecer sempre, come pouquíssimo. Porém, não sofre nada, o que é muita coisa. Os médicos dizem que é um tumor. Tudo isso junto da velha trombose, paralisia, e com a idade que tem. Agora, a nossa preocupação é que ela não sofra, não seja atormentada por operações, com inúteis sofrimentos. O nosso médico de confiança concorda connosco — não devemos atormentá-la com tratamentos penosos e inúteis” (carta de 22-04-63).

A vivência do Evangelho trazia satisfação a Pietro Ubaldi, embora, muitas vezes tivesse de sorver o cálice do sacrifício com profunda amargura, porque com a doença da sua senhora existia a falta de recursos para enfrentá-la. No início da missão, todos gozavam de boa saúde física, Ubaldi tornou-se pobre, mas a família continuou rica. Quando vieram morar para o Brasil, a saúde era regular e todos eram pobres. A situação agora era diferente: doença e falta de dinheiro.

O Dr. Manuel Emygdio da Silva, homem de uma bondade sem limites, de uma honestidade a toda a prova, trabalhador incansável na divulgação da Obra no Brasil e no exterior, amigo pessoal de Ubaldi e da família, pediu ao Professor que lançasse um SOS ao mundo, falando do seu imenso problema financeiro, pois haveria necessidade de um testemunho público de que a Obra não iria sucumbir. Mais uma vez seria salvo por Cristo, através dos recursos necessários à sua sobrevivência e da própria Obra. Esse testemunho era indispensável às futuras gerações. Ubaldi discutiu a proposta com a família e lançou o seu “Apelo ao Mundo”, no Natal de 1961. Os recursos vieram aos poucos, apenas o indispensável à sobrevivência dele e da família. Paralelamente, as forças do mal desencadearam uma campanha no sentido oposto, dizendo que Ubaldi não precisava de coisa alguma.

Quanto mais evoluída a alma, mais ela quer subir para Deus. É o caso de Pietro Ubaldi, que aproveitou a oportunidade para subir mais alguns degraus da sua escada evolutiva, não respondendo às acusações e, com extrema dificuldade, venceu aquela fase difícil. O Evangelho era a sua meta maior, o seu roteiro, a sua própria vida.

Se aqueles seis anos foram dilacerantes, repletos de dores, foram também de muito enriquecimento espiritual, e a sua tarefa missionária continuava, apesar do seu novo trabalho de enfermeiro. Este foi mais um teste, e ele saiu-se bem, tão vitorioso neste quanto nos demais. Falar de Evangelho é fácil, mas vivê-lo é um ato de decisão e muita coragem!



O assunto teológico não ficou esgotado com o livro *Deus e Universo*. Nele, as visões foram registradas integralmente, mas era preciso desenvolvê-las com palavras mais acessíveis aos leitores. A verdade, quanto mais clara, maior é a sua penetração no ser humano. Se Jesus ensinasse somente por parábola, o Evangelho seria inaplicável. As dúvidas sobre as revelações de *Deus e Universo* chegavam de várias pessoas, interessadas no problema teológico. O mundo estava carente de uma resposta à sua origem espiritual, porque os cientistas buscam e tentam descobrir a sua origem material, mas, quanto à contraparte, eles ainda não encontraram os meios adequados para atingi-la. Todos nós somos constituídos de duas partes: espiritual e material (veja *A Grande Síntese* e *Deus e Universo*). Era preciso trazer aqueles conceitos teológicos para a compreensão do povo, colocando-os numa linguagem de fácil entendimento para todos. Assim, ele foi intuído, em 1956, a escrever *O Sistema — Gênese e Estrutura do Universo*, que associado aos dois acima mencionados, completa a trindade teológica. Esse livro foi lançado em 1959. Naquele período de seis anos, apesar das lutas terrenas, Pietro Ubaldi ainda escreveu: A

Grande Batalha, Evolução e Evangelho, A Lei de Deus e Queda e Salvação. Todos eles foram lançados pelo Grupo Editorial Monismo, com as revisões feitas pelo Autor.

Iniciado em 1958 e terminado em 1959, ele realizou um curso na Rádio Cultura São Vicente, sobre *A Lei de Deus*, durante seis meses, aos domingos. A Tribuna de Santos deu total cobertura ao curso, publicando-o integralmente. Naquele ano de 1959, mais um curso foi ministrado em São Paulo, sobre o livro *O Sistema*.

CAPÍTULO 15

Noite de Natal

Amanheceu 1963 e Pietro Ubaldi recebeu votos de “Feliz Ano Novo”. Poucos sabiam o que estava a acontecer no seu lar, as dificuldades financeiras e a dor da separação de alguém que se encontrava nos seus últimos meses de vida terrena. A sua esposa não melhorou, pelo contrário, estava a piorar sempre... Escrevendo uma carta em 18 de maio, comunicou-nos a desencarnação da Senhora Ubaldi desta forma:

“A notícia triste deixei para o fim da carta. Parece-me que na carta precedente que lhe escrevi, eu disse que levámos dona Antonieta ao hospital, para fazer cinco transfusões de sangue, radiografia etc. Depois, a ambulância a trouxe para casa. Passou a Páscoa connosco, mas foi sempre piorando. Às 23 horas de 29 de abril começou a respirar com mais dificuldade — mas sem mostrar dores — às 3 horas de terça-feira, 30 de abril, o coração parou. Foi enterrada 31 horas depois, no dia 1º de maio, às 10 horas, no pequeno cemitério de S. Vicente. Na noite em que morreu, estávamos todos juntos, perto dela. Para mim, ficou um vazio imenso e uma tristeza de que não consigo recuperar-me”.

Ubaldi deu o maior e o melhor testemunho possível junto da sua esposa. Ele era quatro anos mais velho que ela e ficou viúvo aos 77 anos incompletos. Foi um excelente enfermeiro durante os seis anos de enfermidade da Senhora Antonieta Solfanelli Ubaldi. Pietro conheceu dias amargurados e tristes, experimentando a falta de

caridade para com um ser humano que só tinha feito o bem. Mesmo assim, apesar das dificuldades, completou *Princípios de Uma Nova Ética*.

Mês de dezembro, mês de Natal! Neste dia de tão gratas recordações para Pietro Ubaldi, pelos grandes acontecimentos espirituais na sua vida, ele voltou a confirmar a sua desencarnação antes do Natal de 1973, através da “Noite de Natal”, publicada na revista Sabedoria, de Carlos Torres Pastorino, um ano depois, em 1964. Isso é grandioso e prova o poder de Deus. Quando é da Sua Vontade, as revelações do passado e do futuro chegam para aquele que merece e pode recebê-las. O conhecimento do passado, para muitos, é agradável; mas saber quando vão partir para o mundo maior, traz muita tristeza. Por isso, essas revelações continuam ocultas aos nossos olhos. Poucas almas passaram pelo mundo e tiveram ciência do seu passado e do seu futuro como Pietro Ubaldi.

“Ao cumprir-se o próximo decênio, não estarei mais vivo sobre a Terra”,

afirmou Ubaldi, em 1963. Realmente aconteceu, ele desencarnou em 29 de fevereiro de 1972.



“Cerca das dez horas da noite, havia-me retirado para o meu quarto, quando surgiu em mim, de improviso, a ideia de que esta era a noite de Natal de 1963, em que se completavam 10 anos da última Mensagem de

“Sua Voz”, que concluiu a série de sete. Fora a primeira escrita na Itália, na noite de Natal de 1931, e a última no Brasil na noite de Natal de 1953.

A série está terminada, e nesta noite de Natal de 1963, já não há nova mensagem. Mas chega até mim, como um eco daquele ritmo verificado e como uma visão, a recordação de todo o caminho percorrido.

Faz hoje dez anos que escrevi a última, e também é o 33º ano da “Mensagem de Natal”, em 1931. Releio-a comovido. Estava então no início do longo caminho. Agora estou no final. Ao cumprir-se o próximo decênio, não estarei mais vivo sobre a Terra.

Esta não é mais a hora de programas de futuros trabalhos, mas sim de recordação do que foi realizado. Estou a chegar ao fim. Quase tudo foi cumprido. Deverei confiar a Obra a quem queira continuá-la, entre os bons amigos que me ajudaram e aos quais agradeço emocionado.

Foi a 4 de setembro último que, por impulso espontâneo, comecei o meu 22º volume: *Um Destino Seguindo Cristo*. Neste livro olho para trás, passando em revista a minha vida e o seu conteúdo, para compreender-lhe o significado. Agora me dirijo para o seu termo.

Fui tantas vezes condenado e, sem merecê-lo, também exaltado, que é difícil chegar a um julgamento, baseando-me nas opiniões dos homens. Por isso, confio-me a Cristo, o grande Amigo que nunca me deixou, para que Ele julgue. Sei que o caminho foi muito longo, muito fatigante, muito doloroso, e que estou muito cansado. Mas o percorri junto Dele e sei que Nele repousarei no fim. Que mais posso desejar? Cumpre-se o meu destino com a realização máxima dos meus desejos e com a minha alegria completa.

O que diz e dirá o mundo é para mim um ruído que sinto cada vez mais distante e que brevemente não ouvirei mais.

Tentei atuar de um modo que se julga loucura, vivendo o Evangelho e tomando Cristo a sério. O mundo, salvo poucas exceções, não compreendeu nada. Tais experiências parecem que não seriam nem sequer concebíveis. Mas Cristo viu, e isso me basta. O que foi feito, ninguém poderá apagá-lo. As contas agora são entre mim e Deus. E isso sucederá por si só, quando eu morrer. O mundo, aqui, não intervém.

Nesta noite santa, no silêncio deste Brasil imenso, vejo surgir ante mim a figura de Cristo, como me apareceu na Itália, quando escrevi a primeira “Mensagem de Natal”, em 1931.

Sinto que Ele se aproxima cada dia mais, que O perceberei sempre melhor e mais vizinho, que O verei na hora da morte. Todos sabemos que, perante a morte, não é possível mentir, porque, nesse momento, os enganos da vida já não servem mais. Sinto que, naquela hora, Cristo me espera, para levar-me na Sua paz”.

Exatamente como esperava, Pietro Ubaldi deixou a sua vestimenta carnal em 1972, tranquilo e sereno, como outrora, quando renunciou aos seus bens materiais e o conforto que estes lhe proporcionavam.

CAPÍTULO 16

Libertação

Feliz Ano Novo! Feliz 1964! Inicia-se para Ubaldi, exteriormente, um novo período de paz e tranquilidade! Interiormente, ele sempre foi um homem que vivia em harmonia consigo mesmo.

Novamente, Pietro Ubaldi ganhou algumas manchetes de jornais, com a divulgação do seu nome para o Prémio Nobel de Literatura de 1964. Desde o final do ano anterior, o Dr. Manuel Emygdio desenvolveu intensa campanha para o lançamento dessa candidatura. As adesões foram muitas. O nome do candidato chegaria à Academia Sueca de Estocolmo, no final daquele ano.

No ano que se findou, tínhamos feito um convite ao autor de *A Grande Síntese* para que viesse passar connosco um período na praia de Grussaí, a 30 km de Campos, vizinha de Atafona, no município de São João da Barra — RJ. O Professor aceitou o convite e partiu de São Vicente, no dia 7 de janeiro, em companhia de Alberto — aquele bom rapaz que tantos benefícios prestou à família. Encontrámo-nos no Rio de Janeiro, no dia 8, e chegámos à praia das casuarinas à noite desse mesmo dia. Foi uma bela viagem de comboio. Naquela época, as viagens de autocarro eram péssimas, porque a estrada para Campos ainda não estava asfaltada. Em

Grussaí, Alberto permaneceu apenas vinte dias, o restante das suas férias.

Alugámos uma casa por dois meses, e Ubaldi permaneceu connosco até ao dia 24 de fevereiro. Este foi o maior prémio que recebemos em toda a nossa existência. Naquela praia calma, diante do mar, em contato com a natureza que ele tanto amava, vivíamos tranquilamente. Nessa casa, no meio da areia, cercado de afeto, Ubaldi encontrou a paz que tanto almejava na vida, a verdadeira paz, a paz de espírito. Vivia despreocupado, longe da tempestade e dos conflitos humanos, parecia que estava a viver em pleno céu. Ali descansava e escrevia. Estava em total sintonização com as fontes nouíricas da sua inspiração, e Cristo fazia-lhe permanente companhia. As conversas eram sublimes, abrangendo os mais diversos assuntos relacionados com os problemas do espírito. O mundo vibratório da espiritualidade maior era contagiante.

Não houve divulgação da sua vinda, ninguém ficou a saber da sua presença tão próxima de Campos, com a exceção de Clóvis Tavares, que foi um dia almoçar connosco. Ubaldi deixou crescer a barba, ficou praticamente irreconhecível. Com um cajado — recordando Simão Pedro no “Mar da Galileia — para melhor se apoiar na areia, caminhávamos pela praia de Grussaí. Quem era aquele homem? A sua presença impressionante provocava a admiração e, ao mesmo tempo, o respeito daqueles banhistas que passavam por ele. Nunca poderiam imaginar que por ali passava um ser humano fisicamente parecido com os demais seres, seus irmãos, mas, espiritualmente, muito diverso. Ali estava um corpo abrigando um espírito de escol, uma alma com muito pouco

conhecimento das coisas da Terra, mas que sabia e tinha certeza do que havia do outro lado da vida. Neste mundo, ele era um vencido, um fraco, um derrotado; todavia, no outro, era um vencedor, porquanto sobrepujara a morte e conquistara a vida maior, que é a do espírito. Ubaldi era um gigante espiritual.

Em Grussaí, ele escreveu “*Encontro com Teilhard de Chardin*”, parte do livro *Um Destino Seguindo Cristo*, e “*Libertação*”. Neste, o leitor vai ter oportunidade de acompanhar o estado de alma de Pietro Ubaldi, naquela praia deserta, mas encantadora.

“Encontro-me em plena solidão, numa praia deserta. O mundo, os seus rostos e as suas coisas, tudo está longínquo. Os seus rumores, problemas e paixões não chegam a este silêncio imenso. Assim como o céu, a planície e o mar são infinitos, também os pensamentos se fazem infinitos. Aqui tudo é tão simples e grande, que parece ter acabado de sair das mãos de Deus. A laboriosa cisão do dualismo, a luta entre contrários de que é feita a vida, procura pacificar-se, para se desvanecer na suprema unificação de todas as coisas em Deus.

Aqui existo fora do limite do espaço e do tempo, porque no céu, na planície, no mar, não tenho pontos de referência, enquanto os dias correm iguais, sem medida. Sinto-me fora das dimensões terrestres. De nada serve caminhar, porque o deserto é sempre igual sob o mesmo céu, diante do mesmo mar. O movimento relaciona-se com o limite. No espaço e no tempo infinitos, a velocidade nada modifica, apenas anula-se no vazio, devido à falta de um ponto de referência. Não havendo ponto de partida ou de chegada, toda a velocidade é inútil. Mesmo o correr do tempo nada muda, porque espaço e tempo não faltam. Acima de todos estes infinitos — do céu, do deserto, do mar, do tempo — o infinito de Deus os contempla imóvel, assistindo à sua fusão no infinito.

Esta é uma atmosfera diferente que respiro, outro ambiente em que penetro, outra dimensão em que existo. Superei o limite do plano físico, a barreira da forma, da ilusão, das aparências. Sou apenas um pensamento que observa o pensamento contido em tudo o que existe. Uma força me arrastou para fora das dimensões terrestres, na vibrante imutabilidade do absoluto.

Vivo numa humilde casita, onde a vida, tormentosamente complicada pela civilização das metrópoles, tornou-se simples e calma. Assim o espírito liberta-se de tantas artificiosas necessidades materiais e pode viver a sua vida maior, em contato com as coisas eternas. É surpreendente ver quão pouco basta e saber que tudo se adquire quando se trata de produto da bondade, da sinceridade, do amor. Então, a pobreza torna-se riqueza, enquanto a avidez e o egoísmo transformam a riqueza em pobreza. No meio da pobreza desta riqueza, o espírito atrofia-se, envenena-se e morre. Mas, no meio da riqueza daquela pobreza, o espírito expande-se, vive e triunfa. Por lei de compensação, para alcançar e possuir o que está mais alto, é necessário libertar-se do que está em baixo. É no meio da riqueza espiritual desta pobreza material que agora vivo como um grande senhor.

É neste vazio das coisas terrenas, que conquisto a plenitude das coisas do céu. Quanto mais me afasto do que é humano, tanto mais me avizinho do que é divino. Esta imensidade deserta inunda-se da influência divina, porque se abrem as portas do céu e surgem as grandes visões. Elas são já um aproximar-se, um antecipar-se da libertação, tentativa e ensaio de uma vida maior que me espera. Nesta paz infinita se vai formando pouco a pouco a grande corrente, que se agiganta e se potencializa, que me toma e me absorve no seu seio, envolvendo-me como num turbilhão e arrastando-me consigo para longe. Para onde? Não sei. Arrasta-me a outro plano de existência, onde já não sou eu que penso, mas o universo. É a sua vida que pensa dentro de mim. Não existo mais como eu separado, que possa viver e pensar isoladamente. Sou um eu unido ao todo, um elemento que vive e pensa como um momento da vida e do pensamento do existir universal. Encontramo-nos então realmente fora do mundo, para além dos seus limites e das suas dimensões.

É uma imersão fora do espaço e do tempo, no infinito. Já não recordo o que deixei para trás. Sinto apenas o que me espera adiante, uma vertigem de vida nova e imensa em direção à qual me precipito. Eis-me ressuscitado mais no alto, transformado noutra ser, perdido numa dilatação ilimitada na vibrante imobilidade do absoluto. Eis então que a solidão deste deserto, do céu, do mar, se enche de vida. Na noite profunda, vejo uma luz imensa e a ela me confio. Ela me leva para fora do mundo, para onde a visão se torna real, clara, perceptível com novos sentidos. Contemplo, extasiado. Observo-me para controlar tudo com a razão. Olho e registo em pensamento, transporto tudo o que vejo para o meu cérebro, para as dimensões terrestres, traduzo-o na linguagem humana e, por fim, fixo com palavras nos escritos.

Assim eu vivo nesta humilde casita à beira-mar, num deserto povoado de pensamento, no meio do vento e das ondas, hospedado graças à bondade e amor de um amigo sincero; assim vivo livre e despreocupado, distanciado do inferno humano. Assim passo as noites escrevendo, ocupando-me de Cristo, como O sinto ao meu lado. Ele está a olhar-me e eu leio nos seus olhos o pensamento de Deus.

Quando não posso mais, por não encontrar palavras para dizer o que sinto, trespassado de emoção e de alegria, deixo cair a pena e choro. Deixo de trabalhar, e sob o olhar de Cristo, o livro continua a escrever-se, sem palavras, na minha alma e no meu destino.”



Em 25 de fevereiro, retornámos a S. Vicente. A correspondência estava acumulada na secretária de trabalho. A divulgação do nome de Pietro Ubaldi à candidatura do Prémio Nobel de Literatura continuava... Ele, novamente, era lembrado para ministrar cursos e fazer conferências, mas a saúde não é a mesma de há cinco ou

dez anos atrás. A “Sua Voz” falava-lhe, e ele sabia que o término da Obra estava marcado para o Natal de 1971.

Ali, em São Vicente, retornou à sua vida rotineira, cumprindo com as suas obrigações de servo fiel. Fez a revisão tipográfica de *Queda e Salvação*, livro lançado pelo Grupo Editorial Monismo. Acompanhou o lançamento de *A Grande Síntese*, em Montevideu (Uruguai), por Dr. Manuel Emygdio da Silva, que lhe fez um convite para divulgar a Obra naquela nação vizinha, através de conferências; mas as suas forças são fracas para tanto trabalho. Já contava 78 anos, e pouco tempo lhe restava de vida terrena. Na impossibilidade de viajar, ele gravou quatro horas em língua Espanhola para os uruguaios e argentinos. Eles não tiveram oportunidade de conhecê-lo, mas ouviram a sua voz, serena e pausada.

Pietro Ubaldi, apesar da assistência espiritual recebida, não estava livre das agressões humanas. Aceitava-as com a maior naturalidade possível! Perdoar, para ele, era tão natural como se tivesse de cumprimentar alguém. Recebia os elogios e as ofensas da mesma forma e, de igual modo, recortava os jornais, para guardar consigo os artigos contra ou a favor. Não se defendia nem polemizava, dizia que a polémica é uma forma de comunicação para seres involuídos. Muitos escritores e conferencistas o atacaram duramente e, depois, arrependidos do mal praticado, procuraram-no e se penitenciaram. Um deles escreveu-lhe uma belíssima carta, pedindo-lhe desculpas, mas não quis que a mesma fosse publicada. Outros o procuraram pessoalmente; houve um que se deslocou do seu país e veio conhecer aquele homem que não revidava, nem

mesmo respondia aos seus artigos para se justificar, e, diante de Ubaldi, homem simples, humilde por natureza, mas de olhar profundo, como quem está a ver o seu algoz por dentro e por fora, ali mesmo, ajoelhou-se e chorou, pedindo-lhe perdão. Outros ainda, mais corajosos, assim como publicamente acusaram o Professor Ubaldi, retrataram-se da mesma forma, como ensina o Evangelho. Alguns poucos, mais orgulhosos, nunca lhe pediram desculpas pelo mal que fizeram.

Outro grupo, bem maior, continuou firme, ao lado do seu mestre, colaborando com ele na medida do possível, ajudando-o a sustentar aquela obra, que tanto bem estava a fazer à humanidade, ainda que pouco divulgada. Esta fase na vida de Ubaldi, como todas as demais, faz lembrar o Evangelho de Cristo, em toda a sua plenitude. A força do Evangelho está na sua vivência por Cristo, pelos seus apóstolos e pelos demais cristãos através dos séculos. A grande força da Obra de Pietro Ubaldi também está na sua experimentação. Ele foi o primeiro a dar o exemplo, e todos que estudam a Obra descobrem nela uma força propulsora e o conhecimento da sua própria senda evolutiva.

Chegámos ao fim de 1964, e a comissão julgadora decide que o Prémio Nobel de Literatura deste ano é de Jean Paul Sartre. Venceu o existencialismo em lugar do espiritualismo. Para Ubaldi, isso não foi surpresa alguma. O mundo é assim mesmo. Nele ainda existe pouco lugar para as coisas do espírito. Aproveitando a oportunidade, escreveu um brilhante capítulo: "*Sinais dos Tempos. Jean Paul Sartre*", que se encontra inserido em *A Descida dos Ideais*.

A sua candidatura ao Prémio Nobel de Literatura, lançada e sustentada pelo Dr. Manuel Emygdio da Silva, durante cerca de 15 meses, teve uma grande função: divulgar o nome de Pietro Ubaldi e com ele a sua Obra, a Obra de Cristo.

CAPÍTULO 17

Encontro Feliz

1965 amanheceu, e Pietro Ubaldi despertou ainda com a lembrança do ano anterior, da sua permanência em Grussaí... Talvez os dias mais felizes da sua vida, numa casa simples e pobre por fora, mas rica de amor por dentro. Os cuidados de Leinha (a minha esposa) impressionaram o Professor de maneira inusitada. Ele era tratado na nossa casa com inteira liberdade, mas com a delicadeza e atenção que merece toda a visita, especialmente aquela. Leinha desdobrava-se nas gentilezas que o visitante merecia. Sabíamos que esse tipo de visita raramente acontece em alguma reencarnação e pode durar muitos séculos para se repetir. Era preciso não perder a oportunidade e fazer o melhor...

Além de Grussaí, outras lembranças surgiram na sua mente, inclusive o Prémio Nobel de Literatura, em que ele foi preterido pelo candidato — filósofo existencialista — Jean Paul Sartre. Sem dúvida, a lembrança do passado e a perspectiva do futuro, que se tornava cada vez mais próximo, estão na sua mente. Olhou para dentro de si mesmo, e a consciência tudo aprovava — sempre cumpriu com as suas obrigações diante de Deus, dos homens e para com a família. Examinava o seu corpo físico e via-o mais fraco, a caminho dos 80 anos de existência terrena. Analisava o seu espírito e observava-o sempre mais lúcido e mais próximo daquele a quem

amou a vida inteira: Jesus Cristo. Em uma das cartas (20-05-65), diz ele:

“Nestes dias, o meu coração deu alguns sinais de enfraquecimento. Fiz pequenos esforços físicos e voltou a arritmia (batidas irregulares). O médico fala que há um sopro. Mas, agora, já estou a melhorar. É só a idade. Preciso de vida regular. Porém a vida intelectual fica íntegra e, neste terreno, posso trabalhar à vontade”.

Em outra ocasião, na carta do dia do seu aniversário (18-08-65), ele voltou a afirmar:

“As minhas viagens acabaram. Mas estou sempre mais ativo. Quer dizer que o movimento se deslocou do plano físico ao espiritual, como é natural que seja para quem vai se preparando para outra vida, de outro tipo”.

Aqui, ele está a referir-se, naturalmente, à sua preparação para esperar a chegada da “irmã morte”, quando vai alcançar a sua total libertação.

Ubaldo, mergulhado no ano de 1965, escreveu artigos para diversas revistas, em várias línguas, inclusive a revista Sabedoria, dirigida por Carlos Torres Pastorino. Fez as revisões tipográficas dos livros *Princípios de Uma Nova Ética* e *Evolução e Evangelho*, que o Grupo Editorial Monismo lançou com enorme sacrifício dos seus diretores.

Com a mudança do Dr. Manuel Emygdio da Silva para Santiago (Chile), como Embaixador do seu país (ele é de Portugal), para lá

se deslocou o centro de divulgação da Obra na América Latina. O Dr. Emygdio solicitou de Ubaldi mais algumas fitas gravadas com mensagens em Espanhol, para que os chilenos ouvissem a sua voz. Isto concorreu para uma boa divulgação da Obra naquele país, onde foi publicado "*Encontro com Teilhard de Chardin*". Ubaldi acompanhava todos os acontecimentos atentamente e ainda concluiu o livro *A Descida dos Ideais*.



Periodicamente, visitávamos o Prof. Pietro Ubaldi, que sempre reservava alguns acontecimentos importantes para as nossas conversas edificantes. Um deles foi o encontro com Humberto Mariotti, de Buenos Aires (Argentina), no segundo semestre de 1965. Em 1964, esse escritor, por não estar bem informado, havia-se posicionado contra a Mensagem de Ubaldi enviada ao CEPA, em 1963. Após a publicação dos seus artigos, não obtendo resposta de Ubaldi, que colecionava tudo cuidadosamente, resolveu vir ao Brasil e ir ao encontro do místico italiano. Foi um encontro feliz, e quem nos diz é o próprio Professor:

"Fui visitado pelo Sr. Mariotti, de Buenos Aires, o qual escreveu os artigos no ano passado contra a Mensagem ao VI Congresso Espírita Pan-americano (CEPA). O Sr. Mariotti voltou muito satisfeito, concordando que houve um mal-entendido contra a minha oferta, porque jamais tive a intenção de formar grupo ou escola doutrinária contra o Espiritismo ou qualquer outra religião, mas tão somente a preocupação de oferecer uma coisa nova ao mundo. O Sr. Mariotti saiu entusiasmado e vai ler toda a Obra, porque ele só conhece *A Grande Síntese*. Ainda me convidou para fazer conferências no seu país".

Realmente, Humberto Mariotti — professor, escritor, jornalista, filósofo, parapsicólogo, conhecedor profundo de Kardec, homem de uma cultura vastíssima — nunca mais foi contra Ubaldi ou a sua Obra. Humberto viu naquele corpo franzino, caminhando para a sepultura, um espírito portador de uma mensagem capaz de resolver o problema de milhões, inclusive o dele próprio, que ali se encontrava à procura de esclarecimentos, em busca da verdade. Para Ubaldi, esse encontro foi também de alta significação espiritual, porque viu em Mariotti um verdadeiro seareiro do bem, que não poderia perder-se nos emaranhados dos mal-entendidos humanos, sempre detestáveis e geradores de péssima qualidade de informações. Perdoar e esquecer as ofensas recebidas não constituíam nenhuma dificuldade para o fiel discípulo de Cristo. A sua alma era feita de perdão e humildade. Diante de Ubaldi — homem que tinha o Evangelho por instinto, vivendo-o integralmente — qualquer um que não tivesse um “coração de pedra” se curvaria, e, naturalmente, Mariotti curvou-se. Naquele bom diálogo, lembrou-se da bela página escrita sobre Ubaldi, em maio de 1949, publicada na revista *La Fraternidad*, de Buenos Aires (Argentina), e inserida no livro *Comentários*, de Pietro Ubaldi. Lembrou-se e comparou as duas posições assumidas por ele, em épocas distintas, e não teve outra alternativa senão seguir o exemplo do visitado, ficando com a primeira que dizia:

“Pietro Ubaldi, Profeta do Espírito

Nos campos da filosofia universal apareceu, aproximadamente há duas décadas, a inconfundível figura de Pietro Ubaldi, que provocou verdadeira revolução na teoria do conhecimento. Segundo o parecer de eminentes críticos, entretanto, esse pensador não pode ser comparado ao homem que filosofa, atendo-se unicamente às

essências racionais das coisas. Mais do que filósofo, Ubaldi é um profeta que revela conhecimento, e não um forjador de conceitos e dilemas metafísicos. Nisto consiste a original característica que tanto o distingue dos pensadores contemporâneos, os quais muito poucas vezes se arriscaram ao que poderíamos chamar FILOSOFIA DA REVELAÇÃO.

A obra filosófica sempre foi considerada puro fruto da inteligência racional ou do esforço pensante. E se alguma vez aparecesse um pensador que pudesse refletir formas de conhecimento que ultrapassassem os métodos comuns, imediatamente o colocavam no campo da iluminação mística. Deste modo, a filosofia da revelação era quase sempre excluída dos quadros clássicos da metafísica, porque se julgava que a obra filosófica pertencia apenas ao mundo do racional, que era considerado a única fonte do saber humano.

Entretanto, como uma faísca de fogo, Ubaldi incide nas formas conceptuais, transfigura a natureza em puro espírito e lança-se a um trabalho que reúne num só feixe os instrumentos do conhecimento, até ao ponto de unificar definitivamente as duas gnoseologias fundamentais da humanidade: a Ciência e a Religião. O seu trabalho profético, entrosado com os planos divinos da história, torna-se um prolongamento dos Logos, ou Verbo Encarnado, reafirmando dessa forma, com heroica habilidade, o mesmo trabalho de São Tomás de Aquino, que, da mesma forma que ele, reconciliou para todos os tempos a Fé com a Razão.

Mas a originalidade de Ubaldi consiste no facto de que ele ‘possui outro mundo sobre os seus ombros’, do qual está totalmente consciente. Sabe que a sua natureza metafísica não opera com elementos racionais apenas, mas que há, na sua criação filosófica, uma poderosa intervenção do Espírito, que faz a sua pena dizer verdades não comuns para a inteligência racional dos homens.

Creio firmemente que Ubaldi representa no nosso século uma ressurreição dos antigos profetas de Israel, que tiveram a missão de preparar o terreno para a chegada do Cristo Encarnado. O filósofo de Gúbio executa no nosso tempo um trabalho similar: prepara as inteligências para a receção do Cristo Invisível, que há de reunir em ‘um só rebanho e um só pastor’ a humanidade da Terra, já que o fim dos tempos, isto é, o fim da história, aproxima-se apocalipticamente.

No nosso tempo, Ubaldi representa uma demonstração real da unidade que deverá existir entre a Religião e a Ciência, representando ao mesmo tempo uma antecipação dos novos caminhos que serão seguidos pelo espiritualismo moderno. Na sua correspondência, manifesta-me sempre que o seu espiritualismo é cristão e que toda a sua produção filosófica desemboca na sabedoria cristã. Com efeito, Ubaldi não lega apenas um saber filosófico às gerações atuais: ele entrega ao espírito contemporâneo uma Sabedoria, isto é, a SABEDORIA DA REVELAÇÃO. Por isso, Ubaldi 'não é só um facto ou processo científico, mas um verdadeiro ato místico e religioso', fundamentado nas eternas realidades do Espírito".

— Humberto Mariotti

Buenos Aires, maio de 1949.

Fim de ano. Para muitos: festas, presentes — motivo de alegria. Para Ubaldi, o ano terminou com bastante trabalho espiritual e muitos convites das capitais e cidades interioranas. O seu estado de saúde era frágil. Manuel Emygdio da Silva e José Bonifácio Alexandre insistiram para ele ir à Capital do Distrito Federal fazer, pelo menos, uma conferência, em março do ano seguinte, 1966. Seria o "Encontro Brasília I", porque outros aconteceriam mais tarde, sem a presença dele. Pietro Ubaldi pensou e refletiu que a sua ida seria útil à divulgação da Obra. Mesmo sabendo do esforço a despendar para aceitar aquela solicitação, respondeu afirmativamente.

CAPÍTULO 18

A Grande Oferta

Início de 1966. Pietro Ubaldi, a conselho médico, foi com Agnese para Cotia, distante 40 km de São Paulo, passar os dois meses de verão. Lá, numa pequena casa de campo, entre árvores frondosas, retornou ao seu livro *Um Destino Seguindo Cristo* e fortaleceu-se, recebendo energia suficiente para a viagem que deveria empreender daí a dois meses. Enquanto isso, Brasília preparava-se para receber o fundador da Nova Civilização do Espírito. Os convites foram expedidos para toda a parte. Não somente o Brasil, também Itália, Chile, Venezuela, Costa Rica, México, Peru, Bolívia, Estados Unidos, Japão e outros países tomaram conhecimento da viagem do conferencista àquela capital. Existia uma vontade férrea de tornar a Obra conhecida no mundo inteiro. Manuel Emygdio da Silva, José Bonifácio Alexandre e outros companheiros não mediram esforços para tanto. Tudo preparado, tudo pronto para receber Pietro Ubaldi!

No dia 11 de março, embarcaram num avião da ponte aérea, no aeroporto de Congonhas, com destino a Brasília: o Prof. Pietro Ubaldi, acompanhado do Dr. Emygdio e Senhora. Viagem cansativa, pela idade e desgaste físico do conferencista, que permaneceu quatro dias (11, 12, 13 e 14) na capital da República. Houve representantes de muitas cidades brasileiras e do exterior. Foi uma

grande festa espiritual, começando pela recepção no aeroporto de Brasília, onde se encontrava muita gente de muitos lugares, inclusive a comissão de São Paulo, liderada por Ferdinando Ruzzante Netto. A programação feita aconteceu exatamente como fora previsto, trazendo enorme benefício à divulgação da Obra — objetivo primordial.

Satisfeito o desejo de todos, Pietro Ubaldi retornou à casa no dia 14 e, duas semanas depois, escreveu-nos uma carta (27-03-1966), relatando o ocorrido:

“No domingo, 13 de março, à noite, eu li a minha palestra sobre: ‘A nossa simbólica oferta ao Brasil e aos povos da América Latina’. Havia no auditório da Escola Parque, onde eu falei, cerca de mil pessoas. Fui apresentado pelo deputado federal Dr. Noronha Filho. O encerramento foi feito por outro deputado: Campos de Vergal — tudo registado em quatro gravadores, cujas fitas foram levadas pelos seus próprios donos.

A Notícia do encontro foi transmitida nos Estados Unidos, Europa e Japão, pela ‘International United Press’, de Brasília. Saíram artigos nos jornais de Brasília. Eles estão a divulgar as palestras. Estavam presentes representantes de alguns países da América do Sul. Chegou um também dos Estados Unidos. Chegaram telegramas de outras cidades brasileiras e mensagens de países da América do Sul e da América Central, dos Estados Unidos, da Europa, do Japão etc. Tudo foi lido.

Fomos recebidos pelo Presidente da Câmara dos Deputados, e o Governo do Distrito Federal nos hospedou oficialmente. Tudo foi fotografado. Havia quatro fotógrafos, sempre a registrar tudo.

Neste ano de 1966, completo os meus 80 anos. Chegou a hora de entregar a Obra aos meus herdeiros espalhados pelo mundo, encarregados do trabalho da sua divulgação. O meu trabalho agora é só mental: escrever os meus últimos livros. Cada coisa chega no seu devido momento. O programa está a desenvolver-se regularmente. Calculo viver até ao ano de 1971, para acabar a minha parte, que é a de escrever. Para Campos, a sua cidade, fica sempre a Glória de ter sido o primeiro núcleo da Obra. Eu posso desaparecer para que só a Obra fique”.

A conferência lida encontra-se nos anais da Câmara dos Deputados, foi publicada no Diário Oficial do Congresso Nacional e acha-se também inserida no livro *Um Destino Seguindo Cristo*.

Essa viagem de Ubaldi foi a última e o coroamento da sua missão pública, porque foi a derradeira conferência realizada para uma enorme assistência, feita na presença de autoridades governamentais. Pietro Ubaldi não poderia despedir-se do mundo sem anunciar a sua Obra também aos poderosos. Essa foi, sem dúvida, uma das razões da sua ida a Brasília, com a aprovação e apoio da Divina Providência. Afirmou ele em Brasília:

“A finalidade desta Obra é oferecer um conhecimento que o mundo ainda não possui, necessário para se conduzir com sabedoria e, portanto, viver de forma menos bárbara do que aquela em que vive o assim chamado homem civilizado moderno. Nesse sentido esta Obra contém as bases sobre as quais se poderia apoiar uma nova civilização, aquela que, por lei de evolução, o homem deverá seguramente realizar no terceiro milénio.

Eis o conteúdo e a finalidade da Obra que hoje, neste local, oferecemos. Uma vez que nos explica como funciona a vida, ela não pode deixar de ser, como a ciência, imparcial e universal. O seu objetivo não é constituir um grupo e com ele lutar contra outros, para vencê-los,

como é hábito no nosso mundo. O seu método não é impor para dominar, produzindo rivalidade e cisão, mas demonstrar, para convencer, gerando concórdia e unificação. É por isso que a Obra, hoje, não está a ser oferecida a um grupo particular. Ela não pode ficar fechada em nenhuma divisão humana, em nenhum setor particular ou partido, seja político, seja religioso, como não o podem as leis da vida e as verdades universais da ciência.

Um pobre homem chegou de longe, do centro da civilização cristã, velho e esgotado, e entrega hoje o fruto da sua vida a um mundo jovem, imenso, ao qual pertence o futuro. Esta semente levada pelo vento de mil aventuras chegou até aqui e parou neste lugar, nesta terra virgem, no centro de um novo continente. Mil acontecimentos milagrosamente concordaram para chegar a este resultado. O acaso não poderia tê-lo produzido. Não se pode deixar de ver em tudo isso a mão de Deus. É evidente a Sua vontade de que esta semente cresça e se desenvolva para a afirmação espiritual desta nova grande terra, para que ela, no terceiro milénio, cumpra a sua missão no mundo, conforme o seu destino, que não é de guerra, mas sim evangélico e de bondade, de amor e de paz”.

Retornando a São Vicente, reassumiu as suas atividades: responder a cartas, dar entrevistas, escrever artigos, rever livros a serem publicados e continuar *Um Destino Seguindo Cristo*.

Naquele ano de 1966, no dia 16 de maio, Ubaldi deu uma entrevista no canal 2 de televisão, de São Paulo. Em outras oportunidades, havia dado outras entrevistas, mas essa foi diferente: o repórter havia preparado algumas perguntas e enviado ao Professor, que respondeu a todas elas, sabendo, assim, qual seria o assunto a ser tratado. Mas no caminho de ida para o estúdio, o mesmo repórter avisou-lhe de que a entrevista seria outra. Lá no estúdio, colocou o Prof. Ubaldi sentado numa poltrona e fez-lhe

muitas outras perguntas. O entrevistado, como sempre, bem assessorado espiritualmente, saiu-se muito bem! Disse ele:

“estes são os métodos do mundo, não respeitam nem a idade de um velho de 80 anos”.

Em agosto de 1966, em homenagem à data do seu nascimento, fundámos um pequenino jornal: Avancemos (nome escolhido por Ubaldi), com o objetivo principal de divulgar os seus livros, através de pensamentos e tópicos extraídos deles. No seu primeiro número, prestámos uma homenagem ao aniversariante, apoiado na “Génese da II Obra”, de *Profecias*. A propósito dessa homenagem, escreveu Ubaldi (carta de 21-10-1966):

“Estou a escrever mais rápido e profundo. Calculo ter acabado tudo dentro do ano 1971. Depois serei livre para desencarnar, não antes. Também na sua homenagem reparou o que escrevi em *Profecias*, isto é, que concluirei a Obra dentro dos meus 85 anos de idade. Tudo está calculado e previsto, e pode ir verificando.

Nessa Obra há também um ritmo de tempo, que parece uma sinfonia musical”.

O ano de 1966 terminou, deixando Pietro Ubaldi em perfeita harmonia de pensamento e de consciência pelo dever cumprido.

CAPÍTULO 19

Vitória do Bem

1967. Menos um ano de existência neste mundo, para Pietro Ubaldi. A sua contagem do tempo de vida é regressiva. Nós contamos os anos que temos vivido e esperamos vivê-los progressivamente, porque não sabemos até quando vamos continuar a executar a nossa pequenina tarefa entre os nossos irmãos. Com Pietro Ubaldi era diferente, ele sabia o dia, mês e ano de encerramento da sua missão, logo poderia dizer o tempo que faltava para o seu término. Ele sabia que estava a caminhar para o topo de um monte e quando iria chegar, estava bem orientado e caminhava sempre às claras. Distinguia perfeitamente a sua estrada principal das vicinais e não se desviava dela, porque deveria atingir o cimo do monte no dia 25 de dezembro de 1971. Não chegava a ser uma corrida contra o tempo, mas não poderia desperdiçá-lo. Nos seus 36 anos, desde 1931, já havia percorrido um longo trecho.

Aparentemente, quatro anos são mais do que suficientes para concluir a Obra, mas, quando refletimos mais profundamente sobre as atividades a serem desempenhadas, era necessário não haver perda das horas transcorridas. Ele ainda tinha pela frente a conclusão do livro *Um Destino Seguindo Cristo*, mais dois volumes para escrever, as revisões tipográficas dos lançamentos do Grupo

Editorial Monismo, a verificação das cópias datilografadas com as gravações feitas, a correspondência, o atendimento às visitas, as entrevistas, as gravações dos cursos às emissoras de rádio, os artigos para revistas, os passeios indispensáveis para não haver maiores desequilíbrios orgânicos, os problemas diários a exigirem soluções rápidas, os intervalos para tratamento do corpo físico, as horas de repouso e tantas outras exigências colocadas à margem da estrada, merecedoras da sua atenção. Tudo isso a ser feito por um velho com mais de oitenta anos. Mas quem vive em paz, não tem motivo para afligir-se. Serenidade nunca lhe faltou para com as coisas do céu. Era evidente que não poderia atravessar a faixa de rodagem, diante do edifício Nova Era, com a mesma tranquilidade. Os homens fazem este mundo tão agitado e louco, que o torna capaz de perturbar até os imperturbáveis.

Não tinha mais condições de ministrar cursos e fazer conferências. Outros deveriam assumir essas funções. Muitas portas abriram-se para a divulgação dos livros. Ele não ficava alheio, mas não podia participar diretamente. Fez o que pôde, enviando mensagens escritas ou gravadas. Em São Paulo, um programa foi levado ao ar semanalmente pela Rádio Nacional de São Paulo; o mesmo aconteceu em Brasília, pela Rádio Alvorada de Brasília. Para ambos os programas, os ouvintes tinham a própria voz de Ubaldi nos seus aparelhos de rádio.

A Grande Síntese é contemplada com dois cursos: um em Brasília e outro no Rio de Janeiro. O primeiro, ministrado pelo Prof. José Bonifácio Alexandre e o segundo, pelo Prof. Carlos Torres Pastorino, que enviou a Pietro Ubaldi esta bela conclusão:

“Ao finalizar a leitura de *A Grande Síntese*, temos a impressão de haver lido, ressurgido no século XX, um dos grandes profetas bíblicos. Igualá-la é difícil; superá-la, impossível; negá-la, absurdo; discuti-la, loucura. Mas aceitá-la e senti-la é a prova de que, em nós, há uma centelha da divindade. Merece, realmente, ser encadernada no mesmo volume que o *Novo Testamento*, como coroamento das obras dos grandes e primeiros Apóstolos. A força e a segurança fazem desta *Grande Síntese* uma continuação natural das Epístolas do Apocalipse, nada ficando a dever a elas”.



Ao concluir naquele ano de 1967, *Um Destino Seguindo Cristo*, ele passou em revista os “*Ideais Franciscanos Diante da Psicologia Moderna*” e se deteve no que foi mais importante para si: o voto de pobreza. Os outros dois, castidade e obediência, já tinham sido objetos de análises. Eles estão ligados diretamente à evolução do ser humano e dependem da maturação espiritual de cada um. O voto de pobreza é mais exterior, envolve problemas sociais, muito embora com implicações evolutivas das pessoas nele envolvidas. A esse voto deu especial atenção para que o homem atual não pense que fazer o voto de pobreza signifique ter de distribuir os seus bens com os pobres e ficar na miséria, inerte, dependendo de outros seres, os seus irmãos.

“O tipo de virtude que o indivíduo é chamado a praticar, que justifica e valoriza o seu trabalho, depende da forma mental e das condições de vida do seu tempo, do qual é impossível isolar-se. O grande pecado do passado era a injustiça e a violência no plano físico, o do presente é a mentira e a violência no nível económico e mental. A qualidade compensadora não deve ser uma amputação da animalidade, mas uma inteligente afirmação de honestidade, sinceridade e justiça. No passado, em muitas ordens religiosas, o voto de pobreza significava,

na realidade, voto de ociosidade. Hoje, no nosso caso, o voto de pobreza quer dizer voto de trabalho, oposto como reação corretiva ao abuso de quem vive na abundância sem trabalhar, servido pelo labor dos outros.

No passado, com a pobreza absoluta, reagia-se contra uma riqueza que, então, era fruto do roubo e assassinato. Revoltar-se contra ela significava ir de encontro a esses delitos. O poder e a glória eram concedidos ao cavaleiro vencedor, não pelo trabalho, mas pela violência da espada, isto é, não por ter produzido, mas por ter roubado e matado, enquanto o trabalho era considerado vergonha, deixado aos servos e olhado com desprezo.

O conselho, segundo o conceito moderno, de meterem-se todos a trabalhar, ricos e pobres, para produzir, não podia existir no Evangelho, porque, naquele tempo, isto era inconcebível. Vigorava naquela época o sistema escravagista, que leva à revolta, e não à produção. Num tal regime de antagonismos, a maior parte das energias era utilizada para lutar, não para produzir. Hoje procura-se, pelo contrário, lutar sempre menos para produzir sempre mais, o que é muito mais vantajoso para ambas as partes. Há uma tendência ao colaboracionismo, harmonizando-se no interesse comum os dois termos opostos e complementares: capital e trabalho. Fazendo deles duas formas equivalentes de atividade produtiva, ambas necessárias, compostas de duas especialidades, uma na parte financeira e de organização, a outra na parte material e executiva”.

Estes três tópicos proporcionam-nos uma visão moderna de como é estudado por Pietro Ubaldi o voto de pobreza, esposado por ele e aplicável à atual civilização e à do terceiro milénio.

CAPÍTULO 20

Entrevista com Pietro Ubaldi

Verão de 1968. Só restavam três anos para Pietro Ubaldi terminar a sua missão. A conselho médico, passou um período em Cotia — ambiente puro e agradável — longe do tumulto de S. Vicente. Naquele local, entre árvores acolhedoras, continuou a sua vida rotineira, ocupando-se das coisas de Cristo. E, ligado ao Seu pensamento, começou *A Técnica Funcional da Lei de Deus*.

Brasília insistiu em levá-lo ao segundo aniversário daquele memorável encontro em 13 de março de 1966. As viagens estavam canceladas, definitivamente. A sua pressão não lhe permitia viajar de avião. O “Encontro Brasília III” foi maravilhoso, com muitos estudantes e professores participando de um curso na Universidade de Brasília, ministrado pelo Engenheiro Sérgio Giulietto, sobre a Obra, e mais de 100 diplomas foram entregues aos seus participantes.

Naquele ano de 1968, no dia 29 de junho, em homenagem a Simão Pedro, o apóstolo, entrevistámos o Prof. Pietro Ubaldi.

“J. A. — Prof. Ubaldi, de um modo geral, as faculdades mentais envelhecem paralelamente ao envelhecimento do corpo físico. Como

se explica o seu caso, pois que ainda se encontra em plena atividade espiritual, apesar dos seus 82 anos de idade?

UBALDI — É um facto objetivamente existente que, aos meus 82 anos acabados, continuo a escrever os meus livros, num estado de amadurecimento mental progressivo, que dá prova de ser ele completamente independente do envelhecimento do corpo.

Estudei eu mesmo tal fenómeno, desdobrando-me como espírito em observador e como corpo em objeto observado. Aprofundei este estudo num dos últimos capítulos, “O Meu Caso Parapsicológico”, do livro que há pouco acabei de escrever: *Um Destino Seguindo Cristo*.

O facto perante o qual me encontro é que o meu corpo está a envelhecer, seguindo o seu curso biológico normal de esgotamento senil. Isto é conforme as regras da vida. Mas outro facto perante o qual me acho é que a parte espiritual do meu ser não segue o mesmo caminho e fica bem lúcida e acordada, independente do envelhecimento do corpo. Encontro-me neste dualismo: estou feito de uma parte material que morre e de outra espiritual que não somente continua a viver, mas que o faz com um sentido de rejuvenescimento, de esclarecimento de poder de conceção, para libertar-se de uma prisão, subindo, em oposição àquela de descida, que pertence ao corpo físico.

Viver tudo isto como sensação e como realidade é maravilhoso. Falo de sensação, e não de teoria filosófica ou demonstração lógica. Trata-se de um fenómeno que estou a viver. E pela direcção do seu caminho eu posso ver para onde a vida vai. O resultado é que, nesta velhice avançada, que é uma preparação para a morte, antecipando-a como sensação, eu posso perceber o que me espera: a morte do meu corpo físico, mas não a morte do meu espírito, isto é, da minha verdadeira personalidade — o “eu” que não morre. Então eu tenho a sensação viva de que não vou morrer. Não se trata de fé, de esperança, de uma crença, de uma conclusão raciocinada. Trata-se de uma sensação, de uma realidade vivida e cada hora, para mim, mais evidente. Tenho assim a certeza concreta de que a vida continua na forma espiritual,

como a vivi. Talvez o segredo esteja em ser acostumado a viver em profundidade, interiormente, e não na superfície, exteriormente, como se faz.

Descrevi só o que está a acontecer comigo. Explicar como isto acontece nos levaria longe demais, e tenho que enviar o leitor ao capítulo acima citado. Aí ele encontrará muitos assuntos: parapsicologia, psicanálise, inconsciente, consciente, superconsciente, inspiração, intuição positivamente controlada, evolução biológica etc., o que não podemos resumir aqui.

Como consequência de tudo isto, continuo sempre a escrever. Parece que o meu pensamento é independente do envelhecimento do cérebro, mostrando que o trabalho de conceptualização superior se verifica num plano que está acima do nível biológico daquele cérebro, que é só um instrumento para o espírito conseguir comunicar-se com o nosso mundo e nele se expressar.

J. A. — Que livro está a escrever e, resumidamente, qual o seu conteúdo?

UBALDI — O livro, que estou a escrever agora é *A Técnica Funcional da Lei de Deus*. Não basta dizer que há uma Lei que tudo dirige, sendo ela o pensamento de Deus presente em todas as coisas. É preciso ver como funciona esta Lei, com qual técnica ela se realiza, quais são as suas normas, diretrizes e as suas finalidades. Trata-se de ver mais de perto como, na realidade da nossa vida, funciona este pensamento de Deus que a dirige. É um trabalho de introspeção que penetra no âmago da personalidade humana, na profundidade do problema do destino, em consequência da nossa conduta, seja no sentido do bem ou do mal, explicando por que os acontecimentos se verificam na nossa vida, uma vez que, semeadas as causas, temos que colher as consequências. Vemos como a Lei corrige os nossos erros com a dor, para nos ensinar a não cometê-los mais, impulsionando-nos assim pelo caminho da salvação. Assistimos a um quadro maravilhoso de sabedoria divina, que trabalha em toda a hora ao nosso lado, para evoluirmos e voltarmos a Deus, de onde saímos.

J. A. — É possível o senhor apresentar a relação completa das suas obras, segundo a ordem em que devem ser lidas? De todos os seus livros, considera alguns de importância superior à dos demais?

UBALDI — O melhor caminho para o leitor entender a Obra é seguir o mesmo que eu segui, isto é, realizar o seu amadurecimento paralelo àquele que eu realizei, isto porque a Obra não é literatura ou trabalho somente de cultura, mas é uma escola de transformação evolutiva, cujo objetivo não é uma exibição de sabedoria, mas uma subida para um plano biológico mais elevado.

Se, porém, o leitor quiser conhecer só as colunas fundamentais da Obra, para entender mais rápido o esquema do seu sistema filosófico, deixando de lado os ramos colaterais (que em problemas particulares se afastam do tronco da árvore), então ele pode ler: 1) *Grandes Mensagens* (introdução); 2) *A Grande Síntese*; 3) *Deus e Universo*; 4) *O Sistema*; 5) *Queda e Salvação*; 6) *Um Destino Seguindo Cristo*. Estes livros formam o esqueleto da Obra, que deve ser revestido com a carne, composta pelos outros livros, os quais o complementam, constituindo o seu corpo inteiro.

J. A. — Prof. Ubaldi, gostaríamos que o Sr. apresentasse aos nossos leitores, em breve explicação, o processo segundo o qual os seus livros são escritos.

UBALDI — Já expliquei, no capítulo “*O meu caso parapsicológico*” do livro *Um Destino Seguindo Cristo*, o que está a acontecer comigo a respeito da composição dos meus livros. Não se trata de mediunidade passiva, em transe, com perda de consciência. Pelo contrário, a consciência, em lugar de adormecer e se entregar a outros, está mais acordada e lúcida que no seu estado normal; entende e controla, com as suas funções racionais, tudo o que escreve e assume plena responsabilidade do que afirma. É um estado de superconsciência, que permite entrar em contato permanente (são quase 40 anos que isto acontece) com correntes de pensamento pertencentes a planos de existência mais evoluídos, um estado que permite tomar conhecimento e assim registrar por escrito o conteúdo daquele pensamento. É um

método que não adormece, mas, pelo contrário, acorda a inteligência, constringendo a mente a funcionar mais ativa do que no seu estado normal. Daí a função evolutiva desta forma de trabalho inspirativo, o qual não é de descanso, mas sim de contínuo esforço de subida, que representa a maior finalidade da vida.

É este o tipo de trabalho, praticado durante quase 40 anos, para construir uma Obra de cerca de 10.000 páginas, ao qual devo, talvez, uma vida espiritual intensa, que, como expliquei, a morte do corpo não pode atingir.

J. A. — Pode o senhor dizer-nos, em rápidas palavras, como se processa o fenómeno da morte e como deverá enfrentá-la no seu caso particular?

UBALDI — Fala-me de morte e de como me estou a preparar para enfrentá-la no meu caso. A maioria ficaria chocada ao receber tais perguntas e procuraria mudar de conversa. Mas, para mim, este é o assunto mais agradável. Trata-se de um trabalho previsto, planeado, pré-calculado; em nada destrutivo, mas sim construtivo. Para o homem espiritual, a morte tem um sentido completamente diverso do comum. Para muitos, na morte, é o indivíduo todo que morre, e não somente um corpo cujo espírito continua a viver. Para outros, a morte quer dizer o cemitério, o túmulo, o corpo sepultado. Na verdade, o espírito não morre, mas liberta-se de uma casca física, pesada, que, como um véu, impede-o de ver. Para mim, a morte é libertação, é vida melhor e maior, é juventude, é plenitude, é ir ao encontro de uma existência imensa, cada vez mais rica. Como se pode, então, deixar de olhar para tudo isto, com um sentido de felicidade?

Aqui também não posso explicar tudo, como e por que isso acontece, detalhando a técnica do fenómeno. O leitor encontrará tudo explicado no último capítulo do meu livro: *Um Destino Seguindo Cristo*, em “*O Homem perante a morte*”.

J. A. — O que o senhor pensa, Prof. Ubaldi, a respeito do livro *Cristo*, tão ansiosamente esperado?

UBALDI — O livro *Cristo* será o coroamento da Obra, o vértice da pirâmide e também o ponto final da minha vida e o término da minha missão.

Quando chegar a hora, saberei o que devo escrever. Mas sei que pouco falarei da vida humana do Cristo, mas muito da Sua vida divina, a respeito do que ele verdadeiramente é, independentemente da sua permanência na Terra.

Este livro aparecerá quando eu estiver perto da morte. Para perceber o Cristo, é preciso que o corpo esteja a diminuir. E quanto mais isso acontece com a velhice, tanto mais percebo que a visão do Cristo está a aproximar-se, tornando-se cada dia mais clara.

Este livro já estava planeado quando eu escrevi um dos primeiros volumes da Obra: *Ascese Mística*. No fim da 2ª parte, no capítulo III, “*A Dor*”, lê-se: “Cristo me espera, e no fim descerá o marco interior da devoção, e do amor”. (...) “No fim de tanto trabalho da mente e do coração, depois de tanto escrever, só uma palavra ficará: Cristo. Sobre esta palavra, que é a síntese suprema do conhecimento e do Amor, curvar-me-ei satisfeito e feliz, para morrer”.

De resto, toda esta Obra foi prevista e planeada de antemão. Na 1ª parte do livro *Profecias*, intitulada: “*Génese da II Obra*”, tudo o que depois aconteceu e continua a acontecer já foi explicado. Por isso, sei quando vai terminar a Obra e com ela a minha vida.

J. A. — Como a sua Obra se enquadra no atual momento histórico?

UBALDI — A Obra é oferecida ao mundo exatamente para satisfazer a sua sede de ideias novas.

A oferta foi feita em 1966, em Brasília, ao Brasil e aos povos da América Latina. Estamos a comemorar cada ano aquele encontro.

Tudo isto está enquadrado no atual momento histórico e proporcionado a ele. A Obra está a entrar no ambiente da cultura universitária e é apresentada nos congressos europeus de Filosofia. Tudo chega na hora devida.

Os últimos livros, descendo das grandes teorias cósmicas, penetram a nossa realidade concreta de cada dia, de modo a fornecer à humanidade desorientada um guia para se dirigir neste difícil momento histórico de grandes transformações, criador, mas cheio de incógnitas e perigos. Quis, com estas poucas palavras conclusivas, dar ao leitor de *Avancemos* uma ideia do trabalho feito, que deixarei ao mundo com a minha partida”.

No dia 3 de julho, logo após a entrevista, Ubaldi, acompanhado de Agnese, foi a Cotia e, no dia 10 do mesmo mês, teve um distúrbio cardíaco, por insuficiência coronária. Ficou oito dias internado numa clínica em São Paulo, sempre acompanhado da filha, a quem ele se refere em uma das suas cartas:

“Agnese é uma ótima enfermeira e toma cuidado de mim”.

Ubaldi, por economia recuperou-se no lar acolhedor dos Picazio e, a seguir, na casa de Maria Antonieta (a sua neta, casada com Fernando Fancelli), cercado de todo o cuidado e carinho. Após a sua recuperação, retornou a S. Vicente e continuou a sua vida rotineira, certo de que a hora ainda não era chegada. Na carta de 18 de setembro de 1968, ele manifestou essa convicção:

“A minha vida torna-se cada dia mais espiritual e menos física. Fique sossegado, pois não vou morrer agora, embora a doença seja daquelas que matam, porque atinge o coração”.

De facto, Ubaldi não desencarnou naquele ano, que terminou proporcionando-lhe uma grande alegria: o Prof. Romano Galeffi, da Universidade da Bahia, foi a Viena (Áustria) participar de um Congresso de Filosofia e levou consigo todos os livros publicados de Pietro Ubaldi e os entregou à Universidade daquele país.

Atingimos o ano de 1969. Fisicamente, ele não era o mesmo de janeiro do ano anterior. Seguindo orientação médica, já não podia mais datilografar os seus manuscritos. Agora escrevia e gravava, para que Agnese os datilografasse em três vias, copiando da gravação feita. A seguir, ele conferia as cópias datilografadas. O tempo, agora, tornou-se triplo para cada livro, antes de entrar no prelo. Em 1969, ele gravou o livro *A Técnica Funcional da Lei de Deus*, e escreveu “*Como Orientar a Própria Vida*” (primeira parte do livro *Pensamentos*).

Ubaldi acompanhava tudo e colaborava como podia, através de cartas, entrevistas e mensagens gravadas, na divulgação da Obra. De saúde, ele continuava razoavelmente bem. Na carta de 17-03-69 transmitiu-nos esta informação:

“De físico, vivo com um regime regular. O corpo está cansado, mas a mente torna-se cada dia mais clara. Estou perto dos 84 anos e, quanto mais envelheço, tanto melhor escrevo. Só o corpo morre, não o espírito.

No Natal de 1971 estará tudo exatamente acabado, porque a Obra foi iniciada no Natal de 1931 e vai durar 40 anos, no meio do Século XX, com 20 anos antes e 20 depois”.

Que vida bem vivida... Como Ubaldi soube aproveitar bem o tempo para Cristo! Aliás, ele sempre dizia:

“A perda de tempo é um crime contra a evolução”.

CAPÍTULO 21

Término da Missão Ubaldiana

Mostra-nos a história que Judas Iscariotes começou bem e terminou mal, Paulo de Tarso começou mal e terminou bem. Pietro Ubaldi começou bem e terminou ainda melhor a sua vida missionária.

Estamos a chegar ao fim da existência terrena de Ubaldi, 1970 foi o seu penúltimo ano entre nós. Fisicamente, estava bem; espiritualmente, sempre mais lúcido. Na sua última carta de 1969, mandou a seguinte notícia:

“A saúde está mais ou menos na mesma. Com vida regularíssima, vou indo, isto é, com consulta mensal ao médico, exames de laboratório. remédios etc., e os cuidados de Agnese. Faço o meu passeio duas vezes por dia, sem me afastar mais do que 500 metros de casa, sempre acompanhado por Agnese. Estou fraco, mas sem sofrimentos, o que já é muito, e com a mente bem acordada”.

Quem o visitou naquele ano, encontrou-o muito tranquilo, sereno, como sempre foi, feliz por ver aproximar-se o último ano da sua vida terrena e o término da sua missão, cumprindo todo o plano preestabelecido pelo Alto. Era um imenso prazer ouvir aquela voz mansa e pausada, de quem somente diz o que pensa, e vê-lo com aquele olhar profundo, como que penetrando no interior da

nossa alma. Nessa paz de consciência, somente adquirida quando se cumpre o dever, Ubaldi penetrava nas profundezas do Cristo, colocando no papel tudo o que captava com a sua poderosa intuição.

Aquele penúltimo ano de atividade missionária foi pleno de bons acontecimentos, recompensa para quem viveu bem. Escreveu “Análise de Casos Verídicos” (segunda parte do livro *Pensamentos*) e começou o livro *Cristo*. Chegou a hora de escrevê-lo.

“Este livro aparecerá quando eu estiver perto da morte. Para perceber o Cristo, é preciso que o corpo esteja a diminuir. E quanto mais isso acontece com a velhice, tanto mais percebo que a visão de Cristo está a aproximar-se, tornando-se cada dia mais clara”.

Na carta de 5 de outubro de 1970, afirmou Ubaldi:

“estou bem adiantado com o livro *Cristo*”.

Foi lançado em italiano, “*Como Orientar a Própria Vida*” (Stabilimento Tipográfico Editoriale). Em Buenos Aires (Argentina), no Dicionário Esotérico (Editorial Kier) figurou na letra U (Ubaldi, Pietro) e na letra G (La *Grande Síntese*); em Barcelona (Espanha), outro dicionário estava para ser lançado, de Gonzales Porto e Bompiani, através de Montaner y Simon S.A., em três volumes, e os autores solicitaram de Ubaldi duas laudas de cada livro, sintetizando o seu conteúdo, e duas outras, referentes à sua autobiografia. As revistas Conocimiento (Buenos Aires), Evolución (Caracas — Venezuela) e Attualità Piacentine (Roma — Itália) continuavam a publicar seus artigos.

Surge o ano de 1972. Foi o último ano de vida sobre a terra daquele servo de Cristo, que recebeu das Suas mãos dez talentos e multiplicou por outros dez. A irmã morte está cada vez mais próxima, mas ele não se assusta. Ao contrário do que acontece com muitos de nós, que a recebemos contrariados e somos conduzidos a ela contra a vontade, Ubaldi recebeu a morte de braços abertos, assim como sempre recebeu bem a sua outra irmã: a dor.

Aquele ano de 1972, ano de coroamento da missão de Pietro Ubaldi, foi marcado pela sua despedida deste mundo, tão ingrato, que lhe fez sofrer tanto! Se ele foi socorrido e não morreu, foi porque Cristo estava sempre a velar pelo Seu apóstolo. Metódico, continuava a sua rotina diária, com passeios habituais, acompanhado por Agnese, na Praça 22 de janeiro, em frente ao edifício Nova Era. Uma chuva de bênçãos espirituais chegou para Ubaldi, as quais lhe deram muita alegria: *“Como Orientar a Própria Vida”* foi lançado em inglês e vertido para o espanhol; *“Encontro com Teilhard de Chardin”* e *“Expresiones de la Lei de Evolución”* foram lançados pela Editorial Ker S. A. (Buenos Aires); *“Análise de Casos Verídicos”* foi lançado pelo Grupo Editorial Monismo; *O Sistema* teve a sua primeira edição em Buenos Aires; as revistas *Conocimiento*, *Evolución*, *Attualità* e o jornalzinho *Avancemos* divulgavam o seu pensamento; o jornal alemão *Deutsche Machrichten* entrevistou-o longamente e publicou a entrevista em três números seguidos; a LAKE, editora dos primeiros livros escritos na Itália, solicitou da família autorização para publicar *A Grande Síntese* sem pagamento dos direitos de autor, e a autorização foi concedida, não somente para o livro solicitado, como para outros

títulos que fossem do seu interesse. Em carta de 27 de setembro de 1971, diz ele:

“está pronta, e de capa bonita (tenho-a aqui sobre a mesa) a nova edição de *A Grande Síntese*, da LAKE de S. Paulo”.

E o livro *Cristo*, como e onde se encontra? Na carta de 24 de maio, Prof. Ubaldi deu-nos esta notícia:

“o livro *Cristo* encerra a Obra neste ano de 1971 (Natal de 1971), depois de 40 anos; desde quando iniciei a Obra (Natal de 1931), tudo estará regularmente executado, como previsto (v. *Profecias*)”.

Em outra missiva de 18 de agosto do mesmo ano, último aniversário dele neste mundo (completou 85 anos), Pietro Ubaldi reafirmou novamente o término da sua missão, vivendo por antecipação o seu último Natal:

“A Obra está quase acabada de escrever, embora os livros grandes (refere-se também ao livro *Cristo*) não possam ser publicados, porque custam demais. Este é um trabalho que outros farão, quando puderem. A minha parte está feita. No Natal de 1971, a Obra estará definitivamente encerrada, como previsto”.

Estas duas notícias mostram-nos que a tarefa de Ubaldi aproxima-se do fim e que o livro *Cristo* seria o seu coroamento. Ele escreveu e gravou esse livro, Agnese datilografou-o integralmente, inclusive a pontuação. Todo ele foi conferido por Manuel Emygdio da Silva, detentor dos originais italianos. Na carta de 19/09/85, ele expressou-se assim, quando o livro já se encontrava no prelo:

“Tem sido uma infinita alegria poder colaborar seriamente para que este livro extraordinário, *Cristo* — que iniciará uma nova era no Cristianismo! — possa ser publicado na íntegra, sem distorções”.

Feliz Natal! Próspero Ano Novo! Cartões e mensagens desse tipo chegaram para Pietro Ubaldi dos seus amigos de muitas cidades do Brasil e do exterior. É o último Natal que ele vai passar com a família, neste mundo. Ninguém se lembrou da “*Génese da II Obra*”, do volume *Profecias*, e os que se recordaram não acreditaram na exatidão daquela profecia. Mas ela cumpriu-se, e, com o Natal de 1971, chegou o término da missão ubaldiana. Isso é o que nos mostra o próprio Ubaldi no prefácio do livro *Cristo*:

“Podemos dizer agora que esta Obra está terminada, bastando observar o ritmo musical segundo o qual ela se desenvolveu e se concluiu. Ela nasceu no Natal de 1931 e terminou neste Natal de 1971”.

CAPÍTULO 22

Pietro Ubaldi Libertou-se

As festas natalícias e de Ano Novo se foram, e a tranquilidade voltou ao lar dos Ubaldi, como se nenhuma novidade estivesse para acontecer... No final de janeiro de 1972, Pietro Ubaldi adoeceu e foi levado para uma clínica em Santos e, alguns dias depois, transferido para o Hospital São José, em São Vicente, próximo da sua residência. Ubaldi tinha plena consciência do seu estado de saúde e sabia que era hora de partir deste mundo, ao qual prestou tão grande serviço, tendo cumprido fielmente os seus três votos: "Senhor, eu sou o Teu servo, nada mais quero do que isto", "Senhor, eu me ofereço a Ti pela Salvação do Mundo" e "Senhor, seguir-te-ei até à Cruz". Nesse hospital, ele permaneceu os seus derradeiros dias, perfeitamente lúcido. E no dia 29 de fevereiro, 0h30, desencarnou. Morte esperada, bem-vinda, silenciosa, amiga, boa, benfazeja. Morte que era vida melhor, mais ampla, mais bela. Feliz de quem faz por merecê-la!

Cláudio Picazio, amigo seu e da família, amigo de todas as horas, de todos os momentos difíceis da sua vida, ali estava a assistir àquela grande e dolorosa despedida, para os que ficavam. Com o Cláudio, a palavra sobre a desencarnação de Ubaldi. Assim se expressou ele, em 18 de março daquele ano, escrevendo ao Dr. Manuel Emygdio da Silva, que se encontrava na Europa.

“Ubaldi *Morreu!*

Escrevo esta carta como um depoimento daquilo que vi, ouvi e senti, como testemunha ocular dos últimos instantes de vida do nosso querido, épico e imortal Pietro Ubaldi.

No dia 28 de fevereiro, cheguei ao Hospital São José, de São Vicente, às 22h45. Quarto nº 5. Uma cama. Um relógio. À cabeceira um crucifixo.

Ubaldi, semiconsciente, respirava ao ritmo das batidas do coração.

Ao seu lado, o médico, Dr. Ivan, ajudado pelo Alberto, humilde e grande amigo da família, que servia de enfermeiro. Fora, sentados numa pequena sala de estar, a filha Agnese, Kokoszka e um casal amigo.

Não havia mais dúvida que a hora final estava a chegar... Fiquei no quarto com o médico e o Alberto. Não queria perder um segundo da companhia do grande amigo.

Agnese, de instante a instante, entrava no quarto. Cabeça baixa, silenciosa, aparentando calma, escondendo o seu cansaço.

Havia uma atmosfera de expectativa indescritível. Parecia que estávamos anestesiados. Tudo parecia um sonho!...

O médico, que se havia tornado um amigo, ficava atento para que Ubaldi nada sofresse.

A ciência já tinha cumprido o seu trabalho. Restava agora somente a vontade de Deus...

Ubaldi, deitado no leito meio inclinado, numa posição incômoda, passava a mão vagarosamente sobre seu peito.

Silêncio profundo, nenhuma palavra mais... Ouvíamos atentos o ritmo das batidas do coração. O médico afirmou que, nas últimas horas, a sua pulsação estava perfeitamente normal. O que causava a crise era o enfisema pulmonar.

Expetativa e silêncio... Havia uma sincronização entre o "Tic-Tac" do relógio e as batidas do seu coração...

Aos 20 minutos do dia 29, ele movimentou-se. Apoiou o corpo nos seus braços com toda a energia e quase se sentou no leito. O médico e o Alberto ajeitaram a almofada e ele acomodou-se numa posição melhor, como que esperando uma ordem a cumprir. Esboçou um leve sorriso de tranquilidade e caiu na crise final.

Perdemos a noção de tudo o que estava ao nosso redor. Somente prestávamos atenção ao seu peito nu, que mostrava o movimento de contração muscular do seu coração. O ritmo

das batidas começou a acelerar-se e depois a diminuir lentamente, lentamente... até à sua paralisação total...

O silêncio foi cortado pelo “Tic-Tac” do relógio, que continuava a marcar o tempo nesse nosso mundo relativo.

Eram 0h30 do dia 29. Sobre a cama, o corpo imóvel... Nenhuma lágrima nos nossos olhos...

Embora atónitos com o acontecimento, não nos atrevíamos a pedir a Deus mais um instante de vida para aquele corpo, que durante 85 anos trabalhou ao serviço de uma grande alma...

Movimentaram-se as pessoas. Agnese apareceu no quarto, firme, calma e contrita. Observou tudo, como uma boa enfermeira, e, voltando-se para o médico, disse: ‘Obrigada, Doutor, o senhor também já cumpriu a sua missão!’

Telefonei em seguida para Brasília e dei a notícia a Regina e a Bonifácio, que, aflitos, acompanhavam, lá distantes, o que se passava. Enquanto o seu corpo era conduzido para a capela do hospital, fui com Agnese até a casa buscar documentos para ultimarmos o funeral.

No quarto de Ubaldi, estava tudo em perfeita ordem. A sua mesa de trabalho, os seus papéis, os seus quadros, os seus livros, o seu roupeiro e a sua cama. Ali, tudo vibrava de suaves

emanações daquele trabalho fecundo, dos mais altos e puros pensamentos que um homem pode possuir.

Agnese tirou do roupeiro e deu-me um fato, para ser levado à câmara fúnebre.

Já passavam alguns minutos das duas horas da madrugada. Desci pelo elevador e caminhei em direção à rua, com o seu fato que aquecia o meu peito... Parei na porta uns segundos e observei a praça vazia e melancólica. Contemplei as folhagens orvalhadas no jardim, que cintilavam sob o clarão do luar, como que derramando lágrimas de saudade!...

A noite avançava, tudo em silêncio. A cidade dormia e com ela dormia eternamente aquele homem, que tanto amou as suas praias e os seus jardins...

Na capela do hospital, o seu corpo, vestido com o fato trazido por mim, foi colocado numa urna de madeira trabalhada, em verniz castanho, com alças prateadas. Na sua cabeceira, um pano preto com uma cruz bordada e dois castiçais com velas acesas, que pouco a pouco se consumiam...

Agnese, Kokoszka e eu pernoitámos na capela, na sua derradeira noite...

A escuridão passava lentamente, e aos poucos o céu clareava, anunciando a aurora de um novo dia...

Cortava o silêncio, o cantar dos pássaros e, depois, o movimento de trabalho da cidade. Os raios do sol penetravam através dos vitrais coloridos da capela e iluminavam o seu corpo na urna, enquanto as velas perdiam vagarosamente o seu clarão.

Pela manhã, saí um pouco da capela e caminhei em direção à cidade. Misturei-me no meio do povo e vi as crianças e os jovens, alegres e despreocupados, uns caminhando em direção às suas escolas e outros ao seu trabalho.

De longe, vi o grande mar azul, movimentando-se com o fluxo e o refluxo das ondas, e o sol beijando a terra com os seus raios dourados. Tudo continuava normalmente...

Com o meu coração tangido pela dor da nossa irmã morte, excitado pela ansiedade que passara naquelas últimas horas, tive ímpetos de parar o mar, cobrir o sol de luto e gritar bem alto para toda a humanidade ouvir: "Parem todos! Silêncio!... UBALDI MORREU!..."

Era a voz da carne que se manifestava, ainda presa a este mundo terreno.

A rádio e a televisão divulgaram a notícia no mesmo dia; mas os jornais locais, os de S. Paulo, do Rio de Janeiro e de Brasília somente o fizeram no dia seguinte.

Cartas e telegramas chegaram de diversos lugares.

O dia foi avançando, mas nem todos puderam comparecer. Poucos vieram.

Com surpresa, compareceu o bom amigo José Amaral, que veio da longínqua cidade de Campos — Estado do Rio de Janeiro, um dos primeiros brasileiros a receber Ubaldi, quando pela primeira vez ele pisou o solo do Brasil, em 1951.

Por recomendação médica, Agnese não compareceu ao enterro. A neta, Adelaide, estava presente e a irmã, Antonieta, estava numa maternidade em S. Paulo, onde dera à luz o primeiro bisneto de Ubaldi.

Outros amigos chegaram. O próprio médico esteve presente e o Prefeito da cidade mandou o seu representante.

A senhora Marina Corrêa e José Amaral proferiram comoventes preces.

Triste hora, essa da despedida...

Antes de se fechar a urna, o amigo Luís Vieira aproximou-se, e entre aquelas mãos que tantas páginas haviam escrito, colocou um pequeno crucifixo de estimação. Foi o último presente material que Ubaldi recebera. Parecia que ele

sustentava aquela cruz como se nos estivesse a dizer: Cristo não me abandonou!...

Não me contive... e as minhas lágrimas de comoção banharam a sua fronte. Tive a sensação de que aquelas lágrimas eram também de todos os seus amigos distantes, que se irmanavam nas nossas preces.

A urna foi fechada e segurei a alça da cabeceira do lado esquerdo, mais perto do coração.

Seguimos o cortejo da capela do hospital até à capela do cemitério...

Uma semitampa que cobria a parte do rosto foi aberta e, através do vidro, vimos a sua face pela última vez.

Neste instante, ouvimos o toque melancólico do sino da capela. O ambiente era de profundo silêncio!...

Como derradeira homenagem, li um poema que nos fora transmitido por via mediúnica, através da médium e nossa amiga Izilda Carvalho Pinna, oferecido pelo espírito Domingos Alves de Carvalho, intitulado: MISSÃO CUMPRIDA.

Eram quase 6 horas da tarde. O sol, já se despedindo do dia, refletia os seus pálidos raios sobre a sua humilde campa. A sua

urna, aos poucos, era coberta pela terra brasileira, ali em S. Vicente, célula-mater desta grande Nação.

O Brasil guardava para toda a eternidade o seu corpo em cruz.

Colocava-se o ponto final da última página do livro do seu destino.

Lembrei-me, então, de Foligno, cidade da mística Úmbria de S. Francisco, que o vira nascer. E enquanto se fechava a sua campa, percebia que se estendia um traço de união entre o Brasil e a Itália; a Itália, conservadora sede do Cristianismo através dos tempos, e o Brasil projetando-se para realizar o Cristianismo renovador do futuro, no cumprimento sublime de ser “O Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho”, berço da Nova Civilização do Terceiro Milénio.

Deixámos o cemitério, voltei ao apartamento. Contemplei novamente aquelas ruas, a velha biquinha, o jardim e a praia.

Tudo continuava como sempre, mas em tudo ficou um vazio que dificilmente será preenchido, e em cada canto permanece uma saudade...

Do amigo de sempre

— (a) *Cláudio Picaçio*”

Como vimos, o seu sepultamento aconteceu no mesmo dia, às 17h30, e pouquíssimas pessoas compareceram ao seu enterro. Apenas cinco automóveis acompanharam o carro fúnebre. Agnese colocou sobre o seu corpo uma dúzia de rosas e outras senhoras colocaram mais duas dúzias. A urna foi a mais simples possível, e nenhuma “coroa” ou flores foram colocadas sobre a sua sepultura. Os jornais só transmitiram a notícia da sua morte no outro dia, 1º de março. Aconteceu exatamente como está escrito no último capítulo de *História de um Homem*. “A chegada da Irmã Morte”.

“O seu corpo foi sepultado com simplicidade e pobreza. Se poucos se haviam preocupado com ele durante a vida, ninguém se preocupou durante a morte. Nada se via do lado de fora: para o mundo, nada existira. Nada se escreveu no mármore sob o seu nome, mas o seu corpo teve a honra suprema da pobreza; os seus funerais não foram profanados pelos discursos, e sua morte não serviu de pretexto para expressões de vaidade de ninguém. Isto era o máximo, restituíra à terra o que a terra lhe emprestara, e o seu corpo foi salvo da mentira das honras humanas. Um manto de infinita paz estendeu-se sobre os pobres restos de uma vida tão trabalhosa”.

O corpo de Pietro Ubaldi foi sepultado junto ao da sua esposa, no cemitério da Saudade, em São Vicente -SP, quadra 13 — 72S, onde foram colocadas, posteriormente, as cinzas da sua filha Agnese Zambeli, em 1975.

Alguns dos grandes jornais do país deram merecido destaque a Pietro Ubaldi, após a sua morte; o Jornal do Brasil, no seu Editorial de Pesquisa, do caderno B, publicado em 18 de março daquele ano, dedicou-lhe um trabalho de página inteira.

Cíclica foi a vida de Pietro Ubaldi, que se dividiu em quatro períodos de 20 anos; cíclico se tornou o aniversário da sua passagem para o outro plano de existência, 29 de fevereiro. Aqui ele viveu 85 anos, 6 meses, dez dias e nove horas.

Assim terminou e terminou bem a vida terrena daquela alma sublime, daquele apóstolo de Cristo e missionário do amor, o arauto da nova civilização do terceiro milénio. Completou a sua missão, deixando um exemplo digno de ser vivido e uma Obra que pode produzir reformas tanto no homem como na sociedade, aplicável a todas as religiões e a todos os governos de todas as nações...

Ubaldi voltou à sua verdadeira pátria, mas a sua Obra aí está, convidando todos a retornarem ao caminho do bem, a Cristo, ensinando a verdadeira senda evolutiva para cada um. O seu espírito permanece connosco, quando lemos os seus livros, quando ouvimos a sua voz através dos seus escritos, orientando-nos, ensinando-nos... Ubaldi não morreu. Ele está vivo, e cada vez mais vivo na eternidade, a ajudar-nos a evoluir. Como disse Chico Xavier ao nosso confrade Alcides Calegari:

“Pietro Ubaldi é um espírito maravilhoso. Deixou uma Obra de imensa luz e até hoje trabalha na espiritualidade para o progresso de todos nós”.

Uma vida tão fecunda quanto a de Pietro Ubaldi mereceu um encerramento tão sublime quanto a sua alma. De uma coisa temos certeza: ele continua connosco em espírito, através dos seus livros e do seu TESTAMENTO ESPIRITUAL.

“Aprendeis na escola do trabalho — o primeiro direito da vida.

Perdoai sempre.

Estudai no grande livro da dor. Sabei sofrer, se quereis subir.

Que o trabalho, o perdão e a dor vos tornem irmãos.

É preciso que o mundo sofra para que possa corrigir-se e avançar.

O cálice da redenção que Cristo nos deixou, bebido primeiro por Ele, não é taça de prazeres ou de inércia, mas de martírio.

O exemplo do Seu sacrifício diz a todos que sem dor não há salvação.

Ninguém pode fugir desta lei fundamental.

Mas, depois da paixão e da cruz, virá a ressurreição e o triunfo do espírito.

Aceitai, portanto, ajudando-vos e amando-vos, a escola do trabalho e o batismo da expiação que purifica, porque é o único caminho de redenção pela dor.

Deixo-vos o aviso: na necessária paixão do mundo está a aurora da nova civilização do espírito”.

CAPÍTULO 23

Via Crucis do Missionário

Revivendo estes últimos 20 anos de Pietro Ubaldi no Brasil, concluímos que estamos diante de um homem não comum entre os seus irmãos: com 66 anos, transferiu-se do seu país, acompanhado de quatro dependentes, confiando apenas na promessa de Cristo. Grande ato de bravura e coragem! Enfrentou os “poderosos” da terra, que tudo fizeram para aniquilar o seu trabalho, usando métodos diversos e torpes, pois achavam que ele e a família deveriam retornar à Itália. Esse foi outro ato de coragem e certeza num poder superior. É claro que existia uma diferença entre as pessoas envolvidas e Pietro Ubaldi. Este conhecia o funcionamento da Lei de Deus e aquelas nem desconfiavam do seu importante papel perante a mesma Lei. Se soubessem disso e fossem mais vigilantes — “vigiai e orai para que não entreis em tentação” — não teriam importunado Pietro Ubaldi, deixá-lo-iam em paz e passariam à história como benfeitores do apóstolo de Cristo. Espiritualmente, foi uma luta terrível, na qual venceu o bem, e o grande vitorioso foi o Evangelho, porque era da vontade de Cristo a permanência do Seu discípulo entre nós.

Em menores proporções, repetiu-se o mesmo drama do calvário, numa longa “via crucis”, com vários anos de martírio. Herodes, Pilatos e os principais sacerdotes surgiram no Getsémani de Pietro

Ubaldi, entretanto ele não poderia defender-se publicamente, citando os nomes dos seus algozes, porque não estaria a perdoar e, pior ainda, não estaria a viver o Evangelho, que amara a vida inteira. Deveria sofrer calado e aprender, com as agressões recebidas, a ser ainda mais humilde. Este caminho também lhe era mais apropriado. De um modo geral, os maldosos não sabem o que estão a fazer e, por isto, fazem o mal em lugar do bem. Eles são perdoados, mas perdão não paga dívida, logo continuam devedores à Lei. Pietro Ubaldi perdoou. Isto, porém, não impediu que cada um continuasse a colher o que semeou.

“A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória”.

Lendo a Obra, vamos encontrar os acontecimentos salpicados aqui e acolá, narrados filosoficamente, com os seus nomes omitidos, por caridade cristã. E, se o “sinédrio brasileiro” tivesse razão, seria vitorioso. Então Pietro Ubaldi não teria finalizado a sua missão, porque o próprio Cristo usaria os Seus recursos para impedir o desvio do Seu mensageiro, ainda mais que o término da Obra estava marcado para o Natal de 1971, com dezasseis anos de antecedência. Se o apóstolo de Cristo continuou firme, sem vacilar, no seu caminho palmilhado de dores e foi o vencedor, os outros que lhe fizeram guerra estavam errados, e por isso fracassaram. No “sinédrio” havia muitas pessoas, porque o homem não quer desempenhar o papel de “sumo sacerdote” sozinho e, por isso, busca outros “sacerdotes” e “Pilatos”, com medo da verdade e de ser o único no barco da negatividade. Diante de uma afirmativa, considerada correta, o papel do indivíduo deveria ser um dos três:

- 1) calar-se, se não aceita ou não compreende;
- 2) negar, colocando outra verdade no seu lugar;
- 3) aceitar e divulgar, se tem condições de assumir.

Entretanto a senda escolhida, muitas vezes, é a da negação vazia, sem ter algo para oferecer — atitude antievangélica. Assim, Pietro Ubaldi enfrentou, aqui no Brasil, o mesmo martírio experimentado na Itália. Se teve alguns momentos de alegria, outros, porém, foram de muita tristeza. Hoje, é fácil dizer: aquele homem foi um profeta, um santo. Verdadeiramente, a sua longa trajetória de Obediência à Lei é digna de profundo respeito e admiração.

Imergindo na Obra recebida por Ubaldi, inspirada por Cristo, concordamos que ela não poderia surgir de outra forma, pois, caso contrário, estaria fora dos parâmetros evangélicos. Se não germinou na Itália, mas se tornou uma frondosa árvore aqui, é porque este é o seu lugar, e do Brasil seguirá para outras partes do mundo.

A harmonia musical da Obra revela a existência harmônica e fecunda do seu autor, que renunciou a este mundo e recebeu como recompensa o outro, ainda desconhecido ao nosso nível evolutivo. Às vezes surge uma aparente desarmonia, mas é uma questão de ótica visual, provocada por interpretações superficiais.

Os dez primeiros volumes que compõem a primeira parte da Obra, a italiana, são mais ligados à religião, à filosofia e à ciência, voltados para o misticismo. *Deus e Universo* é a linha divisória entre as duas obras: italiana e brasileira. Esta é a prática daquela. Uma determinada faixa de leitores identifica-se muito com a segunda parte da Obra, por estar ligada à vida diária de todos... Hoje, neste fim de século e às vésperas do terceiro milénio, quando a verdade é dita com toda a clareza, a Obra de Pietro Ubaldi fala de perto a cada um de nós, então alegremente exclamamos:

“está de acordo com o nosso pensamento!”

Nela há conhecimento para todos os sedentos da sabedoria divina. Ninguém fica sem resposta às suas indagações, nem mesmo os céticos, que também têm as suas interrogações.

Concluída a missão de Ubaldi, cabe a nós a divulgação dos seus livros, se concordamos com a verdade neles apresentada. Se a nossa tarefa é pequenina, não importa, ela está escrita na Lei, como todas as tarefas do bem. A uns foi dado um talento, a outros dois talentos, a alguns cinco talentos e a poucos dez talentos. Quantos talentos recebemos, somente o Senhor sabe. Vamos multiplicá-los, para que, quando chegarmos diante Dele, possamos ouvir estas palavras:

“muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel no pouco, confiar-te-ei o muito.”

CAPÍTULO 24

De Moisés a Pietro Ubaldi (Conclusão)

Quinze séculos antes de Cristo (AC), a Terra era selvagem, os homens viviam numa luta sangrenta e brutal. Os judeus eram escravos dos egípcios, que se consideravam donos do mundo. Os deuses eram muitos, reinava o politeísmo, e as tribos apossavam-se de tudo. O Faraó Seti I era absoluto e mau. Dele surgiram as mais estúpidas ordens para diminuir a natalidade do povo hebreu. Ele obrigava os judeus a trabalharem fatigosamente, para não gerarem filhos, mas, não atingindo o seu objetivo, ordenou que as parteiras matassem toda a criança judia do sexo masculino. Vendo que isso não dava certo, porque as hebreias dispensavam os serviços das parteiras, mandou exterminar todo o menino nascido de judeus. Exatamente nesse período nasceu Moisés, que significava "salvo das águas". Filho de judeus, a sua mãe, para não vê-lo sacrificado, colocou-o no rio Nilo, numa cestinha de papiro, revestida de betume por dentro, para evitar a penetração da água. O local escolhido foi próximo àquele em que a filha do Faraó se banhava. Por isso, Moisés foi salvo por ela e, mais tarde, tornou-se o salvador do povo hebreu.

Deus permitiu a criação da Terra, para a redenção de seres rebeldes que Dele se afastaram. E quando os homens estavam em condições de receber um mensageiro que falasse a sua linguagem

e usasse os mesmos métodos, mas com justiça, enviou Moisés, o Seu fiel intermediário. Este empunha na mão direita o archote da Lei e na esquerda o chicote do castigo.

Moisés mudou a face do mundo. Morreu velho e deixou implantada a crença num Deus único, bom, mas vingativo, quando o povo não seguia os seus ensinamentos ou se rebelava contra Ele.

Muitos séculos foram necessários à assimilação dos Dez Mandamentos revelados a Moisés. Quando chegou o momento oportuno, e o nosso planeta estava em condições de receber uma nova Mensagem, Deus enviou o Seu filho amado: Jesus Cristo.

“Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho unigénito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna”.

Cristo não foi um homem covarde, nem fraco, capaz de sofrer as maiores injustiças como um frágil transeunte. Ele foi, ao contrário, um homem operante, corajoso, manso, humilde, pacífico, justo e poderoso. Nele estavam todas as qualidades positivas de Deus. Ele foi um autêntico representante do Sistema. Cristo morreu de pé, foi traído conscientemente:

“quando estavam à mesa e comiam, disse Jesus: em verdade vos digo que um de vós, que come comigo, me trairá”.

Na hora da morte, disse a Pilatos:

“não terias sobre mim poder algum, se ele não te fosse dado pelo Alto”.

O Evangelho é pleno de Cristo, o Filho de Deus, o Salvador dos homens. Ele foi o divisor de duas civilizações, antes e depois Dele. Os dois mandamentos vividos por Ele traduzem bem a Sua personalidade:

“amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento”

e

“amarás ao teu próximo como a ti mesmo”.

Doze séculos depois, o Céu, acompanhando a evolução da humanidade, observou-a mais humanizada e amadurecida no caminho de retorno ao seio do Pai. Era hora de enviar outro filho Seu que seguisse as pegadas do cordeiro de Deus e tivesse as Suas qualidades. O enviado foi Francisco de Assis. Era preciso diminuir no mundo a ambição desmedida pela riqueza, os prazeres desenfreados, e torná-lo mais obediente ao nosso Criador. O poverello de Assis possuía essas qualidades. O desprezo pela riqueza representa a igualdade entre os homens, o não abuso sexual é o respeito pelo próximo, e a obediência a Deus é a aceitação da Lei Divina. S. Francisco foi o mais perfeito dos homens e o que mais se aproximou de Jesus Cristo. As chagas nos pés, nas mãos e a chaga no coração não foram produzidas por lanças de soldados desumanos, mas nasceram do seu profundo amor a Cristo, da sua identificação com Ele.

Vinte séculos depois de Cristo (d. C.), novamente, Deus na Sua bondade infinita, observou que os homens memorizaram bem e muitos seguiram os Dez Mandamentos revelados a Moisés, os ensinamentos de Jesus Cristo e o exemplo de Francisco de Assis. Viu, ainda, que os Seus filhos estavam aptos a receber mais um enviado Seu, e nos mandou Pietro Ubaldi. No limiar do terceiro milénio, como um divisor de águas, de duas civilizações, uma que vai e outra que chega, não é apenas um homem que fala, e sim uma voz que ressoa aos nossos ouvidos por seu intermédio. Desta vez, não somente o exemplo é mais forte do que as palavras, mas uma Obra ficou escrita, e qualquer um pode ler, estudar, discutir, aprender e encontrar a sua trajetória evolutiva. Com Pietro Ubaldi, o Evangelho de Cristo é traduzido à luz de novos entendimentos. É vivido e falado ao mundo de forma simples, acessível a todos, sem dificuldades.

Moisés, Cristo, Francisco de Assis e Pietro Ubaldi exerceram ministérios imparciais e universais, por isso marcaram épocas e foram divisores de novas civilizações. Moisés encarnou o monoteísmo em lugar do politeísmo reinante. Cristo foi o marco das duas civilizações: bárbara e cristã. São Francisco representou o altruísmo, enfraquecendo o hedonismo predominante. Pietro Ubaldi viveu, por antecipação, a era monista (Deus é a criação), substituindo o monoteísmo (Deus único, mas antropomórfico — criação fora Dele). Pietro Ubaldi não foi o primeiro na história da humanidade, nem será o último. De Moisés a Cristo, quinze séculos; de Cristo a Francisco de Assis, doze séculos; de S. Francisco a Pietro Ubaldi, oito séculos. Por certo que o período será sempre mais

curto, e, provavelmente, novos enviados surgirão nos séculos vindouros, para conduzir-nos ao Sistema, o nosso destino final.

Antes de Moisés e nesses três mil e quinhentos anos, outros grandes missionários passaram pelo mundo, no campo da religião, da filosofia e da ciência, proporcionando a todas as civilizações o progresso espiritual. Deus nunca nos deixou órfãos!

PARTE QUATRO

Reencarnações e Obra

por José Amaral

1. Reencarnações de Pietro Ubaldi

Acreditar na existência da alma, a única força motora capaz de comandar o nosso corpo físico, é fácil, porque sem ela as nossas células entram em decomposição. Se existe alma, Deus a criou e, naturalmente, eterna como Ele. Deus, um Ser perfeito, é o Criador do bem, da luz, da justiça, da paz, da alegria, da felicidade e de todas as qualidades positivas, inerentes ao Sistema. Em oposição a Deus, temos Satanás representando a imperfeição, o mal, as trevas, a injustiça, a guerra, a tristeza, a infelicidade e todas as qualidades negativas, inerentes ao Antissistema. De onde surgiram essas qualidades negativas, ou seja, o Antissistema? Nasceram da nossa queda espiritual, do nosso afastamento de Deus. Agora, no nosso retorno ao seio do Pai, estamos a substituí-las pelas positivas, que ficaram connosco, em estado latente.

Se acreditamos na existência do espírito, como criatura de Deus, cremos também na justiça divina, que oferece a oportunidade de quitarmos os nossos débitos aqui na Terra, vindo a ela tantas vezes quantas forem necessárias. Deste modo, a reencarnação está implícita na nossa queda espiritual e ligada à nossa senda evolutiva, que pode dar-se em qualquer outra parte do universo. Sem reencarnação, como evoluir? E sem evolução, como voltar à casa do Pai? Cair é fácil, mas subir requer esforço e tenacidade; a própria vida mostra-nos isso todos os dias. Que acontece com as almas evoluídas até à angelitude? Algumas retornam à Terra em missão, para auxiliar os seus irmãos que ainda permanecem chumbados no inferno terrestre. Outras continuam no Sistema, a trabalhar para o bem de todos, junto do nosso Criador.

Dentro desses conceitos, vamos apresentar algumas reencarnações de Pietro Ubaldi, mas faremos confrontos de duas, por considerarmos mais importantes e por serem mais profícuas espiritual e historicamente. O nosso trabalho não tem por objetivo explorar a crença reencarnacionista para divulgar a Obra de Pietro Ubaldi, porque ela caminha por si mesma, como toda a Obra do bem, realizada em favor do próximo.

Quando Pietro Ubaldi veio ao Brasil, em 1951, realizou uma série de conferências, e foi divulgado em toda a parte que ele era a reencarnação de Simão Pedro. Houve então um início de idolatria, que, imediatamente, foi afastado pelo conferencista, por ser contrário aos seus princípios e não estar de acordo com o seu temperamento.

“Eu sei: a glória, os louvores do mundo e a notoriedade te repugnam. Compreendo que isso te é uma nova dor. Aceita-a, pois sabes que também isso é necessário, a fim de que se cumpra a tua missão”.

Afirmou a “Sua Voz” na Mensagem recebida em Pedro Leopoldo (MG). Ele tinha plena convicção da sua passagem pela Terra junto de Jesus, recordava-se dos factos marcantes junto do Lago de Genezaré, da Paixão e das lições do Mestre. O seu profundo Amor a Cristo, a sua vivência evangélica e a Obra que deixou, mostram quem foi Pietro Ubaldi.

As revelações das reencarnações dele chegaram de diversos países, desde 1932: da sua pátria (Roma, Milão, Turim, Livorno, Verona etc.), da Inglaterra (Londres), do Brasil (Rio de Janeiro), da

Argentina (Buenos Aires) e de outros lugares. Em 1951, o famoso médium Francisco Cândido Xavier fez chegar ao conhecimento de alguns amigos íntimos, inclusive Clóvis Tavares, que Pietro Ubaldi era a reencarnação de Simão Pedro. Entretanto, Ubaldi não as divulgou, para que não servisse de pretexto à difusão do seu nome ou da Obra descida ao mundo por seu intermédio. Mais de uma vez, conversando connosco sobre esse assunto tão importante, ele disse-nos:

“depois que eu partir, toda a verdade a meu respeito, inclusive as reencarnações, poderá ser divulgada e tornar-se útil para alguém”.

Por isto, tornámos público o que é do conhecimento de muitos e que pode ser encontrado, veladamente, em alguns dos seus livros, sobretudo *História de um Homem e Comentários*.

O primeiro biógrafo de Pietro Ubaldi, Clóvis Tavares, sempre considerou o biografado a reencarnação de um dos doze apóstolos de Cristo, o mesmo que assumiu a direção do Colégio Apostólico após a Paixão do Cordeiro de Deus:

“Quem é esse homem singular, esse missionário humilde e sábio, que reúne a visão dos génios à caridade evangélica dos santos e, numa luta titânica, faz da vida uma sagrada missão de bem, irradia as luzes do Infinito, permanece fiel a Deus num mundo pagão sibarita?

É justo perguntar. ‘Quem não pergunta não quer saber, e quem não quer saber quer errar’ — reflete Vieira.

Quem é Pietro Ubaldi? Que o coração e a inteligência do leitor o sintam e compreendam...”

Assim Clóvis terminou o capítulo XII de *“Vida e Obra de Pietro Ubaldi”*.

E logo no capítulo seguinte, lemos:

“O Grande Pescador de Almas, que é este o aspeto social-religioso da sua missão apostólica, acha-se, em pleno século XX, a cumprir a missão delegada pelo Alto, missão que não conhecerá prescrições do tempo ou da morte; prosseguirá, sempre, através dos séculos, num trabalho que se cumpre por uma serena conquista de corações, por uma suave infiltração de bem nas almas, por uma persuasiva e consciente penetração afetuosa no espírito dos homens”.

Entre esses dois capítulos (XII e XIII), havia um terceiro, *“A Personalidade Espiritual do Grande Apóstolo”*, o qual, embora verdadeiro, Pietro Ubaldi solicitou que fosse retirado, porque, nesse capítulo, o seu biógrafo mostrava, utilizando argumentos do Evangelho, além de outros, que Pietro Ubaldi era a reencarnação do Apóstolo Pedro. Nós tivemos oportunidade de ler aquelas belas páginas, algumas vezes, e a última foi em 9 de junho de 1955. Infelizmente, elas se extraviaram, com a nossa mudança para o Rio de Janeiro.

Outros companheiros nossos, que já nos antecederam na grande viagem também acreditavam no retorno de Simão Pedro, em pleno século XX. Entre eles, Medeiros Corrêa Júnior — professor, jornalista, escritor, magistrado e vice-presidente da Fundação Pietro Ubaldi — que prestou o seu depoimento no artigo “*As Chaves do Reino*”, publicado no jornal *Evolução*:

“Não se admire o leitor menos avisado com a afirmação de que, em Pietro Ubaldi, cumpriu-se a promessa de Cristo de que “as Chaves do Reino dos Céus” seriam um dia entregues ao intrépido Simão Pedro, o pescador de Cafarnaum, que a evolução espiritual, através das reencarnações, transformaria em um revelador de verdades novas, compatíveis com o progresso das ciências e com a inteligência do homem do século vinte.

Nas mãos de Ubaldi estão as chaves desse reino de ensinamentos libertadores; com elas se abrem as portas de um templo iluminado, onde o Cristo eterno, Sábio e Poderoso volta a falar-nos, não mais em parábolas ou envolto em doces mistérios, mas na linguagem clara, científica e lógica, que a psicologia do homem moderno comporta. O Mestre renova o seu pensamento, porque os tempos chegaram, o século vinte agoniza, a civilização materialista encontra-se em processo de desagregação, para que a era do Espírito se implante na Terra”.

Ainda existem entre nós outras testemunhas, que tiveram contato com Pietro Ubaldi, quando este confirmou a sua existência

no pretérito na pessoa de Simão Pedro. No Brasil, destacamos Manuel Emygdio da Silva (Brasília), Cláudio Picazio (São Paulo), César Burnier (Rio de Janeiro). Na Itália encontramos Alessio Galati (Roma) e Ricardo Pieracci (Florença). O primeiro acompanhou Pietro Ubaldi à prisão Marmertina, antes de vir definitivamente para o nosso país. Visitando demoradamente aqueles locais, Ubaldi disse a Galati:

“realmente, eu vivi aqui; neste local estive preso no primeiro século do cristianismo nascente e fui o Apóstolo Pedro”.

Quando Ricardo Pieracci — pintor, filósofo e autor de Pietro Ubaldi e *A Grande Síntese* — visitou Ubaldi na Páscoa de 1942, teve um diálogo com o visitado sobre a sua reencarnação como Simão Pedro. Ubaldi disse-lhe ter plena convicção desta verdade, então Pieracci pediu a Ubaldi que confirmasse isso, escrevendo a palavra “Pedro abaixo da dedicatória, já assinada, em *A Grande Síntese*, presenteada a ele naquele momento. Ubaldi apanhou o livro e escreveu “Pedro”. O filósofo florentino, apoiado nesse encontro e em outros posteriores, fez esta declaração:

“Ubaldi sempre me afirmou, como tem dito também aos seus amigos, haver sido o Apóstolo Pedro”.

Para os que acreditam na “Teoria da Reencarnação”, estudada por muitos autores, inclusive por Pietro Ubaldi em *Problemas Atuais*, vamos apresentá-la confrontando qualidades, conceitos e ensinamentos de cada um dos apóstolos: Pietro Ubaldi e Simão Pedro. Diz-nos Ubaldi:

“para conhecer as nossas existências pretéritas, basta examinar a atual, observar as nossas tendências e acompanhar os acontecimentos que nos rodeiam, seguindo os ditames da Lei. Com isso conhecemos o passado e prevemos o futuro”.

2. Mediunidade

A mediunidade em Pietro Ubaldi desabrochou em tenra idade e desenvolveu-se mais intensamente a partir dos 45 anos. Diz ele:

“observar o mundo dos vivos ou o mundo dos mortos é para mim problema secundário em face da minha evolução. Sou um exilado na Terra e busco desesperadamente a minha pátria distante”.

Em julho de 1956, estávamos (Pietro Ubaldi e eu) na Ilha de Paquetá (RJ), quando recebemos uma carta de Leinha (a minha noiva naquela época), então ele disse-me:

“vou transportar-me em espírito e descrever a casa e dizer o que a sua noiva está a fazer neste momento”.

Concentrou-se, foi à residência dela, desconhecida para ele, em Campos — RJ, e descreveu a casa nos seus mínimos detalhes: entrada, cômodos, o que continha cada um deles, dizendo inclusive que Leinha estava a cantar e a lavar roupas nos fundos da casa. Logo após, pediu-me para escrever-lhe, solicitando confirmação, então o fiz imediatamente. Alguns dias depois, recebemos a resposta, confirmando tudo, até os pormenores. Os dois planos (material e espiritual), para a maioria dos homens, quando reencarnados, são distintos, mas para Ubaldi se fundiam num só,

devido à sua sensibilidade mediúnica. Não lhe fazia diferença viver espiritualmente voltado para o nosso mundo ou para o outro, mas sempre preferiu o outro. No volume *As Noúres — Técnica e Receção das Correntes de Pensamento*, ele apresentou os diversos tipos de mediunidade, a dele e a de outros inspirados.

Quando Jesus subiu ao monte Tabor, local da transfiguração, levou consigo Pedro, João e Tiago, e lá apareceram Moisés e Elias, que foram com Jesus. Pedro e os seus companheiros estavam oprimidos de sono, mas, conservando-se acordados, viram a sua glória e os dois varões ao lado Dele. Ao apartarem-se de Jesus, disse-lhe Pedro:

“Mestre, bom é estarmos aqui e façamos três tabernáculos: um para Ti, outro para Moisés e outro para Elias”.

Outras visões e outros tipos de mediunidade, inclusive a da cura, são notáveis em Simão Pedro. Atos dos Apóstolos e as suas biografias estão eivados de acontecimentos mediúnicos.

3. Obediência

Pietro Ubaldi foi sempre dócil e obediente, desde menino. Até o sofrimento ele aceitou com toda a humildade. Concordou, sem discutir, com a escolha da profissão e do casamento, feita pelos pais. Não lutou contra a igreja, quando esta o perseguiu. Não se defendeu, quando vários artigos foram escritos contra ele. Tudo aceitou em silêncio, porque a “Sua Voz” lhe dizia que ficasse tranquilo. Sobre a necessidade e a vantagem de ser obediente à Lei

de Deus, Pietro Ubaldi escreveu dois volumes: *A Lei de Deus* e *A Técnica Funcional da Lei de Deus*.

“O ser é livre, mas o universo é um concerto musical, onde qualquer dissonância produz sofrimento. Num sistema dessa natureza, é lógico que a felicidade não possa ser atingida senão pelo caminho da obediência, e que a revolta não possa trazer senão sofrimentos”.

Assim viveu Pietro Ubaldi, sempre obediente à Lei.

O mesmo acontecia com Simão Pedro, desde quando estava a pescar no mar da Galileia, com o seu irmão André, e foram convidados por Cristo para serem os seus discípulos:

“Segue-me e Eu vos farei pescadores de homens. Imediatamente eles deixaram as redes e O seguiram”.

Pedro era casado, e naquele momento não cogitou dos problemas da sua família, obedeceu simplesmente. Mais tarde, quando preso juntamente com outros companheiros e soltos pelos anjos, o Sinédrio mandou buscá-los no templo e os admoestou que não ensinassem em nome de Jesus. Pedro e os outros apóstolos responderam:

“importa antes obedecer a Deus que aos homens”.

O próprio Simão Pedro ensinou a obediência na sua primeira Epístola:

“vós que sois mais moços, sede sujeitos aos que são mais velhos, e cingi-vos todos de humildade, para servirdes uns aos outros, porque Deus resiste aos soberbos, mas aos humildes dá graça. Humilhai-vos, pois, debaixo da poderosa mão de Deus, para que Ele vos exalte a seu tempo”.

4. A Boa Nova

Pietro Ubaldi tinha por instinto o Evangelho, e todos os seus atos estavam pautados na Boa Nova de Cristo. O amor, o perdão, a confiança, a consciência do dever cumprido, o respeito pelo próximo, a obediência aos ensinamentos de Jesus, tudo isso estava impregnado no seu coração, que o tornava um espírito forte e poderoso. Para o mundo era um homem frágil, fácil de ser manipulado, mas, espiritualmente, era uma rocha gigantesca.

“Se, no alto, sou forte, porque sustentado pela corrente nouírica, sou humanamente débil cá em baixo e devo, timidamente e sozinho, dar os primeiros passos dessa grande viagem, que implica numa transformação de consciência”.

Em outra passagem afirmou ele:

“Havia jurado fé no Evangelho e com o Evangelho queria ir até o fim, se necessário, até os extremos da desesperação e da morte. Havia decidido dar agora à minha vida este conteúdo: a experiência suprema do Evangelho, integralmente vivida”.

Foi, sem dúvida, uma experiência vitoriosa. Sobre o Evangelho escreveu *Evolução e Evangelho*, além de mencioná-lo em toda a sua Obra.

Essa mesma preocupação teve Simão Pedro com a Boa Nova, em divulgá-la e dar o melhor exemplo possível.

“Tendo chegado a Cafarnaum, dirigiram-se a Pedro os que cobravam as duas dracmas e perguntaram: não paga vosso Mestre as duas dracmas? Respondeu ele: paga. E ao entrar Pedro em casa, antes que falasse, perguntou-lhe Jesus: que te parece, Simão? De quem recebem os reis da terra tributo ou imposto? Dos seus filhos ou dos estranhos? Respondeu ele: dos estranhos. Jesus concluiu: logo são isentos os filhos. Mas, para que os não escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que subir, tira-o e, abrindo-lhe a boca, acharás um státer (quatro dracmas), toma-o e entrega-lhes por Mim e por ti”.

Pedro não foi consultar Jesus se devia pagar ou não impostos, imediatamente respondeu que pagava. Na passagem do perdão, tão conhecida de todos nós, Pedro não perguntou a Jesus se devia perdoar, mas quantas vezes deveria perdoar o seu irmão.

“Senhor, quantas vezes pecará o meu irmão contra mim, que lhe hei de perdoar? Será até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete”.

Para a maioria de nós, mais de uma vez não nos agrada, entretanto Simão queria perdoar sete vezes, mas Jesus ensinou-lhe que devia perdoar 490 vezes. Ele recebeu o belo ensinamento e perdoou a vida inteira. Nas suas Epístolas, a sua preocupação não é menor para com os seus companheiros na observância do Evangelho:

“sede, portanto, prudentes e sóbrios com a oração. Tendo antes de tudo ardente caridade uns para com os outros, porque a caridade cobre a multidão dos pecados”.

Essa vontade de viver de acordo com as prerrogativas do Mestre acompanhou o Apóstolo Pedro em toda a sua existência, como nos mostra Paulo e Estêvão — Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier — e todas as obras sobre o Pescador de Cafarnaum, inclusive o Novo Testamento.

5. Cristo — Figura Central

Cristo sempre foi a figura central para Pietro Ubaldi e apareceu-lhe muitas vezes. Em uma delas, perguntou-lhe se estava disposto a cumprir junto Dele uma missão, mas, para isso, era necessária muita disciplina... Ubaldi, prontamente, deu o seu consentimento. Cristo foi o último volume, o coroamento de toda a Obra.

“A função do Cristo foi, pois, a de fazer descer a Lei do Pai dos Altíssimos planos do Absoluto — tão longe da realidade da nossa vida — até ao nível humano, convertendo aquela Lei numa norma ética, diretora da nossa conduta. Cristo expressou assim a qualidade central da Lei, que é a positividade (Sistema), em oposição à qualidade dominante do mundo, que é a negatividade (Antissistema). Cristo expressou tal positividade na forma de retidão, isto é, de prática da honestidade e da justiça, indicada como meio de endireitar o emborcamento provocado pela queda, ou seja, como meio de redenção e salvação”.

Pietro Ubaldi tomou esse Cristo a sério, vivendo uma vida cristocêntrica e assumiu com Ele os três compromissos, já do nosso conhecimento:

“Senhor, eu sou o Teu servo, nada mais quero do que isto”, “Senhor, eu me ofereço a Ti pela salvação do mundo” e “Senhor, seguir-Te-ei até à Cruz”.

O Novo Testamento regista a mesma dedicação de Simão Pedro a Cristo e à Mensagem de salvação que o Messias legou para toda a humanidade. Nas suas Epístolas, o Apóstolo aconselha:

“Como filhos da obediência, não vos conformando com as cobiças que antes tínheis no tempo da vossa ignorância, mas assim como santo aquele que vos chamou, tornai-vos, vós também, santos em todo o vosso procedimento, porquanto está escrito: sereis santos, porque eu sou santo”.

Quando o Mestre ainda peregrinava neste mundo, muitos dos seus seguidores se retiraram...

“Perguntou, então, Jesus aos doze: quereis vós também retirar-vos? Respondeu-Lhe Simão Pedro: Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens as palavras da vida eterna, e nós temos crido e sabemos que Tu és o Santo de Deus”.

Esta foi uma posição e um compromisso assumido para com o Cristo, que se tornou a figura central na vida do Pescador de Cafarnaum.

6. Amor a Cristo

Pietro Ubaldi identificou-se tanto com o Cristo, que a ele podemos aplicar aquelas palavras de São Paulo:

“Para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro”.

O próprio Ubaldi afirma-nos no seu livro *Ascese Mística*:

“O Cristo histórico realmente morreu e parece ter acabado. Mas, existe um Cristo mais profundo, e ele continua vivo. É Deste que falo. Ele está vivo na minha sensação e na minha paixão. O verdadeiro Cristo é uma realidade e uma sensação imensa que repele imagens. É um infinito que se conquista por sucessivas aproximações, à medida que o espírito sobe aos vários planos de conhecimento de Cristo, os quais são uma revelação progressiva da sua essência divina. Cristo! Tu és a bondade que acaricia, o amor que inflama, a luz que guia. É também a prova que me cabe, para o meu bem, a dor que liberta, a morte que me restitui a vida. É este Cristo imaterial, interior, vivente e presente que eu sinto, respiro e vivo, que penetra e se identifica comigo. Se a sensação de Deus se alcança essencialmente através da mente, a sensação de Cristo se toca essencialmente através do coração”.

São inúmeros os períodos da vida de Pietro Ubaldi nos quais ele revela o seu imenso amor a Cristo e à Sua personalidade sob diferentes ângulos.

Para confirmar o grande amor que Simão Pedro tinha a Cristo, basta assinalar o seu papel na continuação do trabalho messiânico feito por Jesus e aqueles dois episódios conhecidíssimos do Evangelho. O primeiro quando Pedro negou o Mestre pela terceira vez:

“Virando-se o Senhor, olhou para Pedro, e Pedro lembrou-se da palavra do Senhor, como lhe havia dito: Hoje, antes de cantar o galo, três vezes me negarás. E, dirigindo-se para fora, chorou amargamente”.

Este facto não foi somente de arrependimento, mas, sobretudo, de amor. Ele amava o Mestre de todo o coração e por isso chorou amargamente. O segundo episódio é narrado por João, dizendo que Jesus, depois da crucificação, apareceu a sete discípulos e os convidou a almoçar.

“Depois de terem almoçado, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes? Ele respondeu: sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. Ele disse-lhe: apascenta os meus cordeiros. Pela segunda vez perguntou-lhe Jesus: Simão, filho de João, amas-me? Ele respondeu: sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. Ele disse-lhe: pastoreia as minhas ovelhas. Pela terceira vez perguntou-lhe Jesus: Simão, filho de João, amas-me? Pedro entristeceu-se por Ele lhe ter perguntado pela terceira vez: Amas-me? Respondeu-lhe: Senhor, Tu conheces todas as coisas, Tu sabes que Te amo. Disse-lhe Jesus: apascenta as minhas ovelhas”.

O discípulo somente é fiel ao seu Mestre, quando o ama. E Simão foi absolutamente fiel a Cristo até à morte.

7. Coragem

Pietro Ubaldi foi sempre um homem corajoso, não no sentido humano, mas diante de Deus. Renunciou à riqueza e ao conforto que esta lhe proporcionava, preferindo viver modestamente, num quarto humilde, ganhando o pão com o suor do seu rosto. Revelou verdades ao mundo e foi descomprometido de qualquer grupo religioso ou filosófico. Os aspetos de imparcialidade e universalidade da sua Obra deram-lhe uma grandeza incomensurável de um lado e, por outro, uma estupenda coragem para vê-la divulgada num mundo onde as pessoas se agrupam em

torno de uma ideia ou religião ou filosofia, contra as demais. Enfrentou todas as dificuldades possíveis para chegar ao término do 24º volume.

O mesmo se pode dizer do Apóstolo Pedro. Este foi um homem corajoso. Acompanhou Jesus por toda parte, até ao calvário. Em Atos dos Apóstolos, vamos encontrá-lo a pregar a Boa Nova do Mestre nos templos e em outros lugares proibidos. Foi preso várias vezes e, em algumas delas, solto pelos anjos. Encorajava todos os cristãos que viviam à sombra dele a serem fieis ao cristianismo até à morte. Relata-nos o livro *Paulo e Estêvão*, em uma das vezes que ele fora preso:

“Quando Saulo de Tarso foi diretamente prendê-lo e chegou à Igreja do Caminho, Simão Pedro, em pessoa, foi atendê-lo com grande serenidade nos olhos.

– És tu Simão Pedro, antigo pescador de Cafarnaum? — perguntou Saulo, com certa insolência.

– Eu mesmo — respondeu com firmeza.

– Estás preso! — disse o chefe da expedição num gesto de triunfo. E, mandando que dois dos companheiros se adiantassem, ordenou que o Apóstolo fosse algemado incontinentemente. Pedro não opôs a mínima resistência. Impressionado com o temperamento pacífico que os

continuadores do Nazareno testemunhavam sempre, Saulo objetou com escárnio:

– O Mestre do “Caminho” deve ter sido um alto modelo de inércia e covardia. Ainda não encontrei qualquer indício de dignidade nos seus discípulos, cujas faculdades de reação parecem mortas.

Recebendo em cheio tão acerba injúria, o ex-pescador respondeu serenamente:

– Enganai-vos, quando assim julgais. O discípulo do Evangelho é apenas inimigo do mal e, na sua tarefa, coloca o amor acima de todos os princípios. Além do mais, nós consideramos que todo jugo, com Jesus, é suave”.

8. Fraqueza Humana

Pietro Ubaldi teve os seus momentos de vacilações. Apesar de ser um gigante espiritual, era homem e não estava isento das influências negativas deste mundo. Lutou bravamente para superar a sua animalidade inferior, e o espírito venceu a matéria. Mas diz-nos o próprio Ubaldi:

“os sofrimentos vêm-me do esforço de realizar a minha evolução espiritual, fundido como me encontro num organismo animal que me arrasta para baixo, constrangido a um trabalho que me inclina para baixo, localizado numa atmosfera humana que me atrai para baixo.

A minha paixão é evadir-me das baixas camadas da animalidade humana”.

Quando *A Grande Síntese* foi colocada no Librorum index Prohibitorum pela Igreja, a sua dor foi titânica, porque ele amava aquele livro, revelado pela “Sua Voz”. Tão grande fora o seu desânimo, que “decidira quebrar a pena, renunciar a escrever, renunciar a compreender e, afinal, renunciar a pensar. Mas não compreendera que a sua vontade não bastava e que, mesmo querendo, não é possível sufocar o espírito”. Arrependido, ele assumiu o peso da sua própria responsabilidade. Todos, neste mundo, estão sujeitos a pequenos e grandes erros, a pequenos e grandes fracassos, a pequenas e grandes quedas, e Pietro Ubaldi não era perfeito, por isso entendemos a sua confissão diante de Cristo.

E Simão Pedro? Também teve os seus momentos de vacilações. Vejamos o que diz o Evangelho:

“Os discípulos, vendo-O (referência a Cristo) andar sobre o mar, perturbaram-se e exclamaram: é um fantasma! e gritaram de medo. Mas, imediatamente, Jesus lhes falou: tende bom ânimo, sou Eu, não temais. Disse Pedro: se és Tu, Senhor, ordena que eu vá por cima das águas até onde estás. E ele disse: Vem. E Pedro, saindo da barca, andou sobre as águas e foi para Jesus. Quando, porém, sentiu o vento, teve medo e, começando a submergir, gritou: Salva-me, Senhor! No mesmo instante, Jesus, estendendo a mão, segurou-o e perguntou-lhe: por que duvidaste, homem de pouca fé?”.

Ora, Jesus o proclamou “homem de pouca fé”, porque Pedro vacilou, mas foi o único que teve a coragem de sair da barca e ir ao

Seu encontro sobre as águas. É bastante conhecido dos cristãos o episódio da negação de Pedro:

“Simão, eis que Satanás obteve permissão para vos joeirar como trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça, e tu, uma vez arrependido, fortalece os teus irmãos. Disse-Lhe Pedro: Senhor estou pronto a ir contigo não só para a prisão, mas também para a morte. Disse-lhe Jesus: declaro-te, Pedro, que, hoje, antes de o galo cantar, três vezes terás negado que me conheces”.

Como todas as palavras de Jesus, estas também foram cumpridas. Diz o livro *Quo Vadis?*:

“Para Simão não ser morto, fugia de Roma, mas ao encontrar-se com o Cristo, retornou à cidade eterna e foi crucificado de cabeça para baixo. Apesar de Simão Pedro ser a rocha de Cristo, uma verdadeira fortaleza espiritual, também era humano, e a dúvida tomou conta dele por alguns momentos...”

9. Missão Apostólica

A Obra (24 volumes) concebida por Pietro Ubaldi, abrangendo todos os ramos do conhecimento humano e fazendo-o convergir para Deus, enfeixa uma vasta sabedoria deste mundo e do outro. Ela mostra-nos que os caminhos para o céu podem ser aqueles pregados pelas diferentes correntes religiosas ou filosóficas, assim como aqueles seguidos pela ciência. Todo aquele que exerce, com amor, uma atividade honesta, vive a fazer o bem e incorpora em si recursos espirituais que o conduzirão a Deus. Ubaldi, ao viver e realizar uma Obra tão grande quanto a sua alma, revelou ao mundo um novo processo de vida, segundo o qual cada um pode controlar

a sua própria evolução, seguindo os ditames da Lei. Com a leitura da Obra de Pietro Ubaldi, ficamos a conhecer a nossa origem espiritual, o nosso afastamento de Deus e o caminho de retorno a Ele.

Dos discípulos de Jesus, Simão Pedro foi o que mais se destacou, desde quando revelou que o Mestre era o esperado Filho de Deus, o Messias prometido, e Cristo respondeu:

“Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do hades não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus: o que ligares sobre a terra será ligado nos céus, e o que desligares sobre a terra será desligado nos céus”.

Jesus sabia que Pedro seria capaz de assumir o Colégio Apostólico, seria o Seu continuador e o intermediário para futuras revelações ao mundo, razão pela qual o escolheu. Todos os livros sobre Simão Pedro são unânimes em apontá-lo como o responsável direto pelo prosseguimento do cristianismo nascente. É notável isto: Simão era um pobre pescador de Cafarnaum, e Jesus o transformou num rico pescador de almas. Na verdade, Simão era um sábio, apesar de aparente pescador iletrado; eis o que ele nos diz nas suas Epístolas:

“Se apenas o justo se salvará, aonde comparecerão o ímpio e o pecador? Portanto também aqueles que sofrem segundo a vontade de Deus, confiem as suas almas ao fiel Criador, praticando o bem. Pastoreai o rebanho de Deus que está entre vós, não por força, mas espontaneamente, segundo a vontade de Deus. Vós, aplicando da vossa parte toda a diligência, ajuntai à vossa fé a virtude; à virtude,

a ciência; à ciência, a temperança; à temperança, a fortaleza; à fortaleza, a piedade; à piedade, o amor dos irmãos; ao amor dos irmãos, a caridade”.

Quanta sabedoria em tudo isso! Em tão poucas palavras, Simão Pedro ensina a união entre ciência, filosofia e religião. Este é o tripé de *A Grande Síntese*.

10. O Conceito de Criação

Em *A Grande Síntese, Deus e Universo e O Sistema*, Pietro Ubaldi, inspirado pela “Sua Voz”, apresenta a nossa origem espiritual. Retira de nós aquela ideia de que somos criados ao nascer neste mundo ou segundo a velha teoria de Adão e Eva, ambas incompatíveis com a evolução e a sabedoria divina. A nossa criação, conforme o pensamento ubaldiano, foi uma criação de Deus, mas daquele Deus do Evangelho: “Deus é Amor”. Pietro Ubaldi trouxe uma verdade que abalou os alicerces de muitas religiões, porque a ela chegámos através da fé raciocinada e da lógica, e não somente pela crença, como se fazia outrora. Diz-nos *Deus e Universo*:

“Podemos agora compreender o nosso universo. Ele é uma criação negativa, não a originária, uma segunda criação, derivada e corrompida, consequência da primeira. Aqui, o primeiro sistema inverteu-se, e o vemos revirado. Aqui, o espírito eterno e perfeito precipitou-se na matéria caduca e imperfeita. O amor tornou-se físico, de corpos prontos a entrarem em decomposição. Aqui, a existência eterna despedaçou-se no ciclo em que, como duas metades, gravitam os dois opostos vida-morte, encerrados no tempo. A felicidade naufragou na dor, o espírito infinito enclausurou-se no limite do finito. A medida originária (incorrupta) do ser não é o

tempo, mas a eternidade; não é o finito, mas o infinito; não é o relativo, mas o absoluto; sendo assim para cada qualidade humana, das quais só restaram ruínas. Explica-se, desta forma, por que o instinto mais forte e a maior alegria do ser sejam a superação do limite. É que eles significam a reaproximação com o centro e o reencontro com o originário infinito”.

Como vemos, a criação dos espíritos, a primeira, foi espiritual, de seres que tinham as mesmas qualidades positivas de Deus, e não qualidades opostas a Ele, porque, se Deus é perfeito, não poderia criar seres imperfeitos. Se caímos e nos afastamos de Deus, agora estamos a voltar, através da reconquista das qualidades do amor e da sabedoria.

Simão Pedro, numa visão rápida, há dois mil anos, já havia captado a nossa criação e deixou escrito nas suas Epístolas às futuras gerações:

“Deus não poupou os anjos, quando pecaram, mas lançou-os no inferno e os entregou aos abismos de escuridão, para serem reservados para o juízo. Portanto, se, depois de terem escapado das corrupções do mundo pelo pleno conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, deixam-se enredar nelas de novo e são vencidos, o seu último estado torna-se pior do que o primeiro. Porque melhor lhes fora não terem conhecido o caminho da justiça, do que, depois de o conhecerem, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado. Porque lhes há sucedido o que diz o verdadeiro provérbio: voltou o cão ao seu vômito, e a porca lavada a revolver-se no lamaçal. Amados, somente disto não vos deveis esquecer: de que um dia diante do Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. Não retarda o Senhor a Sua promessa, como alguns entendem, mas Ele é longânimo para convosco, não querendo que alguns pereçam, mas que todos venham ao arrependimento”.

Aqui, encontramos exatamente a teoria apresentada por Ubaldi nos seus três livros teológicos.

11. Tarefas Harmoniosas

Pietro Ubaldi desempenhou a sua tarefa com harmonia, amor, bondade, conhecimento e profundo espírito de justiça. Os acontecimentos espirituais da sua vida foram tão harmônicos, que lhe deram condições de prever o término da sua Obra e com ela o fim da sua existência terrena. No capítulo “*Entrevista com Pietro Ubaldi*”, na Parte Três deste volume, o leitor se depara com esta afirmativa:

“O livro *Cristo* será o coroamento da Obra, o vértice da pirâmide e também o ponto final da minha vida e o término da minha missão”.

Mais adiante, vamos encontrar:

“No Natal de 1971, estará tudo acabado, exatamente, porque a Obra foi iniciada no Natal de 1931 e vai durar 40 anos, no meio do século XX, com 20 anos antes e 20 anos depois”.

No seu livro *Profecias*, concluído no Natal de 1955 e publicado no ano seguinte, ele havia feito essa mesma previsão. O que levou Pietro Ubaldi a prever com tanta antecedência tais acontecimentos? Sem dúvida, a harmonia com a qual eles se realizavam. Exatamente, como fora previsto, o Apóstolo de Cristo encerrou a sua missão no dia 25 de dezembro de 1971 e desencarnou dois meses depois, em 29 de fevereiro de 1972.

Simão Pedro exerceu também um ministério harmonioso. Sempre teve grande habilidade para contornar os factos e exercer a sua tarefa missionária. Isso prova que estava constantemente em contato com as forças do bem. Na Boa Nova, encontramos muita serenidade no antigo Pescador de Cafarnaum, a sua calma e as suas ponderações inspiravam confiança em todos os companheiros, que tinham por ele profundo respeito. Logo após a crucificação de Jesus, narra-nos o Evangelho que Maria Madalena foi ao túmulo e, não encontrando o corpo do mestre, foi a correr avisar Simão Pedro e João (o Evangelista), e ambos foram juntos. João, que andou mais rápido, chegou primeiro, mas não entrou no túmulo e esperou que Pedro tomasse o seu lugar. Em *Paulo e Estevão*, diz-nos Emmanuel:

“em todo o curso da discussão, a figura de Pedro era a mais impressionante pela augusta serenidade do semblante tranquilo”.

Era o tipo de homem que vivia em paz com a sua consciência, pelo dever cumprido. Em outra passagem, o mesmo Emmanuel afirma-nos:

“A atitude ponderada de Simão Pedro salva a igreja nascente. Mesmo quando era libertado das prisões, havia paz e tranquilidade, porque, não raro, os anjos o libertavam, e estes são silenciosos.”

12. Presença de Cristo

Cristo era uma presença marcante na vida de Pietro Ubaldi e fez-se visível muitas vezes. Acreditamos que a luz vista por ele na igreja, quando ainda criança, sobre a qual fora obrigado a calar-se,

tenha sido a luz do próprio Cristo a dizer-lhe: “eis que estou contigo”. A sintonização entre Cristo e Pietro Ubaldi era total e, quando necessário, tomava formas delineadas. Foi visto em 1927, quando Ubaldi fez o voto de pobreza. Apareceu, juntamente com S. Francisco de Assis, em 1931, em Colle Umberto, quando Ubaldi renunciou à riqueza e o conforto proporcionado por ela. Apareceu em Módica, na Sicília, no início da vida missionária de Pietro Ubaldi. Fez-se presente no comboio, quando Ubaldi retornava a Gúbio, após as festas natalícias junto da família, muito preocupado com a solidão daquele quarto frio, numa casa gelada. Assim é descrito o aparecimento de Cristo a Ubaldi:

“Como de outras vezes, nascia primeiro o olhar e esse olhar lhe falava”.

Em Gúbio,

“Às vezes, o colóquio se fazia tão intenso, tão forte aquele pensamento batia às portas da sua alma, que lhe parecia encarnar uma forma branca, luminosa e diáfana, que recordava a figura de Cristo. E o protagonista a olhava, para fixar-lhe os lineamentos feitos de luz”.

Em 17 de agosto de 1951, em Pedro Leopoldo, transmitiu-lhe uma Mensagem de encorajamento. Naqueles saudosos dias dos meses de janeiro e fevereiro de 1964, na praia de Grussaí, diz Ubaldi na última página de *Um Destino Seguindo Cristo*:

“Assim vivo nesta casinha humilde, à beira do mar, num deserto povoado de pensamentos, no meio do vento e das ondas, hospedado graças à bondade e ao amor de um amigo sincero. Assim, vivo aqui,

livre e despreocupado, longe do inferno humano. Passo as noites a escrever, ocupando-me de Cristo, como O sinto a meu lado. Ele está a olhar-me, e eu leio nos Seus olhos o pensamento de Deus”.

Em São Vicente, no seu quarto e gabinete de trabalho, Cristo aparecia-lhe constantemente, e acreditamos que isso tenha ocorrido em muitos outros lugares do nosso imenso país.

O mesmo dizemos de Simão Pedro. Cristo, quando ainda neste mundo, sempre procurou trazer ao seu lado o discípulo a quem entregou as chaves do reino, talvez pela responsabilidade que deveria assumir após a Sua crucificação, porque viu nele o seu principal herdeiro espiritual. Convidou-o para ir com Ele ao local da transfiguração; chamou-o para andar sobre as águas do mar de Tiberíades; avisou-o de que ele O negaria três vezes, antes que o galo cantasse; levou-o Consigo para o monte das Oliveiras; fez com ele e os demais apóstolos a última ceia; realizou várias curas na sua presença; disse-lhe e aos demais discípulos que os enviaria como ovelhas no meio de lobos; repreendeu-o na hora necessária; explicou-lhe, assim como aos outros que estavam na sua companhia, várias parábolas; e além de tudo isso não o abandonou, nem depois da ressurreição. Quando dois discípulos Seus seguiam para Emaús, Jesus caminhou com eles e explicou toda a escritura a Seu respeito. Quando o Senhor desapareceu após a partilha do pão, eles se recordaram de que Ele havia ressurgido e apareceu a Simão Pedro. Em toda a trajetória do Apóstolo, Jesus se fazia presente, até ao fim da sua existência terrena, como nos relata Henry Sienkiewicz em *Quo Vadis?*:

“Numa madrugada, dois vultos sombrios percorriam a Via Appia, na direção das planícies e dos campos.

Um era Nazário, o outro era Pedro, que abandonava Roma e os seus filhos aí martirizados. A estrada estava deserta. Os camponeses, que levavam legumes para a cidade, não tinham ainda atrelado as suas carroças. No lajedo de pedra que calçava a estrada até às montanhas, ressoavam debilmente as sandálias dos dois peregrinos.

O sol emergiu por detrás do dorso da serra, e um espetáculo estranho se apresentou aos olhos do Apóstolo. Pareceu-lhe que a dourada esfera, em vez de se elevar no céu, deslizara do cimo dos montes e vinha ao seu encontro.

Pedro deteve-se e perguntou:

Vês esse clarão que caminha para nós?

– Nada vejo, respondeu Nazário.

Mas o Apóstolo abrigou os olhos com a mão e, passado um instante, afirmou:

– Dirige-se para nós um homem transportado na irradiação do sol! Mas não se ouvia som dos passos; em torno, o silêncio era absoluto. Nazário só distinguia as árvores, que estremeciam

como agitadas por mão oculta, e a claridade que, na planície, se espelhava cada vez mais ampla.

E olhou para o Apóstolo com surpresa.

– Rabino, que tens Tu, interrogou-o, ansiosamente.

O bordão caíra das mãos de Pedro, que fixava o olhar na frente, com a boca entreaberta, tendo no rosto refletidos o júbilo e o êxtase...

Ajoelhou-se, e os seus lábios murmuraram!

– Cristo! Cristo!

Prostrou-se na atitude de quem beijava invisíveis pés; e durante muito tempo reinou completo silêncio. Por fim, a voz do ancião, entrecortada de soluços, foi ouvida:

– Quo Vadis, Domine? Nazário não percebeu a resposta, mas aos ouvidos do Apóstolo chegou uma voz triste e suave que dizia:

– Abandonas o meu povo, por isso vou a Roma, a fim de ser crucificado outra vez.

O Apóstolo permanecia deitado no caminho, com o rosto no pó, sem um gesto, sem uma palavra. Nazário supôs que Pedro havia perdido os sentidos ou expirara. Ele, porém, ergueu-se, tomou com a mão trémula o seu bastão de peregrino e, silencioso, voltou-se para as sete colinas de Roma.

Nazário, então, repetiu como um eco:

– Quo Vadis, Domine?

– A Roma, disse com brandura o Apóstolo.

E voltou para a cidade eterna.

Chegando a Roma foi preso e crucificado de cabeça para baixo, como nos testemunha a história, porque não se julgava digno de morrer como o Cristo morrera.”

13. Conceção de Deus

Pietro Ubaldi apresentou uma concepção de Deus que extrapolou aquela comum dos homens. É a concepção de Deus Criador — amor, bondade, justiça, perdão e todas as qualidades positivas do Sistema. Diz Ubaldi que Deus, com a nossa queda espiritual, transubstanciou-se em dois: Deus transcendente e Deus imanente.

“Deus, causa primeira sem causa, não tem princípio nem fim e tudo gera sem ter sido gerado. Deus simplesmente ‘é’, e tudo Ele ‘é’, não

estando encerrado no limite de nenhuma dimensão. As várias dimensões nasceram depois, entre as quais o tempo e o espaço, apenas como limites do ser, enquanto Deus é o ser sem limites. Eis, então, que Deus transcendente, que 'é' acima e independente de qualquer criação Sua, acima da atual, como de qualquer outra possível, eis que Deus realiza, com respeito à atual, a Sua primeira criação, feita de espíritos perfeitos. Ele destacou do Seu seio, por Amor, seres feitos à Sua imagem e semelhança, para amá-los, incluindo-os na Sua própria felicidade. Isto ocorreu segundo um sistema cujos princípios fundamentais eram aqueles mesmos que observamos na natureza do Pai, que os gerara. Nesse sistema, tudo era feito à Sua imagem e semelhança. Ele era único e encerrava tudo, nada havendo fora e além Dele e dos Seus princípios e perfeição. Com o desmoronamento do Sistema no Antissistema, formou-se a contraposição: transcendência e imanência. Esta cisão do único aspeto, o absoluto, de Deus, no de Deus transcendente e Deus imanente, representa justamente a cisão do Uno, que, como Uno absoluto, reúne em si os dois aspetos. Ele é ambos ao mesmo tempo, estando acima da cisão, sem poder ser somente um deles, ou seja, não é exclusivamente transcendente, nem exclusivamente imanente. Desta forma, compreenderemos que a visão dualística, dada pelo Uno bipartido, é relativa à posição do ser no universo atual e no período da cisão, não possuindo valor absoluto. Em outros termos, se encarado do seio do nosso universo, Deus pode parecer à criatura como imanente ou como transcendente, isto é, pode ser concebido sob dois aspetos diversos, mas, uma vez que saíamos do relativo para o absoluto, deveremos admitir a existência de Deus somente no Seu único aspeto, que está além de qualquer dualismo e criação, ao qual denominaremos Deus absoluto".

Assim continua Ubaldi expondo a sua visão de Deus transcendente e Deus imanente em *Deus e Universo*. Em *Ascese Mística*, encontramos:

"Eu ouvi a harmonia do criado, fundi-me nela e alcancei a sensação de Deus. O meu coração pulsou com o coração de todas as criaturas irmãs, e, nestas palpitações, percorreu-me o amor de Deus".

Simão Pedro, como discípulo de Cristo, revelou o seu contato com as altas fontes nouíricas e, entre os apóstolos, foi o que teve a maior revelação de Deus. Quando Jesus perguntou aos discípulos quem Ele era, Simão prontamente respondeu:

“Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo. Disse-lhe Jesus: Bem-aventurado és, Simão Bar-Jonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos Céus”.

As Epístolas de Pedro advertem-nos:

“Graças e paz nos sejam multiplicadas no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor, com cada um de vós, segundo o dom que recebeu, comunicando-o uns aos outros, como bons dispenseiros das várias graças de Deus. Se alguém fala, falando como oráculo de Deus, e se alguém ministra, ministrando como da força que Deus dá, isto é para que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo, a Quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos”.

A preocupação de Pedro era também de que os cristãos alcançassem a mais ampla conceção de Deus.

Muitos outros pontos de concordância existem em torno de Simão Pedro e Pietro Ubaldi, mostrando-nos que o espírito não perde as qualidades positivas adquiridas, que nele afloram, quando possível, na sua escalada evolutiva. É importante a continuação da pesquisa, que vai confirmar não somente a “Teoria da Reencarnação”, mas também aquelas sublimes palavras de Jesus:

“Não vos deixarei órfãos, Eu voltarei a vós”.

E Cristo voltou, através do seu apóstolo: Pietro Ubaldi.



Seria Pietro Ubaldi a única reencarnação de Simão Pedro, desde o tempo de Cristo? Não. Se o espírito pode reencarnar-se até completar o ciclo evolutivo terrestre, é possível que Simão tivesse retornado à Terra algumas vezes nesse espaço de dezoito séculos, e uma delas foi, sem dúvida, junto de S. Francisco de Assis, na pessoa de um discípulo que o acompanhou de perto, seguindo as suas pegadas. Foi o único a estar próximo do Santo na hora dos estigmas, no Monte Alverne, e tornou-se seu enfermeiro. Frei Leão, o cordeirinho de Deus, esse foi o seu nome. S. Francisco burilou a sua alma, enriquecendo-a não somente das três virtudes franciscanas, mas de todas as demais. Existe aquele conhecido episódio narrado em *I Fioretti*, quando os dois foram a pé de Perúgia a Assis (Igreja Santa Maria dos Anjos), cerca de 30 km onde o mestre ensinou ao seu discípulo a perfeita alegria. Em muitos outros factos, o mesmo livro mostra o grau de confiança e amizade reinantes entre ambos. Após receber os estigmas, antes de partir do Monte Alverne para Assis, S. Francisco deu a Frei Leão uma bênção especial, escrita com a mão trespasada e sangrenta:

“Deus te abençoe e te guarde

Mostre a ti a Sua face e compadeça-se de ti,

Incline para ti o Seu rosto e te dê paz:

O Senhor te abençoe, Frei Leão”.

Enquanto viveu, Frei Leão carregou consigo a bênção do Santo. O cordeirinho de Deus morreu 45 anos depois de S. Francisco, já bastante idoso, em 1271. A Igreja ainda conserva, no Monte Subásio (em Assis) e no Monte Alverne (em Sansepolcro), duas grutas em cada local, distante entre si não mais de 100 metros, uma de S. Francisco e outra de Frei Leão. E na Basílica de S. Francisco de Assis, em Assis, encontram-se os restos mortais do seu padroeiro, assim como os de Frei Leão, Frei Masseo, Frei Ângelo e Frei Rufino.

S. Francisco e Frei Leão estiveram sempre juntos no tempo de Cristo, e unidos permaneceram no século XII. Agora, no século XX, os dois novamente na mesma tarefa cristã, um reencarnado e o outro desencarnado. Recordemos alguns factos que mostram a união entre aqueles dois seres angélicos — Pietro Ubaldi e S. Francisco de Assis — justificados somente por um passado de confiança recíproca. A paixão de Pietro Ubaldi pelo “poverello” de Assis existiu desde o seu nascimento em terras franciscanas. Para se analisar a ligação entre ambos basta ler: “Os Ideais Franciscanos Diante da Psicologia Moderna” (escrito em 1927, quando Ubaldi fez o voto de pobreza), “Irmão Francisco” e “S. Francisco no Monte Alverne”. Além disso, S. Francisco é estudado ou apresentado em quase toda a Obra, inclusive no capítulo “Os Grandes Inspirados”, de *As Noúres*. Por outro lado, S. Francisco acompanhou de perto a missão de Pietro Ubaldi. No início da tarefa, na Itália, em Colle Umberto, S. Francisco apareceu junto de Cristo, para encorajá-lo e dar as boas vindas. Em 17 de agosto de 1951, em Pedro Leopoldo, novamente, S. Francisco veio junto de Cristo para fortalecer Pietro Ubaldi no centro da sua missão e início da segunda parte da Obra

realizada no Brasil. Cristo à direita e S. Francisco de Assis à esquerda foram os dois grandes sustentáculos do arauto da nova civilização do espírito, que veio ao mundo somente para fazer o bem.



Certamente, Pietro Ubaldi veio à Terra no intervalo entre o século XII e o século XX. Aplicando a Lei de causa-efeito nele próprio, só encontrou uma justificativa para tanto sofrimento nesta vida: haver retornado a este mundo há poucos séculos e ter contraído pesado débito. Procurou a História e identificou-se num dos seus personagens mais ilustres. Visitou os lugares, tudo era verdadeiro. Assim, ele compreendia por que estava a ser triturado pela engrenagem dos ciclos menores que se fundem num ciclo maior, dos quais fala a “Sua Voz” em *A Grande Síntese*. Certa ocasião, estudando as suas vidas pretéritas, ele nos disse que, sem uma reencarnação de descida espiritual, esta última não teria sentido, pois Deus estaria a ser injusto para com ele, e a Sua Lei de premiar os bons e punir os maus não seria correta. Essa reencarnação involutiva não somente fazia parte da sua ascensão espiritual, mas também serviu de embasamento à tarefa nesta vida. Sem ela, a Obra inspirada por Cristo ficaria incompleta, teria a parte relativa ao Sistema, mas faltaria a outra, relativa ao Antissistema. Existiria a Obra italiana, mas faltaria a brasileira.



Que dizem os espíritos, através dos médiuns? No livro *Comentários*, estão algumas mensagens particulares, a dizer que o Apóstolo Simão Pedro estava de volta à Terra na pessoa de Pietro Ubaldi. Uma delas revela a sua reencarnação como Frei Leão. De propósito, reproduzimos alguns tópicos da Mensagem de S. Francisco de Assis dirigida a Pietro Ubaldi, em Pedro Leopoldo, por último, porque, para nós, eles traduzem as palavras de um Apóstolo dirigidas a outro Apóstolo:

“Pedro,

O Calvário do Mestre não se constituía tão somente de *secura e aspereza*.

Lembra-te, Ele era sozinho! Sozinho anunciou e sozinho sofreu.

Quando o silêncio se fizer mais pesado ao redor dos teus passos, aguça os ouvidos e escuta!

A voz Dele ressoará de novo na acústica da tua alma, e as grandes palavras, que os séculos não apagaram, voltarão mais nítidas ao círculo da tua esperança, para que as tuas feridas se convertam em rosas e para que o teu cansaço se transubstancie em triunfo.

É necessário que o *lume da cruz se* reacenda, que o clarão da verdade *fulgure* novamente, que os rumos da libertação decisiva sejam traçados.

Ilumina a estrada, buscando a lâmpada do Mestre, que jamais nos faltou.

Avança... Avancemos...

Cristo em nós, connosco, por nós e no nosso favor é o *Cristianismo que precisamos reviver à frente das* tempestades, de cujas trevas nascerá o esplendor do Terceiro Milénio.

Certamente, *o apostolado é* tudo. A tarefa transcende o quadro da nossa compreensão.

Não exijamos esclarecimentos.

Procuremos servir.

Todavia Cristo reina, e amanhã contemplaremos o celeste despertar”.

Os sublinhados são nossos. Apoiado neles, podemos concluir que S. Francisco de Assis está a recordar nesta Mensagem o seu tempo de apostolado junto de Pietro Ubaldi, há dois milénios, e garantindo a Ubaldi “o celeste despertar”. Cristo é o mesmo de ontem, de hoje e eternamente.

Não vamos pedir aos médiuns, nem exigir dos espíritos mais revelações. As provas estão aí, são lógicas e racionais para os reencarnacionistas. Mas para os que não acreditam nelas, a dúvida persiste. Isso, porém, não impede que tenhamos vindo a este planeta muitas vezes e que Pietro Ubaldi seja a reencarnação de Simão Pedro; assim como S. Francisco de Assis — João (o Evangelista); Martin Lutero — Paulo de Tarso; Emmanuel (Manoel da Nóbrega) — Públio Léntulus (Senador Romano); Joana D’Arc — Judas Iscariotes; Hippolyte Léon Denizard Rivail — Allan Kardec; e tantos outros.



Que pensa Pietro Ubaldi das suas reencarnações anteriores?

“Cristo esplendia naquele destino, no seu passado e no seu futuro. Como uma lembrança e como um pressentimento, envolvia-o todo em luz, tanto que o *breve espaço daquela vida de treva dolorosa se fechava entre dois esplendores. Aquela luz estava antes da culpa e depois da expiação.* Cristo era a sintonização mais palpitante daquela vida e sempre ressurgia diante daquela alma, com profunda emoção. Este era o sulco mais fortemente traçado e que ali se tornara indelével. Parecia, sempre, àquele homem ver a grande e amada figura andar pelas terras da Galileia, às margens do lago de Tiberíades, de Belém a Nazaré, a Jerusalém, da pobre manjedoura ao Getsémani e ao Gólgota. E a seguiria como exemplo, em silêncio, pelos caminhos da vida, amando e sofrendo. Cristo era, para ele, antes do nascimento e depois da morte, a última síntese de todos os valores humanos”.

“Aquele homem” é Pietro Ubaldi e os trechos sublinhados por nós representam as vidas ao lado de Cristo e de descida espiritual.

No mesmo volume, *História de Um Homem*, já no final, vamos encontrar uma visão do autor que revela a sua existência na figura humilde e mansa de Simão Pedro, com uma advertência:

“quem vive da forma e da letra e não no espírito não poderá penetrar o sentido dessas palavras”.

Eis o diálogo

“Aquele pensamento olhava-o intensamente; aquele afeto penetrava-o, aquela vontade arrebatava-o. Aquela forma assumira lineamentos precisos. Reconheceu-a então. Mas jamais a divina visão lhe aparecera com tanta força e clareza. Então, contemplando-a com os olhos e com a alma, exclamou:

– Cristo, Senhor!

E assim ficou longo tempo. Os seus lábios não tinham força para se moverem, mas, entre ele e a visão, quem tivesse sentidos espirituais capazes, teria ouvido desenvolver-se um breve colóquio:

– Cristo, Senhor! — repetia ele.

– Reconheces-me? — respondia a visão.

– Reconheço-Te, Senhor.

– Lembras-te?

– Lembro-me.

– Quem sou Eu?

– Tu és Cristo, o filho de Deus.

– Tu me amas?

– Senhor, Tu sabes todas as coisas, Tu sabes que Te amo.

– Pedro, estás extenuado. O teu caminho está completo. Repousa em mim e pousa a tua cabeça sobre o meu peito e repousa.

Aqui, a visão dilatou-se. Apareceram as margens do lago de Tiberíades, as doces colinas da Galileia, a noite da paixão, o triunfo da ressurreição. E tudo ele, agora fora do espaço e do tempo, reviu intensamente, detalhadamente, não com o sentido de nostalgia para

com a inalcançável realidade longínqua, como em vida, mas com um sentido de paz e felicidade”.



João encerrou o seu Evangelho dizendo:

“este é o discípulo que dá testemunho destas coisas e que as escreveu, e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro”.

Também dizemos nós: somos testemunhas de tudo isto que acabámos de escrever. Para nós Pietro Ubaldi foi realmente a reencarnação de Simão Pedro, o grande pescador de almas, no dizer de Clóvis Tavares. E, se compararmos as duas personalidades: a do presente século com a de há dois mil anos, vamos encontrar a atual mais enriquecida do poder divino e com muito mais sabedoria. Pietro Ubaldi foi um homem virtuoso, um verdadeiro sábio, um superdotado espiritualmente — um protótipo do Terceiro Milénio.

Apresentação das Obras de Pietro Ubaldi

Com este livro, inicia-se a coleção dos vinte e quatro volumes da Obra de Pietro Ubaldi e também a sua vida missionária. A primeira mensagem, “Mensagem de Natal”, recebida no Natal de 1931, foi uma grande surpresa para Ubaldi, pela sua linguagem sublime e conteúdo cristocêntrico. De imediato, ficou identificado o seu autor espiritual: Cristo, reconhecido pelas maiores autoridades espiritualistas do mundo, entre elas Ernesto Bozzano. Logo no início do ano seguinte, na Páscoa de 1932, chega-lhe inesperadamente outra mensagem: “Mensagem da Ressurreição”. A linguagem e o conteúdo continuam a identificar ainda mais a presença de Cristo. Ubaldi não tem dúvida, era ele o porta-voz do Mestre dos mestres. Entregue a esse novo labor, penetra nas mais altas correntes nouíricas e começa *A Grande Síntese*. Nesse mesmo ano, no dia do Perdão da Porciúncula de São Francisco de Assis, 2 de agosto, chega-lhe a terceira mensagem: “Mensagem do Perdão”, escrita com muita emoção, devido ao seu profundo conteúdo espiritual. No ano seguinte, no XIX Centenário da Morte de Cristo (1933), surgem-lhe mais duas mensagens: “Mensagem aos Cristãos” e “Mensagem aos Homens de Boa Vontade”.

Essas mensagens correram o mundo. Com elas, a missão de Pietro Ubaldi era irreversível, e Cristo fazia-se presente aos olhos de todos.

Outras duas mensagens surgiram mais tarde, em ritmo decenal: “Mensagem da Paz”, na Páscoa de 1943, e “Mensagem da Nova Era”, recebida no Natal de 1953, aqui no Brasil, encerrando-se com esta última o ciclo das mensagens.

2. A Grande Síntese

Sobre esse livro, assim se expressou Giuseppe Vigiano, escritor italiano e contemporâneo de Pietro Ubaldi:

“A finalidade primeira e última de *A Grande Síntese* é justamente instaurar no mundo o Reino do Espírito, revelar ao homem ignaro ou

obstinado na negação, afogado no materialismo científico, destruidor de toda a fé, que tudo no nosso mundo, tudo nos vastos universos, é obra do Espírito, do qual procedemos e para o qual todos, consciente ou inconscientemente, tendemos. Mas este Espírito e o seu Reino, que progride, não são abstrações impalpáveis, etéreas, ondulando nos imponderáveis e, às vezes, incompreensíveis paraísos da fé. Não: o Espírito é uma realidade. Mais ainda: 'depois das descobertas da desintegração do átomo e da transmutação da individualidade química, por explosão atômica, a descoberta da realidade do Espírito é a maior descoberta científica que se espera, a descoberta que revolucionará o mundo, iniciando uma nova era'.

Eis a mensagem confortadora. É evidente que, orientada por objetivos tão elevados e ousados, *A Grande Síntese* não pode deixar intactos os valores religiosos e as categorias teológicas, tais como o homem as forjou. Ela olha para a vida e a vê como uma troca ininterrupta, como uma corrente que não se detém, um turbilhão maravilhoso em que nasce o pensamento, a consciência, o espírito, e avisa que 'todas as formas de vida são irmãs da nossa e, como nós, elas também lutam por ascender para a mesma senda espiritual, que é a finalidade da nossa vida humana.

Ela coloca a Evolução como base de toda a vida e esclarece que essa evolução é palingénese, é libertação, afirmando que o progresso da espécie orgânica não é retilíneo, como o viu Darwin, mas é alternado, por contínuos retornos involutivos. Lei cíclica, portanto, que se repete no campo da consciência individual e coletiva, que regula o desenvolvimento e o progresso das civilizações. Mas esta evolução não poderia verificar-se sem a reencarnação, pois a reencarnação é uma necessidade para a evolução; corresponde ao princípio de expansão e de contração dos ciclos evolutivos, é uma condição da lei de equilíbrio e consequência do princípio de indestrutibilidade e transformismo da Substância. Evolução é redenção”.

Muitos outros seareiros da Ciência, Filosofia e Religião enalteceram aquela obra monumental, entre eles: Albert Einstein, Ernesto Bozzano, Gino Trespioli, Guillon Ribeiro, Emmanuel, Augusto dos Anjos, Carlos Torres Pastorino, Clóvis Tavares,

Medeiros Corrêa júnior, Newton Boechat, Marc'Antonio Bragadin, Giuseppe Stoppoloni, Isabel Emerson, Rubens C. Romanelli, Gaetano Blasi etc. Eis como Monteiro Lobato viu *A Grande Síntese*, hoje com dezenas de edições e traduzido em muitas línguas:

“Todos nós temos o vago sonho de encontrar um LIVRO que nos seja como uma casa definitiva — a casa de sonho que procuramos. Um livro no qual moremos ou passemos a morar (...). Pois creio que encontrei o MEU LIVRO. Ele chama-se *A Grande Síntese*, de Pietro Ubaldi. Temos de lê-lo e relê-lo. Lendo-o estou a vagar no alto mar desse livro — tonto, deslumbrado, maravilhado!”.

Cada leitor, sem dúvida, vai encontrar-se nele de acordo com a sua forma mental e a sua capacidade de percepção. Ele é o nosso LIVRO, é a “casa de sonho que procuramos”, e nela vamos residir por longo tempo.

3. As Noúres

Técnica e Receção das Correntes de Pensamentos

Os livros de Pietro Ubaldi têm muito dele mesmo, da sua alma. Cada obra escrita traz a marca indelével de uma vida plena de dor e de martírio. *As Noúres* não é exceção e explica, em profundidade, a técnica inspirativa de *A Grande Síntese* e *Grandes Mensagens*, o seu processo de receção e de toda a Obra. Além disso, analisa à luz do Evangelho de Cristo, em linguagem sublimada, a missão de Moisés, o profeta que ouviu a voz de Deus; de João, o Evangelista; de Paulo, o Apóstolo; de Francisco, o “poverello” de Assis; de Joana d’Arc, a inspirada de Domremy, e muitos outros. S. Francisco de

Assis e Joana d'Arc mereceram especial atenção nos seus diferentes apostolados.

O livro *As Noúres* concorreu e foi premiado pela corrente biosófica italiana. A comissão julgadora era composta de: Mário Bosalino, Pierluigi Toffanello e Gino Trespioli (relator). No seu relatório, Trespioli afirmou:

“Ultrafano no verdadeiro e mais amplo sentido da palavra, na forma e na substância da sua obra perfeita, o autor de *As Noúres* pode falar sobre as correntes espirituais o que nenhum pensador, embora genial, poderia jamais dizer, porque Ubaldi ‘viveu’ a sua obra, abandonando o próprio Eu às ordens de uma Entidade de superlativa inteligência, que ele denomina a ‘Sua Voz’ e que lhe vem do Mistério. Ele obedeceu, recolhendo e repetindo aos homens as palavras profundas que ele não pensou, mas ouviu”.

Concluindo, vamos ler o que nos diz o próprio autor:

“O momento histórico justifica essa descida de pensamento dos planos superiores. Encontramo-nos numa grande curva da história do mundo e todos o pressentem. A humanidade está a lançar as bases do novo milénio”.

4. Ascese Mística

Este é um livro singular no seio da Obra de Pietro Ubaldi: um livro de ciência e um livro de sabedoria.

Da mais rigorosa ciência humana, pois examina o mais importante dos problemas do homem, inegavelmente: o da sua

própria natureza, do mistério do seu “eu”, da sua psicologia profunda, do seu eterno devir.

É também, e sobretudo, livro de sabedoria, porque explica os meandros da sua caminhada humana. Rasga o véu de Ísis que lhe oculta a majestosa beleza da vida. Sábia e ternamente lhe fala dos porquês sombrios ou luzentes das sendas terrestres. Encaminha-o, por derradeiro, de claridade em claridade, para a suprema formosura da paz interior, na felicidade gloriosa do Reino de Deus.

É um livro de experiências espirituais do próprio Autor. Nele, a humildade e a realidade ultrapassam a dúvida cartesiana. Os factos mostram-se, com efeito, como o Prof. Ubaldi nos diz em *Profecias*, segundo a linguagem da vida.

Ascese Mística é também um livro de paz. Da esquecida paz que Cristo nos oferta... Diz o admirável Autor:

“A minha meta é construir; não se me verá, portanto, jamais acusar, agredir, demolir. O meu escopo é o bem, e não semear dissensões, irritações e antagonismos, polemizando”.

É ainda (e quanto!) um livro de ternura espiritual, de excelsa beleza, de fé robusta, assim como de superação das contradições e sofrimentos da vida terrena. Acima de tudo, é de intenso e sobre-humano amor a Jesus Cristo:

“Somente o Seu olhar me dá força para viver”.

Ascese Mística ficará na memória do coração para sempre. Será lido e meditado inúmeras vezes, porque é um livro aureolado da Vida Eterna.

— Clóvis Tavares

5. História de Um Homem

Neste livro, Pietro Ubaldi retrata a experiência de um homem pleno de ideal, em meio às lutas comuns e muitas vezes brutais das criaturas vulgares. Cedo compreendeu ele o artificialismo da cultura humana, as mentiras convencionais da sociedade, uma filosofia de vida antagônica ao Evangelho, que trazia no coração e que não podia deixar de aplicar na sua existência. Quem estaria certo: o Evangelho, com seus apelos a uma vida moral e espiritual superior, ou o mundo com a sua psicologia materialista, marcada por fortes instintos? Mas esse mundo era o natural campo de provas a que o destino o havia projetado e onde esse homem deveria viver, compreendendo e amando os seus semelhantes, como eram, e não como gostaria que fossem.

Sem trair o seu Ideal, entendeu que tinha que conviver com criaturas comuns, suportando-as e participando das suas lutas, pois assim o seu destino queria. Era preciso amar o próximo, por pior que fosse, já que assim lhe pedia o Evangelho, como uma ordem de Cristo. Descer à criatura humana era o novo dever, como o seu Mestre o fez. Cristo havia descido e amado. A experiência tinha que ser feita, e ele a fez! Que importavam a dor, as decepções, a pobreza, as traições, as agressões humanas, se esse homem havia nascido

para amar o seu próximo e amando-o, também o ajudaria a iniciar a sua elevação moral e espiritual?

Assim, esse homem, vivendo experimentalmente o Evangelho, compreendeu que as criaturas normais, com os seus instintos primários e necessidades sensoriais, viviam a sua natural fase biológica, e mais não se lhes podia pedir. Mas ele devia compreendê-las e amá-las, ajudando-as a subir para Deus.

O livro termina com a visão do Cristo, como a premiar esse homem que tanto sofreu e tanto amou! É uma visão, com rápido diálogo, na intimidade de um quarto humilde, em que esse homem solitário e sofredor, ao receber a visita da Irmã Morte, alegra-se com a sua libertação espiritual, pois não havia vivido em vão.

— Medeiros Corrêa Júnior

6. Fragmentos de Pensamento e de Paixão

Neste livro, o leitor vai encontrar não apenas um, mas vários assuntos desenvolvidos por Pietro Ubaldi. O Autor relata algumas das suas visões:

“A sinfonia da vida é imensa, vasta como o tempo e o espaço; é música composta de toda a harmonia do universo” — (O Cântico das Criaturas); “Observo-os e perdoo à sarça a inocente ferocidade dos seus espinhos, à fera a sua garra, à dor a sua investida, ao destino o seu assédio, ao homem a sua ofensa inconsciente (...). Sobre cada espinho, nasceu uma rosa; sobre cada dor, uma alegria; sobre cada ofensa, uma carícia de Perdão” — (O Cântico da Dor e do Perdão).

Citamos também o primeiro trabalho de Pietro Ubaldi: *Os Ideais Franciscanos Diante da Psicologia Moderna*, escrito em 1927, quando fez o voto de pobreza, o qual também se encontra nesse livro encantador.

A respeito da Evolução Espiritual, tema que interessa a toda a humanidade, existem páginas e páginas de inexcedível beleza e sabedoria. Analisando as diferentes religiões existentes no mundo, o autor penetra profundamente em todas elas, dedicando-lhes o seu magnífico estudo: *A Verdadeira Religião*.

A justiça económica é estudada através do homem marginalizado e da sociedade que o marginalizou, tomando como exemplos o infeliz Jean Valjean e o Padre Myriel, apresentados por Vitor Hugo no seu célebre *Os Miseráveis*.

Fragmentos de Pensamento e de Paixão é um misto de amor e de dor. De um amor que sabe também compreender, perdoar e servir — o verdadeiro amor, aquele que educa, eleva e sublima a alma. A dor, companheira de todas as horas, ao longo de toda a vida do escritor, é utilizada como a via de ascese para si mesmo:

“A dor, nos grandes, assume também a forma de renúncia, que é o arrebatamento das formas superadas. O destino a impõe com inúmeros dissabores para que se acelere a evolução espiritual e se opere a transformação do amor humano em amor divino. O Calvário é a base natural do fenómeno da sublimação dos grandes. A renúncia dos prazeres humanos não é senão a expansão dos horizontes espirituais. O destino não é cruel, quando inflige a morte para dar vida maior e luminosidade à alma”.

7. A Nova Civilização do Terceiro Milénio

Com a leitura deste livro, leitor amigo, é fácil penetrar nas profundezas da Obra de Pietro Ubaldi. Nele, o autor estuda alguns capítulos de *A Grande Síntese* e apresenta um panorama da civilização atual, propondo uma radical mudança na sua velha estrutura de milénios. Mudar para melhor.

Os erros da história; os métodos de luta ainda vigentes neste mundo; os problemas sociais, políticos, religiosos, económicos, ideológicos e tantos outros foram dissecados por quem conhece e tem nas suas mãos o bisturi da palavra fácil e esclarecedora, sob inspiração divina.

A missão de Cristo e a reforma social por Ele proposta, a missão de São Francisco e a sua influência até aos nossos dias, mereceram atenção especial.

A Nova Civilização do Terceiro Milénio corresponde ao anseio do homem novo, com nova mentalidade, interessado em resolver os problemas do espírito, preocupado com a sua própria evolução e a de toda a humanidade. É o próprio Ubaldi quem nos diz:

“O homem, em milenar ascensão, vai despertando formas mais subteis de sensibilidade e de consciência mais perfeita. Já se percebem no horizonte os clarões da vida nova do espírito. Lá no futuro, há um verdadeiro incêndio de esplêndidas afirmações e criações novas, e a divina lei de evolução quer que o homem, embora lhe resista e se atrase, fatalmente ali chegue. Chegou a hora de dizer ao homem: Levante-se, filho de Deus, sob forma de consciência mais

esclarecida, em estado social mais orgânico e completo (...). Chegou a hora de compreender o significado das ações que indivíduos e povos todos os dias realizam, sem que lhes conheçam o verdadeiro significado e as consequências. Chegou a hora de tornarmo-nos conscientes colaboradores de Deus no plano construtivo do que ele criou no nosso campo terreno, ao invés de estúpidos servidores de Satanás, em absurda obra de rebelião. Chegou a hora de compreender, como mais inteligentes; de confraternizar, como mais honestos e justos; de colaborar, como mais conscientes”.

8. Problemas do Futuro

Nesta obra, Pietro Ubaldi analisa o problema psicológico, filosófico e científico. Pode-se dizer que ele aprofunda o estudo da parte abstrata e científica de *A Grande Síntese*, o monumental livro que o consagrou mundialmente. Velhos problemas, que ainda hoje desafiam a perspicácia dos pensadores, são postos diante dos olhos do leitor ávido de conhecimento, com a sua solução lógica e irretorquível: a evolução e a sua técnica, o pensamento criador, o livre arbítrio e o determinismo. Novamente, o binómio Deus-Universo é estudado com penetração, tornando-se mais evidente no universo. Com a mesma psicologia da intuição, Pietro Ubaldi explica as últimas orientações da ciência, o “contínuo” espaço-tempo e a evolução das dimensões. Partindo da conclusão matemática de Einstein, Ubaldi prossegue no plano filosófico, enquadrando-a numa conceção universal. O espaço-curvo, outra afirmação moderna, merece especial análise de Ubaldi, que identifica, por impositivo da evolução, um encontro final entre o cientista e o místico, como deverão fundir-se no futuro a ciência e a fé, na direção de Deus, meta suprema da vida universal.

Eis como Pietro Ubaldi conclui o 8º livro da sua Obra completa:

“O esforço da vida é fugir à paralisação dos mundos inferiores e evadir-se da imobilidade e do determinismo das leis dos planos mais involuídos, para conquistar liberdade e domínio. Contra a morte, o ambiente hostil, as forças do mal, o egoísmo do involuído, a vida quer subir para Deus. Esta é a Lei. Por isso, a vida arrisca o novo, imola tantos exemplares, para explodir da forma ao espírito, para evadir-se da matéria e elevar-se, sempre insaciável de superamentos. Assim, a vida lança os seus campeões e, para esse fim, também os sacrifica, mesmo sabendo que arrisca a sua melhor parte. O pensamento criador, concentrado nas formas inferiores, não está morto. Ele está aí prisioneiro, mas pronto a desencadear-se em energia e a energia em psiquismo, porque quer libertar-se e retornar a ser ele próprio. E eis que, no fundo de todo o conceito, reencontramos sempre a vertigem do infinito”.

— Medeiros Corrêa Júnior

9. Ascensões Humanas

Em meio à desorientação geral que caracteriza o século XX, Pietro Ubaldi demonstra neste livro que o mundo caminha para as grandes unidades: religiosa, política, económica, filosófica etc. Cairão as barreiras que hoje dividem os povos, os partidos, as religiões e as filosofias, cessando os atritos sociais. Numa Terra cindida por tantos separatismos e diante de um amanhã nebuloso, o autor ensina-nos que a história dirige-se para a formação da unidade-síntese superior, quando a humanidade deverá atingir um nível de vida mais alto, mais espiritualizado, surgindo, em consequência, como uma civilização mais amadurecida. O nosso momento histórico exaurir-se-á, não com a destruição do homem e do planeta, mas para dar lugar ao nascimento de um novo homem,

numa nova Terra, cristianizada. O livro analisa, com oportunidade e profundidade de conceitos, o nosso fim de século conturbado, confrontando capitalismo e comunismo, exaltando o imperativo da obediência a Deus, explicando como se deve orar e a necessidade da comunhão espiritual para maior aproximação entre a criatura e o Criador. Examina o erro moral do nosso tempo, com as suas consequências desastrosas, que levaram a civilização materialista de hoje a uma grande crise.

Finalmente, Ubaldi estuda o mecanismo do imponderável e como ele funciona na nossa vida; a importância do amor na vida humana; a sexualidade e o misticismo. É um livro indispensável a quem queira sair dos estreitos limites da vida mental contemporânea, para encontrar a solução dos problemas que afligem a inteligência e o coração do desorientado e atormentado homem de hoje.

— Medeiros Corrêa Júnior

10. Deus e Universo

Em *Deus e Universo*, Pietro Ubaldi atinge o vértice do seu pensamento. A altitude espiritual que ele alcançou com este livro leva-o às fronteiras do êxtase. Embora o seu corpo esteja enfermo e febril, ele registra a visão cósmica em vinte etapas ou capítulos, escrevendo nas noites silenciosas e geladas de Gúbio, pouco antes da Páscoa de 1951.

No ano anterior — 1950 — havia terminado *Problemas do Futuro e Ascensões Humanas*. A sua *Grande Síntese* corria o mundo, impondo-se à admiração e aos aplausos dos homens de inteligência e cultura. Mas esse portentoso livro, como síntese e solução dos problemas da ciência e do espírito, encara o universo em função do homem, tornando-se imprescindível enquadrá-lo numa concepção mais ampla. No desenvolvimento natural da Obra de Ubaldi, surge, então, *Deus e Universo*, que encara o universo em função de Deus. Na ética intuitiva de Pietro Ubaldi, o universo aparece não mais em relação ao homem, mas em relação aos fins supremos da Criação. E ante os seus olhos espirituais deslumbrados, resplandece a solução dos problemas últimos, com a visão das causas primeiras, fonte e origem de tudo.

Assim, chega Ubaldi ao plano teológico, mediante o seguro método da intuição, sem as tortuosidades mentais dos teólogos que o precederam na ânsia de perquirir o pensamento de Deus.

O postulado teológico da Trindade, sempre controvertido e misterioso, foi analisado nos aspetos da Substância, no estudo da essência de Cristo e no Verbo do princípio, segundo a narrativa do evangelista João.

O leitor passa a ter, com a publicação de *Deus e Universo*, uma obra de inigualável valor filosófico e teológico, que o transporta às suas origens espirituais.

Legítimo continuador dos profetas de Deus, com meios novos e poderosos, Pietro Ubaldi leva-nos a alturas vertiginosas e sublimes. Com as suas visões de potentíssimo intuitivo, adquirimos forças para suportar as sombras, as agressões e as maldades do materialismo contemporâneo.

Pensador cristão, teólogo científico, místico franciscano e irmão dos homens, com *Deus e Universo* Pietro Ubaldi escancara-nos as portas de um tempo de sabedoria e verdade, de luz e alegria, de paz e amor com Deus!

— Medeiros Corrêa Júnior

11. Profecias

O Futuro do Mundo

Podemos, nos dias atuais, admitir como algo digno de crédito uma afirmação que se intitule *Profecia*?

Qual o valor, para o mundo moderno, das profecias de Nostradamus, o médico-vidente do século XVI? São válidas as suas famosas Centúrias? E que dizer das profecias bíblicas de Daniel? Como interpretar a misteriosa linguagem do Apocalipse, o último e menos lido livro da Bíblia, escrito pelo Evangelista João no seu exílio de Patmos?

As pirâmides do Egito encerram alguma lição da história sobre a evolução da humanidade? Existe algo de verdadeiro nas afirmações astrológicas? E as predições do monge irlandês Malaquias sobre os destinos da Igreja, os últimos papas da Cristandade e o fim da nossa civilização materialista — têm elas realmente algum significado fidedigno?

Esses são alguns assuntos brilhantemente desenvolvidos por Pietro Ubaldi no seu livro *Profecias — O Futuro do Mundo*. Este é um livro que nos apresenta, “com a certeza na frente e a história na mão”, em tela panorâmica, os destinos da Humanidade, segundo uma interpretação lógica dos acontecimentos. A história da Humanidade é vista aqui como expressão tangível de um poder diretor da vida: o pensamento de Deus.

Profecias inclui ainda, no seu magnífico conteúdo, estudos originalíssimos sobre as três grandes revoluções dos tempos contemporâneos, sobre a função histórica do Brasil no mundo, sobre o futuro da raça humana. É o primeiro volume de uma Segunda Obra do Prof. Ubaldi, escrita no Brasil, e ele mesmo nos dá notícia do porquê do seu surgimento, ao mesmo tempo em que nos relata os seus três primeiros anos brasileiros, que podemos considerar um período heroico e glorioso da vida do grande missionário da Nova Civilização do Terceiro Milênio.

Um livro extraordinário, atualíssimo, imprescindível ao entendimento dos nossos tempos e do futuro do mundo.

12. Comentários

Temos aqui um livro enfeixando comentários e opiniões de grandes personalidades ligadas ao campo do conhecimento humano: ciência, religião, filosofia, literatura etc.

Vamos encontrar Canuto de Abreu — historiador brasileiro; Isabel Emerson — jornalista inglesa; Paolo Soster — engenheiro italiano; Humberto Mariotti — escritor argentino; Albert Einstein — físico da Universidade de Princeton, na América do Norte; Ernesto Bozzano — cientista e escritor italiano; G. Blasi — cientista e filósofo da Sociedade Italiana de Metapsíquica; Giuseppe Stopoloni — cientista da Universidade de Camerino na Itália, e muitos outros.

Neste livro, estão as opiniões de muitos jornais e revistas do mundo inteiro: Ali del Pensiero — Itália; Constancia — Argentina; La Verità — Itália; Ricerche Filosofiche — Itália; Reformador — Brasil; II Nuovo Cittadino — Itália; Estudos Psíquicos — Portugal; International Psychic Gazette — Inglaterra; Gerarchia Itália; Light — Inglaterra; Revue Caodaïste — Indochina; Revue Spirite Belge — Bélgica; Risanamento Médico -Itália; Revue Spirite — França; L'Avvenire — Itália; Zeitschrift Für Metapsychische Forschung — Alemanha etc.

Todas essas opiniões foram coletadas no início da missão de Pietro Ubaldi. Se fosse publicar todas as outras emitidas durante a sua vida apostólica, seriam necessárias dezenas de volumes, mas o autor julgou por bem documentar apenas o início, porque, a partir

daí, já estava delineado o seu trabalho. Ele tinha certeza da presença de Cristo junto do seu labor e estava consciente da sua missão. De toda a parte, chegavam cartas, mensagens e opiniões confirmando-a. As *Grandes Mensagens* percorreram o mundo através da imprensa e *A Grande Síntese* foi publicada em vários países com imensos elogios. Aqui no Brasil, teve a sua primeira edição pela Federação Espírita Brasileira, e o consagrado médium Francisco Cândido Xavier recebeu uma mensagem de Emmanuel e um soneto de Augusto dos Anjos dedicados àquele livro — verdadeiro monumento de sabedoria universal — que Dr. Guillon Ribeiro inseriu na primeira edição brasileira, ambos encontram-se na atual edição, lançada pela FUNDÁPU.

O Mundo Espiritual ainda se manifestou através de outros médiuns da Inglaterra, Itália e Brasil, proporcionando a Ubaldi mensagens de conforto e de profundas revelações.

As críticas positivas e negativas nunca alteraram o comportamento de Ubaldi, que aceitava umas e outras da mesma forma, com a compreensão de quem conhece o ser humano, sabendo agradecer e perdoar. Eis o que apresenta Comentários.

13. Problemas Atuais

Neste livro, encontram-se as melhores soluções para os grandes problemas que afligem a humanidade.

O cancro é visto sob o ponto de vista patológico e cármico. Esse capítulo incentiva todos os médicos a serem sacerdotes do corpo e do espírito, porque as grandes doenças atuam mais no campo do psiquismo do que no somático, pois estão ligadas mais ao passado do que ao presente.

A reencarnação é observada sob os aspetos científico, filosófico e religioso, como elemento indispensável à evolução do ser, dando explicação racional das diferenças ideológicas, raciais, comportamentais, económicas, sociais etc. Pietro Ubaldi vai mais além: transporta-se à condição de desencarnado e diz que a alma, antes de vir ao mundo, quando pode, dedica-se ao trabalho de formação de um organismo que corresponda a um esquema preestabelecido. Ele ainda apresenta a trajetória evolutiva de cada um, através das vidas sucessivas, até à condição de espírito superior, que raramente desce à Terra, porque não é mais o seu mundo. Ainda afirma Ubaldi:

“Com plena consciência, o espírito escolhe o tempo, o lugar, a matriz em que nascerá (...). Por ser ele tão adiantado no caminho da evolução, já está desligado da roda da morte e do renascimento”.

Outros assuntos de palpitante interesse também foram abordados em *Problemas Atuais*: estabilidade monetária, problemas económicos, o chefe pregado por Maquiavel (que deverá ser substituído pelo homem novo do terceiro milénio, verdadeiro condutor das massas).

Problemas Atuais complementa o livro *Profecias*. Se este mostra a destruição do mundo velho, aquele constrói o Novo Mundo, surgindo dos escombros com uma nova mentalidade e um novo sistema de governo — mais evoluído e mais apto a exercer a sua função.

A conquista espiritual do planeta vai depender do esforço evolutivo de cada um, até atingir todos os povos. O caminho para isso encontra-se delineado nos capítulos: “Os Guias do Mundo”, “O Chefe” e “O Novo Homem”.

14. O Sistema

Génese e Estrutura do Universo

O Sistema é um livro lógico e claro. Trata-se de um curso ou tratado completo de Teologia Cosmogénica, uma Teologia Nova, que vem cortar pela raiz todas as elucubrações puramente humanas, esclarecendo os pontos obscuros, revelando todos os mistérios incompreensíveis e inaceitáveis à mente hodierna. As Teologias antigas, que pararam no tempo e no espaço, por se terem tornado dogmáticas e não mais admitirem pesquisas, reagirão, sem dúvida, a essa intromissão no seu terreno. Mas a humanidade está em evolução perene, e não seria compreensível que a parte mais nobre e elevada da humanidade, que é o pensamento e a sabedoria, parassem nos séculos remotos, enquanto a parte inferior, material, estivesse, como está, progredindo a passos gigantescos.

Neste livro, a teoria da queda e da reabilitação dos espíritos é tão racional, que temos a impressão de que ela guiará o mundo espiritualizado de amanhã, esclarecendo os pontos obscuros e dando direção à evolução da humanidade, que se debate em problemas sem solução. É um Tratado de Teologia Nova e ao mesmo tempo um Tratado de Filosofia Universalista Unitária, que nos apresenta como um todo único, um só corpo, cuja cabeça é Cristo.

A segurança de raciocínio jamais abandona o autor a especulações vazias, mas leva-o a provas sólidas, em matéria difícil e complexa. É a única teoria que pode satisfazer o intelecto, a razão e mesmo o coração, porque explica logicamente tudo o que se passa neste mundo.

O facto concreto, sob a nossa perspectiva, é que a teoria exposta por Pietro Ubaldi mediante revelação e inspiração satisfaz integralmente a todas as indagações científicas, psíquicas, filosóficas, teológicas e espirituais que possamos fazer-nos. Em assim sendo, temos que aceitá-la em tese, até prova em contrário; mas prova que traga argumentos e factos, experimentações e demonstrações, e não apenas citações do tipo “magister dixit”. Hoje, o método científico tem de prevalecer para satisfazer tanto à mente concreta quanto à abstrata, tanto à razão quanto à intuição, tanto à inteligência quanto à sensibilidade. A obra é de suma importância e finca no mundo um marco que dificilmente será removido.

15. A Grande Batalha

É o livro em que o Evangelho de Cristo é colocado a duras provas, porque é o resultado da experiência vivida pelo autor. Não é obra teórica apenas, nem mística, mas de luta, de árduo trabalho. Mostra-nos que a luta faz parte da própria vida, sem descurar de que todos os nossos atos estão escritos na grande Lei que tudo dirige.

Pietro Ubaldi soube colocar muito bem a sua luta pela sobrevivência em termos nobres e elevados, mostrando a cada um de nós como vencer dissabores e dificuldades com fé e confiança em Deus. Em *A Grande Batalha*, vamos encontrar uma batalha plena de dor e sacrifício, mas com sublimes saídas, que conduzirão à vitória. O livro ensina como viver com retidão, para que não nos falte o necessário e não sejamos escravos do supérfluo. Livro de grandes lutas e de enormes conquistas! Assim, diz Ubaldi:

“passar do plano animal da luta pela vida ao plano orgânico da colaboração inteligente, significa mudar completamente as condições de vida. Passar do mundo do involuído ao do evoluído significa sair da desordem para entrar na organicidade, ou seja, num estado resultante de um novo modo de conceber a vida”.

Queiramos ou não, todos temos que um dia penetrar nesse novo modo de concebê-la.

A Grande Batalha mostra também que as forças do bem e as do mal, apesar de conflitantes, caminham juntas e que as primeiras,

estando ao lado de Deus, são as vitoriosas. O método de luta para alcançar esse objetivo foi experimentado pelo autor, que nos deixou como um bem legado à conquista plena de nós mesmos.

Todos figuramos em *A Grande Batalha*: os involuídos, os que estão a evoluir e aqueles que, já na condição de evoluídos, vêm ao nosso encontro para a nossa grande ascensão espiritual.

16. Evolução e Evangelho

No mundo atual, duas psicologias se defrontam: a do evoluído e a do involuído. Enquanto o primeiro crê nos princípios do Evangelho e os vive, o segundo afirma que o Evangelho é uma utopia que está em desacordo com a realidade da vida, onde valem a astúcia e a força. Mas, se o Evangelho é inaplicável à existência individual e coletiva, por que Cristo fez crer, inclusive com a evidência trágica do seu martírio, que ele deveria ser praticado pelo homem ainda animalizado? Ninguém até hoje examinou com mais acuidade e lógica o problema da aplicação do Evangelho como Pietro Ubaldi o faz nesse livro. Também antes dele, ninguém havia afirmado que o Evangelho não é apenas um fenómeno religioso, pois contém um profundo significado biológico. O Cristo, incompreendido pelos involuídos de todos os tempos e crucificado como se fosse um derrotado, trouxe ao mundo a maior das revoluções, pelas profundas mudanças que propõe à alma humana, expressas nos seus mandamentos, nas suas parábolas e nos seus sermões, sobretudo no Sermão da Montanha. Se a evolução encaminhou o homem, através dos milénios, até ao presente, com a sua animalidade e os seus instintos ainda primários, o Evangelho — lei

do Espírito — o levará daqui por diante para um tipo de vida no qual ele revelará amor e bondade.

Hoje, o espírito humano ainda demonstra animalidade, mentira, egoísmo, prepotência, mas o Evangelho fará dele e do mundo um novo homem, numa Terra de alegria, fraternidade e felicidade.

Evolução e Evangelho é também um cântico de louvor ao Evangelho e de vitória das forças do bem. Ao finalizar a obra, diz o seu autor:

“Terminou o esforço da subida, o relativo, a ilusão, a dor. O ser sofreu e caminhou bastante, mas chegou. Agora pode, fora do tempo que conta as horas, repousar feliz para sempre no seio de Deus”.

— Medeiros Corrêa Júnior

17. A Lei de Deus

Qual será o nosso destino? Podemos descobrir a vontade de Deus? O que será a autopunição? O que acontecerá com os rebeldes à Lei? Deus é um Senhor que pune os maus e premia os bons? A conquista do poder recebe a chancela da Lei? Temos o direito de julgar e de punir? Onde está a inteligência do mal? Estas e muitas outras interrogações estão respondidas no livro em epígrafe.

Neste volume, o leitor conhecerá ainda a justiça e a sabedoria da Lei Divina, as soluções para os seus problemas mais íntimos, como implantar a justiça social, a arte de viver em perfeita

harmonia com Deus, o caminho de retorno ao paraíso, a função da dor, como vencer o mal — utilizando apenas as armas do bem.

A Lei de Deus é um livro escrito em linguagem fácil e acessível a todos, ampliando o horizonte espiritual de qualquer leitor. Ele proporciona uma visão nova da grande Lei, mostrando o seu funcionamento nesse mundo e em todo o universo.

Ninguém pode viver em paz e harmonia com o próximo e consigo mesmo, sem conviver bem com a Lei. Ela é uma bússola para cada um orientar-se melhor na sua embarcação no mar da vida. O livro *A Lei de Deus* ensina onde encontrar e como usar essa bússola. Diz-nos Ubaldi:

“A Lei está pronta a entrar em ação em qualquer lugar, inclusive no nosso baixo mundo, tão logo nós a aceitemos e vivamos. Quem faz isto se torna parte dela, como cidadão de uma nova pátria, adquirindo assim o direito de possuir o poder, os recursos e as defesas que ela confere aos seus seguidores”.

18. A Técnica Funcional da Lei de Deus

Não existe neste mundo lei mais importante do que a Lei Divina. De onde vieram as leis civis e religiosas? Naturalmente, inspiradas no Código Divino. Que triste paradoxo: as leis humanas são defeituosas, complicadas, injustas, cheias de subterfúgios, agressivas, falhas nas suas aplicações, mas os homens as respeitam. *A Lei de Deus* é simples, justa, plena de bondade e de Amor, todavia os homens a rejeitam. Porquê? Somos ainda

bastante involuídos para compreendê-la e muito mais para aplicá-la. Pietro Ubaldi, neste livro, vem exatamente mostrar como ela funciona e qual a técnica da sua aplicação.

Além disso, o autor faz outros tipos de abordagens: a posição do homem espiritual perante as religiões de massa e a verdadeira religião do futuro; a atual fase evolutiva da sociedade humana; a resistência à Lei e as suas consequências; o problema do carma e a justiça de Deus; o que fazer com o destino errado e como endireitá-lo; as conquistas espirituais do homem do futuro, e muitos outros assuntos.

Já se pensou na inteligência do diabo? Muitos, talvez, ainda não. Pietro Ubaldi dedica um capítulo ao diabo, mostrando como ele é inteligente para fazer o mal, como os seus planos diabólicos são bem feitos e fáceis de serem realizados.

Alguns capítulos poderão parecer duros demais, mas, se o leitor atentar para o seu conteúdo, vai verificar que

“este discurso pode ser duro, porém é verdadeiro”.

A Técnica Funcional da Lei de Deus é um livro de cabeceira, é um roteiro seguro para quem está a procurar a sua própria redenção espiritual.

19. Queda e Salvação

O volume *Queda e Salvação*, juntamente com *A Grande Síntese*, *Deus e Universo* e *O Sistema*, é um dos livros básicos da Obra filosófico-ético-teológico-científica, obtida pelas vias da inspiração de Pietro Ubaldi, que, pela primeira vez na história do pensamento humano, apresenta-a como um método de estudo diante do grande problema do conhecimento.

Pode-se afirmar que a preocupação dominante neste livro é apresentar à consideração do leitor inteligente a necessidade de uma “ética racional”, não mais imposta como mandamento religioso, mas sim aceita como resultado de uma lógica científica, interessando, desta forma, a todos os seres, independentemente do tempo, da raça e da religião de cada um.

A ética atual é mais uma tentativa para disciplinar os instintos primitivistas do homem, do que uma regra que coordene a criatura para uma finalidade superior, em face da humanidade futura do terceiro milénio.

À sede de conhecimento do leitor, *Queda e Salvação* oferece uma ampla perspectiva de estudo e análise de apaixonantes teses de natureza científica e moral, de conteúdo filosófico, a começar pelo exame do processo involução-evolução, da bondade de Deus que, na Sua imanência amorosa, corrige os espíritos rebeldes mergulhados nas sombras do Antissistema.

Novamente, temos de encarar o determinismo da Lei, no qual se expressa a vontade de Deus, e a liberdade do ser, que Deus respeita, a ponto de deixar a Sua criatura errar para aprender, através de um sábio mecanismo que corrige o erro, retifica caminhos e aperfeiçoa os seres iludidos com os falsos prazeres do mundo. A Evolução — primeira grande lei do universo — com os seus impulsos inarredáveis, através dos vários tipos biológicos existentes na Terra, tem um objetivo persistente: promover o retorno dos espíritos caídos e imersos na imperfeição do Antissistema à felicidade originária da perfeição do Sistema.

Não importa se o mal existe na Terra em forma de egoísmo, de inferioridade moral, de guerra, de sofrimentos, de aflições, como se o homem fosse um Prometeu eternamente dilacerado pelo abutre do materialismo, o bem também existe e é mais poderoso, porque é o instrumento de Deus para a salvação de todos os seres.

Queda e Salvação é mais um feixe de luz, descido do Céu, por meio do missionário Pietro Ubaldi, servo humilde de Deus e irmão dos homens.

— Medeiros Corrêa Júnior

20. Princípios de Uma Nova Ética

A Obra de Pietro Ubaldi é um completo sistema científico-filosófico-teológico, com base nos seguintes livros: *A Grande*

Síntese, Deus e Universo, O Sistema e Queda e Salvação, que lhe vieram pelas vias superiores da inspiração.

Em *Princípios de Uma Nova Ética*, ele dá-nos uma visão mais profunda de Deus, de um Deus que, sendo amor, está presente na vida dos seus filhos, como sensação sublime. A velha ética dos teólogos e filósofos recebe um forte jato de luz, fazendo-nos entender que, por haver diversos graus de evolução, a cada um deles corresponde um tipo de ética. A personalidade humana é analisada na sua íntima estrutura, destacando-se o exame psicológico do subconsciente, consciente e superconsciente, que caracterizam os três biótipos terrestres. Avançando na análise dos problemas fundamentais do ser, Ubaldi enfrenta a questão do destino em geral, com os seus três tipos fundamentais, para deter-se, em seguida, no estudo do destino particular de cada um, em face da lei de causa e efeito, princípio de justiça universal.

Reexaminando a psicanálise de Freud, o autor coloca-a no seu justo lugar, apontando-lhe na pesquisa do subconsciente as falhas e omissões resultantes das suas limitações no tratamento das neuroses e complexos, que não se preocupa com o aspeto filosófico e espiritual. Para Ubaldi, há necessidade de uma “nova psicanálise”, com os novos dados que ele oferece para uma análise da personalidade e do destino do paciente, objetivando um tratamento eficaz e correto das suas doenças psíquicas e espirituais. O analista será, então, um médico do espírito, e a nova psicanálise será olhada e respeitada como ciência da alma.

O problema do sexo, tão predominante nesta época, não poderia deixar de ser examinado pelo poderoso intuitivo, que o enfoca nas suas duas éticas: a sexófila e a sexófoba, diante da realidade biológica e do cristianismo.

Finalmente, Ubaldi aborda a sexualidade dos nossos dias em face da natureza humana, e aponta a espiritualização do amor como o passo decisivo que a evolução trará para todos os seres.

— Medeiros Corrêa Júnior

21. A Descida dos Ideais

De que forma um ideal desce à Terra? De que tipo de Ideal fala este livro? Que seria do nosso mundo, se não fosse a descida de tantos ideais? Descer não é somente mudar de lugar. Aqui, a descida não é espacial.

“Descer de onde? Costuma-se dizer: do Alto. Mas que significa o Alto? O Alto é o Sistema, que, na cisão do dualismo, representa o lado positivo — Deus — em oposição ao lado negativo, dado pelo Antissistema, posição antagónica — Anti-Deus. O Alto significa, portanto, um grau mais evoluído, em comparação com um menos evoluído”.

Pietro Ubaldi não conheceu pessoalmente Teilhard de Chardin, porém os dois ideais se encontraram, porque ambos tiveram origem na mesma fonte. E para mostrar a identidade de conceitos, Pietro Ubaldi escreveu: “Encontro com Teilhard de Chardin”, inserindo-o no livro *A Descida dos Ideais*.

Em *Princípios de Uma Nova Ética*, Pietro Ubaldi aborda a psicanálise entre os homens. Aqui, neste volume, ele dedica um capítulo especial à “Psicanálise das Religiões e aspectos do Cristianismo” na vida de todos os povos; a religião do subconsciente — relacionamento da alma com Deus; crença formal e de substância — sobrevivência a qualquer preço; finalmente, a verdade de portas escancaradas, mostrando que as religiões não devem permanecer fechadas nos seus dogmas ou princípios, mas sim acompanhar a evolução biológica de toda a humanidade.

Em *A Descida dos Ideais*, vamos encontrar também um estudo profundíssimo sobre “Trabalho e Propriedade”, “Cristianismo e Comunismo”, o existencialismo de Jean Paul Sartre e muitos outros assuntos de palpitante interesse para o nosso tempo.

É um livro que traça um roteiro seguro para todo aquele que luta por um ideal, e daí a sua grande importância na coleção dos vinte e quatro títulos da Obra de Pietro Ubaldi, o mais profundo pensador do século vinte.

22. Um Destino Seguindo Cristo

Este livro não é uma autobiografia, propriamente dita. Nele, Pietro Ubaldi faz uma profunda análise dos acontecimentos mais importantes da sua vida: a sua renúncia aos bens materiais, mostrando que não foi uma renúncia vazia; a sua missão junto de Cristo, com a recepção dos vinte e quatro livros que analisam problemas de natureza religiosa, filosófica e ética. Além disso,

outros temas foram abordados com igual profundidade: o papel da Igreja Católica no mundo e o seu descumprimento da justiça social, propiciando a implantação do comunismo; a nova moral, mais evoluída, que venha ao encontro do bem-estar coletivo; o calvário de um idealista que busca a sua própria redenção espiritual junto dos homens; os três níveis de consciência, caracterizando três estados evolutivos do homem; a importância das religiões na Terra, para retorno da alma ao seu Criador.

Em *Um Destino Seguindo Cristo*, vamos encontrar o método lógico e racional de funcionamento do Banco de Deus (alusão ao Banco da Terra). Com a leitura deste capítulo, o leitor compreende, facilmente, o mecanismo do crédito-débito no Banco do Céu.

As causas das nossas alegrias e dores, o anseio de uma felicidade duradoura, a busca de uma paz de espírito, a certeza de que podemos conhecer e obedecer aos ditames da Lei, a segurança de que iremos atingir o Reino do Pai através da nossa evolução, mereceram destaque especial do autor.

Pietro Ubaldi, perseguindo tenazmente o seu objetivo, alcançou a sua meta: legar à humanidade um novo modelo de vida, mostrando ao mundo que a Boa Nova de Cristo pode ser posta em prática aqui na Terra, e quem o fizer, será vitorioso.

O estudo do seu próprio caso, em face da vida revestida de mistificações, leva-o a aprofundar o exame do fenómeno inspirativo ou intuição, que lhe possibilitou penetrar o mistério e trazer-nos o

conhecimento das grandes verdades. O livro começa com a aparição de Cristo e São Francisco de Assis na estrada de Colle Umberto, relatando-nos uma visão de beleza incrível!

É um volume agradável, profundo e oportuno, escrito por quem seguiu o exemplo de Cristo, meta das ascensões espirituais que terminam em Deus.

23. Pensamentos

Este livro é composto de duas partes: “Como Orientar a Própria Vida” e “Análise de Casos Verídicos”. Chegando ao término da Obra, o autor sentiu necessidade de orientar o leitor mais objetivamente para a conquista de planos mais elevados do espírito. Ao mesmo tempo em que buscamos as coisas da alma, temos necessidade de lutar na vida em busca do pão material para a nossa própria sobrevivência. De que maneira podemos conciliar as duas conquistas? Daí surgirem as duas partes num mesmo volume.

Na primeira, Pietro Ubaldi aborda o princípio de retidão, envolvendo um novo estilo de vida, em que a moral elevada surge como consequência inevitável. Ensina como viver melhor e conquistar valores novos para o espírito. Como endireitar uma trajetória errada? Cada um tem a sua própria, e a solução nós a encontramos nesta primeira parte. Muitos outros assuntos foram abordados, inclusive o problema da delinquência, que tem sido motivo de preocupação para todos.

Na segunda, o autor sai da teoria e entra na prática, analisando casos reais que comprovam a teoria por ele exposta. Cada caso é analisado, tendo em vista o funcionamento da Lei que rege a nossa própria vida: a Lei de Deus. Ele começa por fazer um diálogo com a Lei, apresenta a nova ética e a técnica de análise que vai utilizar nos sete casos a serem apresentados e conclui, mostrando como e por que se deve fazer sempre um exame de consciência de todos os atos do nosso comportamento diário.

Pensamentos é o penúltimo livro da coleção dos vinte e quatro volumes que compõem toda a Obra de Pietro Ubaldi.

24. Cristo

Inúmeros escritores escreveram milhares de compêndios, em todo o mundo, sobre os mais variados aspectos da maior figura que ocupa o centro do universo: Cristo. Poucos, ou talvez nenhum, abordaram todos os aspectos ao mesmo tempo. De qualquer forma, Cristo não é um assunto que se esgote, porque os seus ensinamentos, como Ele, são eternos, e não será possível atingir a última palavra sobre o Mestre de todos os mestres. João, o discípulo amado, termina o seu Evangelho dizendo, numa antevisão magnífica:

“Muitas outras coisas há que fez Jesus, e se elas fossem escritas uma por uma, suponho que nem no mundo inteiro caberiam os livros que se escrevessem”.

Cristo pode ser estudado e observado nos campos filosóficos, científicos, éticos, sociais, religiosos, místicos etc. Pietro Ubaldi, graças à sua profunda convivência espiritual com Ele desde há dois mil anos até aos nossos dias, pôde falar de Cristo com aquela autoridade e discernimento de quem sabe o que diz e conhece o que escreve. Se não disse tudo, foi porque não encontrou palavras para traduzir os fenómenos observados nas esferas crísticas. Cristo é a figura central de toda a Obra. Foi Quem ditou o primeiro livro, inspirou o segundo e todos os demais. Revelou acontecimentos que Ubaldi jamais acreditaria, se não fossem revelados por Ele. Assistiu-o em todos os momentos difíceis, proporcionando-lhe uma confiança inabalável. Quando Ubaldi fala de Cristo, escreve com amor e sabedoria, ao mesmo tempo.

Em *Ascese Mística*, a sua abordagem é no plano de consciência místico-unitária. Neste plano, vê o Cristo no seu total esplendor, Divino e fiel à Lei. “Não penseis que vim revogar a Lei ou os profetas, não vim revogar, mas sim cumprir”, palavras do próprio Mestre. Eis o que Ubaldi nos afirma naquele livro, num dos muitos capítulos dedicados a Ele, “Redenção”:

“O mistério da paixão e da redenção está baseado, sobretudo, no inevitável equilíbrio interior da Lei. Os erros humanos desencadearam um enorme desequilíbrio de forças, e, para reconstruir a harmonia e a ordem, foi preciso uma compensação dinâmica, uma expiação equilibradora que neutralizasse a ação dos culpados. Cada impulso (lei física) não se neutraliza e não se anula senão por outro impulso igual e contrário. As rebeliões neste plano não têm sentido, são provocadoras e litigiosas, enquanto Cristo, a Lei e a vontade do Pai são concordantes e se fundem.

No fundo, o conceito de redenção pela dor, através do amor, é um conceito ainda maior, significa a perfeição e a inviolabilidade à Lei de Deus. O poder de Cristo estava tão ligado à ordem divina que Ele desceu do inconcebível, com a Sua onipotência, sem alterá-lo; Nele está, racionalmente, em maior profundidade, a Sua paixão. E que devemos dizer nós, pequenos pigmeus, quando nos revoltamos e nos maldizemos diante de uma dor merecida? Ele que era puro e inocente diante do mundo, tomou sobre os Seus ombros as nossas dores do passado, do presente e do futuro e assim se comportou diante da Lei. O ato de inflexível justiça da lei do Deus mosaico tornou-se misericordiosamente adocicado pelo amor piedoso do Deus cristão, e o Princípio desenvolveu-se na sua mais profunda manifestação. Somente através do sacrifício, a piedade pode atuar sem violar a coerência; expressar-se completamente, sem alterar a sua perfeição. O justo imola-se, a justiça cumpre-se, o culpado redime-se. Com a abnegação, a justiça completa-se na bondade e na piedade, o equilíbrio encontra-se em outro equilíbrio ainda mais profundo. Cada impulso divino tem a sua função e desenvolve-se em perfeita ordem. Invertendo-se os princípios de piedade e de justiça, que são subordinados à ordem divina, surge a subversão.

Assim, Cristo viveu a sua paixão, não somente por razões humanas e visíveis, de exemplo, mas também, por uma razão divina e profunda, de expiação, de equilíbrio, de inviolabilidade da Lei. Naquele momento supremo, Cristo não estava somente diante dos homens, mas, sobretudo diante de si mesmo e diante da Lei. A paixão estava no Getsémani, ali começou o Seu verdadeiro martírio. Depois, Cristo a segue com a tranquilidade interior de um dominador, de um indiferente, até ao seu cumprimento total. Somente no Getsémani Ele foi humano: 'Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice'. A seguir entregou-Se a Deus, Senhor da vida e da morte. Ele ofereceu o Seu sacrifício, exigido pela Lei, e o venceu. Podia não passar por aquele sofrimento, porque sabia superá-lo e comandá-lo, tinha poder sobre a dor, como já havia demonstrado com toda a evidência, mas não desejou e não quis ferir a inviolabilidade da Lei. Somente os fracos e os que não veem, não sabem obedecer à ordem divina e não comandam o sofrimento. A dor existia sem ferir a Sua paz interior, mas Ele a sentiu, porque estava imerso neste nosso plano. O Seu holocausto foi necessário. Diante dos homens pode-se manter uma aparência de não estar a sofrer, porém, diante das leis

da vida, não pode haver engano. A dor de Cristo não foi apenas uma representação, foi uma tremenda realidade, foi dor humana, porque Ele estava a viver neste plano existencial. Somente Ele não tinha necessidade de viver e sofrer como nós, que, tardos para apreender, lentos no progredir, precisamos de repouso, porque a natureza não dá saltos. Nós, por impotência humana, recebemos o cálice em pequenas doses, ingerido até ao limite das nossas forças; absorvemo-lo diluído no decorrer do tempo, porque o nosso ritmo evolutivo obedece a uma lei que não se pode forçar. Aquela paixão que nós absorvemos por momento, distanciado há vinte séculos, Ele, que nada tinha a aprender e que tudo sabia suportar, viveu-a rapidamente, numa chama viva e intensa, num respiro de vertiginosa profundidade”.

Em *A Nova Civilização do Terceiro Milénio*, Cristo é observado sob o ponto de vista filosófico, social e religioso.

Em *Deus e Universo*, Cristo é colocado como o unigénito do Pai.

“Deus não enviou o Filho ao mundo para julgá-lo, mas para que o mundo seja salvo por Ele”.

Cristo é o redentor de toda a humanidade.

“Muitos preocupam-se em definir se Cristo é Deus ou apenas um profeta. Trata-se, possivelmente, apenas de palavras, atrás das quais se oculta unicamente a preocupação da supremacia absoluta do próprio chefe espiritual sobre todas as outras hierarquias e religiões. Preocupações humanas. (...)”

A diferença entre o ser humano comum e Cristo, encarnado na mesma forma, só pode ser esta: o primeiro representa a imperfeita expressão do pensamento de Deus, com um espírito que se ofuscou pela queda e corrompeu-se na sua posição periférica, devido ao seu ambiente, merecido, naturalmente; enquanto Cristo representa a

expressão perfeita do pensamento de Deus, com um espírito perfeito, incorrupto, projetado apenas por amor e missão de bem à periferia, que está nos antípodas da Sua posição natural. (...)

Cristo, provindo do primeiro motor central, o Amor, dinamiza o esforço do ser no nosso planeta, acompanha-lhe a maceração, auxilia o homem a sair do seu grosseiro invólucro material para a vida do espírito, repleta sempre de alegria. Assim Cristo entranha-se na nossa vida terrena, como o mais poderoso fator de evolução, operando nos nossos mais elevados planos biológicos. Ele dá-nos a mão na exaustiva subida para o centro, do ódio ao amor. (...)

No fundo do quadro da paixão de Cristo, há a cósmica paixão de Deus, que não abrange somente a Terra, mas todo o universo; há a crucificação de toda a divindade, que não abandona o ser caído, mas o segue no desastre, conserva-se no seu interior até no plano físico, em meio à treva e à dor, porque ele sabe que somente a sua íntima presença, que é vida, pode salvá-lo, redimindo-o e reconduzindo-o à vida. Só assim, de facto, será possível a reconstrução do Sistema pelo Antissistema”.

— *Deus e Universo* (Cap. XIV).

Outro aspeto, muito importante para a humanidade do presente e do futuro, mereceu atenção especial de Ubaldi, é o Cristo modelo, um Cristo que servisse de exemplo para ser seguido por todas as correntes filosóficas, religiosas, políticas e sociais. Cristo — “Caminho, Verdade e Vida” — numa linguagem moderna, própria do século XX, deveria surgir para cada ser que não visse o Filho de Deus como um enviado que retornou às mais longínquas concepções humanas. Assim nasceu o livro Cristo, num clima de absoluta tranquilidade, perto da morte do autor, como havia dito muitas vezes, inclusive naquela entrevista ao Avancemos, 1968 (Cap. XX — Parte Três):

“O livro *Cristo* será o coroamento da Obra, o vértice da pirâmide e também o ponto final da minha vida e o término da minha missão.

Quando chegar a hora, saberei o que devo escrever. Mas sei que pouco falarei da vida humana do Cristo, mas muito da Sua vida divina, a respeito do que Ele verdadeiramente é, independentemente da Sua permanência na Terra.

Este livro aparecerá quando eu estiver perto da morte. Para perceber o Cristo, é preciso que o corpo esteja a diminuir. E quanto mais isso acontece com a velhice, tanto mais percebo que a visão do Cristo está a aproximar-se, tornando-se cada dia mais clara”.

O livro *Cristo* enquadra-se, perfeitamente naqueles três planos de consciência: racional-analítica ($+x^3$), intuitivo-sintética ($+x^4$) e místico-unitária ($+x^5$), dos quais nos fala *Ascese Mística* (cap. IX e X). Quem nos fala do livro *Cristo*, apresentando o seu conteúdo, é o próprio autor. Com ele a palavra:

“O presente volume é dividido em duas partes: a primeira diz respeito à figura do Cristo, a segunda ao Evangelho e aos problemas sociais, de grande interesse para o nosso mundo.

Cristo e a sua doutrina são, neste volume, apresentados em forma diferente da tradicional, baseada no amar e no crer. Aqui, pelo contrário, adotamos a psicologia dos novos tempos, baseada no pensar e no compreender. Hoje, vivemos em plena crise religiosa, crise de crescimento espiritual, pela qual o homem está a tornar-se cada vez mais adulto, com outra forma mental. Assim, apresentamos Cristo e a sua doutrina, vistos com os olhos de um mundo mais maduro que entra na era da inteligência, tudo controlando e raciocinando, não mais baseado nos impulsos instintivos do subconsciente.

Este volume sobre Cristo e a sua doutrina acompanha os novos tempos. Isto é racional e positivo para quem sabe pensar e quer compreender, sem excluir quem segue a psicologia do sentimento e da fé. Aqui, não contrapomos as duas formas mentais, procuramos

conservar o bem e a verdade que existem na velha forma mental, iluminando-a com a nova, em via de afirmação. Estamos em fase de transição, e este livro acompanha-a, procurando ajudar o novo nascer do velho.

Apresentamos assim um Cristo logicamente colocado na estrutura físico-espiritual do nosso universo. Deixamos de lado o aspecto humano de Cristo, para vê-lo, sobretudo, no Seu aspecto cósmico e divino, como representante do Pai, vindo para fazer conhecer a sua Lei, para ensinar-nos e ajudar-nos a subir a Deus, levando-nos consigo do Antissistema ao Sistema”.

— (Prefácio).

Com o volume *Cristo*, Pietro Ubaldi completou a sua Obra de vinte e quatro volumes e terminou a sua missão — iniciada no Natal de 1931 e terminada no Natal de 1971 (ele desencarnou a 29 de fevereiro de 1972). Tudo isso foi previsto no seu livro *Profecias*, com 16 anos de antecedência.

Antes de Pietro Ubaldi partir para a sua verdadeira pátria, já que neste mundo sentia-se um exilado, conferiu todo o livro *Cristo*, palavra por palavra, porque primeiro o escreveu à mão, letras pequenas e difíceis de serem lidas; a seguir, gravou em fitas para a sua filha Agnese copiar; finalmente, conferiu a gravação com a cópia datilografada. Trabalho que terminou no Natal de 1971, quando escreveu o seu “Prefácio”, confirmando o término da missão. As edições da FUNDÁPU estão de acordo com os seus originais e o Instituto Pietro Ubaldi tem todos os documentos necessários.

O livro *Cristo* é um monumento de sabedoria da personalidade do Filho de Deus, para conhecimento dos homens deste século e do terceiro milénio.

“Ao homem que está a percorrer o caminho de retorno, Cristo mostra como alcançar a Lei de Deus na sua forma mais evoluída, e por esta meta se chega ao Sistema. Trata-se de emergir sempre mais do Antissistema, que representa uma forma de vida inferior, a qual Cristo chama de mundo, porque é aquela em que ainda se encontra o homem, contrapondo-a ao Reino de Deus, que é o tipo de vida superior, ao qual se deverá chegar ao futuro, por evolução. Temos, assim, uma contraposição estabelecida por Cristo entre o Seu Reino e o mundo, entendendo-se este como uma fase atrasada e involuída da vida, destinada a ser superada numa fase mais avançada e evoluída. (...).

Para falar de Cristo, tivemos de referir-nos, sobretudo à Lei, porque só foi em função dela que se realizou a encarnação e a paixão de Cristo. Esta é a verdadeira história da Sua vida, vivida em função do Pai, história interior, que as vicissitudes exteriores deixam apenas entrever. Então, no pensamento de Cristo, quisemos reconhecer o pensamento do Pai, que é a substância de todo o fenómeno da redenção, pensamento do qual o Cristo não é senão o espelho e o mensageiro. Assim, neste volume, em vez de se insistir nos episódios terrenos da vida de Cristo, fomos à fonte e procurámos expor o pensamento que Cristo seguiu e que nos dá o significado das Suas ações. É justamente na revelação da Lei — princípio de bondade e justiça que tudo rege — que há de ser vista a essência da Boa Nova, trazida à Terra por Cristo. (...)

Esta nova visão do Cristo não O coloca apenas no tempo, no atual momento histórico, mas no Seu aspeto eterno de manifestação do Pai — fora do tempo — como universal princípio de redenção (...)

— (último capítulo do livro *Cristo*).

Preito de Gratidão

Em 1967, numa visão antecipada sobre o futuro da Obra, comparando-a com uma semente, afirmou Pietro Ubaldi:

“A semente é uma força carregada de um dinamismo criador, ela desceu ao terreno que a acolheu, para que pudesse tornar-se árvore. Ela está carregada da potência e sapiência necessárias para pô-las em movimento. Entretanto está escondida no terreno e espera em silêncio. Quando o idealista tiver cumprido a sua função e morrido; quando todos os assaltos contra o ideal se esgotarem, quando tudo parecer sepultado no passado; então, num manhã de primavera, no momento azado, despontará do segredo da terra um broto que começará a crescer. Neste instante, a onda do fenómeno, depois de ter sido obrigada a imergir na terra, emergirá, começará a subir em direção ao Alto, seguindo a sua natureza ascensional. Desse modo, a semente desabrocha, e o ideal cumpre a sua função. A semente torna-se árvore e produz os seus frutos. O fenómeno alcança a finalidade para a qual nasceu; o seu desenvolvimento completou-se com a realização do plano preestabelecido segundo o qual tudo aconteceu, desde o início da Obra”.

Desconhecíamos essa visão, porque o livro que a contém, *Um Destino Seguindo Cristo*, era inédito, e os originais estavam guardados em Brasília; entretanto, por um ato espontâneo, na primavera de 1979 (24 de outubro), escrevemos ao Dr. Manuel Emygdio da Silva (residente em Brasília), um dos titulares do Grupo Editorial Monismo Ltda. (detentor dos direitos de autor), sugerindo uma Fundação para divulgar as obras de Pietro Ubaldi. Ele concordou e, na mesma primavera (10 de novembro), escreveu-nos uma longa carta, entusiasmando-nos a assumir o grande labor. Em 29 de fevereiro de 1980, instituímos a Fundação Pietro Ubaldi. O seu nome foi escolhido como forma de prestar uma pávida homenagem àquele que tanto bem fez à humanidade. Naquele mesmo ano, em 25 de julho, o Dr. Emygdio autorizou a FUNDÁPU, com a aquiescência do Dr. Vasco de Castro Ferraz Jr., esposo de Maria Adelaide (neta do Prof. Ubaldi), a fazer os lançamentos de todos os livros de Pietro Ubaldi, sem ónus algum dos direitos de autor. Em setembro, tivemos a primeira reunião em Belo Horizonte, coordenada por Manuel Emygdio da Silva, Kleber Campos, José Bonifácio Alexandre e Maurício Róscoe, nosso anfitrião. Assim, foi dado o primeiro passo para a divulgação das

obras de Pietro Ubaldi. E, na primavera daquele ano, começaram a chegar os primeiros recursos, tendo entrado no prelo *As Noúres — Técnica e Receção das Correntes de Pensamento*, que foi o primeiro livro lançado pela FUNDÁ-PU, em fevereiro do ano seguinte. A semente desabrochou, cresceu e tornou-se uma frondosa árvore! Ela aí está, graças aos bons amigos enviados pelo céu.



Hoje, os benfeitores da Obra de Pietro Ubaldi, aqueles que têm colaborado de alguma forma para a sua difusão no Brasil e no exterior, são tantos, que não vamos citar nomes para evitar o pecado da omissão. Sem esses obreiros de boa vontade, jamais os livros de Pietro Ubaldi teriam vindo a lume e penetrariam nos diversos ambientes religiosos, científicos e filosóficos.

A Fundação Pietro Ubaldi, desde o início, obedecendo aos seus Estatutos, posicionou-se dentro dos princípios fundamentais do seu patrono: imparcialidade e universalidade. Tem vindo a divulgar a Obra sem qualquer tipo de proselitismo e sem criar movimento que dê a impressão de uma nova escola, paralela a tantas outras existentes. A verdade é como a luz, deve ser colocada no velador para iluminar a todos...

Com o mesmo espírito imparcial e universal, a Fundação Pietro Ubaldi agradece, de coração, a cada um dos seus colaboradores; aos encarnados e aos que nos precederam na grande viagem; aos que ajudaram e ajudam no anonimato e aos que se destacaram e continuam na liderança, pela própria função desempenhada; aos mais antigos e aos jovens que estão a chegar; ao Conselho Superior, à Diretoria, ao Conselho Fiscal e aos funcionários; a todos, indistintamente, a FUNDÁPU presta a mais significativa homenagem, dedicando-lhes um tópico da penúltima página de *A Grande Síntese*:

“Aceitai todo o trabalho que o vosso destino vos oferece. Este já é perfeito e contém todas as provas adequadas, embora pequenas. Se é assim, não procureis alhures grandiosos heroísmos. Os pequenos pesos que se suportam por muito tempo, representam muitas vezes um esforço, uma paciência, uma utilidade maiores. As provas implicam no trabalho lento da sua assimilação; a construção do espírito tem de ser executada em cada minúcia; a vida é toda vivida

momento a momento, a cada instante há um ato e um facto que se liga à eternidade. Lembrai-vos de que o destino não é mau, mas sempre justo, mesmo se as provas são pesadas. Recordai-vos de que jamais se sofre em vão, pois, a dor esculpe a alma. A lei do próprio destino obedece a equilíbrios profundos, e é inútil rebelar-se. Há dores que parecem matar, mas jamais se apresentam sem esperança; nunca sereis onerados acima das vossas forças. A reação das inexauríveis potências da alma é proporcional ao assalto. Tende fé, ainda que o céu esteja negro, o horizonte fechado e tudo pareça acabado, porque lá sempre está à espera uma força que vos fará ressurgir. O abandono e a sua sensação fazem parte da prova, porque só assim podereis aprender a voar com as próprias asas. Mesmo quando dormis ou ignorais, o destino vela e sabe; é uma força sempre ativa na preparação do vosso amanhã, que contém as mais ilimitadas possibilidades”.

Pedimos licença aos nossos leitores para dirigir um agradecimento muito especial a Arléa dos Santos Amaral, companheira de todas as horas e de todos os momentos difíceis nesta tarefa de divulgação da Obra Ubaldiana.

E, finalmente, ao nosso queridíssimo Prof. Pietro Ubaldi, este apóstolo de Cristo — o maior, se pudermos medir; o melhor, se pudermos comparar — o excelso de todos os agradecimentos, por nos legar uma Obra, produto da sua elevação espiritual, escrita com imenso Amor e sublime martírio.

Obrigado a Todos!...

*Campos (RJ), 28 de fevereiro de 1987.
Ano cinquentenário da primeira edição de A Grande Síntese.*

Bibliografia

Amor e Sabedoria de Emmanuel — Clóvis Tavares

Ascensões Humanas — Pietro Ubaldi

Ascese Mística — Pietro Ubaldi

Avancemos (Boletim da FUNDÁPU) — Números 13 e 14 de 1968.

*Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho — Humberto de Campos
(Chico Xavier).*

Cartas de Pietro Ubaldi ao Autor deste livro

Comentários -Pietro Ubaldi

Conferências no Brasil — Pietro Ubaldi

Um Destino Seguindo Cristo — Pietro Ubaldi

Deus e Universo — Pietro Ubaldi

*Enciclopédia Delta Larousse — Volume 3 Evolução (órgão Oficial da
FUNDÁPU) — fevereiro de 1984*

I Fioretti de S. Francisco de Assis

Fragmentos de Pensamento e de Paixão — Pietro Ubaldi

Grandes Mensagens — Pietro Ubaldi

A Grande Síntese — Pietro Ubaldi

Grandes Vidas, Grandes Obras — Autores diversos

História de Um Homem — Pietro Ubaldi

Lelo Universal — Volume 3 e 4

As Noúres (Técnica e Receção das Correntes de Pensamento) — Pietro Ubaldi

A Nova Civilização do Terceiro Milénio — Pietro Ubaldi

O Novo Testamento — Os Evangelistas e outros autores.

O Novo Testamento Interpretado — Russell Norman Champlin

Paulo e Estêvão — Emmanuel / Chico Xavier

Problemas Atuais — Pietro Ubaldi

Profecias — Pietro Ubaldi

Quo Vadis? — Henryk Sienkiewicz

Sabedoria (Revista de Carlos Torres Pastorino) — Novembro/Dezembro de 1964 e Maio/Junho de 1972

Síntese Monista — Manuel Emygdio da Silva

Terceiro Milénio (órgão da ABUC) — 1952/1953

Titãs da Religião — Autores diversos

Trinta Anos com Chico Xavier — Clóvis Tavares

A Vida de Joanna D'Arc — Érico Veríssimo

Vida e Obra de Pietro Ubaldi — Clóvis Tavares

Vida e Obra de Pietro Ubaldi

(Sinopse)



Pietro Ubaldi, filho de Sante Ubaldi e Lavínia Alleori Ubaldi, nasceu em 18 de agosto de 1886, às 20h30 horas (local). Ele escolheu os pais e a cidade onde iria nascer, Foligno, Província de Perúgia (capital da Úmbria). Foligno fica situada a 18 km de Assis, cidade natal de São Francisco de Assis. Até hoje, as cidades franciscanas guardam o mesmo misticismo legado à Terra pelo grande poverello de Assis, que viveu para Cristo, renunciando aos bens materiais e os prazeres deste mundo.

Pietro Ubaldi sentiu desde a sua infância uma poderosa inclinação pelo franciscanismo e pela Boa Nova de Cristo. Não foi compreendido, nem poderia sê-lo, porque os seus pais viviam felizes com a riqueza e com o conforto proporcionado por ela. A Sra. Lavínia era descendente da nobreza italiana, única herdeira do título e de uma enorme fortuna, inclusive do Palácio Alleori Ubaldi. Assim, Pietro Alleori Ubaldi foi educado com os rigores de uma vida palaciana.

Não pode ser fácil a um legítimo franciscano viver num palácio. Naturalmente, ele sentiu-se deslocado naquele ambiente, expatriado do seu mundo espiritual. A disciplina no palácio, ele aceitou-a facilmente. Todos deveriam seguir a orientação dos pais e obedecer-lhes em tudo, até na religião. Tinham de ser católicos praticantes dos atos religiosos, realizados na capela da Imaculada Conceição, no interior do palácio. Pietro Ubaldi foi sempre obediente aos pais, aos professores, à família e, na sua vida missionária, a Cristo. Nem todas as obrigações palacianas lhe agradavam, mas ele cumpriu-as até à sua total libertação. A primeira liberdade deu-se aos cinco anos, quando solicitou da sua mãe que o mandasse à escola, e aquela

bondosa senhora atendeu ao pedido do filho. A segunda liberdade, verdadeiro desabrochamento espiritual, aconteceu no ginásio, ao ouvir do professor de ciência a palavra “evolução”. Outra grande liberdade para o seu espírito foi com a leitura de livros sobre a imortalidade da alma e reencarnação, tornando-se reencarnacionista aos vinte e seis anos. Daí por diante, os dois mundos, material e espiritual, começaram a fundir-se num só. A vida na Terra não poderia ter outra finalidade, além daquelas de servir a Cristo e ser útil aos homens.

Pietro Ubaldi formou-se em Direito (profissão escolhida pelos pais, mas jamais exercida por ele) e Música (oferecimento, também, dos seus genitores), fez-se poliglota, autodidata, falando fluentemente inglês, francês, alemão, espanhol, português e conhecendo bem o latim; mergulhou nas diferentes correntes filosóficas e religiosas, destacando-se como um grande pensador cristão em pleno Século XX. Ele era um homem de uma cultura invejável, o que muito lhe facilitou o cumprimento da missão. A sua tese de formatura na Universidade de Roma foi sobre *A Emigração Transatlântica, Especialmente para o Brasil*, muito elogiada pelo júri examinador e publicada num volume de 266 páginas pela Editora Ermano Loescher Cia. Logo após a defesa dessa tese, o Sr. Sante Ubaldi deu-lhe como prêmio uma viagem aos Estados Unidos, durante seis meses.

Pietro Ubaldi casou-se com vinte e cinco anos, a conselho dos pais, que escolheram para ele uma jovem rica e bonita, possuidora de muitas virtudes e fina educação. Como recompensa pela aceitação da escolha, o seu pai transferiu para o casal um património igual àquele trazido pela Senhora Maria Antonietta Solfanelli Ubaldi. Este era, agora, o nome da jovem esposa. O casamento não estava nos planos de Ubaldi, somente justificável porque fazia parte do seu destino. Ele girava em torno de outros objetivos: o Evangelho e os ideais franciscanos. Mesmo assim, do casal Maria Antonietta e Pietro Ubaldi nasceram três filhos: Vicenzina (desencarnada aos dois anos de idade, em 1919), Franco (morto em 1942, na Segunda Guerra Mundial) e Agnese (falecida em S. Paulo — 1975).

Aos poucos, Pietro Ubaldi foi abandonando a riqueza, deixando-a por conta do administrador de confiança da família. Após dezasseis anos de enlace matrimonial, em 1927, por ocasião da desencarnação do seu pai, ele fez o voto de pobreza, transferindo à família a parte dos bens que lhe pertencia. Aprovando aquele gesto de amor ao Evangelho, Cristo apareceu-lhe. Isso para ele foi a maior confirmação à atitude tão acertada. Em 1931, com 45 anos, Pietro Ubaldi assumiu uma nova postura, estarrecedora para os seus familiares: a

renúncia franciscana. Daquele ano em diante, iria viver com o suor do seu rosto e renunciava a todo o conforto proporcionado pela família e pela riqueza material existente. Fez concurso para professor de inglês, foi aprovado e nomeado para o Liceu Tomaso Campailla, em Módica, Sicília — região situada no extremo sul da Itália — onde trabalhou somente um ano letivo. Em 1932 fez outro concurso e foi transferido para a Escola Média Estadual Otaviano Nelli, em Gúbio, ao norte da Itália, mais próximo da família. Nessa urbe, também franciscana, ele trabalhou durante vinte anos e fez dela a sua segunda cidade natal, vivendo num quarto humilde de uma casa pequena e pobre (pensão do casal Norina-Alfredo Pagani — Rua del Flurne, 4), situada na encosta da montanha.

A vida de Pietro teve quatro períodos distintos (v. livro *Profecias* — “Génese da II Obra”): dos 5 aos 25 anos – formação; 25 aos 45 anos – maturação interior, espiritual, na dor; dos 45 aos 65 anos – Obra Italiana (produção conceptual); dos 65 aos 85 anos – Obra Brasileira (realização concreta da missão).

1. O Missionário

Na primeira semana de setembro de 1931, depois da grande decisão franciscana, Cristo novamente apareceu-lhe e, desta vez, acompanhado de São Francisco de Assis. Um à direita e outro à esquerda, fizeram companhia a Pietro Ubaldi durante vinte minutos, na sua caminhada matinal, na estrada de Colle Umberto. Estava, portanto, confirmada a sua posição.

Em 25 de dezembro de 1931, chegou-lhe de improviso a primeira mensagem, a *Mensagem de Natal*. Por intuição ele sentiu: estava aí o início da sua missão. Outras Mensagens surgiram em novas oportunidades. Todas com a mesma linguagem e conteúdo divino.

No verão de 1932, começou a escrever *A Grande Síntese*, a qual só terminou em 23 de agosto de 1935, às 23h00 horas (local). Esse livro, com cem capítulos, escrito em quatro verões sucessivos, foi traduzido para vários idiomas. Somente no Brasil, já alcançou quinze edições. Grandes escritores do mundo inteiro opinaram favoravelmente sobre *A Grande*

Síntese. Ainda outros compêndios, verdadeiros mananciais de sabedoria cristã, surgiram nos anos seguintes, completando os dez volumes escritos na Itália:

01) Grandes Mensagens

02) **A Grande** Síntese — Síntese e Solução dos Problemas da Ciência e do Espírito

03) **As Noures** — Técnica e Receção das Correntes de Pensamento

04) Ascese Mística

05) História de Um Homem

06) Fragmentos de Pensamento e de Paixão

07) A Nova Civilização do Terceiro Milénio

08) Problemas do Futuro

09) Ascensões Humanas

10) Deus e Universo

Com este último livro, Pietro Ubaldi completou a sua visão teológica, além de profundos ensinamentos no campo da ciência e da filosofia. *A Grande Síntese* e *Deus e Universo* formam

um tratado teológico completo, que se encontra ampliado, esclarecido mais pormenorizadamente, em outros volumes escritos na Itália e no Brasil, a segunda pátria de Ubaldi.

O Brasil é a terra escolhida para ser o berço espiritual da nova civilização do terceiro milénio. Aqui vivem diferentes povos, irmanados, independentes de raças ou religiões que professem. Ora, Pietro Ubaldi exerceu um ministério imparcial e universal, e nenhum país seria tão adaptado à sua missão quanto a nossa pátria. Por isso o destino quis trazê-lo para cá e aqui completar a sua tarefa missionária.

Nesta terra do Cruzeiro do Sul, ele esteve em 1951 e realizou dezenas de conferências de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Em oito de dezembro do ano seguinte, desembarcaram, no porto de Santos, Pietro Ubaldi acompanhado da esposa, filha e duas netas (Maria Antonieta e Maria Adelaide), atendendo a um convite de amigos de São Paulo para vir morar neste imenso país. É oportuno lembrar que Ubaldi renunciou aos bens materiais, mas não aos deveres para com a família, que se tornou pobre porque o administrador, primo da sua esposa, dilapidou toda a riqueza entregue a ele para geri-la.

Em 1953, Pietro Ubaldi retornou à sua missão apostolar, continuou a recepção dos livros e recebeu a última Mensagem, *Mensagem da Nova Era*, em São Vicente, no edifício “Iguaçu”, na Av. Manoel de Nóbrega, 686 — apto. 92. Dois anos depois, transferiu-se com a família para o Edifício “Nova Era” (coincidência, nada tem a ver com a Mensagem escrita no edifício anterior), Praça 22 de janeiro, 531 — apto. 90. No seu quarto, naquele apartamento, ele completou a sua missão. Escreveu em São Vicente a segunda parte da Obra, chamada brasileira, porque escrita no Brasil, composta por:

11) Profecias

12) Comentários

13) Problemas Atuais

14) **O Sistema** — Génese e Estrutura do Universo

- 15) A Grande Batalha
- 16) Evolução e Evangelho
- 17) A Lei de Deus
- 18) A Técnica Funcional da Lei de Deus
- 19) Queda e Salvação
- 20) Princípios de Uma Nova Ética
- 21) A Descida dos Ideais
- 22) Um Destino Seguindo Cristo
- 23) Pensamentos
- 24) Cristo

São Vicente (SP), célula-mãe do Brasil, foi a terceira cidade natal de Pietro Ubaldi. Aquela cidade praiana tem um longo passado na história da nossa pátria, desde José de Anchieta e Manoel da Nóbrega até ao autor de *A Grande Síntese*, que viveu ali o seu último período de vinte anos. Pietro Ubaldi, o Mensageiro de Cristo, previu o dia e o ano do término da sua Obra, Natal de 1971, com dezasseis anos de antecedência. Ainda profetizou que a sua morte aconteceria logo depois dessa data. Tudo confirmado. Ele desencarnou no hospital São José, quarto No 5, às 00h30, em 29 de fevereiro de 1972. Saber quando vai morrer e esperar com

alegria a chegada da irmã morte, é privilégio de poucos... O arauto da nova civilização do espírito foi um homem privilegiado.

A leitura das obras de Pietro Ubaldi descortina outros horizontes para uma nova concepção de vida.

PREFÁCIO

¹ Posteriormente foi recebida a “Mensagem da Nova Era”, na noite da vigília do Natal de 1953, em São Vicente, Estado de S. Paulo, encerrando-se, assim, o ciclo das Grandes Mensagens.

² Referência às seis primeiras Mensagens. (Trechos do Prefácio às Grandes Mensagens, de Pietro Ubaldi, Edição Lake, 1952). (N. do T.).

MENSAGEM DA RESSURREIÇÃO

¹ O argumento do “homem novo do Terceiro Milénio”, produto biológico da evolução e tipo normal da super-humanidade do futuro, é amplamente desenvolvido em A Nova Civilização do Terceiro Milénio. A Grande Síntese também se refere ao homem espiritual do próximo milénio, nos Caps. 78, 83, 84, 85 etc.

² Para evitar possíveis mal-entendidos (“os mal-entendidos são detestáveis”), pondera Ubaldi em História de Um Homem, que observemos que o “retroceder” de que fala a Mensagem não tem um sentido negativista, antibiológico ou antievolutivo, porém, exprime uma consequência natural da relativa liberdade humana: “Sois livres e podeis também retroceder”. Esse abuso do livre-arbítrio conduz ao que EMMANUEL chama de “queda do espírito”: “Conquistada a consciência e os valores racionais, todos os espíritos são investidos de uma responsabilidade, dentro das suas possibilidades de ação; porém, são raros os que praticam os seus legítimos deveres morais, aumentando os seus direitos divinos, no património universal. Colocada por Deus no caminho da vida, como discípulo que termina os estudos básicos, a alma nem sempre sabe agir em correlação com os bens recebidos do Criador, caindo pelo orgulho e pela vaidade, pela ambição ou pelo egoísmo (...)”. (O Consolador, de Emmanuel/F. C. Xavier). Acrescenta ainda Emmanuel que a “queda do espírito” pode dar-se até fora da Terra: “A Terra é um plano de vida e evolução como outro qualquer, e nas esferas mais variadas, a alma pode cair, na sua rota evolutiva (...)”. (Idem)

Essa “queda do espírito” é, de algum modo, o Leitmotiv de duas esplêndidas obras: A Caminho da Luz, de Emmanuel / F. C. Xavier, e Os Exilados da Capela, de Edgard Armond.

Não se trata de regressão substancial da psique humana e sim de uma falência moral, sempre temporária, porque a Evolução, é a suprema lei da vida.

Como ensina A Grande Síntese, “tudo é cíclico vai e vem, avança e retrocede, para mais progredir. E se repete, resume e descansa, isto nada mais representa senão uma retomada de forças, uma pausa para sempre mais elevada expansão. Esta é a evolução no seu mecanismo íntimo, a evolução que resume a mais profunda significação do universo. A verdade das minhas palavras está escrita no vosso mais potente instinto, na vossa aspiração que é subir sem limite, subir eternamente”. Leiam-se ainda, para maior domínio do argumento, os caps. XXVII, XLIX e LXIV.

³ As observações da nota anterior também se estendem a esta. A expressão “morte de espírito” poderia, a quem menos avisado, causar estranheza. Não se trata, porém, absolutamente, como é fácil perceber, de “morte do espírito”, isto é, de destruição do ser espiritual, da alma humana, pois a individualidade psíquica é por natureza imortal. O texto italiano diz: (...) é la morte peggiore perché é morte di Spirito”, isto é, de valores espirituais e culturais do homem e da civilização do segundo milénio.

A palavra “espírito” está empregada não no sentido usual de “alma humana”, mas, num caso de Sinédoque, é aqui usada em sentido mais amplo, de “valores espirituais” do homem e do atual ciclo evolutivo, que podem sofrer um colapso, logicamente transitório, nunca definitivo, porque a Lei impõe evolução.

Basta recordar o seguinte trecho de A Grande Síntese, que, usando a palavra “espírito” com esse último sentido tropológico, afirma categoricamente: “Ai das religiões que não desempenharem a sua função de salvar os valores espirituais do mundo! O espírito não pode morrer e ressurgirá alhures, fora delas!”.

Homens e povos estão sujeitos a quedas com consequentes degredos espirituais, que são verdadeiras “mortes de espírito”, contingentes, e não absolutas, transitórias, nunca definitivas. É delas que fala o Evangelho, tantas vezes; um só exemplo: “Em verdade, em verdade vos digo que se alguém guardar a minha palavra não verá a morte”, disse Cristo (João 8:15).

A Mensagem adverte o homem da queda próxima da civilização materialista, tal como seis anos mais tarde, em 1938, o nosso venerável Emmanuel se expressou: “Ditadores, exércitos, hegemonias económicas, massas versáteis e inconscientes, guerras

inglórias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo (...) O século que passa efetuará a divisão das ovelhas no imenso rebanho (...) Uma tempestade de amarguras envolvera toda a Terra. Os filhos da Jerusalém de todos os séculos devem chorar, contemplando essas chuvas de lágrimas e de sangue que rebentarão das nuvens pesadas das suas consciências enegrecidas. Condenada pelas sentenças Irrevogáveis dos seus erros sociais e políticos, a superioridade europeia desaparecerá para sempre, como o Império Romano, entregando à América o fruto das suas experiências, com vistas à civilização do Porvir”. (A Caminho da Luz, de Emmanuel / F. C. Xavier).

Explana ainda Emmanuel: “Muitos Espíritos, de corpo em corpo, permanecem na Terra com as mesmas recapitulações durante milênios. A sementeira prejudicial condicionou-os à chamada “Morte no Pecado” (...). E homens e povos continuarão a desfazer a obra falsa para recomeçar o esforço outra vez”. (Caminho, Verdade e Vida, de Emmanuel / F. C. Xavier).

Eis como devemos entender “morte de espírito”.

MENSAGEM DO PERDÃO

¹ A propósito dessa Augusta visita ao plano terrestre, recordamos ao leitor as excelentes páginas de Obreiros da Vida Eterna, de André Luiz / F. C. Xavier, que narram a experiência de Metelo, sábio instrutor espiritual. Ele conta como buscou a sua elevação íntima e explica como o fez invigilantemente a princípio, sem bases espirituais de renúncia e perfeito amor: “também eu tive noutro tempo a obcecação de buscar apressado a montanha. A Luz de cima fascinava-me e rompi todos os laços que me retinham em baixo, encetando dificilmente a jornada”. Buscou elevar-se, mas ausentando-se sempre das baixas regiões da Terra e dos planos espirituais inferiores que se lhe avizinham (...), até que, narra ele — “certa noite, notei que o vale se represava de fulgente luz (...). Que sol misericordioso visitava o antro sombrio da dor? Seres angélicos desciam, céleres, de radiosos pináculos, acorrendo às zonas mais baixas, obedecendo ao poder de atração da claridade bendita. “Que acontecera?” — perguntei ousadamente, interpelando um dos áulicos celestiais. — “O Senhor Jesus visita hoje os que erram nas trevas do mundo, libertando consciências escravizadas”. Nem mais uma palavra. O Mensageiro do Plano Divino não podia conceder-me mais tempo. Urgia descer para colaborar com o Mestre do Amor, diminuindo os desastres das quedas morais, amenizando padecimentos, pensando feridas, secando lágrimas, atenuando o mal e, sobretudo, abrindo horizontes novos à ciência e à religião, de modo a desfazer a multimilenária noite da ignorância. Novamente sozinho, na peregrinação para o Alto, reconsiderei a atitude que me fizera impaciente. Em verdade, para onde marchava o meu Espírito, despreocupado da imensa família humana, junto da qual haurira as minhas mais ricas aquisições para a vida imortal? Por que enojar-me, ante o vale, se o próprio Jesus, que me centralizava as aspirações, trabalhava, solícito, para que a luz de cima penetrasse nas entranhas da Terra?”

A vasta bibliografia católico-romana, desde os Pais da Igreja às “Fioretti” e de São Francisco a Santa Teresa, reconhece a realidade da Presença operante de Cristo no nosso mundo, tão ingrato ao Divino Amor. Igualmente a literatura protestante, através de um dos mais belos livros evangélicos norte-americanos, — “Como Cristo veio à Igreja” — defende, atualiza e exemplifica a mesma tese.

MENSAGEM AOS HOMENS DE BOA VONTADE

¹ É o argumento da “Parábola do trigo e do joio”: Deixai crescer ambos juntos até a ceifa”. (“Mateus”, 13: 24-30, 36-43).